

UM ROMANCE OBRIGATÓRIO
PARA OS APAIXONADOS
PELO MUNDO DOS LIVROS

KEI AONO

O DESTINO DA LIVRARIA DE KICHIJŌJI

ペガサス書房 ● 吉祥寺店



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Key Aono nasceu em 1959 em Nagoya, no Japão, e licenciou-se na Universidade de Tóquio.

Trabalhou numa revista de banda desenhada e numa editora de literatura contemporânea. Em 2006, estreou-se como autora com *The Reason Why I Won't Quit* (*Yamenai Riyu*) e, em 2014, a série de romances sobre a livraria de Kichijōji venceu o primeiro prémio dos Shizuoka Bookstore Awards na categoria “Livro que gostaria de ver adaptado ao cinema”.

O destino da livraria de Kichijōji

Kei Aono

Publicado em Portugal por:

Singular®

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: info@singulareditora.pt

Título original:

書店ガール *SHOTEN GIRL*

© 2012 Kei AONO

Publicado no Japão em 2012 por PHP Institute, Inc.

Direitos da edição portuguesa acordados com o PHP Institute, Inc. através das agências literárias Emily Books Agency LTD. e Casanovas & Lynch Literary Agency

Traduzido do japonês por: André Pinto Teixeira

Design da capa: Falcinelli & Co.

Design da capa: Falcinelli & Co.

Ilustração da capa: Bianca Bagnarelli

Adaptação do design da capa: André Cardoso

1.^a edição em papel: junho de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-078-9

Os elementos em palco mudaram. A atuação musical seguinte estava prestes a começar. O mestre de cerimónias anunciou que um grupo de amigos do noivo dos tempos da universidade iria tocar algumas canções para comemorar o matrimónio. No palco, os membros da banda afinavam as guitarras e o baixo. Um deles obrigou o noivo, Nobumitsu Obata, a subir ao palco. Aparentemente, queria que o noivo cantasse. No início, Nobumitsu retraiu-se. Contudo, cedeu à pressão dos amigos, caminhando para o centro do palco a passos incertos. Embora a sua postura denotasse alguma apreensão, o semblante era de alegria. Afinal, tinha confiança nas suas habilidades de canto. Assim que pegou no microfone, começou a aquecer a voz: «Ah, ah, ah». Estava cheio de vontade de atuar.

– Muito bem, vamos cantar «Winding Road», de Ayaka e Kobukuro, em honra dos noivos – anunciou um membro da banda.

– O quê? Essa canção? – protestou o noivo. Ao que parecia, o noivo não se havia reunido com a banda antes. – Não consigo cantar sozinho.

Como se esperassem pela deixa de Nobumitsu, os seus amigos dos tempos de escola chamaram a noiva, Aki Kitamura, ao palco. Como a canção escolhida era um dueto, Nobumitsu e os amigos deviam ter planeado uma atuação com os noivos a cantarem juntos. No entanto, Aki abanou veementemente a cabeça. Não era apenas uma pose fingida: ela não queria mesmo subir ao palco. Os amigos tentaram convencê-la a ir, mas o seu rosto vincou-se; recusava-se a sair do lugar. Os murmúrios do público espalharam-se à medida que o tempo passava, a atuação ainda por começar. O mestre de cerimónias perguntou a Aki o que se passava.

Finalmente, Aki desistiu, subindo para o palco.

Oh, não, será que a querem obrigar a cantar? Inacreditável!

Foi essa a reação de Riko Nishioka, que até então conversava animadamente sobre livros em formato digital com um livreiro seu

conhecido. Então, interrompeu a conversa para se concentrar no palco. O local do copo-d'água, um restaurante italiano arrendado para o efeito, estava a abarrotar. Talvez estivessem presentes mais de 100 pessoas. O noivo era editor de banda desenhada de uma grande editora, a Editorial Hitotsuboshi, e a noiva era uma conhecida livreira da enorme cadeia de Livrarias Pégaso. Por isso, quase todos os convidados eram do setor livreiro. Alguns dos profissionais estavam demasiado ocupados a trocar cartões de visita para se concentrarem na cerimónia.

Era quase ridículo agirem assim numa ocasião como aquela. Se não era uma festa da editora, porque é que não se abstinham de fazer negócios durante a cerimónia? A sua linha de raciocínio parecia ser a seguinte: já que demos dinheiro aos noivos, temos de recuperar essa despesa, expandindo as nossas redes de contactos.

Riko era a chefe direta de Aki. Era a subgerente da Livraria Pégaso de Kichijōji. Riko focara-se no trabalho a vida inteira. Tinha 40 anos, mas ainda era solteira. Tinha feições elegantes, com o nariz e os olhos bem definidos, o que a fazia parecer cinco anos mais nova. Nesse dia, envergava um vestido *bordeaux* sofisticado, com um corte gracioso, que elevava o seu estilo.

– A Riko hoje está esplêndida. Está bonita todos os dias, mas hoje está noutra patamar – elogiou um dos empresários, exibindo um sorriso amarelo enquanto passava por Riko e pelos outros convidados.

– Obrigada. Fico feliz por me dizer isso, senhor Ashida.

Quando lhe disse aquelas palavras, sorrindo à vendedora, o homem reagiu como se lhe tivessem feito cócegas.

Francamente, este deve pensar que eu estava a falar a sério. Porém, ele não era ingénuo a ponto de achar que todos os elogios fossem sinceros. Fingir que estava feliz por ouvir uma palavra lisonjeira também era uma técnica de vendas.

Fosse como fosse, não era suficientemente honesto para o confessar.

Riko pensou em possíveis respostas para o seu interlocutor.

No palco, o teclista tocava a nota inicial de uma canção enquanto ensinava a Aki a amplitude das suas notas. Ao ouvir estes sons, os cochichos do público foram cessando a pouco e pouco. Sob o olhar atento de toda a plateia, Aki agarrou no microfone; parecia já se ter decidido. Em seguida, inspirou fundo e cantarolou a primeira frase.

– «Espero por uma luz no fim do caminho sinuoso.»

Ao ouvir aquela frase, a funcionária da livraria que estava ao lado de Riko reagiu tapando a boca à pressa. O empresário à sua frente engasgou-se com um pedaço de frango frito, tossicando.

Estava claramente a desafinar. Como o início da canção era a *capella*, a desafinação ressaltava ainda mais.

– «Mesmo longe do teu olhar, basta seguir em frente, acreditar.»

Aí, o resto da banda entrou. O volume dos instrumentos estava mais baixo na mistura, para destacar a voz. Todavia, a entrada da banda não foi suficiente para Aki corrigir a afinação. Enquanto tocavam, as expressões dos membros do grupo pareciam maldizer a própria sorte. Alguma falta de talento até poderia ser encantadora. Todavia, não esperavam que Aki fosse tão incapaz de identificar as notas corretas. O mestre de cerimónias estava boquiaberto. Não obstante, o público recebeu a atuação de modo muito positivo.

– Afinal, a Aki também tem as suas fraquezas. Não sabia nem estava à espera de tal coisa.

– É por isso que ela nunca vai ao *karaoke* com os clientes. Se alguém a ouvisse a cantar, ia-se logo embora!

Todos os presentes olhavam fixamente para o palco, tentando conter os risos. A troca de cartões de visita também foi temporariamente suspensa. Riko estava a tentar ao máximo não se rir. O mais engraçado não era a falta de talento na canção de Aki, mas o facto de estar tão perturbada pelo meio em seu redor.

Deviam ter confirmado primeiro se os noivos sabiam cantar. O plano para o casamento devia servir para enfatizar a sua união, não para embaraçar a noiva.

Mesmo naquelas circunstâncias, Aki estava tão bela, que foi capaz

de brilhar em palco. Normalmente, já era vista como uma beldade. Mas naquele dia, em que era a noiva, superara-se. O vestido de noiva era mais curto e informal, diferente do vestido da anterior cerimónia de noivado. Este vestido mostrava-lhe as pernas compridas e esguias, bem como as bonitas linhas do pescoço, dos ombros e dos braços. A sua figura tímida, com as bochechas pálidas tingidas de carmim e as longas pestanas caídas, exalava uma feminilidade gentil. A sua figura intrigaria qualquer homem.

Isto é, se não a ouvissem a cantar.

– «Uma bondade única, completamente inigualável.»

Aki tinha tão pouco jeito para cantar, que, quanto mais se esforçava, mais desafinava. Era triste. Entretanto, a harmonia do noivo, Nobumitsu, entrou em ação. Aki fitou Nobumitsu, como se lhe pedisse ajuda. E ele devolveu-lhe o olhar; parecia dizer-lhe «deixa comigo».

– «Mesmo longe do teu olhar, basta seguir em frente, acreditar.»

Toda a gente o achou incrível. Tinha uma voz impressionante. Nobumitsu continuou a cantar cada vez mais alto, ditando as notas corretas. Guiada por ele, Aki também foi emendando a própria afinação.

– «Chorámos mais hoje, quando nos reunimos, do que ontem, quando fugimos.»

Entreolharam-se enquanto juntavam as vozes com tudo o que tinham. Os presentes, que começaram por se rir, assumiram expressões mais sérias à medida que observavam o casal em palco.

Ao sentirem a doçura que brotava dos dois, as caretas trocistas transformaram-se em olhares calorosos.

É mais uma treta sentimental. Que seca!

Riko desviou o olhar do palco e bebeu um copo de vinho de um só trago.

A sua última relação com um homem tinha acabado há pouco tempo, não queria olhar para casais felizes. Porque é que tinha de haver um casamento numa altura destas? Só lhe apetecia fechar-se no

quarto a chorar.

A canção em palco causou uma reação em crescendo. Nobumitsu abraçou Aki. No fim, cantaram com as bochechas encostadas.

– «No fim desse longo caminho, sonhei... ainda hoje espero por ti.»

Depois do último verso, a sala irrompeu em aplausos.

– Bravo!

Os gritos de júbilo não paravam. Foram os amigos do noivo que planearam a atuação. Estavam excessivamente agitados, tanto pelo alívio de ter corrido tudo bem, como pela culpa que sentiam por terem envergonhado a noiva. O resultado foi algo diferente do que imaginavam. De qualquer modo, conseguiram atuar perante uma plateia efusiva. Transformaram o desastre, a rejeição e a falta de talento musical num momento de imensa felicidade.

– Uma grande salva de palmas para os dois! – pediu o mestre de cerimónias. Chamava-se Kazuhiro Iwata e era um dos responsáveis de vendas da Editorial Hitotsuboshi. – A Aki é uma mulher bonita, com uma figura muito esbelta. É trabalhadora e tem a coragem de se impor aos vendedores. Nasceu com alguns talentos, mas não tem muito jeito para cantar.

Então, todos riram. Aki exibiu um sorriso *pro forma*. Tinha os cantos da boca virados para cima, mas a boca contorcida.

– No palco da vida, nunca se sabe o que pode acontecer. De repente, podemos ter de fazer algo terrível. Mas aquilo que é difícil quando estamos sozinhos pode ser superado quando agimos em conjunto. Quando esse momento chegar, o Nobumitsu estará lá para apoiar a Aki.

As atenções de todos os presentes viraram-se para Nobumitsu. O noivo dirigiu-lhes uma vénia; parecia tímido.

– Nunca se esqueçam do dia de hoje. Sejam a força um do outro quando enfrentarem as violentas ondas da vida. Uma valente salva de palmas aos dois pelo bonito dueto!

Novamente, uma chuva de aplausos. Nobumitsu pôs uma mão na cintura de Aki e acenou aos presentes com a outra. Ao contrário de

Aki, que permanecia com um ar indiferente, Nobumitsu sorria como se fosse a última vez que o faria na vida. A sua expressão parecia demasiado forçada.

O marido tivera uma *performance* memorável. Naturalmente, estava de bom humor. No caso da esposa, isso já não era tão evidente.

Riko bebeu mais vinho tinto.

Só de ver um homem embevecido ficava maldisposta. Fê-la lembrar-se da cara de um certo homem quando ele anunciou a separação.

– Que alívio. Fiquei um pouco apreensivo quando a Kitamura começou a cantar – disse o gerente de loja, Takanori Nojima, a Riko.

O gerente era cinco anos mais velho do que Riko. Como era magro e ainda tinha o cabelo completamente negro, tinha um ar jovial. Trabalhava em atendimento ao público há algum tempo, o que o dotava de um enorme tato nas interações com os outros.

Na sala, havia várias mesas redondas. À volta de cada mesa, estavam reunidos grupos de conhecidos. Na mesma mesa de Riko, estavam colegas de Aki de uma das Livrarias Pégaso.

– O Obata canta mesmo bem. Não o ouvia cantar desde a sessão de autógrafos, mas foi mesmo espetacular.

Obviamente, ninguém se atrevia a dizer que a voz da Aki continuava insuportável como sempre.

– Pois é, fomos todos juntos ao *karaoke* nesse dia.

O noivo, Nobumitsu Obata, e a noiva, Aki Kitamura, tinham-se conhecido há um ano. Enquanto editor, Obata visitou a Livraria Pégaso de Kichijōji para acompanhar um ilustrador de banda desenhada numa sessão de autógrafos. E Aki também lá estava, enquanto responsável pela secção de BD da livraria. Terminada a sessão de autógrafos, convidaram o autor para uma celebração. Depois dos comes e bebes, decidiram ir ao *karaoke*, onde Nobumitsu fez um brilharete a cantar as suas canções de desenhos animados preferidas.

Mesmo daquela vez, ela teimou em não cantar, mesmo quando

Obata a incentivou com todo o entusiasmo. Questionava-se se Obata saberia que a sua mulher era tão desajeitada. De qualquer modo, um marido que ama a esposa provavelmente diria que até essa sua faceta era adorável.

Nobumitsu continuava a conversar com o seu típico sorriso contagiante.

– Consta que vão de lua de mel para o Havai. Que maravilha, quem me dera! – sussurrou Ryōsuke Tsujii, que estava na mesma mesa.

Tsujii estava na casa dos 30 e era gerente do quarto andar da Livraria Pégaso. Estava bronzado o ano inteiro, com uma tez escura, e era alto. Gostava mais de se divertir do que de trabalhar, passando os dias de folga na praia ou a passear pelas montanhas.

– Parece que vão ficar no Hotel Halekulani, no Havai. Muita gente que vai em *tours* para o Havai fica no Sheraton ou no Royal Hawaiian, que também dão para a praia de Waikiki. Mas o Halekulani é muito melhor. Embora seja caro, o interior é lindíssimo e o restaurante é ótimo. Mas o melhor de tudo é mesmo o serviço.

Yoshio Hatakeda era uma pessoa bem informada e não se importava de partilhar qualquer tipo de informação. Falava como se tivesse ele mesmo ficado no tal Hotel Hale não sei das quantas, mas Hatakeda era avarento e odiava viagens, de certeza que nunca tinha ido ao Havai. Mesmo que tivesse lá ido, não teria ficado num hotel caro. Garantidamente, estava só a partilhar informações que havia lido na Internet.

Hatakeda era da idade de Tsujii e era o gerente do quinto piso. Ao contrário de Tsujii, era baixinho e atarracado. Trabalhava sempre com um ar sonolento e distraído, despertando apenas quando queria exhibir os seus conhecimentos.

– Mas que bela reunião! Toda a gente das Livrarias Pégaso está cá, até o senhor gerente e a subgerente! – disse uma voz ruidosa, sem aviso prévio.

– Ora viva, senhor Iwata! Estou a adorar as suas capacidades de

apresentador. Os seus improvisos são incríveis, não sabia que tinha esse talento!

– Ora essa, até fico envergonhado!

Iwata respondeu aos elogios de Riko com uma expressão desagradada. Iwata era da idade do noivo, Nobumitsu. Era também responsável de vendas da Livraria Pégaso. Era um homem atlético, alto e com um corpo largo. Falava sempre muito alto.

– A festa está a ser um sucesso!

Nojima, que não bebia álcool, convidou Iwata para um brinde, erguendo o seu copo de chá *oolong*. Iwata levantou o seu copo, brindando de volta.

– Sim, parece que estão cá mais de 100 convidados. Muitos deles são do trabalho do Obata. Mas a Kitamura também é muito popular entre os representantes de vendas. Está aí muita gente das editoras.

– Pois é, está aí muita gente da Editorial Hitotsuboshi. Deve ter vindo o Departamento de Vendas em peso!

– Já agora... – disse Iwata, tentando conter o sorriso. – O diretor-adjunto, o Shibata, está em viagem de negócios, não pôde vir. Logo ele, que gosta tanto da Kitamura... No meu departamento, há uns zunzuns de que foi em viagem de negócios nesta data de propósito, porque não queria ver a Kitamura vestida de noiva.

– Mas o Shibata não se casou no mês passado? Logo com uma rapariga 17 anos mais nova do que ele, licenciada na Universidade do Sagrado Coração.

Hatakeda voltou a partilhar uma informação desnecessária. Como descobrira em que universidade a rapariga se formara? *Porque é que ele não usa as suas energias para algo mais útil?*, questionou-se Riko.

– É capaz. Ou, se calhar, não veio por respeito à esposa...

A conversa era tudo menos interessante, mas os homens na mesa pareciam cativados. *Outra vez esta história*, pensou Riko. Os homens passavam a vida a comentar que Shibata se tinha casado com uma mulher mais nova. O ponto fulcral da conversa era a esposa ser 17 anos mais nova. Ultimamente, os representantes de vendas da

Editorial Hitotsuboshi andavam a coscuvilhar sobre a mulher do diretor-adjunto.

– Até o Shibata, que era um demônio, está perdido de amores pela mulher dele, novinha! – disse Nojima, com um ar alegre.

Até Nojima, que amava a esposa, tinha inveja daquela mulher mais jovem. *Porque é que os homens gostam tanto de mulheres novas?*

– Pois é... desde que se casou que é difícil estar com ele. Ainda no outro dia tivemos uma reunião em Shinagawa e, mal acabou, o Shibata foi logo para casa. E a reunião acabou às cinco da tarde! Ainda nem era de noite! Acreditam?

– Logo o Shibata, que se gabava de ser o «imperador da noite». A mulher dele deve ser mesmo linda...

– Olha, no outro dia...

Riko sorriu por cortesia, mas, no fundo do coração, não queria saber da história da jovem esposa. Riko foi sorrindo e ouvindo a conversa enquanto esvaziava mais um copo de vinho.

Não era um tema de conversa para discutir à frente de uma quarentona solteira. Tinham todos uma enorme falta de delicadeza. Era por isso que não caíam nas graças das mulheres mais jovens.

Riko estava ressentida, mas os homens não deram por isso. Continuaram a falar animadamente sobre a jovem mulher, até que Iwata anunciou:

– Oh, não. Tenho de ir apresentar a próxima atuação. Vou indo.

Então, Iwata voltou para o lugar do apresentador, dando finalmente por terminada a conversa da esposa 17 anos mais nova. Mais descansada, Riko trouxe mais um copo de vinho até ao fim. No palco, a atuação dos colegas de Nobumitsu continuava. A canção atual era uma balada.

– Nunca pensei que a Kitamura casasse tão jovem – comentou baixinho Tsujii, que até então permanecera em silêncio.

– E dizem que só estão juntos há meio ano – adicionou Hatakeda.

Tsujii e Hatakeda eram fisicamente diferentes, mas, como eram da mesma faixa etária, davam-se muito bem e costumavam sair. Constava

que tinham ido para ali juntos.

– Hoje em dia, os jovens mudam de ideias muito rápido. Têm ideias claras sobre as coisas e adaptam-se bem à mudança.

Mas havia outras mudanças possíveis para além de arranjar uma mulher nova.

A velocidade dos homens era surpreendente. Alguém assim não hesitaria em momentos decisivos.

– Olha lá, estás-te a esticar! Não estarás com os copos, Nishioka? – admoestou Nojima, no seu tom habitualmente suave.

– Com os copos? Só com este vinho? Nem pensar. E vocês não acham que a Kitamura também muda de ideias muito rapidamente?

Estava completamente embriagada. Nojima abanou a cabeça, como se dissesse «oh, não», enquanto olhava na direção de Tsujii e Hatakeda. Tsujii devolveu-lhe o olhar de reprovação. Já Hatakeda manteve o seu costumeiro ar inexpressivo.

– Bebeste demais, Nishioka. O que é que te deu hoje?

– Desculpa, excedi-me. Mas as nossas meninas estão muito revoltadas. Hoje, fui a única a vir, não sabiam?

Antes de começar a relação com Nobumitsu, Aki andava com o colega da livraria, Takahiko Mita. Todavia, quando conheceu Nobumitsu, Aki separou-se de Mita. Toda a gente na livraria sabia disso.

– Pois é, agora que falas nisso, não vejo aí nenhuma rapariga. Faltaram todas, menos a Nishioka?

– Não, a Hagiwara estava na receção – respondeu Tsujii à pergunta de Nojima, no seu tom impávido.

Mami Hagiwara trabalhava em *part-time* e era responsável pela secção de manuais e livros técnicos. Era a rapariga com quem Aki se dava melhor no local de trabalho. Para além da sua ajuda na receção, era uma das organizadoras da festa, e o seu nome constava na lista dos colaboradores.

– Ah, a Hagiwara veio. Mas não foram todas convidadas?

A banda saiu do palco, dando início aos preparativos da atuação

seguinte. O primo de Aki iria tocar harpa. Foi levada uma harpa para o palco, onde o instrumentista a começou a ajustar.

– Foram, mas, depois da confusão que houve, até é melhor que não tenham vindo – respondeu Tsujii.

Riko perguntou:

– Terão convidado o Mita?

Nesse instante, Riko amaldiçoou-se a si mesma. As suas palavras reverberaram incrivelmente alto pela sala. Como o tocador de harpa já havia terminado os preparativos, naquele momento, o salão guardava um perfeito silêncio.

Porém, foi por um mero instante. Em seguida, a atuação teve início sem quaisquer percalços. O harpista tocou de todo o coração, enlevando todos os presentes com a sua música. Não pareciam perturbados pelas palavras de Riko.

Que bom, ninguém me ouviu. Ou, se ouviram, acharam que era só conversa.

Pensando bem, não havia assim tanta gente entre os presentes que soubesse que Mita e Aki tinham tido uma relação. Mita não era propriamente famoso e decerto só os colaboradores da livraria o conheceriam.

Riko foi sorvendo mais uns copos de vinho, como que para se consolar.

A suposição de Riko estava, de facto, correta. A maioria dos presentes na sala não deu pelas suas palavras. A pior reação que teve foi de algumas pessoas ao seu lado, de cenhos franzidos, que a maldisseram por ser «tão barulhenta» quando a atuação estava quase a começar.

No entanto, houve uma única pessoa que ouviu as palavras de Riko e empalideceu em resposta. Foi nem mais que a própria noiva, Aki. As palavras de Riko fizeram-na sentir uma intensa revolta. Para Aki, era como se Riko tivesse espalhado tinta negra no ambiente cor-de-rosa do seu copo-d'água. Quiçá isso só tivesse acontecido na sua cabeça, mas não havia nada mais aterrador do que o pensamento.

Porque é que ela tinha de mencionar o nome de Takahiko numa ocasião como aquela? Teria sido de propósito? Mas, se o disse intencionalmente, foi para a magoar?

Aki já estava furiosíssima. Tinha decidido que não iria cantar diante dos presentes, mas, para sua vergonha, acabou arrastada para cima do palco. Porém, como sabia que Nobumitsu e os amigos não tinham más intenções, arranjou maneira de reprimir a sua fúria. Foi nesse momento que acabou visada por aquelas palavras.

Posteriormente, iria fazer queixa dela. Não importava que fosse a subgerente da livraria. Ela estragou o ambiente da festa.

Aki era uma verdadeira mulher de Tóquio, honesta, mas, por outro lado, com opiniões fortes e belicosa. Quanto mais pensava no quanto odiava Riko, mais a sua ira se multiplicava.

Aki sabia que Riko não gostava dela – desde os tempos em que entrou na empresa. Gostava de pessoas que faziam o que ela queria, detestava quem lhe fizesse frente.

Só fui forçada a cantar no palco porque ela, provavelmente, foi convencer o mestre de cerimónias, o Iwata.

Quando Aki se recusou a subir ao palco, o mestre de cerimónias segredou-lhe:

– Aki, ouvi dizer que tens jeito para cantar. Foi a tua chefe que me contou. Vá lá, canta com o Nobumitsu, vai ser um dueto incrível!

Aki percebeu imediatamente que a tal «chefe» era Riko. Depois, fez-se-lhe luz. Ela estava a metê-la em sarilhos propositadamente.

De qualquer forma, nem sempre é possível evitar um mal-entendido. No caso de Aki, os seus chefes eram Hatakeda, o gerente do quinto piso, Riko, a subgerente, ou Nojima, o gerente de loja. Estes eram os seus superiores diretos. Todos sabiam da sua falta de aptidão musical. Mas o único chefe que se daria ao trabalho de o contar a Iwata era Riko, nunca o indiferente Hatakeda ou o afável Nojima.

Infelizmente, o chefe a que Iwata se referia era Tsujii, que se deixava levar facilmente. Visto por alguém de fora, Tsujii parecia ser o chefe de Aki, mesmo que ela não lhe reportasse diretamente. Iwata

encontrou-se com Tsujii enquanto ele estava a trabalhar e começou a fazer-lhe perguntas sem lhe contar que era responsável pelas atuações no copo-d'água de Aki.

– Quais são os talentos da Aki?

– Talentos? Cantar! Vale a pena ouvir as músicas dela, nem que seja só uma vez na vida.

Tsujii estava a brincar, mas Iwata levou-o a sério. Iwata era atleta, tinha-se dedicado ao judo desde a escola primária até à universidade. Malogradamente, tinha dificuldade em perceber piadas. *Fiz bem em perguntar*, pensou. Nobumitsu também se orgulhava das suas habilidades no *karaoke*. Sendo assim, o melhor era incluir um dueto surpresa. Afinal, era algo comum em festas de casamento.

Iwata aconselhou-se com Tsujii porque Riko, a gerente do terceiro andar, estava sempre ocupada e não perdia tempo com conversas frívolas. Já Hatakeda era taciturno e difícil de abordar. Escolheu Tsujii por exclusão de partes. Como havia poucos clientes no piso 4, dos manuais técnicos, o responsável, Tsujii, estava quase sempre livre. Além disso, gostava de conversar e, quando falavam com ele, contava imensas histórias. Iwata sentia-se grato por ter Tsujii como fonte de informações. Obviamente, o próprio Tsujii esquecera-se de facultar tais factos.

No palco, a atuação de harpa prosseguia. Embora a escutasse em silêncio, na sua mente, Aki repetia os seus resmungos em relação a Riko.

– Kitamura... não, Obata!

Ao ouvir o seu nome, Aki despertou, por fim. À sua frente, estava o diretor Nojima com uma expressão acanhada.

– Olá, senhor diretor. Muito obrigada por ter vindo hoje.

– Eu é que agradeço o convite. Vou ter de me ir embora mais cedo, tenho uns assuntos que tratar.

– Ai, sim? Então espere, que vou chamar o Nobumitsu.

Aki procurou Nobumitsu com o olhar. Encontrou-o no lado oposto da sala, com os seus colegas.

– Lamento imenso por me ir embora, logo agora, que isto estava a ficar animado.

– Não me diga.

– Mas olhem que foi uma bela festa. Fico feliz por vos ver felizes!

– Pois foi.

Foi uma resposta sem sentido.

Aki tinha sido obrigada a revelar a sua inaptidão para a música e, pior ainda, ouvira o nome do seu ex-namorado ressoar por todo o recinto. Foi uma festa infernal. Ao ver a sua expressão soturna, Nojima ficou preocupado.

– Lamento imenso que não tenham podido vir todos.

A expressão de Aki, que tentava continuar a sorrir, tornou-se mais severa. Foi novamente recordada de algo desagradável. Tinha enviado convites a toda a gente da livraria, exceto a Mita, mas só a gerência tinha comparecido.

Quando planeou o copo-d'água, marcou-o precisamente no dia em que era feita a manutenção trimestral do edifício e todos os funcionários da livraria podiam ter folga. Todavia, a sua atenção de nada valeu.

– As miúdas são demasiado infantis. Eu cá acho que o importante, quando se vai a um casamento, é desejar felicidades aos noivos. Mas a Nishioka vem para aqui dizer que eu mudo de ideias muito rápido. No que é que ela estava a pensar?

Eu mudo de ideias muito rápido? Ela sabe lá da minha situação.

A ira continuava a fervilhar dentro de Aki.

– Mas acho que vão estar todos mais calmos quando voltarem da lua de mel. Aconteceu muita coisa pelo caminho, mas casaram-se. Quando voltam da lua de mel? Daqui a uma semana?

Nojima continuava a tentar consolar Aki, sem se aperceber de que mandara mais achas para a fogueira.

– Sim, volto ao trabalho no dia 5 de julho.

– Divirtam-se, então. Mal posso esperar por ouvir as vossas histórias.

– Muito obrigada.

Aki acompanhou Nojima até à saída. No fundo do salão, o concerto de harpa tinha terminado. Depois disso, Nobumitsu iria fazer um discurso de agradecimento. A pedido do mestre de cerimónias, Aki subiu ao palco com Nobumitsu. Como de costume, Nobumitsu contou as suas piadas para chamar a atenção do público. Do palco, dava para ver todo o salão. Os olhos de Aki seguiram inevitavelmente a direção de Riko, que ignorava a programação do copo-d'água. Nem se dignava a ouvir o discurso de Nobumitsu. Em vez disso, conversava animadamente com alguém.

O que é que ela veio cá fazer? Se não me queria felicitar, mais valia não ter vindo.

Começou uma grande salva de palmas; Aki voltou a si mesma. O discurso de Nobumitsu parecia ter acabado. Imitando-o, Aki fez uma vénia atrapalhada aos presentes.

– Para terminar, a noiva partilhará um pouquinho da sua felicidade, atirando um buquê às solteiras na plateia. Quem será a próxima sortuda?

Aki, que já se tinha afastado, voltou tropegamente ao centro do palco, como instruído pelo mestre de cerimónias.

– Meninas solteiras, estão prontas?

Os gritos começaram a ouvir-se no salão, com as jovens que se concentravam em frente ao palco. Estendiam os braços como se pedissem que fossem elas as escolhidas. Aki viu a figura de Riko. Estava irritantemente de costas viradas para o palco, a conversar com um homem de negócios, como se o que ali se passava nada tivesse que ver com ela.

Mesmo que me pedisses, nunca te dava este grande buquê!

Aki apertou o buquê.

– Noiva, vamos a isso!

Ao sinal do mestre de cerimónias, Aki atirou o buquê de rosas brancas numa direção longe de Riko. O buquê foi arremessado com tanta força, que voou alto, espalhando pétalas por toda a parte até

bater no teto. O embate fez o buquê mudar de trajetória, caindo com enorme aparato em terra de ninguém. Ouviram-se os ais desiludidos de quem lamentava aquele desfecho. Alguém bateu no buquê com a ponta da mão estendida, fazendo-o ressaltar ainda mais para trás e cair na cabeça de Riko, que estava a conversar de costas para o palco. Por reflexo, esticou a mão e apanhou-o.

– Quem diria! Riko Nishioka, das Livrarias Pégaso, apanhou o buquê! Muitos parabéns!

O mestre de cerimônias felicitou Riko com toda a sua pujança vocal. Todos os presentes rodearam Riko e alguém lhe deu uma palmada nas costas.

– A seguir é a Nishioka! – disse Tsujii, num tom brincalhão. Estava claramente entretido. O rosto de Riko enrubesceu.

Estão-me a intimidar? Querem espalhar que sou uma quarentona solteira?

Riko estava atônita, sem palavras.

Já Aki revirava os olhos mentalmente.

Bolas, tinha logo de dar o meu precioso buquê àquela tipa.

Se tinha de oferecer um buquê, queria oferecê-lo a uma amiga próxima. O buquê era para desejar felicidade à pessoa a quem se oferecia. Acima de tudo, era um momento único na vida.

Aki permaneceu em pé, imóvel e sem palavras. A festa prosseguiu sem dar conta das duas mulheres. O mestre de cerimônias fez os agradecimentos finais, dando a celebração por encerrada. Aki e Nobumitsu foram guiados por um funcionário até à porta. Ficaram de pé junto à saída, despedindo-se de todos os convidados. Mami Hagiwara estava na recepção a ajeitar as malas. Ao ver Aki, correu na sua direção. Mami era quatro anos mais nova do que Aki, tendo atualmente 23 anos de idade. O seu rosto branco com bochechas rosadas e covinhas profundas era absolutamente marcante. Nesse dia, envergava um vestido sem mangas, com uma mala e sapatos pretos. Tinha uma aura adulta.

– Aki, guardei o dinheiro dos convidados, fico com ele até vocês

acabarem tudo o que têm para fazer. Tenho medo de o deixar na sala de espera.

Falava sempre num tom ameninado e em voz baixa. Mami abriu o saco de papel que tinha na mão e mostrou a Aki o seu interior. Para além de notas e moedas, também havia alguns sacos de presentes. Como a festa se baseava num sistema de pagamento de quotas, muitas pessoas entregavam a sua parte abertamente, mas também havia quem pusesse o dinheiro em envelopes para esse efeito. No topo dos envelopes, avistou o nome «Riko Nishioka». Ao ver o nome, os sentimentos vagos de Aki materializaram-se.

– Emprestas-me isto durante uns minutos?

Aki retirou o envelope com o nome de Riko.

– Hã? Mas para quê?

Quando Mami fez a pergunta, a noiva já estava de costas. Aki continuou a dirigir-se ao salão. Mami seguiu-a, qual patinho atrás da mãe.

– Aki! – chamou Nobumitsu, atrapalhado. Mas Aki fingiu não ter ouvido, andando rumo ao caos da multidão. Olhou em volta do salão, onde deu com Riko a conversar animadamente com vários homens de negócios. Aproximou-se lentamente dela. Riko continuava com o buquê nas mãos.

– Nishioka, tem um minutinho?

Quando Aki abordou Riko, fê-lo com uma expressão nervosa que em nada se adequava ao seu vestido. Riko permaneceu atónita durante alguns instantes, mas logo se despediu dos seus interlocutores com um sorriso e foi até junto de Aki. Ao chegar ao pé dela, o seu sorriso desapareceu.

– O que foi? – questionou, desagradada.

– Venha aqui, se faz favor.

Aki pegou Riko pelo braço e levou-a até ao fundo da sala. Pelo caminho, havia muita gente que queria falar com ela, a protagonista do dia. Mas Aki caminhou a passos largos, ignorando-os a todos.

– O que é que te deu, Kitamura? Não é suposto a noiva despedir-se

dos convidados à saída? – indagou Riko.

– Não, isso fica para depois – respondeu Aki, conduzindo Riko até à sala de espera.

Mami entrou secretamente lá dentro.

Ao abrir a porta, o ambiente tornou-se pesado. Pelos vistos, não havia ar condicionado naquela divisão. Era uma sala austera com uns oito metros quadrados e duas mesas compridas. Em cima delas, estavam espalhados os pertences dos convidados da festa, os seus vestidos e caixas com decorações para a cerimónia. Fechando a porta, Aki confrontou Riko.

– Nishioka, estou muito desiludida consigo.

Ao ouvir as suas primeiras palavras, Riko suspirou. Era como se estivesse numa peça de teatro.

– Desiludida porquê?

Riko estava embriagada. Para além disso, tinha saído recentemente de uma relação amorosa, o que a levava a rejeitar casais felizes – especialmente quando se tratava da sua subordinada impertinente.

– Se tens alguma reclamação a fazer, fala com clareza. Não te inibas só porque estás a falar com a tua chefe.

Enquanto observava a discussão, Mami mal continha a emoção.

Seria um momento apoteótico? Conhecia-os bem da banda desenhada, mas era a primeira vez que experienciava algo do género na vida real. Tinha de assistir com atenção, pois talvez lhe servisse de referência para o futuro.

Mami queria ser ilustradora de banda desenhada. Dizia que trabalharia em *part-time* na livraria até se tornar autora. Porém, até agora, nunca terminara um único manuscrito. Cansava-se sempre a meio. No fim de contas, era apenas uma fã de BD obcecada com o sonho de ser ilustradora.

– Nishioka, o meu casamento não tem graça? O gerente contou-me que disse que eu mudo rapidamente de ideias.

– Hã? Como assim?

Riko estava tão bêbeda, que nem se lembrava do que dissera.

Ainda para mais, naquela altura, não pensava em Aki, mas na mulher que lhe roubara o ex-namorado.

– Não se faça de ingénua. Até gozou a respeito do Mita, e fê-lo bem alto de propósito, para que toda a gente ouvisse o nome dele!

– Pois foi! Eu ouvi tudo!

Mami, que estava de lado, intrometeu-se na conversa. Ou melhor, interveio para ajudar. Tinha de demonstrar que estava do lado de Aki.

– Bem, isso...

Riko sabia que tinha dito esse nome, mas não se lembrava do motivo.

Aos olhos de Aki, a atitude de Riko era uma tentativa de fingir ignorância. Isso deixou-a ainda mais furibunda.

– Não faz mal se me odiar. Mas demonstrá-lo aqui não é nada maduro da sua parte. Acho vergonhoso.

Riko preparava-se para revidar. Contudo, não estando convicta das suas próprias palavras e ações, não sabia o que dizer.

– Vim devolver-lhe isto.

Aki forçou a mão de Riko a aceitar aquilo em que segurava. Ao olhar para a própria mão, Riko nem pôde acreditar.

O que é isto? Este não é o envelope com o presente de casamento que eu ofereci?

A embriaguez parecia estar prestes a perder o efeito. A sua expressão normalizou-se.

– Se não tinha vontade de celebrar, mais valia não ter vindo.

Aki fulminou Riko com um olhar de condenação.

Estás feita, concluiu Mami, observando de lado. *Que fixe! Foi uma vitória esmagadora da Aki!*

No entanto, Riko ficou furiosa com aquela frase teatral.

– Nesse caso, eu devolvo-te isto!

Riko pôs o buquê nas mãos de Aki, enquanto várias pétalas brancas se espalhavam pelo chão.

– Mandaste isto na minha direção de propósito, não foi? Querias mostrar a toda a gente que eu sou uma quarentona solteira e

humilhar-me!

Quando apanhou o buquê e ouviu o seu nome a ser chamado, o semblante de Riko ficou em chamas.

Tinha vergonha que achassem que ainda queria casar com aquela idade.

– Não é verdade. Este buquê é muito importante. Quem é que faria algo assim de propósito?

– Mas porque é que o mandaste na minha direção? Devias tê-lo dado a quem o quisesse realmente!

– Eu não tinha intenção de o mandar para si, foi lá parar sozinho!

– Impossível, o buquê não tem vontade própria!

– Deve ter sido por causa da sua maldade! O buquê pressentiu a sua maldade e voou até si!

– Qual maldade? Foste tu que mandaste isto, tu é que estás cheia de maldade!

– Eu não, tu!

– Não, tu!

Mami assistia. *Uau, que animação!*

Riko e Aki entreolharam-se. Quase faziam faísca.

Que bom poder assistir a algo tão intenso e logo de um lugar privilegiado.

Mami susteve a respiração enquanto observava a cena.

As duas continuaram a entreolhar-se. Não se moveram um milímetro que fosse. Deviam achar que quem se mexesse primeiro perdia a batalha.

Então, a porta abriu-se.

– Então, Kitamura, o que estás aqui a fazer? Está toda a gente perdida. Querem despedir-se da protagonista, mas não sabem onde estás.

A voz de Tsujii, que fora buscar as suas malas, ressoou pela sala. Aki voltou logo a si.

– Ai, foi? Não devia estar aqui a fazer estas coisas.

Com essas palavras, desviou o olhar de Riko e preparou-se para

sair da sala. Contudo, olhando para Tsujii, disse subitamente:

– É para si, Tsujii.

Com isso, tentou obrigá-lo a aceitar o buquê.

– Ofereça-o à sua namorada.

– O quê? Eu não tenho namorada. Estou solteiro há um ano e quatro meses.

Aki saiu da sala sem ouvir sequer a resposta de Tsujii. Em seguida, Riko disse:

– Também te ofereço isto. Para pagares os encontros com a tua namorada.

Então, premiu algo contra a mão de Tsujii.

– Até tu, Nishioka? Já disse que não tenho namorada.

Ao ver o que lhe tinha sido posto na mão, Tsujii ficou boquiaberto.

– O quê?! Isto é um envelope de presente. Porque é que me estás a dar isto?

Com um ar igualmente irritado, Riko passou por Tsujii e saiu corredor afora. Fechou a porta com um estrondo, quase como se a quisesse partir.

Passada a tempestade, a sala tornou-se novamente tranquila, restando apenas a empolgada Mami e o atarantado Tsujii.

– O que é que foi isto? – perguntou Tsujii a Mami.

Mami abanou a cara de lado, como se não aguentasse a emoção, e respondeu:

– A vida de uma mulher é complicada. Aprendi imenso.

– Como assim?

– Talvez o Tsujii não saiba, porque não tem namorada, mas olhe que é uma questão profunda.

Tsujii encolheu os ombros, como quem diz «imagino». Com os olhos radiantes, Mami olhou para a porta por onde Aki e Riko saíram.

– Ouvi falar do que se passou, Nishioka. A Kitamura é mesmo uma mal-educada – comentou Shiho Ozaki, olhando para Riko. Ozaki era, a par de Riko, colaboradora do terceiro piso, onde ficava a secção de literatura.

– Pois é! Quem é que devolve um presente de casamento? É inacreditável! – concordou Shōko Yamane, a responsável pela secção de banda desenhada.

Todavia, o tom de Yamane deixava transparecer uma excitação incontrolável. Não era claro se gostava de falar mal de Aki ou se simplesmente achava piada a discussões. Era provável que nem ela soubesse.

– Ela já tem 27 anos. Devia ter mais juízo – acrescentou Manako Makihara, outra responsável da secção de banda desenhada.

Manako era estudante e trabalhava em *part-time*. Tinha apenas 20 e poucos anos. Nos bastidores da livraria, as raparigas coscuvilhavam animadamente.

Bem me parecia. Riko deixou descair os ombros. Depois de uma noite de sono, recobrou a sanidade na manhã seguinte.

Refletindo com mais calma, percebeu que, ao aceitar o repto de Aki para discutir, originara uma situação complicadíssima. De qualquer modo, já era demasiado tarde para essas conclusões. As histórias do confronto entre Riko e Aki puseram a livraria inteira em alvoroço.

Era impossível ocultá-lo, pois havia duas testemunhas: Tsujii e Mami. Se a ressaca já lhe fazia doer a cabeça, agora ainda pior.

– A Kitamura não estava possessa porque descobriram que não tem jeito para a música?

– Estava a descarregar, de certeza!

Todas conversavam animadamente. Aki era pouco popular entre as raparigas. Como era bonita, os homens gostavam dela. Só isso já era suficiente para que as raparigas a evitassem. Mas a tenacidade de Aki

e a sua determinação em não fazer caso dos outros eram exasperantes para as colegas, que valorizavam a cooperação.

No fim de contas, a firmeza de Kitamura também vergara Mita.

Quando Mita começou a namorar com Aki, as pessoas começaram a coscuvilhar sobre a relação, o que os deixou incomodados. Mita era responsável pela secção de livros técnicos do quarto piso e tinha um contrato a termo. Era alto e elegante. A sua aparência, por si só, valia-lhe muitos pontos. Além disso, era simpático e bom trabalhador. As raparigas adoravam-no. Tinha quase um clube de fãs entre as funcionárias da livraria.

O clube de fãs era meio a sério, meio a brincar. De qualquer modo, havia uma regra tácita entre as raparigas que ditava que não era permitido fazer as coisas «às escondidas». O comportamento desrespeitador de Aki, que ignorou a regra, gerou uma onda de revolta.

Todavia, naquele momento, não foi problemático. Aki era uma das poucas funcionárias efetivas da empresa. Dentre as funcionárias da livraria, só a subgerente Riko e Aki estavam sem termo. A dada altura, a resignação das raparigas, que julgavam não estar à altura das efetivas, transformou-se em raiva. Foi aí que souberam que Aki deixou subitamente Mita, com quem namorava há três anos, e correu para os braços de Nobumitsu Obata, o editor responsável de uma grande editora.

Não a perdoariam enquanto pessoa.

As raparigas formaram imediatamente uma aliança anti-Kitamura. Foi aí que começou a perseguição. Quando as raparigas têm uma inimiga comum, é normal conspirarem. Este incidente provava que tinham razão, o que as deixava muito satisfeitas.

Que medo, só queria distância destas miúdas.

Para dizer a verdade, não gosto da Aki. Mas, enquanto subgerente, não me quero envolver em disputas emocionais sem sentido. Se me aliar às outras, vou dar-lhes desculpas para legitimarem o assédio contra a Aki.

– Nishioka, foi por isso que te disse para também não ires à festa

da Kitamura! – censurou a subordinada de Riko, Ozaki, num tom pesaroso. Parecia ter genuína simpatia por Riko.

Riko sorriu vagamente.

Desta vez, colheu o que semeou. Deveria ficar quieta, mas, a continuar assim, teria de hastear a bandeira da aliança anti-Kitamura.

– Senhor diretor, não acha que foram demasiado cruéis com a Nishioka? Ela desperdiçou um dia de folga para ir à festa. Achei muito rude da parte da Kitamura – disse Yamane.

Atrapalhado pelo tópico repentino, Nojima respondeu:

– Pois foi. A Kitamura... não, a Obata devia ter mais consideração pelos superiores.

Nojima tinha pouca paciência e vontade de se envolver nos conflitos emocionais das mulheres.

– Sem dúvida. A Kitamura sempre foi uma menina mimada.

– Nem mais. Agora que já se casou, porque é que não se demite e vira dona de casa?

Todos participavam animadamente na coscuvilhice contra Aki. Contudo, embora falassem do presente de casamento devolvido, não mencionavam a questão do buquê. Era impensável que Tsujii, que adorava dar à língua, e Mami, que não tinha jeito para guardar segredos, não tivessem abordado esses temas.

Todos tinham cuidado quando falavam da própria idade, evitando mencioná-la diante de toda a gente.

Tanta inquietação era sufocante. Mesmo não se preocupando com a idade, era complicado quando os outros o faziam por mim.

Era assim tão mau envelhecer? Foi com o passar do tempo que progredi na minha carreira, e estou muito orgulhosa da minha vida. Todavia, não o posso verbalizar. Antigamente, era igualzinha. As jovens veem o passar dos anos como algo terrível. Se eu dissesse isso, estaria apenas a fazer uma declaração de derrota.

Seriam «uivos de um cão derrotado». Pensando bem, havia um bestseller com esse título¹.

– Bem, está na hora da primeira reunião da manhã. Temos de nos

pôr a mexer – instou o diretor da livraria, cortando a conversa. Longe dos mexericos das raparigas, Riko sentiu-se mais tranquila.

Reparou numa fileira de livros que ficavam alguns centímetros fora da prateleira e empurrou-os gentilmente para trás com as palmas das mãos distendidas, parando quando as lombadas ficaram apenas cerca de cinco milímetros para fora. Acariciou a fila de lombadas para se certificar de que estavam todas alinhadas, sem saliências. Fez a mesma coisa, por ordem, de uma ponta à outra da prateleira.

Riko repetiu a tarefa nas prateleiras da secção de literatura, ordenando as fileiras de livros uma a uma.

«Cinco milímetros para fora da prateleira é o ideal. As lombadas alinhadas ficam mais bonitas e também fica mais fácil puxar os livros pelo vinco da lombada, não achas?»

Quando comecei a trabalhar numa livraria, foi isso que o meu colega mais velho me ensinou. Era uma prática que tinha de se aceitar sem questionar.

«O espaço entre os livros não deve ser demasiado pequeno nem demasiado grande. Quando se pega num livro, deve haver espaço suficiente para inserir um dedo entre eles.»

Hoje em dia, havia funcionários de livrarias que davam prioridade aos conteúdos das prateleiras, mas cada vez menos gente que prestasse atenção à posição dos livros. Noutras livrarias, é raro encontrar livros perfeitamente alinhados a cinco milímetros das prateleiras. Na verdade, em muitos sítios, os livros estão encostados até ao fundo da prateleira. Era como os livros que tinha em casa. Para Riko, isso não era digno de um expositor típico de livraria. Todavia, as raparigas mais jovens viam as coisas de um modo totalmente indiferente. Mesmo que alguém tentasse defender que era o método correto, não o implementariam como devido. Quando entrou na empresa, Aki Kitamura (bem como outras funcionárias no passado) virou-se para ela, a responsável pela formação, e queixou-se:

– Compreendo a sua perspectiva, mas isso é muito difícil de

executar. Além disso, não vai contribuir para o aumento das vendas. Seria aceitável que eu me concentrasse noutras tarefas e tratasse disso apenas quando tiver tempos mortos?

Foi isso que Aki disse. Embora o seu tom fosse genuinamente inocente, a partir do momento em que proferiu aquelas palavras, a animosidade por ela começou a ganhar forma dentro de Riko.

– Como assim, «não vai contribuir para o aumento das vendas»?

O que é que uma livraria faz, se nem tem os livros por ordem? É como a peixaria a apresentar o peixe, ou a mercearia com os vegetais. Ao pôr os livros nas prateleiras todos direitinhos estamos a incentivar o cliente a pegar neles. Toda a gente se preocupava com os expositores baixos, mas a disposição das prateleiras era importante. Mostrar as lombadas dos livros alinhadas, saindo cinco milímetros da prateleira. Esconder o fio marcador na última página do livro, para que não salte para fora e obstrua a lombada. Um livreiro tem de prestar atenção a este tipo de coisas. Na verdade, até era entusiasmante ver as prateleiras embelezarem-se a pouco e pouco. Sentir o livro na palma da mão. Se não cuidasse da livraria por falta de tempo, o ar à volta das prateleiras tornar-se-ia viciado.

Riko alinhou os livros, alterando ligeiramente a ordem de cada um.

Deveria mudar a obra de A. S. Byatt, colocada na margem esquerda, para o centro da prateleira? Era um bom livro, mas continuava por vender. Talvez ficasse melhor se o colocasse ali, para que a cor batesse certo com a da capa do lado. Talvez assim o livro se destacasse mais do que antes.

Era estranho: um livro que continuava muito tempo por vender poderia começar subitamente a vender se simplesmente mudasse de posição na prateleira. Passando-o de uma mesa para uma prateleira, os clientes começavam a reparar no livro, talvez chegando a comprá-lo. Devia haver algo em jogo, algo que ia para além da lógica. Nunca se saberia pesquisando apenas sobre tendências de vendas no computador, como fazia Hatakeda. Era isso que tornava este trabalho

interessante.

Esta Livraria Pégaso ficava a uns 20 minutos de Shinjuku apanhando o comboio JR², na zona de Kichijōji, que tinha sido escolhida como a zona mais procurada em inquéritos de revistas. Era uma zona animada, onde a juventude gostava de se reunir, e onde há muito tempo vivia gente rica em casas caríssimas. Esta era a livraria mais antiga da zona. Ficava num antigo edifício multifunções diante da praça em frente à estação, onde ocupava os pisos 3, 4 e 5. Com uma área útil de quase mil metros quadrados, em tempos foi considerada a maior da capital. A rede de livrarias Pégaso tinha cerca de vinte lojas, concentradas sobretudo na zona ocidental de Tóquio. Esta tinha sido a primeira. Desde que Riko entrou na empresa que trabalhava nesta livraria. Por isso, sabia tudo sobre as suas estantes. Também achava que era a que mais se comportava como uma livreira quando arrumava as prateleiras. Não era propriamente avessa a fazer atendimento ao cliente. Gostava de conversar sobre livros com os clientes habituais – até porque esta livraria tinha uma clientela particularmente seleta. Os clientes mais jovens tinham sido atraídos pela livraria acabada de abrir no edifício da estação de comboios. Mas os clientes mais antigos, os moradores do bairro que adoravam livros, continuavam a visitá-la. Muitos eram académicos, escritores e tradutores, que lhe ensinavam imensas coisas que nunca saberia pesquisando sozinha na Internet ou lendo revistas. Sentia-se mais calma quando desempenhava tarefas como aquela. Passando os dedos pelas lombadas dos livros, até sentia amainarem as emoções negativas provocadas por Aki.

Sinceramente, o que é que a donzela anda a fazer?, questionou-se Riko, suspirando.

«Donzela» era a alcunha de Aki. Certa vez, viram Aki a calçar os sapatos. Irrefletidamente, alguém perguntou:

– Esses sapatos parecem confortáveis. Onde os compraste?

Para as funcionárias da loja, que trabalhavam de pé, os sapatos confortáveis eram absolutamente fundamentais. Sendo uma loja com

história, era proibido usarem ténis, calçando, em vez disso, sapatos de couro.

– São feitos à medida – respondeu Aki.

Em seguida, mencionou o nome de uma conhecida marca de sapatos.

– Até já têm as minhas medidas, encomendo sempre os meus sapatos lá. Tenho o peito do pé fino e estreito. Os sapatos que há à venda nas lojas não me servem. O calçado da *Ferragamo* seria perfeito para mim, mas não usaria todos os dias. Por isso, costumo usar estes sapatos.

Aki não tinha más intenções. Contudo, os seus interlocutores estavam possessos. Eram sapatos de alta qualidade e feitos à medida. Eram tão bons que nem ficavam atrás da *Ferragamo*. Nem todos podiam ser como Aki, que vivia com os pais e podia gastar o salário todo naquilo que lhe apetecesse. Sendo a filha única de uma família abastada, para ela era natural ter sapatos feitos à medida. No entanto, se tivesse alguma consideração, não teria dito algo assim, que soava a jactância. Desde então que lhe foi dada a alcunha de «donzela».

Contudo, «donzela» também significava «pessoa especial». Antigamente, Riko era a única colaboradora naquela livraria com contrato sem termo.

Em primeiro lugar, era muito raro a empresa contratar mulheres recém-licenciadas. Mesmo assim, Aki foi contratada imediatamente sem termo. Começou a dizer-se que isso só tinha sido possível porque ela era neta do presidente de uma grande empresa que fabricava materiais de papelaria. Isso garantiu-lhe logo um tratamento especial. Depois de entrar na empresa, alguns membros da chefia começaram a contactar só para perguntarem como Aki estava. Riko era a responsável pela formação de Aki, o que a punha numa posição difícil. Riko juntou-se à empresa inicialmente em *part-time*, e demorou cinco anos até ser contratada sem termo. Quantos anos demoraria até a chefia na sede se lembrar do seu nome?

De qualquer modo, se Aki se tivesse mantido calminha, tudo se

teria resolvido. O problema é que ela tinha uma personalidade forte e dizia tudo o que pensava sem rodeios, mesmo quando o seu interlocutor era o patrão. Falava com as funcionárias que trabalhavam em *part-time* num tom informal e tratava os outros por diminutivos. Também era estranhamente próxima dos editores. Foi alertada várias vezes, mas nunca mudou o comportamento. Os jovens agora eram assim. Não tinham graça nenhuma. Dava vontade de lhe dizer que «tivesse noção». Afinal, era uma das poucas funcionárias sem termo.

De qualquer forma, Aki pretendia continuar a ser funcionária da livraria mesmo depois de se casar. O seu anúncio causou alguma surpresa.

– A sério? – perguntou, Riko, inadvertidamente.

Muitas funcionárias das livrarias deixavam o emprego depois de se casarem e terem filhos. Os empregados das livrarias têm salários baixos, trabalham muitas horas e têm folgas irregulares. Além disso, as Livrarias Pégaso não tinham qualquer sistema para dar apoio às funcionárias casadas. Sem os devidos preparativos, tornava-se impossível conciliar o trabalho e a vida familiar. A própria Riko tinha visto inúmeras mulheres talentosas abdicarem dos seus empregos em prol das famílias. Nunca pensou que Aki, que era tão relaxada, estivesse preparada para fazer tantos sacrifícios em nome do trabalho.

As suas relações com os colegas eram tensas e o marido tinha um salário alto. Não precisava de se manter à força naquele emprego. Todavia, Aki explicou.

– O meu marido está muito ocupado no trabalho. Nunca volta para casa cedo e às vezes até trabalha aos domingos. Se eu não trabalhar, fico demasiado aborrecida.

Era um passatempo para a donzela. *Nem mais*, pensou Riko, irónica. Era precisamente o oposto dela, que era solteira e tinha de trabalhar para sobreviver.

– Já lhe disse que é no quarto piso...

– Mas a minha filha disse que o viu aqui no terceiro andar. Já

confirmámos e tudo.

Um jovem funcionário que trabalhava em *part-time* estava a discutir com uma cliente. Riko aproximou-se para averiguar.

– Aqui é a secção de literatura e revistas. Se procura livros sobre caligrafia, deve ir ao piso 4, onde temos os livros técnicos.

O jovem funcionário estava em apuros, não sabia como lidar com aquela cliente de meia-idade, que parecia ser dona de casa. Não se lembrava de alguma vez ter visto aquela cliente. Das duas, uma: ou vinha raramente ou era a primeira vez que visitava a livraria.

– Passa-se alguma coisa? – interveio Riko, a sorrir. Se fosse a primeira visita, tinha de fazer o seu melhor para não deixar uma má impressão.

No entanto, quem respondeu a Riko foi o funcionário, e não a cliente.

– Bem, esta pessoa está à procura de livros de caligrafia. Eu expliquei-lhe que não é neste piso, mas ela não ficou convencida.

Era um típico jovem dos dias que correm. Era um brutamontes que nem sabia falar respeitosamente. Referir-se à cliente como «esta pessoa» era de muito mau tom. Mentalmente, Riko revirou os olhos. Mais tarde, teria de ensinar aquele rapaz a falar com bons modos.

– Ainda ontem ouvi falar do livro na televisão. A minha filha disse que está à venda no terceiro andar. Tenho a certeza.

A cliente parecia insatisfeita. Daria assim tanto trabalho mudar de piso? Nesta livraria, o piso 3 era para revistas e literatura, o piso 4 para livros técnicos e o piso 5 para banda desenhada, literatura infantil e manuais. Os escritórios administrativos ficavam no quinto andar. No entanto, sendo um prédio antigo, não tinha escadas rolantes. Para mudar de piso, era preciso ir de elevador ou de escadas. Até os funcionários que ali trabalhavam achavam isso maçador.

– Que livro procura? – perguntou Riko, fitando a cliente.

– É aquele que mostraram ontem na televisão. Chama-se «Caligrafia dos clássicos» ou algo do género.

Ouvindo a resposta da cliente, Riko soube logo que livro seria.

Recentemente, tinha sido tema de conversa na televisão. Só podia ser aquele. Era um livro para copiar textos clássicos a lápis.

– Senhora, por acaso não será este livro?

Riko mostrou-lhe o título.

– Sim, é esse mesmo – confirmou a cliente, alegre. – Deve estar a vender muito bem.

– Sim. Nesse caso, temos alguns exemplares neste piso. Venha comigo.

Riko guiou a cliente até ao mostruário em frente à caixa registadora, onde estavam alguns dos *bestsellers*. O livro estava na ponta. Como havia poucos exemplares e estavam à espera da reposição de *stock*, puseram-no ali no canto. Era uma pequena pilha de quatro ou cinco. Riko tirou o exemplar do topo e deu-o à cliente.

– Obrigada – agradeceu a cliente, folheando o livro. Parecia convencida. – Vou levar – anunciou. Devolveu o livro à pilha e retirou o que estava mais em baixo. – Basta levá-lo para a caixa, não é?

Mas porquê? Aquele exemplar nem sequer estava sujo, pensou Riko.

Sem desfazer o sorriso, agradeceu à cliente e fez-lhe uma vénia. Quando a cliente se foi embora, o jovem funcionário baixou a cabeça e disse-lhe:

– Peço desculpa, foi a minha salvação.

– Tens de ouvir bem o que os clientes dizem. E é melhor memorizares quais são os *bestsellers*. Hoje, antes de saíres, vem ter ao meu posto.

Tinha de o ensinar a atender os clientes, pensou. Estava prestes a retornar às suas tarefas, quando um rapaz com um ar de universitário a abordou:

– Desculpe. Vendem *light novels*?

– Lamento, mas as *light novels* estão no quinto piso, junto da banda desenhada.

– A sério? Mas têm aqui livros de NISIOISIN³.

– As edições de capa mole estão nesta secção, mas os livros de bolso estão no quarto piso.

– Não faz sentido nenhum. Porque é que não os põem todos juntos? – murmurou o universitário, caminhando em direção às escadas.

De facto, talvez fosse um pouco estranho. Ultimamente, as gamas de livros de capa mole eram tão variadas, que não era tão fácil categorizá-las. Por exemplo, segundo Riko, na coleção Chūō Shinsho, só as obras de Sunako Kayata se destacavam.

O que teria acontecido ao presente de casamento? Será que Tsujii o teria gastado mesmo? Não lhe tinha dito nada naquela manhã.

Que desperdício. Agora, já não lhe podia pedir que o devolvesse. Mas também não podia ser pretensiosa. Foi então que a campainha tocou. Era um sinal da caixa a pedir reforços, pois estavam demasiados clientes e não conseguiam escoar a clientela sozinhos.

Riko deixou-se de cogitações e foi até à caixa registadora. Cada piso tinha a sua própria caixa perto das escadas. Em frente à caixa, havia uma fila de cinco ou seis pessoas, algo incomum àquelas horas da manhã.

– Sejam bem-vindos – disse, despretensiosamente, enquanto ia para trás do balcão. Colocou-se ao lado de uma rapariga que trabalhava em *part-time* e que se ocupava atualmente da caixa.

Pegou num dos livros de bolso que estavam ao lado.

– Quer que lhe juntemos uma sobrecapa? – perguntou, com um sorriso.

¹ *Uivos de um cão derrotado* (負け犬の遠吠え) é um romance da autoria de Junko Sakai. À presente data, não está traduzido para língua portuguesa. [N. do T.]

² Japan Railways, uma das principais operadoras de transportes ferroviários do Japão, tendo sido empresa pública até à sua privatização e mudança de nome, em 1987. [N. do T.]

³ Nisio Isin, apresentado como NISIOISIN, é o pseudónimo de um romancista, autor de manga e argumentista japonês. [N. do T.]

A lua de mel foi divertida. Como Nobumitsu não parava de falar no Havai, foi o destino que escolheram. Aki achava-o vulgar, mas, quando desceu as escadas do avião, ficou fascinada com os ares de liberdade. O vento apazível, o perfume doce de flores que pairava por toda a parte. Era um lugar onde a placidez dos *resorts* e o conforto das cidades viviam em harmonia. Nobumitsu, que era um especialista no Havai, escolhera um hotel de luxo com boa localização. Ficava perto das principais avenidas de Waikiki, a zona mais animada. No entanto, parecia outro mundo. Era perfeitamente sereno e permitia ver o mar pelas janelas do quarto. O serviço também era esplêndido. Desde o primeiro dia que Aki e Nobumitsu começaram a desfrutar da praia, das compras e dos passeios de carro. Já que tinham ido viajar, queriam divertir-se o máximo possível. Não queriam perder tempo a dormir. Tinham essa voracidade em comum. Se não se adaptassem a esse ritmo, ficariam ambos furiosos, a sua relação, em perigo. Talvez fosse causa para um divórcio mal chegassem ao Aeroporto de Narita. Era a primeira vez que viajavam juntos para o estrangeiro. Secretamente, Aki aprovou Nobumitsu enquanto companheiro de viagem.

Como seria se tivesse vindo com o Takahiko?, questionou-se.

Takahiko Mita era o ex-namorado. Ele tinha sido a causa do boicote ao seu copo-d'água. Mas Takahiko não era muito proativo.

«Aki, se quiseses ir fazer compras, vai sozinha. Eu fico na praia a ler.»

De certeza que Takahiko teria dito isso. Ele não negava a Aki os seus desejos, mas também não se forçava a acompanhá-la. Takahiko parecia mais velho do que ela uns seis anos. Quando Aki insistia, fazia cara de poucos amigos, mas lá a seguia. Às vezes, Aki tinha atitudes egoístas só para ver essa cara. As únicas lojas a que Takahiko queria ir seriam livrarias, como a Borders ou a Barnes & Noble. Havia várias livrarias grandes em Honolulu. Aki e Nobumitsu não se atreviam a

entrar nelas porque lhes faziam lembrar o emprego, mas Mita garantidamente queria ver como eram as livrarias da América. Gostava de literatura ocidental a ponto de dizer que queria ler Vonnegut no original.

Por falar em viagens, nunca viajou nem foi a algum lado com Takahiko nos três anos em que namoraram. No máximo, foram a aquários ou a museus de arte. Mesmo assim, gostava da calma e da maturidade de Takahiko.

Aki reparou em Takahiko Mita pela primeira vez nas traseiras da livraria, enquanto carregava algumas revistas. Foi perto do fim do ano em que entrou para a empresa. Nesse dia, era lançada uma revista para o público feminino. Era uma edição de Ano Novo com páginas extra e brindes. O número de exemplares em *stock* era superior ao habitual. A revista era grossa e pesada, e adicionar os brindes era uma grande maçada. Aki detestava fazer parte do turno responsável pela receção das revistas. Quantas horas não levaria para dar conta daqueles exemplares todos? Além disso, naquele turno, só havia três pessoas, como era costume. Ela, Mita e um universitário que trabalha em *part-time*.

– Sinceramente, já estou farta disto. Tantos brindes... – queixou-se Aki, enquanto inseria os brindes nas revistas e os atava com uma corda.

Não conseguia que o fio ficasse bem preso, descrevendo a forma de um diamante, pelo que teve de o refazer várias vezes. Estava a puxar o cordel para reajustar a posição quando, inadvertidamente, cortou o dedo no papel. Por vezes, o papel pode ser uma arma.

– Au! – gritou Aki, por reflexo.

– Estás bem? Põe isto – disse Mita, tirando um penso rápido do bolso.

– Muito obrigada.

Aki pegou no penso e envolveu o dedo com ele. Conseguia ver pelo penso o sangue a espalhar-se. *Oh, não*, pensou. Desde que começara a trabalhar na livraria que tinha as mãos cheias de feridas e as pontas

dos dedos secas.

– Quem planeou isto sabe que somos nós, os funcionários, que temos de juntar os brindes às revistas? – questionou Aki, rabujando.

Era muito chato ter de lidar com brindes demasiado grandes para caberem nas revistas. Às vezes, vinham em caixas com uns dez centímetros de espessura. Mais parecia que o brinde trazia uma revista, e não o inverso.

– Eu cá nem desgosto deste trabalho – revelou Mita, enquanto prosseguia calmamente a sua tarefa.

Mita era responsável pelo quarto piso, dedicado aos livros técnicos, pelo que nunca tinha conversado muito com ele. No entanto, Aki sabia que ele era um leitor ávido e um erudito – e que o seu vasto conhecimento lhe havia conquistado a confiança do gerente e da subgerente.

– O quê? Estás a falar a sério? – perguntou Aki, muito alto. Ao mesmo tempo, o elástico que puxava rompeu-se, atingindo-a na mão.

– Se fosse um livro, ainda percebia... querer ler um novo lançamento é entusiasmante. Mas as revistas são todas iguais. E prender os brindes com fios é uma seca. Como é que gostas disto?

Aki perguntava logo sobre aquilo que a apoquentava. Uma colega mais experiente e rigorosa, como Nishioka, zangar-se-ia, argumentando que era «o seu trabalho». Mas Mita parecia disposto a responder devidamente a todas as perguntas, até mesmo às mais inusitadas.

– Não sei se mais alguém acha isto, mas, para mim, quando as revistas acabam de chegar, parecem-me apenas uma resma de papel.

– Uma resma de papel.

– Sim. Acho que as revistas em que ainda ninguém tocou não têm vida nenhuma. São rígidas e não atraem as pessoas. Não passam de um maço de papel impresso.

– Hã? – retorquiui Aki, incrédula.

Nunca tinha visto uma revista assim nem conseguia imaginar tal coisa. Alheio aos seus pensamentos, Mita continuou:

– Mas, quando pomos cordas à volta das revistas e adicionamos os brindes, sinto que esta resma de papel se torna numa revista. Ganha vida enquanto revista.

– Uau, que forma interessante de ver as coisas – disse Aki, num tom mais frio.

Algo acabrunhado, Mita respondeu:

– O mesmo acontece com os livros. Para que algo impresso se transforme num livro ou numa revista, como esperado, tem de despertar o interesse das pessoas, de ser lido. O nosso trabalho de tocar em cada exemplar e pô-lo nas estantes transforma as revistas em revistas. Nós estamos a dar vida às revistas. Pensando assim, até uma tarefa como esta parece mais importante.

– És mesmo um romântico, Mita.

Sentiu um novo tipo de comoção. Não sabia que havia pessoas que pensassem assim. Para considerar interessante uma tarefa que ela mesma julgava insuportável, Mita deveria gostar mesmo de trabalhar na livraria.

Desde então, Aki começou a reparar em como Mita trabalhava. Atendia os clientes com todo o cuidado, era simpático com os colegas mais novos, não mantendo distância, e o seu conhecimento sobre livros era verdadeiramente profundo. Tudo isso foi cativando Aki cada vez mais. Não demorou muito tempo até perceber que não se interessava apenas pelo seu trabalho, mas pelo próprio Mita. Aki reparou que, quando as outras raparigas cochichavam sobre Mita, ficava inquieta.

– Mita, eu gosto de ti. Namora comigo.

Foi ela quem se declarou. Mita parecia surpreendido pela declaração repentina, mas não a rejeitou. Foi assim que começaram a namorar. Aki não tinha jeito para jogos. Era incapaz de induzir o homem de que gostava a declarar-se e esperar que ele o fizesse. Quando gostava de uma pessoa, ia mesmo ela estender a mão, pedindo-lhe que a aceitasse. Se corresse mal, não tinha problema. Por causa do trabalho dos pais, Aki frequentou o ensino secundário na

Califórnia. Era uma emigrante retornada e, como tal, mantinha relações pessoais francas, ao estilo americano.

No entanto, quando começou a namorar com Mita, sentiu a atmosfera à sua volta a mudar. Um colega contou-lhe que as outras raparigas, que eram fãs de Mita, estavam com inveja dela, e assim ficou a saber porquê. Embora estivesse contratado a termo, Mita era mais desenhado do que os colaboradores efetivos da empresa, não criava barreiras com ninguém e era simpático, o que fazia dele extremamente popular entre as raparigas que trabalhavam na livraria em *part-time*. Embora ninguém a tenha assediado diretamente, formou-se um fosso entre ela e as outras funcionárias, à exceção de Mami. Então, quando se separou de Mita, meio ano antes, e começou a namorar com Nobumitsu Obata, o marido, o choque com as outras raparigas tornou-se ainda mais violento. Só falavam com ela quando havia necessidade e não a convidavam para as saídas depois do trabalho. Quando Aki tentava falar com elas, às vezes até a evitavam diretamente. A situação agravou-se quando souberam que Aki se iria casar. Escondiam-lhe coisas, não partilhavam com ela os horários das reuniões ou faziam-na chegar atrasada quando planeava fazer o turno tardio. Ainda uns dias antes, o seu turno foi subitamente alterado para o turno da manhã, mas ninguém a informou.

Mais do que se irritar, Aki sentia-se cansada desse tipo de assédio. Parecia que estava na escola primária. Estavam ao nível de quem põe pioneses nas sapatilhas dos outros. Eram umas autênticas crianças. Logo agora, que Mita estava livre e elas tinham a sua oportunidade. Se gostavam tanto dele, porque não o iam consolar e aproveitavam para se aproximarem dele? Porque é que, em vez disso, lhe faziam *bullying* a ela?

Aki não se deixava desencorajar por essas coisas. Sabendo que o seu desânimo seria a vitória dos inimigos, optava por agir com alegria. Felizmente, nem todos estavam contra Aki. Mami Hagiwara e os rapazes que trabalhavam em *part-time* eram seus aliados. Julgou, ingenuamente, que, quando se casasse, o assédio terminaria. Todavia,

isso não se verificou. Até Aki, que era forte, ficou chocada pelo facto de só a gerência e Mami terem ido à sua festa de casamento.

Porque é que se excederam tanto? Porque é que me odeiam a este ponto?

Estava perdida nessas cogitações quando Nobumitsu a interrompeu, enquanto conduzia, sentado ao seu lado:

– Aki, podes ver o mapa? É para virar à direita aqui, não é?

Aki recobrou os sentidos.

– Espera aí.

Atrapalhada, abriu o mapa que tinha em mãos. Tinham alugado um carro e estavam a caminho de North Shore. Saíram de Waikiki e seguiram para oeste. Fora da zona urbana de Honolulu, só se via uma casa ou outra aqui e ali.

– Sim: para a esquerda é a estrada que leva ao aeroporto. Temos de virar à direita.

– Isso mesmo.

– Passando esta zona, depois é sempre a direito.

– Está bem.

Nobumitsu fez um gesto breve com a mão direita, como se dissesse «não fales mais». Quando tinha as mãos no volante, era incrivelmente cuidadoso. Quando conduzia, falava muito pouco. Dizia que ficava nervoso quando tinha outras pessoas no carro. Como estava a conduzir com um volante à esquerda, ao qual não estava habituado⁴, não queria que falasse com ele exceto quando estritamente necessário. Estando tanto tempo em silêncio, Aki não conseguia evitar pensar naquilo que não devia.

– Aki, podes passar-me a água? – pediu Nobumitsu, sempre com o olhar fixo na estrada.

– Sim, claro.

Aki revistou a mochila e retirou uma garrafa de água mineral.

Não podia continuar assim. Estava a viajar de carro com Nobumitsu, não devia desperdiçar o tempo precioso com pensamentos intrusivos.

Aki deu a garrafa a Nobumitsu e sugeriu:

– Olha, quando chegarmos à Dole Plantation, vamos fazer uma pausa, está bem?

Então, sorriu, como que para se animar.

À exceção daquele momento, a viagem de lua de mel foi imensamente aprazível. Quando anunciaram no hotel que vinham em lua de mel, foi-lhes oferecido champanhe e um bolo. No cruzeiro, os dançarinos reuniram-se em torno da mesa de Aki e Nobumitsu para os felicitem. Nobumitsu estava de tão bom humor, que se levantou e se juntou aos bailarinos para dançar a *hula*. No fim, foi recebido com aplausos efusivos. Como namorara pouco tempo com Nobumitsu e ambos estavam muito ocupados, tinham tido poucas oportunidades de passar tempo juntos. Aki nem sabia que Nobumitsu abominava coentros e que só usava pasta de dentes de uma determinada marca. Cada uma dessas pequenas descobertas era novidade para Aki.

No fim da última noite da viagem de seis dias, o trabalho havia-se evaporado por completo da sua mente. Só se recordou ao jantar na última noite. Lembrou-se quando estavam num restaurante romântico a ver a paisagem noturna e inseriu a faca numa lagosta.

Para destacar o brilho da paisagem noturna, a única fonte de luz na sala eram as velas colocadas em cada mesa. As chamas das velas voluteando geravam um ambiente romântico. *Será que pareço mais bonita?*, questionou-se Aki. Tinha apanhado um escaldão, o que fazia com que a base da maquilhagem desse mais nas vistas. Mas, naquela escuridão, certamente ninguém daria por isso. Vinha trajada com um *muumuu* que tinha comprado naquele mesmo dia. Era uma peça sem mangas, com muitos folhos na bainha e chegava-lhe quase ao tornozelo. Tinha um tecido em tons de creme com várias flores de hibisco desenhadas. Já Nobumitsu envergava uma camisa havaiana com um padrão de pranchas de *surf*. Era ao estilo *vintage*. Nobumitsu tinha pouco mais de 1,70 m de altura, mas treinava natação desde pequeno, pelo que tinha ombros robustos. Além disso, o ar alegre da

camisa havaiana assentava-lhe bem, combinando com a sua personalidade jovial. Aki ficou felicíssima, pensando em como deveriam parecer um belo casal, mesmo vistos de relance.

Nobumitsu devia estar cansado depois de passar a tarde na praia. Estava calado a comer a sua lagosta quando disse subitamente:

- Acho que amanhã vou direito do aeroporto para o escritório.
- O quê? Estás a falar a sério?

Partiriam de Honolulu de manhã. Devido à diferença horária, chegariam ao Japão ainda nas primeiras horas do dia, por isso, não seria impossível chegar ao escritório às duas ou três da tarde.

- Tens mesmo de ir? Deves estar cansado. Era melhor descansares.

A voz de Aki revelava a sua desilusão. Ela teria de ir trabalhar no dia a seguir a voltarem ao Japão. Por isso, queria passar o último dia de férias em casa, a relaxar.

- Eu sei, mas quero saber como estão as coisas no Departamento Editorial. Afinal, sou o editor-chefe – declarou Nobumitsu, algo orgulhoso de si mesmo.

Até então, Nobumitsu tinha sido editor-adjunto de uma revista de banda desenhada. O seu sucesso na edição de um *bestseller* de Nao Agachi valeu-lhe a posição de editor-chefe, tendo ao seu encargo o planeamento de uma nova revista de banda desenhada. Ademais, foi-lhe prometido que seria formalmente promovido a diretor quando a revista fosse lançada dali a meio ano.

- Já percebi que estás decidido. Nesse caso, tens de pôr as lembranças para os colegas na mala de mão.

- Bem visto. É melhor dá-las logo nesse dia.

- O que é que compraste para os teus colegas?

– Umas batatas fritas com chocolate do Neiman Marcus. Acho que os meus colegas vão achar piada. E também comprei umas bebidas alcoólicas para o patrão.

- Foram boas escolhas.

- E tu, Aki?

- Comprei algumas coisas, mas fico deprimida só de pensar na

empresa. Aconteceu muita coisa...

– Não lighes a isso. Elas só estão com inveja de ti porque são todas solteiras, Aki. Agora, que já fizemos a cerimónia de casamento, já ninguém te vai chatear mais com isso – disse Nobumitsu, num tom ligeiro.

Quando o empregado passou por ele, Nobumitsu pediu-lhe que trouxesse outra cerveja.

– Não vai ser assim tão fácil. Toda a gente guarda rancor de mim. Ainda por cima, devolvi a prenda de casamento à Nishioka.

Aki parou de mexer as mãos, segurando ainda o garfo e a faca. Apercebia-se de que tinha ido demasiado longe. Estava nervosa durante a festa de casamento e de mau humor depois de a terem forçado a cantar. Nishioka era a sua chefe, mas ainda não sabia se lhe devia pedir desculpas.

– O que está feito está feito – respondeu Nobumitsu, sem grande interesse, ainda de olhar baixo. Parecia mais concentrado em cortar a lagosta que tinha no prato.

– Mas eu fiquei mesmo furibunda. Não achas que elas foram cruéis? Nem se dignaram a responder aos convites!

– Não penses mais nisso, são águas passadas – revidou Nobumitsu, no seu habitual tom pragmático.

– Estou deprimida por as férias terem acabado. Além disso...

Ia perguntar-lhe se deveria pedir desculpas a Nishioka ou não, mas foi interrompida por Nobumitsu, que pousou a faca.

– Aki, já chega. Esta é a nossa última noite no Havai. Não a estragues com essas conversas.

– Tens razão, mas...

– Eu também detesto imensas coisas no meu emprego. Mas, se começar a falar disso, nunca mais saio daqui. Só quero que o nosso tempo juntos seja agradável, Aki. Não quero ouvir conversas chatas. Até eu fico deprimido só de as ouvir.

– Tens razão – concordou Aki, relutantemente.

De facto, aquele tema de conversa não era adequado à ocasião,

mas ela sentia-se incomodada com esse problema e queria pedir conselhos a Nobumitsu.

– Olha, em nossa casa, não vamos falar de trabalho. Podemos falar de coisas agradáveis, mas não de temas difíceis ou que nos deixem tristes. Este será o lema da nossa família – declarou Nobumitsu, sorridente. Devia achar que era uma excelente ideia.

– A nossa família...

Era um conceito que nem parecia real a Aki. Nem sequer lhe parecia que se referisse a eles os dois. Mas uma família que só falasse de coisas boas só podia ser a fingir, pensou Aki. No entanto, foi incapaz de verbalizar essa opinião. As luzes da paisagem noturna brilharam através da janela, incontornáveis. O esplendor da vista de noite era o principal atrativo daquele restaurante. Até então, Aki pensava que era uma cena romântica perfeita para o fim de uma viagem. De repente, contudo, começou a parecer-lhe banal.

Dali para a frente, contentar-se-ia com as paisagens noturnas de Tóquio.

A lagosta no interior da sua boca pareceu-lhe estranhamente seca. Engoliu-a sem trincar, qual medicamento amargo.

⁴ No Japão, os carros circulam pela esquerda, estando o volante no lado direito do veículo, o inverso dos EUA e de Portugal. *[N. do T.]*

Riko saiu na estação de metro e dirigiu-se à saída A3. Subindo as escadas, virou à direita, seguindo até ao centro comunitário, cuja entrada estava ligada ao metro. Já passava das onze da noite. Àquelas horas, a entrada estava obviamente fechada. Em frente ao centro comunitário, havia um pequeno espaço triangular com pequenos canteiros e bancos. O chão de azulejos apresentava um padrão de mosaico com flores. Era demasiado pequeno para ser considerado um parque. Era simplesmente um espaço que servia de sala de espera para os moradores da zona. Riko limpou o banco encharcado com um lenço de pano e sentou-se. Já era julho, mas a época das chuvas ainda não chegara ao fim. Ainda nesse dia tinha chovido até ao fim da tarde. Até àquelas horas o calor era abrasador. O fresco do banco sabia bem na pele. Dali, conseguia ver as pessoas que entravam e saíam da estação de metro. Desde Ginza, demorava pouco mais de dez minutos a ali chegar. Antigamente, a zona estava cheia de casas de madeira rústicas e de fábricas. No entanto, as remodelações recentes tinham trazido um aumento no número de apartamentos. Havia alguns prédios, inclusive, que ultrapassavam os 30 andares de altura. Ainda assim, Riko viu mais trabalhadores de escritório subirem as escadas do metro a caminho de casa do que previra.

Quando regressava a casa, aquele homem passava garantidamente por ali. Tinham caminhado várias vezes juntos: ela conhecia-o. Quando tinha sido a última vez que tinha passado ali? Por falar nisso, nos últimos três meses, não a convidara para ir a casa dele. Arranjava desculpas para não se encontrarem, pelo que só o via no exterior. Inicialmente, não fizera caso. Pensava que era um daqueles homens que tem medo de levar mulheres para casa e que se sente mais confortável no hotel. Mas, agora, acreditava que tinha ido para casa mais cedo.

Naquela altura, devia tê-lo observado com mais atenção. Todavia, não teve capacidade para o fazer. Naquela altura, andava com muito

trabalho e tinha muito que fazer para além disso, como reparar a casa e outras tarefas corriqueiras.

Nem percebeu que ele tinha outra mulher até ao derradeiro momento. Jantaram e beberam um copo no bar do costume. Pensava que a seguir iriam para o hotel, como sempre, quando, subitamente, ele lhe disse que queria terminar o relacionamento.

Inicialmente, nem compreendeu o que lhe foi dito. Não entendeu. Se tivesse entendido, talvez o tivesse refutado. Vendo bem, a gravata dele era excessivamente espampanante, pensou, absorta.

«Envolvi-me com uma subordinada da empresa e ela ficou grávida. Não me posso encontrar mais contigo. Quero acabar. Ela ainda só tem 27 anos, eu quero casar-me com ela e assumir as minhas responsabilidades.»

Foi mais ou menos isso que o homem lhe quis dizer. Riko demorou alguns minutos até perceber.

– Não era essa a minha intenção original. Ela é uma miúda e é minha subordinada. Já para não falar que te tinha a ti. Mas ela pediu-me que namorasse com ela...

Ou seja, quando confrontado com uma escolha binária, optou por descartar Riko. Agora, tudo fazia sentido.

– Sinto-me culpado pelo que te estou a fazer, mas somos ambos adultos. Ainda por cima, nunca falámos em casar...

As palavras do homem soaram-lhe desconectadas. Que frase mais batida. Era como se estivesse numa telenovela. Mais valia ter-lhe dito algo mais decente.

– Quando me contou que estava grávida, fiquei surpreendido. Mas talvez seja a minha última oportunidade. Chegado a esta idade, tenho de admitir que gostava muito de ter filhos...

Segurar um homem através dos filhos era um método clássico. Pelos vistos, ainda funcionava. Aliás, até parecia funcionar melhor com um homem na casa dos 40 anos. Dizia que talvez fosse a sua última oportunidade. Como ele fracassara no seu primeiro casamento, dizia que já estava farto, que estava melhor sozinho e, por isso,

mantinha uma certa distância de Riko.

O homem continuava a dar as suas desculpas esfarrapadas, mas Riko não o ouvia. Será que a sua nova namorada saberia da sua existência? Algumas mulheres apegavam-se mais aos homens quando sabiam que tinham uma rival. Terá querido pôr o corpo em jogo para lhe roubar o seu homem?

Agora que reparava nisso, a camisa branca dele era de uma cor que não estava habituada a vê-lo vestir. Ainda pior: não tinha sido mandada para a lavandaria. Não lhe tinha sido aplicada goma e apresentava marcas desajeitadas do ferro de engomar nas mangas. Devia ter sido passada por alguém que não estava acostumado a passar a ferro.

Pensava nisso quando se apercebeu:

Ah, foi ela que lhe passou a roupa. Eles já vivem juntos.

Ela lavava-lhe a roupa e passava-a a ferro. Envolvia o homem com a sua própria presença. Era como se erigisse uma barreira entre ele e o resto do mundo.

«Este é o meu homem, não te aproximes.»

Subitamente, sentiu a presença vívida da outra mulher; começou a asfixiar.

– Portanto, queres acabar, é isso?

Incapaz de resistir ao sufoco, Riko verbalizou-o. Só queria sair dali.

– Compreendes-me?

O homem parecia francamente aliviado. As rugas que lhe marcavam verticalmente o rosto por entre as sobrancelhas esticaram-se, as extremidades das sobrancelhas baixando. Um ligeiro sorriso surgiu-lhe nos lábios. Era uma reação compreensível. Quem diria que ele pudesse ser um homem tão vulgar?

Não, não era surpresa: gostava dele precisamente por ele ser normal. Era generoso, saudável e fácil de entender. Com aquela idade, sabia perfeitamente que os homens sensíveis só traziam problemas. Nada como um homem bem-disposto e que nunca sofrera frustrações na vida ou impasses. Também gostava de um homem com confiança

no seu trabalho.

Todavia, também sabia que, por vezes, os homens assim eram excessivamente insensíveis e não teriam pudor em exhibir a sua superioridade.

– Mas eu e tu não deixamos de ser colegas de trabalho. Espero que possamos continuar a ser bons amigos. És uma pessoa incrível...

As desculpas prosseguiam. Por muito que falasse, era só mais do mesmo. Os seus sentimentos já estavam determinados, apenas procurava uma confirmação depois de consumado o facto.

Ele só queria que ela não o odiasse por isso, nada mais.

– Já chega, vamo-nos embora daqui – disse Riko, cortando-lhe as palavras.

Aquilo tinha-se passado há pouco mais de três meses.

– Esquece esse homem. Ele foi endrominado por uma miúda mais nova. É um parvalhão e nem se apercebe! – diziam-lhe as amigas. Também elas eram solteiras quarentonas e eram todas amáveis umas com as outras.

– Tens razão – acedeu Riko, exibindo um sorriso.

Era adulta, não ficaria magoada por tão pouco. Aliás, já se separara de vários homens até agora e não se importava de o revelar. Não era uma menina desabituada da vida amorosa e não se deixava magoar ou deprimir por causa de um relacionamento.

Contudo, as amigas também sabiam que ela já não era jovem e que não era certo quando poderia viver um novo amor. Comparando com quando era jovem, era mais criteriosa com os homens e tinha o seu orgulho. Abominava homens vãos. Além do mais, os homens da sua faixa etária com quem poderia fazer um bom par estavam quase todos comprometidos. Envolver-se numa relação adúltera naquela idade seria inescusável. Normalmente, as mulheres sofriam mais com a infidelidade. Essa divisão era evidente. Mas usar isso como argumento para procurar um homem mais novo também seria frívolo. Aliás, nem tinha confiança suficiente em si mesma para não se sentir inferior a um parceiro que ainda gozasse da sua juventude.

A pensar assim, era complicadíssimo apaixonar-se por homens. Era por isso que continuava apegada àquele amor acabado.

Seria em vão dizer fosse o que fosse.

Tudo é em vão.

O coração do homem não voltaria para ela. O seu relacionamento era irrecuperável.

Ela sabia disso. Pelo menos, do ponto de vista racional.

Porém, os seus sentimentos não acompanhavam. Doía-lhe o peito. Custava-lhe respirar. Só agora percebia que gostava dele a esse ponto.

Queria vê-lo de novo, nem que fosse só mais uma vez.

Toda ela era tristeza por ver a sua relação acabar assim.

Desde então que nunca mais tiveram contacto. Para ele, tinha mesmo sido o fim. E ele nem sequer foi à festa, onde julgava que o iria encontrar. Logo ele, que Riko tinha a certeza de que iria. Foi por isso que ela se forçou a participar na cerimónia. Será que ele estava a evitá-la a todo o custo?

Foi por isso que Riko acabou por ir ali. Nem sequer tinha marcado encontrar-se com ele, e os seus regressos a casa não tinham hora certa, pelo que não era garantido que o veria.

De certeza que voltara cedo para casa, onde a sua jovem mulher o aguardava.

Que assim fosse. Garantidamente, seria melhor não o ver.

Se o visse, era certo que lhe diria algo por despeito, o que só geraria mais memórias desagradáveis.

Se calhar, até seria melhor ter memórias amargas. Tentou fingir que era adulta e acabar tudo de forma limpa. Por isso, ainda tinha alguns arrependimentos. Se se tivessem amaldiçoado um ao outro com todo o alarido, quiçá tivesse tido a energia necessária para o odiar e para se afastar. Se as coisas continuassem como estavam, o tempo ficaria parado no dia em que acabaram; o seu coração, congelado.

Como a noite já ia avançada, era fácil de perceber quando um

comboio dava entrada na estação. Só nesse momento as saídas expeliam um certo número de pessoas. Os comboios em sentido contrário eram escassos. Naquele sentido, ainda havia mais de dez pessoas a saírem de cada comboio. Estava ali sentada há uma hora. A temperatura desceu consideravelmente. Embora fosse verão, o vento de noite era algo gélido. Além disso, em breve ficaria sem comboios para regressar a casa. Iria só esperar por mais um e, nesse momento, daria o dia por terminado.

Estava a tomar essa decisão quando chegou outro. Saíram algumas pessoas. Eram poucas, como esperado. Será que ele seria o último dentre elas?

Bem me parecia, ele não está aqui. Àquelas horas, mesmo que passasse o comboio que ele costumava apanhar, decerto regressaria de táxi. Tinha o hábito de dizer que era por isso que vivia no centro.

Ele pode dar-se a esses luxos porque ganha bem, pensou secretamente. *Já chega. Vou-me embora.*

Tal como suspeitava, não estava destinada a ficar com aquele homem.

Em seguida, levantou-se do banco, sacudiu a poeira da saia e dirigiu-se à entrada do metro. Estava a descer as escadas quando o homem subiu. Riko engoliu em seco. Era ele. Trazia vestido um fato de *tweed* que lhe era familiar.

Ele caminhava de cabeça baixa, mas, apercebendo-se da presença de alguém, levantou-a.

Ficou cara a cara com Riko.

– Ah!

Exibiu uma expressão retraída, como se tivesse acabado de ver algo aterrador. A seguir, passou a correr por Riko, subindo os degraus restantes com toda a pujança e fugindo o mais rapidamente possível.

Corria com enorme velocidade, a ponto de nem parecer um homem de 45 anos. Era a personificação da própria rapidez.

Riko observou o homem a correr na direção oposta como se fosse algo raro. Quando ele passou por ela a correr, colidiu com a parede

junto às escadas, mas conseguiu manter o equilíbrio agarrando-se com força ao corrimão. O homem virou a esquina, desaparecendo. Riko recompôs-se, finalmente, parada nas escadas. Afastou-se do corrimão e lançou um longo suspiro. O cotovelo direito doía-lhe imenso, por causa do choque contra a parede quando ele começou a correr. Só esperava que não deixasse marca.

Então, sentiu algo frio a tocar-lhe nas bochechas.

Ah, são lágrimas. Tantas lágrimas...

Quando se apercebeu, Riko começou a chorar bem alto.

– Ah, desculpa.

No seu primeiro dia depois das férias, Aki abriu a porta no trabalho, quase chocando contra Takahiko Mita. Mita acabava de sair da área reservada aos funcionários. Quando Aki se cruzou com ele e lhe viu o semblante, sentiu um aperto no peito.

– O quê? Já vieste trabalhar hoje? – perguntou Mita, no seu tom habitualmente calmo.

– Sim, digamos que sim.

– Estás bronzeadada. O tempo no Havai estava bom? Aqui esteve a chover o tempo todo.

– Sim. Quando cheguei a Narita, apercebi-me logo da humidade. Até pensei em voltar para o Havai.

Embora falasse num tom descomprometido, no fundo, Aki sentia-se angustiada. Os olhares à sua volta quase magoavam. Para dizer a verdade, era-lhe mais doloroso ver Mita do que Riko. Não se importava com a opinião de uma mulher que detestava. Mas custava-lhe ser evitada por Mita.

– A partir de hoje, vou andar bem-disposta.

Aki julgava estar pronta, mas, mesmo assim, sentiu-se aliviada. Talvez fosse um bom presságio. Caminhou a passos vagarosos em direção ao escritório no quinto andar.

– Peço desculpa pelos incómodos causados durante a minha longa ausência – disse, oferecendo chocolates ao chefe de loja.

Era uma grande caixa com variados chocolates *Godiva*. Tinha trazido duas: uma para o escritório e outra para a sala onde os funcionários que trabalhavam em *part-time* se reuniam.

– Não precisavas de te preocupar connosco, foste em lua de mel. Mas obrigado na mesma! Vou experimentar – respondeu o gerente de loja, pegando num chocolate. – Como foi o Havai? Já vi que estás bem bronzeadada.

– Sim. Foi ótimo. Fiquei bronzeadada depois de vários dias a nadar

na praia. E eu até pus imenso protetor solar! – declarou Aki, puxando a manga um pouco para cima.

– Que bela cor. Aqui foi só chuva. Ou seja, tivemos pouca clientela. Ah, por falar nisso, ontem ligou o Shibata, da Editorial Hitotsuboshi. Pediu desculpas por não ter ido copo-d'água.

– Não fez mal nenhum. Já vi que o senhor Shibata tem muita consideração pelos outros.

Shunsuke Shibata era um dos representantes de vendas da editora com quem Aki se dava melhor. Quando soube que Aki se ia casar com alguém da sua empresa, ficou felicíssimo. Contudo, não pôde participar no copo-d'água por causa de uma viagem de negócios.

– Quando lhe disse que ias regressar ao trabalho hoje, ele disse que voltava a ligar.

– Ai, sim? Então, daqui a bocado, ligo-lhe eu.

– Bem, tenho de ir à sede para uma reunião. Passa isto aqui pelo pessoal – pediu o gerente da livraria a um outro funcionário, dando-lhe os chocolates trazidos por Aki.

– Há quanto tempo...

Depois de cumprimentar o gerente, Aki dirigiu-se às traseiras do quinto piso, onde ficava o seu posto de trabalho.

– Ah. Kitamura! Não, agora é Obata! Bem-vinda! – saudou Ono, que trabalhava em *part-time*. – Estava à espera que viesse, Obata. Temos livros de banda desenhada a mais, já não temos mais espaço.

– O quê? Como assim?

A área de serviço do terceiro piso da Livraria Pégaso era enorme. Era ali que dividiam as revistas e lhes juntavam as ofertas, entre outras tarefas. Era também ali que se colocava a mercadoria a ser distribuída pelos restantes andares. Já a área do quinto piso não era propriamente espaçosa. Devia ter, no máximo, seis metros quadrados. Só servia para pequenas operações e para armazenamento temporário. Tinha as estantes repletas de livros ainda por abrir.

– O que é isto?

– São livros por encomenda que chegaram enquanto a Obata não estava cá. Como não havia alternativa, pus lá fora os mais recentes e que vendem bem.

– A sério? Mas o que é que se terá passado com a Makihara? Eu tinha-lhe pedido que arrumasse isto...

Manako Makihara era uma das responsáveis pela secção de banda desenhada. Ainda era estudante e trabalhava na livraria em *part-time*. Estudava na faculdade de Direito de uma famosa universidade, trabalhando por turnos rotativos quatro vezes por semana.

– A Makihara tirou folga. Foi para fora participar num seminário da universidade.

– Não pode ser! Quando é que isso foi? Ninguém me contou nada.

– Foi na quinta-feira da semana passada. No dia a seguir à Aki ir de férias.

– E até quando é que ela vai estar de folga?

– Não sei os detalhes. Mas o senhor Hatakeda deve saber.

– Alguém me chamou?

Nesse preciso instante, Yoshio Hatakeda espreitou das traseiras. Hatakeda tinha 30 e pouco anos, mas era solteiro. Tinha cabelo comprido a cobrir-lhe as orelhas e as franjas longas quase lhe tocavam nas faces. Aki achava aquele penteado estranho, como se Hatakeda tivesse passado semanas sem ir ao cabeleireiro, mas, de qualquer modo, parecesse ser muito rigoroso em relação ao seu estilo. Talvez copiasse os penteados dos realizadores de animação que tanto respeitava. Adorava computadores e parecia mais apto a estar ali a consultar dados num computador do que a mexer nas estantes. Passava mais tempo na secretária do escritório, ao computador, do que na secção de vendas. Embora Hatakeda fosse superior direto de Aki, não se manifestava sobre o que se passava no local de trabalho, talvez por falta de ambição. Era, portanto, um chefe com quem era fácil trabalhar.

– Até quando é que a Makihara vai estar de folga?

– Hum, creio que até à próxima semana.

Hatakeda era invulgarmente respeitoso com toda a gente.

– Quer dizer que os livros de banda desenhada que chegaram na semana passada continuam intactos?

– Entretanto, pedi à Ono e à Hagiwara para exibirem os principais lançamentos. Mas há muitos lançamentos relevantes aqui entre eles...

– E a Yamane?

Shōko Yamane era trabalhadora em *part-time* na secção de banda desenhada.

– A Yamane está desde a semana passada a ajudar numa feira do livro. Foi solicitada por alguém do terceiro piso. Além disso, ouvi dizer que a Obata tinha dito que não era preciso fazerem nada com os livros de banda desenhada, porque o faria quando voltasse ao ativo.

Ah, estou a ver: já começou! Aproveitaram a minha ausência para paralisarem a secção de banda desenhada, para me obrigarem a fazer tudo sozinha!

Makihara e Yamane eram tecnicamente subordinadas de Aki, mas davam-se mais com Riko. Ademais, Yamane gostava tanto de Mita, que ganhara o título cómico de presidente do seu clube de fãs. Era um dos membros mais poderosos da facção anti-Aki.

– Nem acredito. No início, tinha expectativas tão altas para a Yamane... E pensava que a Makihara fosse mais responsável. Nem me avisou que ia tirar folga – cuspiu Aki, desesperada.

– E eu também não sei de nada! Estou só a contar o que ouvi – corrigiu Hatakeda, atrapalhado. Era claro que não queria arranjar sarilhos.

– Peço desculpa. Não o estava a culpar, Hatakeda. Simplesmente, acabei de voltar e tenho muito que fazer desde que cheguei. Estou um bocado perdida.

Vendo a expressão encolhida de Hatakeda, Aki optou por adotar um tom mais brincalhão e um sorriso.

– A Yamane e a Makihara são mesmo malvadas – comentou Mami, embrulhando os livros de banda desenhada empilhados em cima do

carrinho.

Os embrulhos eram de plástico e tinham de ser feitos para cada volume. Essa estratégia era aplicada a todos os livros de banda desenhada, tanto novos como mais antigos, para evitar que os clientes ficassem na loja a lê-los sem os comprarem. Mami não era responsável pela secção de banda desenhada, mas trabalhava no mesmo piso. Quando tinha tempo livre, ajudava-a com pequenas tarefas, como o empacotamento dos livros. Aki pegou nos livros embrulhados por Mami e pô-los nas estantes. Como naquele dia havia cinco carrinhos cheios, a sua ajuda era muito bem-vinda.

– Nada a fazer, eu já suspeitava que isto ia acabar assim.

Estava a mudar o recheio das prateleiras dedicado ao estilo *Boys' Love* de modo a cativar as leitoras mais jovens. Tal como discutira com Makihara, tinham recebido várias encomendas de livros deste tipo. Tinha chegado tantos, que já estava farta deles. Makihara tinha a seu cargo a secção de *Boys' Love*. Naturalmente, Aki esperava que fosse ela a organizá-la. Nunca imaginou que sobraria para si, muito menos logo após o seu regresso ao trabalho. Nem fazia ideia de como iria organizar os livros ou que livros iria devolver às editoras.

Boys' Love era abreviado como BL. Tal como o nome indicava, eram histórias de amor entre rapazes. O público-alvo era maioritariamente composto por jovens leitoras. A maioria dos livros eram romances com personagens ou ilustrações de banda desenhada na capa. Tal como noutras lojas, nesta livraria, os romances de BL eram considerados subcategorias de *light novels* e, por isso, ficavam junto desta secção. Embora a capa dos livros fosse adorável, no miolo continham descrições extremamente explícitas de atos sexuais. A faixa etária das fãs do estilo era surpreendentemente variada e até entre o *staff* da livraria havia fãs de BL. Makihara e Mami eram duas delas.

– Deixa cá ver... este livro está aqui há imenso tempo. Se calhar já é altura de o devolver.

Aki pegou em alguns livros e pô-los na parte vazia do carrinho.

– O quê? Vais devolver esses? Não pode ser! – exclamou Mami,

que observava Aki a trabalhar. Uma cliente que estava a ver livros na estante atrás virou-se para elas, surpreendida.

– A Nene Katsura é a autora que mais vende, atualmente. É autora de uma obra chamada *Não me deixes sozinho*, publicada em episódios na revista *Love Machine*. Tem sido um sucesso na Internet. Tem uma personagem dominante que se destaca. Acho que vai rebentar este ano. Por isso, não podes devolver livros da Nene Katsura! – protestou Mami, com veemência.

– Já percebi, Mami. A máquina está parada.

– Oh, não!

Baralhada, Mami premiu o botão de «parar» e empurrou uma alavanca da máquina. Então, três ou quatro volumes de banda desenhada acabaram dentro do mesmo invólucro. A máquina cuspiu-os.

– Desculpa, cometi outra vez o mesmo erro.

Embrulhar os livros não era uma tarefa propriamente difícil. Pondo os livros dentro da máquina a uma velocidade constante, raramente ficava bloqueada. Todavia, havia quem tivesse mais jeito para a operação do que outros. E Mami fracassava quase sempre. Quando os livros acabavam dentro do mesmo embrulho de plástico, não era assim tão grave. O problema era quando a capa ficava presa na máquina, inutilizando o livro, o que acontecia de vez em quando. Não podiam expor ao público um livro danificado, pelo que acabava por ser devolvido à editora, mesmo que estivesse novo no momento da entrega à livraria.

– É melhor estares atenta à máquina.

– Desculpa.

Sendo fã de BL, Mami também participava em *fanzines* do género. Antes de começar o *part-time* na livraria, disse durante a entrevista de emprego que queria trabalhar na secção de banda desenhada e *light novels* para «dinamizar a secção de BL». Em seguida, começou a discursar animadamente sobre as suas teorias sobre BL, explicando que «*Boys' Love* é literatura terapêutica». Segundo Mami, as raparigas

que andaram em escolas exclusivamente femininas estavam escudadas, pelo que não se apercebiam da discriminação de género e das desigualdades entre os dois sexos. Mas, quando vão para a universidade e começam a lidar com a sociedade real, enfrentam problemas que até então lhes eram desconhecidos. Mesmo no amor era impossível haver igualdade absoluta entre homens e mulheres, o que deixava muitas destas raparigas chocadas. Cansadas dessa rotina, acabavam por ler livros de BL, que representam relações amorosas em pé de igualdade entre dois homens. Foi isso que disse na sua entrevista de emprego.

O gerente de loja achou piada a Mami. Já a subgerente, Riko Nishioka, odiava-a. Por isso, embora houvesse falta de pessoal na secção de banda desenhada, Mami foi mandada para a secção de livros técnicos e manuais.

«Quem tem ideias fixas não deve ser responsável pela secção de que mais gosta», explicou Riko.

Mas Mami era persistente. Quando podia, ia à secção de banda desenhada para desanuviar. Nessas ocasiões, não tinha medo de expressar as suas opiniões, tal como nesse dia. Embora fosse a responsável pela secção de banda desenhada, Aki não tinha o mínimo interesse por BL. Tentava ignorar as opiniões de Mami, mas sentia que ela incomodava Makihara, que partilhava o mesmo passatempo, com as suas opiniões desnecessárias. Aki não compreendia muito bem o que se passava, mas constava que as duas tinham gostos literários diferentes. Supostamente, Makihara tinha repreendido Mami sem o conhecimento de Aki, dizendo-lhe: «Tu aqui não mandas em nada, por isso não te metas onde não és chamada!». Embora tecnicamente tivesse razão, Aki pensava que Mami não dissera nada por maldade.

– Olha lá, Mami, destas prateleiras, quais é que posso devolver? – perguntou Aki.

Como Makihara não estava presente, só podia depender dos conhecimentos de Mami.

– Espera aí.

Mami interrompeu o processo de embalamento e aproximou-se de Aki.

– Deixa cá ver... Acho que já não precisamos desta coleção, *O servo ultrapassado*. Há uns tempos, foi popular, mas, para dizer a verdade, já passou à história. Olha só para o desenho na capa, que vergonha.

Mesmo quando lhe foi mostrada a capa, Aki não percebeu o que poderia causar embaraço. Aki julgava que as personagens do género teriam os rostos mais alongados. Porém, muitos deles eram extremamente arredondados. Tentara investigar a fundo o tema, mas, não se interessando por BL, era complicado perceber as diferenças ínfimas que ditavam as tendências do momento.

– E que mais?

– Ora bem, acho que já podemos mandar para trás as obras da Miki Amano e de *Umi Hiroi*.

Aki removeu um por um os livros que lhe foram indicados. Como não tinha reservas em relação ao estilo, não hesitou, sequer. Seguindo as instruções de Mami, retirou os livros até se formar uma pilha de livros de BL. Em pouco tempo, estavam todos arrumados.

– Muito obrigada, salvaste-me.

– Ora essa, eu adoro este trabalho. Podes chamar-me as vezes que quiseses. Agora tenho de voltar para o meu posto.

Nesse momento, o telemóvel de trabalho começou a tocar no bolso de Aki.

– Estou...

– Estou, Obata? Tens uma chamada externa. É do senhor Shibata, da Editorial Hitotsuboshi.

Era a voz de Hatakeda. Pelos vistos, acabara de atender uma chamada externa no escritório.

– Muito obrigada.

Com isso, a chamada foi transferida.

– Estou, senhor Shibata?

– É a Kitamura? Pois é, agora tenho de a tratar por Obata, não é?

– Qualquer apelido dá.

Shunsuke Shibata era diretor-adjunto do Departamento de Vendas da Editorial Hitotsuboshi. Em circunstâncias normais, não teria nada que falar com uma mera funcionária de livraria como Aki. No entanto, desde que entrara na empresa que se afeiçoara estranhamente a ela, tendo-a convidado várias vezes para ir beber um copo ou para jantar.

– Peço desculpa por não ter podido ir à festa de casamento. Arranjaram-me uma viagem de negócios estúpida. Lamento, Obata.

– Não faz mal, acontece. O trabalho é mais importante.

– Para compensar, enviei-vos uma prenda, para vos congratular. Gostava de a ter entregado diretamente, Obata.

– O quê? Mas enviou para onde?

– Como não sabia a vossa morada de casa, enviei para a livraria. Que estranho, ainda não chegou?

– Hoje estou a trabalhar, mas ainda não fui ver o correio. Acredito que já tenha chegado. Muito obrigada. É muito gentil da sua parte.

Aki arranjou uma desculpa para ludibriar rapidamente o senhor Shibata, mas tinha um mau pressentimento. Tinha confirmado se havia correio para si, mas não tinha recebido qualquer encomenda do género. Terminada a conversa de circunstância com o senhor Shibata, dirigiu-se ao escritório no quinto piso.

Verificou a caixa do correio no escritório, mas, tal como suspeitava, não havia ali nada.

– Desculpem, deve ter chegado uma entrega em meu nome. Alguém sabe onde possa estar? – perguntou Aki aos vários presentes, mas ninguém sabia de nada.

– Se calhar está na sala de descanso – disse alguém.

Aki foi até à sala de descanso.

O espaço era usado maioritariamente pelas funcionárias que trabalhavam em *part-time* durante as suas pausas. Como ainda faltavam alguns minutos até à pausa, não estava ali ninguém. Examinou a área reservada aos pertences dos funcionários e os tampoos por debaixo das mesas. Por fim, olhou para o caixote do lixo. Deteve-se. Viu uma caixa que conhecia bem: era a caixa dourada com

chocolates *Godiva*. Aki levava-os nessa manhã para oferecer aos colegas. Os chocolates tinham caído para o fundo do caixote. O conteúdo da caixa parecia intocado. Na embalagem, ainda estava colada uma nota com a indicação «Uma lembrança da Kitamura».

Aki sentiu-se tão mal, que quase lhe deu vontade de vomitar. Pelos vistos, queriam atormentá-la àquele ponto do desperdício. Se a odiavam assim tanto, podiam simplesmente não comer os chocolates.

Estava a pôr a caixa de chocolates novamente no lixo e a sair da sala de descanso quando se cruzou com Hiromi Kumazawa. Hiromi era responsável pela secção de economia do quarto piso. Tinha 30 e poucos anos e trabalhava ali em *part-time*. Como era casada, raramente ia beber com os colegas, exceto nas festas de boas-vindas e de despedida. Praticamente não cochichava com as outras raparigas, o que lhe permitia ter uma boa relação com Aki e com Riko.

– Há quanto tempo, Kitamura... O que a traz aqui?

Aquela sala de descanso era usada praticamente pelos funcionários em *part-time* e com contrato a termo. Estava implícito que os trabalhadores efetivos não recorriam àquele espaço.

– Nada de especial, vim procurar uma coisa... uma encomenda em meu nome.

– É de quem?

– Do senhor Shibata, da Editorial Hitotsuboshi. Ele diz que enviou uma prenda de casamento em meu nome para aqui, mas não encontrei nada.

– O quê? Não me diga que a estão a assediar outra vez! Isto é inaceitável.

– Também sabe do que se passa, Kumazawa?

– Claro que sei, a Ozaki fala mal de si tão alto, que até quando não quero ouvir a oiço. Parece que aconteceu muita coisa entre vocês...

– Pois. Acho que, com o tempo, as coisas vão acalmar – afirmou Aki, num suspiro.

– Tem razão. Não vale a pena ligar às más-línguas.

– Muito obrigada. Mas onde terá ido parar a prenda de casamento?

Ainda por cima, o senhor Shibata foi tão atencioso...

– Ah! – exclamou Kumazawa, levando a mão à boca.

– O que foi?

– Nada. Devo estar a fazer confusão...

– Não importa. Diga-me o que sabe.

– Mas não diga que fui eu que lhe contei.

– Claro que não, combinado.

– Hoje de manhã, a Nishioka foi até à zona onde estão os contentores do lixo com uma encomenda nas mãos. A Nishioka, com o estatuto que tem, não precisa de se meter em questões de limpeza. Fez-me questionar por que motivo estaria aqui.

Nishioka era subgerente, estava excluída dos deveres de limpeza. Por isso, era estranhíssimo que estivesse perto dos contentores do lixo.

– Mas, se eu me tiver equivocado, posso causar uma grande confusão...

– Sim, eu sei. De qualquer forma, vou confirmar o que se passou.

Aki abandonou apressadamente a sala. Desceu de elevador até ao primeiro piso e foi até às traseiras.

Nas traseiras, ficavam os contentores do lixo de todo o edifício. Assim que saiu para a rua, o calor dos ventiladores exteriores açoitou-a. Olhou lá para dentro. Era uma secção de betão dividida em blocos, marcada com sinalização que indicava «lixo combustível» e «lixo não-combustível». Havia apenas alguns sacos de plástico com lixo. Mais no fundo, havia a zona do lixo de grandes dimensões, onde estava uma embalagem branca esquecida. Aproximando-se, constatou que estava embrulhada em papel de embrulho de uns antigos armazéns. Ainda trazia a etiqueta da transportadora. O remetente era «Shunsuke Shibata» e o destinatário vinha indicado com o nome de Aki. Não havia dúvidas: era a encomenda de Shibata endereçada a si pela qual procurara. Quando pegou na caixa, o papel de embrulho descaiu. Vislumbrou uma caixa vermelha embrulhada em papel *noshi*⁵ com a palavra *Kotobuki* 寿 – «Felicidades». Era uma caixa de cristais

Baccarat. Tentou levantar a caixa de cima. Ali, viu dois copos de cristal simples dentro de uma caixa de cartão. No entanto, pareciam ter sido colocados de forma violenta, pois flutuavam em cima do molde de papel. Aki ergueu um copo.

– Que crueldade.

Um dos copos tinha uma racha na borda. Já o outro, estava sem fundo.

Quer tivesse sido intencional quer tivesse sido por acidente, a verdade é que ambos os copos estavam partidos. Ainda pior: nem sequer lhe tinham sido entregues, estando, ao invés, ali abandonados.

– Quem é que faria algo assim?

Com as mãos a tremer, Aki apanhou os cacos dos copos esquecidos nos cantos da caixa.

– Percebo o que quer dizer, e eu gostaria de colaborar. Mas não é nada de extraordinário. Não justifica incluir o meu nome só porque sim...

– Não diga isso. O patrão disse que também gostaria de ouvir os comentários da senhora Nishioka...

– Põem-me numa posição difícil. Devem saber que, até agora, nunca fiz nada parecido.

Riko discutia com um representante de vendas de uma editora na secção de literatura. O representante dizia que queriam incorporar comentários de Riko na publicidade a um novo livro que sairia dali a dois meses. Talvez antecipando a relutância de Riko, tinha levado o editor responsável pela obra.

Ultimamente, havia mais oportunidades para os livreiros serem entrevistados e apresentarem livros em revistas e jornais. Muitos destes vendedores achavam que a função de livreiro estava cada vez mais apta a surgir na comunicação social. Ocasionalmente, Riko participara em entrevistas com conhecidos seus. Todavia, evitava ao máximo escrever comentários para incluir nas cintas dos livros ou em outras formas de publicidade. Tinha uma relação de interdependência

com as editoras. O surgimento de um *bestseller* era benéfico não só para as editoras, como também para as livrarias. Por isso, colaboravam sempre que possível. Riko participava de bom grado em reuniões de investigação e nem se importava de dar a sua opinião à leitura de provas – isto é, conquanto não interferisse com as suas competências.

Contudo, não queria ver o seu nome utilizado em frases publicitárias. Não era crítica nem uma ávida leitora. Era apenas uma livreira. Não queria que o seu nome fosse associado a um livro ou ser responsabilizada pelo desempenho das suas vendas.

– Oiça, Nishioka: esta edição em formato de bolso só aconteceu por recomendação sua. É quase como se fosse da sua autoria. Por isso, gostaríamos de contar com o seu apoio – interveio o editor, de lado.

– Só me está a complicar a vida com essas palavras...

Não era mentira que Riko estivesse envolvida nessa edição de bolso. Tinha, de facto, recomendado a sua publicação. No entanto, a intenção não tinha sido essa. Tinha-se limitado a falar casualmente sobre isso com o homem com quem namorara.

O homem de quem se separou trabalhava no Departamento de Vendas da editora. Quando estavam juntos, acabava por lhe falar de trabalho. Certa vez, o homem falou-lhe sem cobiça nem lamentos sobre um livro que fizera sucesso recentemente. Originalmente, o livro tinha sido publicado por uma editora para o público infantil. Entretanto, fora reeditado em formato de bolso por uma grande editora. Já tinha sido um sucesso enquanto livro infantil. Todavia, ao contrário da opinião popular de que não venderia bem em formato de bolso dirigido a leitores adultos, a obra foi um êxito comercial. Um caso de sucesso como já não se via há muitos anos.

– O problema é que a Editora D tem os direitos originais.

O homem estava desconsolado porque as vendas dos livros de bolso da sua empresa não cresciam. As vendas de livros em geral estavam em queda, e o formato de bolso não era exceção.

– Mas a Editora D é especializada em literatura infantil. Não deve ser fácil para um editor de literatura para adultos compreender como funcionam as coisas. – Riko não abominava propriamente aquele tipo de conversa.

Por fim, o homem acrescentou:

– Quer dizer, para além da literatura infantil, também tem havido vários escritores de *light novels* a fazerem sucesso. Nem os editores sabem de onde vem tanto escritor. No caso das *light novels*, são livros que nunca mais acabam, é impossível lê-los todos.

– Então, porque é que não pedes a opinião das raparigas mais jovens? As miúdas é que percebem mais sobre os novos estilos de roupa e de música, acredito que seja o mesmo para os livros.

– Estás a falar sobre as miúdas da livraria?

– Sim. Por exemplo, raparigas que leiam *O Clube dos Romances*.

– Qual *Clube dos Romances*?

– Basicamente, é uma espécie de compêndio sobre outros livros, mas o público-alvo são maioritariamente mulheres *otaku*.

– Mulheres *otaku*?

– Miúdas que adoram ler livros de *Boys' Love*, por exemplo. Elas costumam apelidar-se de *fujoshi*, «miúdas podres».

– Ah, estás a falar de BL. Mas eu não estou à procura de um nicho para gente obsessiva como esse; procuro um *bestseller* que seja para todos os leitores.

– Olha, não as subestimes! Estas miúdas têm bom olfato, conseguem cheirar de longe um livro interessante. E os livros que elas apoiam acabam por vender bem. Por exemplo, os livros da Atsuko Asano e da Shion Miura, que tanto têm vendido, foram inicialmente promovidos por fãs desse género.

– A sério? Mas essas escritoras não têm nada que ver com BL, pois não?

– Claro que não. É por isso que digo que essas raparigas não procuram exclusivamente obras de BL. Anseiam por títulos de qualquer género com insinuações semelhantes. Faz sentido? Aliás,

talvez até preferiram encontrar elementos de BL em obras que não foram escritas com o propósito explícito de incorporarem esse estilo. Não se contentam simplesmente com subtilezas homoeróticas, exigem obras de alta qualidade. E elas têm mesmo jeito para as identificar. Só depois é que a sociedade em geral as acompanha no reconhecimento das obras. Acho que os romances amplamente reconhecidos que procuras já foram apresentados no *Clube dos Romances*. O plano não terá sido criado por um editor que o tenha lido?

– Hum... não me parece.

Era um homem conservador, não achava que o estilo BL tivesse qualidade nenhuma. Não lhe ocorrera, sequer, pensar nesse público-alvo. De qualquer forma, era inegável que uma grande percentagem de leitoras habituais tinha preferência por esse estilo. A diferença entre elas e muitos fãs masculinos de *light novels* é que essas leitoras também adoravam ler livros de outros géneros que não BL. Além disso, identificavam os objetos do seu favoritismo na literatura em geral, brincando com isso. Ficavam felizes por lerem livros num contexto completamente diferente do desenhado pelo autor e por descobrirem amores que iam para além da amizade entre homens. Obviamente, como faziam leituras erradas por culpa das suas convicções, necessitavam de um elevado nível de leitura. Ou seja, podia dizer-se que a leitura de obras do estilo BL era uma forma avançada de entretenimento para raparigas que gostavam de letras.

– Por isso, quando exponho os novos lançamentos, peço sempre opinião às miúdas. Por falar nisso, recentemente, as Edições N têm dado que falar com a obra *Até que a tua voz alcance*. Decidi expô-la na livraria e tem sido muito bem recebida. A coleção já tem quatro volumes. Se fosse lançada em formato de bolso, creio que venderia muito bem.

– É sobre quê?

– É a história de um coro de rapazes que querem ser profissionais no Japão. Está muito bem investigado. A forma como descreve em detalhe as circunstâncias reais dos coros marcou-me muito. Além

disso, não há muitos rapazes que sejam sopranos. A fragilidades dos rapazes que querem seguir esse sonho é marcante. E as personagens são ótimas. O protagonista e o seu rival acabam por formar um laço de amizade à medida que competem. Para ser mais precisa, no fim, fazem uma promessa.

Riko não era fã de BL, mas era da geração que crescera a ler banda desenhada para meninas, pelo que compreendia como se sentiam as raparigas cativadas por esse género.

– Ena, tenho de falar com os editores sobre isso. As Edições N devem ceder-nos os direitos de adaptação. Podias repetir o título?

Isso tinha-se passado há cerca de meio ano. Entretanto, Riko esquecera-se dessa conversa. Tinha sido uma mera conversa amigável. Para começar, nem tinha intenção de se intrometer no trabalho dele.

Todavia, ele falou mesmo com os editores sobre isso. Posteriormente, o editor leu o livro, gostou e conseguiu adquirir os direitos de adaptação das Edições N. Agora, o trabalho de edição já estava completo, estando a decorrer a fase de divulgação. Uma editora rival estava a fazer um grande sucesso com um título parecido, pelo que os editores também queriam fazer tudo o que pudessem por aquela obra. Os custos associados à divulgação daquele título eram invulgarmente elevados para um livro de bolso. Ademais, o técnico de vendas contou-lhe que queriam pôr o nome de Riko na cinta do livro e entrevistá-la para uma revista, em que explicariam como ficou decidida a adaptação para o formato de bolso.

– Eu estava convencido de que ia aceitar, senhora Nishioka. Até me comprometi com um artigo na *Vintage*!

A voz do técnico de vendas despertou Riko de volta para si mesma. A *Vintage* era a revista mais emblemática da editora. Era uma revista para rapazes com fotos de modelos e que se orgulhava de imprimir 500 mil exemplares nos dias que correm, em que é tão difícil vender uma revista. Incluir na revista um artigo a apresentar a nova obra poderia ter um efeito de divulgação explosivo.

– Percebo o que quer dizer, mas...

Estava a meio dessas palavras quando foi interrompida.

– Tem um minuto, Nishioka?

Era Aki, imiscuindo-se subitamente conversa adentro. Trazia uma caixa vermelha nas mãos.

– O que vem a ser isto? – interrogou, empurrando a caixa contra Riko.

– Que estás aqui a fazer?

– Quero lá saber se é aqui ou acolá!

O semblante de Aki estava vermelhíssimo, por causa da ira ou da emoção.

– Para! Se quiseres falar comigo, falamos depois.

Não queria que os representantes da editora assistissem a uma briga entre livreiras. A atitude impudente de Aki deixou Riko furiosa.

– Não me diga que vai fugir!

Aki não parava de insistir. Estava possessa, e não havia sinais de que a sua acometida fosse parar.

– Peço desculpa, falamos mais tarde – disse Riko, escusando-se dos técnicos de vendas. Não queria que a vissem em plena disputa.

– Estamos a contar consigo, senhora Nishioka.

– Por favor, colabore connosco.

O representante de vendas e o editor dirigiram uma vénia vincada a Riko.

– Já estou a par do que me é pedido, discutimos o assunto novamente noutra dia.

– Muito obrigado. Sendo assim, falamos de novo amanhã, mais em detalhe.

O técnico de vendas parecia contente. A pouco e pouco, lograra a colaboração de Riko na divulgação da obra. No entanto, Riko tinha de fazer algo em relação a Aki, à sua frente, por isso, levou-a até às traseiras.

– Foi a Nishioka, não foi?

Aki abriu a caixa vermelha e mostrou um copo rachado a Riko.

– Não sei de nada. O que é isso?

– Se não foi a Nishioka, foi alguma das suas subordinadas. Para além de deitarem fora os chocolates que trouxe de lembrança, ainda fizeram isto à minha prenda de casamento! São do piorio!

– Não grites, ainda te ouvem na livraria. – Num tom calmo, Riko prosseguiu: – O que é que se passou com esses copos? São teus?

Ao ouvir as palavras de Riko, o ímpeto de Aki amainou. Estava com uma expressão confusa.

– Porque é que isso estava no local de trabalho? E onde estava?

– Foi o senhor Shibata, da Editorial Hitotsuboshi, que enviou em nome da empresa. Fê-lo porque não pôde vir à festa. Mas eu nunca recebi nada e fui dar com isto nos contentores do lixo.

A voz de Aki também começava a serenar.

– Ai, sim? Mas porque é que dizes que fui eu a partir os copos? Porque é que tenho de ser eu a culpada?

– Porque... alguém a viu! Alguém a viu junto dos contentores do lixo com uma caixa na mão, Nishioka.

– A mim? A sério? De facto, eu fui até à zona de entregas de mercadoria de manhã, antes de a livraria abrir, para falar com os seguranças do primeiro piso, mas não cheguei a entrar na zona dos caixotes do lixo.

– Então, está a dizer que não sabe nada sobre os copos?

– Evidentemente.

Aki fitou Riko em silêncio. Riko enfrentou o seu olhar.

– Pareço-te o tipo de pessoa que fizesse uma coisa tão infantil? Se fosse eu a fazer isso, tê-lo-ia feito com mais engenho. Nem sequer deixaria vestígios. Teria escondido a caixa num lugar onde nunca a fosses encontrar. Assim, não me conseguirias apanhar.

– Como assim, «um lugar onde nunca a fosses encontrar»?

– Por exemplo, no meu cacifo. Se a pusesse lá, nunca a encontrarias nem saberias se tinha desaparecido de propósito ou se tinha havido algum acidente.

Ouvindo as palavras de Riko, Aki ficou momentaneamente em

silêncio. Mas logo persistiu:

– Se calhar, a culpada deixou para trás os copos de propósito para me magoar.

– É possível. Mas eu não compreendo a forma de pensar da culpada. O que acabei de dizer não passa de um cenário hipotético, não sei o que se passou de verdade – declarou Riko, encolhendo os ombros.

A expressão de Aki era difícil de ler; não era claro se estaria convencida ou não.

– Além disso, sou tua chefe. Tenho muitas outras maneiras de te atormentar se o quisesse fazer. Porque correria esse risco? E já agora, quem é que disse que eu ali estive?

Aki ficou-se a olhar para Riko e respondeu:

– Peço desculpa. Tirei conclusões precipitadas.

– É melhor não duvidar dos outros sem provas.

– Tem razão.

– O pior de tudo é mostrares essa atitude na loja. Os clientes estão a ver. E o que é que pensas que os representantes da editora vão achar a assistirem a estas cenas? Aquela gente gosta de mexericos, já devias saber disso.

O rosto de Aki revelava o seu embaraço. Parecia ter finalmente percebido o que acabara de fazer. Provavelmente, os rumores espalhar-se-iam a enorme velocidade.

– É uma pena que a tua prenda de casamento se tenha estragado. E até percebo que estejas chocada. Mas és funcionária da livraria. Não podes mostrar as tuas emoções no local de trabalho. Exibir o que sentes publicamente é um fracasso da tua parte.

– Peço desculpa.

Abatida, Aki voltou para o seu piso.

Depois de Aki se ir embora, Riko lançou um longo suspiro.

Não teria parecido fingida?

Será que ela teria ficado mesmo convencida?

Nunca pensou que alguém a tivesse visto no primeiro andar.

De qualquer modo, com este novo desenvolvimento, só lhe restava fazer-se de parva.

Porque é que fizera aquilo?, questionou-se. *Provavelmente, perdeu a compostura quando viu o nome do remetente.*

Aquele homem, Shunsuke Shibata, empurrou-me. Era como se tivesse visto alguém que odiava. Quando o ser humano se surpreende, os seus sentimentos manifestam-se imediatamente em ações. Percebi logo o que ele achava de mim. Já não me queria ver mais – e deixou-o bem claro.

Mas, no dia seguinte, encontrei uma encomenda com o nome do Shibata dirigida à Aki Obata. Não me queria ver, mas estava feliz pela Aki. Embora trabalhássemos na mesma livraria, não se queria encontrar comigo, mas estava a ser atencioso com a Aki!

Por isso, não foi capaz de deixar a encomenda por abrir. Levou a encomenda secretamente e abriu-a nas traseiras do edifício, onde não havia mais ninguém. Ainda se perguntou o que estava a fazer, mas não se conseguiu conter: tinha de confirmar o que é que aquele homem oferecera a Aki. O formato e o tamanho da encomenda apanharam-na de surpresa.

Era uma caixa de cristais *Baccarat* vermelha muito característica.

Abriu a caixa.

Riko tinha razão. Só queria estar enganada, mas era mesmo aquilo que suspeitava.

Um par de copos de vinho de cristal.

Eram iguais aos copos que Shibata lhe oferecera no aniversário no primeiro ano de namoro.

Havia tantos tipos de copos *Baccarat*... Porque escolhera exatamente o mesmo modelo?

Então, ouviu um grande estrondo. O vento poderoso fechara a porta de rompante. Ficou tão atrapalhada, que as suas mãos escorregaram. A caixa caiu e, com ela, os copos saíram disparados. Tocando no duro chão de betão, os copos finos racharam.

Sentiu um arrepio na espinha. O que é que tinha acabado de fazer?

Ainda estava desordenada quando pressentiu alguém a sair do elevador. Meio perdida, pôs os copos junto aos contentores do lixo e foi-se embora. Planeava ir lá buscá-los mais tarde.

Riko suspirou.

Ela e Aki estavam em óbvia rota de colisão.

Riko dirigiu-se à área reservada ao lado do escritório e abriu o seu cacifo. Ali, encontrou uns copos *Baccarat* que tinha comprado certo dia, na hora de almoço, nuns armazéns perto da empresa. Se não tivesse sido interpelada pelos vendedores da Editorial Hitotsuboshi, poderia tê-los posto na embalagem antes de Aki começar o seu turno tardio.

Todavia, já não tinha como lhe dar os copos.

– Até parece que fui amaldiçoada.

Riko lançou um longo suspiro, enquanto pensava em como isto agravaria ainda mais a sua má relação com Aki.

⁵ *Noshi* (熨斗) é um tipo de dobra de origami cerimonial auspicioso que expressa votos de felicidade e de prosperidade. [N. do T.]

– São mesmo horríveis! – queixou-se Aki ao marido.

Pela primeira vez em muito tempo, o marido voltou para casa cedo. Ultimamente, Nobumitsu andava preocupado com os preparativos para o lançamento de uma nova revista, pelo que era raro voltar para casa antes da meia-noite. Há muitos dias que não jantava em casa num dia de semana.

– A parva da Nishioka estragou-me o dia! – queixou-se Aki, enquanto cozinhava.

Nobumitsu estava do outro lado da cozinha, sentado diante de uma mesa alta a beber cerveja. Em cima da mesa, havia salpicão e pickles, bem como um queijo *Camembert* que comprara no caminho de regresso a casa.

– A Nishioka é a subgerente da tua livraria? Aquela a quem devolveste a prenda de casamento?

– Sim, é. Deve ser a vingança dela pelo que aconteceu antes.

Como não sabia que Nobumitsu iria voltar para casa mais cedo, não tinha preparado uma refeição mais substancial. De qualquer forma, ele já começara a beber a sua cerveja. Provavelmente, ficaria satisfeito com uma refeição mais leve. Havia no frigorífico um molho de manjerição. *Se calhar, ainda cozo uma massa*, ponderou Aki.

– Mas a Nishioka não disse que não foi ela?

– Disse. Mas ela nunca o admitiria. Estava estranhamente calma, nem parecia furiosa. Isso ainda me pareceu mais suspeito. Tenho a certeza de que foi ela que estragou a prenda.

Enquanto se queixava, Aki ia movendo as mãos. As suas mãos estavam à mesma altura que a mesa-balcão de Nobumitsu. Muitas cozinhas ditas abertas têm uma parede baixa que não permite ver o lava-louça. Contudo, nesta cozinha, o lava-louça estava ligado à mesa-balcão. A ideia por detrás deste *design* era colocar a cozinha no centro da sala de estar, ao invés de a esconder. O balcão era de mármore, valorizando a sua aparência, e as torneiras também eram elegantes.

Aki aceitou viver naquele apartamento também por causa da cozinha, que julgara adequada para festas.

– Não importa quem o tenha feito. É desprezível. Partir as coisas dos outros é *bullying* no trabalho!

Bullying no trabalho...

Agora que o repetia, fazia todo o sentido. Até então, tinha visto o que se passava como brincadeiras de mau gosto ou pequenas arrelias. Mas, tendo em conta o número de incidentes de assédio, «*bullying*» era mesmo o termo mais acertado para o descrever.

– Se continuares a ser vítima de *bullying* como até agora, não é melhor mudares de emprego?

– Mudar de emprego?

Aki estava perplexa. Nunca considerara sequer essa hipótese.

– Não posso mudar assim. Além disso, entrei na livraria graças aos contactos do meu pai, preciso de uma razão válida para me demitir.

– Podias dizer que te demitiste porque te casaste. O casamento seria visto como um motivo legítimo para a demissão.

– Poupa-me! Demitir-me por me ter casado não tem jeito nenhum. Mesmo que me demitisse por esse motivo, poria em risco a reputação do meu pai, já para não falar que não teria como arranjar emprego noutra livraria.

– Mas há tantos empregos por aí! Tens mesmo de trabalhar numa livraria? Ainda és jovem, Aki. Podes procurar outra carreira – disse Nobumitsu, num tom encorajador.

– Não, não quero. Tem de ser numa livraria – ripostou Aki. Nunca pensara num trabalho que não fosse numa livraria.

– Mas porque é que estás de ideias fixas na livraria? Pagam-te mal e é o tipo de trabalho em que não dá para continuar depois de ter filhos.

– Eu gosto de ser livreira. Não quero ter outra profissão.

– O quê? Estás a falar a sério?

Nobumitsu parecia algo incrédulo. Não imaginava que Aki fosse tão apegada ao emprego – ainda por cima, a um posto de funcionária

de livreria.

Até Aki estava um pouco espantada com as suas palavras. Quando é que começara a gostar tanto do seu emprego?

Quando ainda era estudante, queria ter um trabalho em atendimento ao público ou em vendas. Gostava de conhecer pessoas e queria um emprego em que os frutos do seu labor fossem imediatamente visíveis. Não tinha perfil para estar o dia todo sentada em frente a uma secretária. Dentre os vários trabalhos de vendas, escolheu ser funcionária de livreria pelo simples facto de gostar de livros. Graças aos contactos do pai, arranhou rapidamente emprego. Não havia uma razão mais profunda que explicasse a sua escolha.

No entanto, depois de assumir funções, descobriu que tinha realmente jeito para trabalhar na livreria. É raro encontrar um setor que venda tantos produtos novos e variados como o livreiro. Todos os dias, chegam novos livros às livrerias, e a lista de mais vendidos altera-se. Era um trabalho perfeito para alguém como Aki, que se aborrecia com facilidade. Além disso, as reações dos clientes mudavam diariamente. Intervindo no ponto de vendas, via logo o reflexo das suas ações. E isso fazia-a sentir o propósito do seu trabalho.

– Já que comecei a trabalhar aqui, quero alcançar alguma coisa. Gostava que a nossa livreria fosse o ponto de partida para um novo caso de sucesso.

Graças à Internet, até as livrerias mais remotas conseguem mostrar o que valem e ser reconhecidas pelo seu esforço. Muitas livrerias são apresentadas em jornais e revistas e na televisão.

Aki queria trabalhar de modo a obter esse mesmo reconhecimento. Se se demitisse sem atingir esse objetivo, estaria a desperdiçar a oportunidade que obteve quando se tornou livreira.

– Nunca pensei que estivesses tão afeiçoada ao trabalho de livreira. Não te vou dizer para te demitires agora, mas, se tiveres filhos, vais-te demitir, não vais?

Nobumitsu parecia algo apreensivo.

– Não sei...

Se já seria difícil em *part-time*, conciliar o trabalho de livreira e os cuidados dos filhos trabalhando a tempo inteiro seria ainda mais complicado. Dentre as funcionárias efetivas da Livraria Pégaso, não havia nenhuma mãe e nunca ninguém tirara licença de maternidade. Ainda para mais, Aki ainda não pensara seriamente no que faria se viesse a ter filhos.

– Nobumitsu, preferias que eu me demitisse e que fosse dona de casa a vida toda?

– A vida toda não digo, mas acho melhor as crianças ficarem com a mãe quando ainda são pequeninas.

– Mas tu tinhas dito que eu podia continuar a trabalhar depois de me casar.

Aki julgava que Nobumitsu compreendia a sua profissão, e isso contribuiu para que aceitasse casar-se com ele. Começou a sentir-se vagamente desiludida.

– Sim, até teres filhos. Eu ando tão ocupado, que acabas por ficar sempre sozinha em casa. Deve ser uma seca para ti, Aki. Quando entrarmos na fase fulcral do lançamento da revista, vai ser ainda mais exigente.

Em silêncio, Aki retirou um copo do armário e serviu uma cerveja. Por qualquer motivo, algo infausto começava a ganhar forma no seu peito. De facto, ser livreira e mãe era difícil de conciliar. Contudo, não se imaginava a ser dona de casa. Estar o dia todo em casa à espera de que o marido voltasse não colava com a sua personalidade.

Aki bebeu a sua cerveja de um trago e, em seguida, virou-se para Nobumitsu.

– Vou trabalhar mesmo que venha a ter filhos. Quero continuar a ser livreira.

Estes eram os seus verdadeiros sentimentos. Talvez até se demitisse desta livraria quando fosse mãe. Todavia, não queria deixar de trabalhar em livrarias.

– Impossível. Quando tens o último turno, chegas a casa perto das

dez da noite. E eu ainda regresso mais tarde. Como é que contratarias uma *baby-sitter* com esse teu ordenado? Ia-te ficar com o salário todo. Não precisas de trabalhar tanto só porque sim.

Estava implícito nas suas palavras que ele ganhava dinheiro que bastasse para os dois. O seu salário era, de facto, alto. Da primeira vez que viu o seu recibo de vencimento, Aki ficou espantadíssima. Era mais do dobro do seu salário. Quando fosse diretor, ganharia ainda mais. Isso deixou Aki boquiaberta. Sabia que as grandes editoras japonesas pagavam bons salários, mas nunca pensou que fossem tão altos. Se tanto as editoras como as livrarias lidavam com livros, porque é que a disparidade salarial era tão acentuada? Por um lado, estava feliz pelo ordenado do marido. Por outro, estava tudo menos satisfeita com a sua própria remuneração.

Mais insatisfeita ficou com a atitude de Nobumitsu, que queria vincar a sua superioridade apontando as diferenças de vencimento entre os dois.

– Porque é que não trabalhas em *part-time* numa livraria quando os miúdos forem mais crescidos e já não precisarem de tanta atenção? As livrarias têm sempre falta de recursos humanos e nunca param de contratar gente qualificada. Assim, poderias trabalhar nos horários que quisesse e terias menos responsabilidades. Não achas melhor?

– Talvez tenhas razão. Mas acho esquisito que digas com tanta naturalidade que uma mulher tem de ficar em casa quando for mãe. Não sabia que tinhas ideias tão conservadoras.

– Podes dizer que são «conservadoras», mas, na verdade...

– E mais uma coisa: não começaste a interessar-te por mim quando me viste a trabalhar? Tinhas dito isso. Para mim, o meu emprego é inquestionável. Não estou só a matar tempo até ter filhos – asseverou Aki, enfática.

Com as contas trocadas, Nobumitsu acrescentou:

– Já percebi como te sentes, Aki. Mas vamos parar de discutir sobre filhos que ainda não temos...

– Mas...

– Esquece. Eu só disse que te podias demitir se te sentias mal no local de trabalho. Só o disse a pensar em ti. Não quero que continues num sítio onde te assediam, Aki. Não te quero ver triste.

Nobumitsu estava claramente a tentar terminar a conversa o mais rapidamente possível. Aki não teve alternativa a não ser calar-se.

– Tudo bem. A culpa foi minha.

No entanto, Aki não ficou mais animada. Pressentia que acabara de descobrir a verdadeira opinião de Nobumitsu em relação ao seu emprego.

– Sinceramente, foi por isto que eu disse que não devíamos falar do trabalho em casa – rabujou Nobumitsu, estendendo a mão até ao copo de cerveja. Devia ser o terceiro ou quarto copo. – Ah, pois é. Hoje, recebi uma mensagem do Agachi.

Nobumitsu mudou o tema de conversa numa tentativa de aliviar o ambiente tenso.

– Do Agachi? O que é que disse?

Aki ligou o bico do fogão onde estava a panela e serviu a sua segunda cerveja. Costumava beber enquanto cozinhava, mas nunca sentia as mãos a perderem controlo. Tinha uma alta tolerância ao álcool.

– Pediu desculpa por ter cancelado a presença na festa de casamento em cima da hora. Disse que queria mesmo ter vindo e que foi uma pena.

– É compreensível. É artista de banda desenhada. Para ele, os prazos são tudo.

Nao Agachi era um dos autores que Nobumitsu acompanhara. Desde que se mudara para outra revista que deixara de ser seu editor. Mas sempre foi um escritor especial para ele. Na revista anterior, Nobumitsu foi responsável por um dos seus maiores êxitos, a comédia de ação *Fly High!*. Quando se estreou numa outra revista de BD, Agachi estava apreensivo por as suas obras não venderem melhor. Foi aí que Nobumitsu o abordou, o que levou à criação de uma coleção. Talvez pela compatibilidade com Nobumitsu, em pouco tempo a sua

obra ganhou imensa popularidade. Passou a ser capa de revista e até teve uma adaptação televisiva: foi uma autêntica explosão. A promoção de Nobumitsu na editora também foi fortemente influenciada pelo sucesso de Agachi. Além disso, no ano anterior, tinha havido uma sessão de autógrafos na Livraria Pégaso para comemorar a adaptação televisiva da obra. Nobumitsu acompanhou Agachi à livraria na qualidade de editor. Foi aí que conheceu Aki, a livreira. O autor Agachi era, por isso, responsável por os caminhos dos dois se terem cruzado.

Quando ficou decidido que se iam casar, Agachi gabou-se aos colegas do setor que era o cupido. Obviamente, planeava ir à festa de casamento. Contudo, no dia, ligou em lágrimas a Nobumitsu duas horas antes de a cerimónia começar. Não arranjava maneira de terminar o seu manuscrito. E, se não o entregasse até à manhã do dia seguinte, seria rejeitado. Por isso, foi obrigado a faltar. A revista que o poderia largar e pôr em sarilhos era onde Nobumitsu trabalhara anteriormente. Era impossível obrigá-lo a estar presente.

– O Agachi diz que o trabalho já está mais calmo e que quer vir a nossa casa para nos trazer um presente. Consegues arranjar tempo para isso, Aki?

– Consigo no sábado. E tu, consegues? – perguntou Aki, tirando a salada para fora. Era uma salada com alface, cebola e pepino. O molho seria feito por ela. Era capaz de fazer um molho vinagrete num instantinho.

– Se for este mês, acho que sim. Ainda por cima, o Agachi quer comemorar connosco.

– Já que ele cá vem, podemos convidar mais alguém? Quantos mais, melhor.

– Sim, boa ideia. Posso convidar o Takezaki e o Seina Miwa, que diz que te quer ver. O Agachi está sempre a dizer que és uma esposa linda.

– Uma esposa linda? Eu? – indagou Aki, de supetão. «Esposa linda» soava tão antiquado.

– Os meus colegas não têm sorte com as miúdas. Estão todos cheios de inveja de mim por me ter casado.

– Nesse caso, tenho de me arranjar. E de cozinhar qualquer coisa. Tens de lhes mostrar a tua esposa linda e que sabe cozinhar – afirmou Aki, brincalhona.

Embora as verdadeiras opiniões de Nobumitsu a tivessem deixado derreada, não ganhava nada em continuar a discutir com ele. Que pensasse em filhos lá mais para a frente.

– O que seria melhor para comermos? Comida italiana? O Agachi gosta de massa?

Aki já só conseguia pensar na festa que iam ter lá em casa.

– Não te preocupes com isso, eles comem de tudo. O importante é preparares o suficiente para todos. Vão ficar todos contentes por comerem a comida caseira de uma rapariga como tu.

– Não pode ser, tenho de lhes fazer alguma coisa mesmo deliciosa, para esses solteirões fatelas ficarem ainda com mais inveja – continuou Aki, a sorrir.

Detestava ter um ambiente tenso com Nobumitsu. Tinham acabado de se casar. Mesmo que lhe custasse, tinha de se animar. Quanto a filhos, bastava-lhes irem discutindo o tema dali para a frente, com calma. Para já, não lhes dizia respeito. Assim, Aki forçou-se a esconder os seus sentimentos no ponto mais fundo do seu coração.

– Cheguei – anunciou Riko, fechando a porta da entrada.

De Kichijōji, onde ficava a empresa, Riko apanhava o comboio da Linha Chuō. Em poucos minutos, chegava à estação de Musashi-Koganei. Andando uns 20 minutos desde a saída sul da estação, que tinha ficado mais bonita nos últimos anos graças aos trabalhos de renovação, atravessava o rio No até chegar a uma rua residencial construída em finais dos anos 70. Na esquina, ficava a casa de Riko. Na zona havia várias casas semelhantes com os seus 100 metros quadrados de área. Muitos dos habitantes tinham-se mudado para lá por volta dos 30 ou 40 anos, no auge das suas carreiras. Alguns deles

criaram ali os filhos, que, entretanto, já se haviam tornado independentes e voado ninho afora. Atualmente, a idade média dos residentes rondava os 60 e poucos anos. Sendo uma zona envelhecida, Riko não a achava propriamente dinâmica.

No *hall* de entrada, estavam os sapatos do pai, todos tortos. Riko alinhou-os. O pai devia ter ido a algum lado nesse dia. A luz do *hall* de entrada continuava ligada.

A lâmpada fluorescente estava prestes a fundir-se, com a luz a tremelicar. Alguns insetos voavam por debaixo da lâmpada.

Ah, esqueceu-se outra vez de comprar uma lâmpada sobresselente. Tenho de ir comprar uma amanhã, pensou Riko. Antigamente, o pai dava logo por isso e ia comprar lâmpadas novas sem que tivesse de lhe dizer nada.

Virou à esquerda no *hall* e foi até à cozinha. Riko espreitou o interior da panela de alumínio em cima do fogão. Ainda lá estavam as batatas cozidas e as asas de frango que cozinhou de manhã. No verão, a comida estragava-se com facilidade. Por isso, quando havia sobras, pedia ao pai que as pusesse no frigorífico. Riko aproximou a panela da cara e cheirou-a. Ainda parecia estar bom. O pai não gostava muito de frango. Praticamente não lhe tocara. Como as asas de frango eram baratas, eram uma boa ajuda ao orçamento familiar. Não podia fazer só aquilo de que o pai gostava. Hoje já estava demasiado cansada; aquele seria o seu jantar. Ainda por cima, o pai já devia estar a dormir.

Subiu as escadas e examinou rapidamente o quarto à sua direita. O quarto, de estilo japonês, era de Tatsuto, o seu pai. Desde os tempos de criança que o quarto à esquerda era de Riko. Abriu a porta deslizante.

O pai estava deitado com a cara sobre a mesa. Parecia estar a dormir, com a boca meio aberta. A televisão no canto do quarto continuava ligada. O locutor da NHK anunciava qualquer coisa.

– Pai! Pai! – Riko agitou o corpo do pai. – Não podes dormir aqui, ainda te constipas!

– Hã? Oh...

Ultimamente, o pai ganhara o hábito de fazer sestas. Há três anos, tinha-se demitido do emprego que tinha arranjado depois da reforma, começando finalmente a sua vida de aposentado. No entanto, não tinha passatempos e não era propriamente sociável. Por isso, nem sabia o que fazer com o tempo. Às vezes, arranjava um cantinho do jardim, mas achava aquilo demasiado trabalhoso. No fim de contas, passava muitos dias a ver televisão. Tinha acabado de fazer 68 anos, mas já começava a parecer um idoso. O cinzeiro em cima da mesa era uma montanha de beatas. Talvez o número de cigarros que fumava tivesse aumentado por se sentir desocupado.

– Olha para isto, tantos cigarros! E tens de ter cuidado, dormires com as beatas aqui pode ser perigoso! – admoestou Riko, limpando o cinzeiro.

– Bem-vinda. Que horas são?

– Onze da noite. Vou-te preparar a cama. E que tal se fores dormir?

– Ah, boa ideia. Vou fazer isso.

Riko apagou a televisão e abriu o *futon* no canto da mesa baixa. Como estavam em pleno verão, usava um *futon* mais fino, com uma coberta com a espessura de uma toalha. Todavia, também este *futon* estava em mau estado. Já devia ser usado há uns 20 anos. Originalmente, era azul. Contudo, as sucessivas lavagens tornaram-no branco. O pelo na superfície estava mais solto. Queria comprar uma coberta nova, mas o pai recusava-se a abdicar da atual por teimosia. Sempre tinha sido casmurro, mas, à medida que foi envelhecendo, tornou-se ainda mais pertinaz. A mais pequena mudança desagradava-lhe. Insistia que a coberta ainda podia ser utilizada. Uns tempos antes, Riko levou-a secretamente para o armário das traseiras, com o fim de a deitar fora. No entanto, por qualquer motivo, o pai reparou nela. Sem dar por isso, a coberta tinha voltado ao armário original.

– Bem, vai lavar os dentes e mudar de roupa.

Se tivesse um filho, decerto teria de o advertir do mesmo modo. Nos últimos tempos, o pai começara a revoltar-se contra a lavagem

dos dentes. Dizia que era um desperdício de tempo, pois metade dos seus dentes eram falsos. Isso agravava o seu mau hálito. A isso, juntava-se o forte fedor dos cigarros.

– Mas para quê? Dá muito trabalho.

– Não digas isso. Tens de te mexer um bocadinho.

Devia achar maçador descer as escadas para ir à casa de banho. Riko chegou a considerar fazer uma casa de banho no andar de cima, mas o pai opunha-se.

Há cerca de meio ano, tinha lido num jornal da cidade que o governo subsidiava obras que visassem maior acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida. Riko chegou a ir ao balcão da autoridade local para solicitar esse financiamento. O processo envolvia vários procedimentos complexos. Aconselhou-se com carpinteiros, obteve um orçamento simples e a autorização do governo local. Só aí o pai se manifestou contra o projeto. Até então, contara-lhe todas as suas ideias e até parecia ter logrado a sua aprovação. Mas, no momento fulcral, rebelou-se.

– Fui eu que construí esta casa. Quero que fique como está enquanto eu for vivo.

Riko fez de tudo para o persuadir. Ameaçou-o, chorou, até, mas não foi bem-sucedida. Argumentou que nem sequer se tratava de uma renovação estrutural, era apenas uma pequena modificação às paredes e ao chão. Mas o pai não lhe fez caso.

– Quando eu morrer, esta casa será tua. Poderás fazer com ela o que quiseres. Mas, para já, não aceito.

O pai não desarmava. Por fim, Riko desistiu do seu plano. Detestava a casmurrice do pai. «Sabes quando tempo e meios investi nisto?» Riko abdicara do seu tempo livre, correndo de um lado para o outro julgando que seria pelo bem do pai.

Riko voltou para a cozinha e aqueceu a panela. Espreitou lá para dentro: a comida estava com um ótimo aspeto. Lembrou-se, entretanto, de que não tinha sopa *miso*. A bufar, examinou o conteúdo

do frigorífico. Felizmente, havia duas bolas de arroz assadas no congelador. Para já, chegavam. Não lhe apetecia cozinhar só para si própria. Além disso, já passara muito tempo desde o almoço, o pico da fome já estava ultrapassado. Pelo contrário, já não sentia nada.

Em cima da mesa, havia duas cartas. Uma era um extrato do cartão de crédito, a outra era um panfleto com descontos de uma loja de fatos baratos. Enquanto olhava para as cartas, Riko pôs a comida congelada no micro-ondas e ligou-o. Abriu a porta do frigorífico para tirar um chá de trigo. Ali, encontrou restos de *chikuwa*⁶. Todavia, já passara mais de um mês desde que o prazo de validade expirara. Tinha de o deitar fora. O frigorífico estava uma confusão, tinha de o organizar. Precisava também de uma valente limpeza. Havia qualquer coisa no fundo.

Riko sentou-se diante da mesa de refeições. Estava cansada. Sentia as solas dos pés inchadas e com comichão, como se padecesse de frieiras. Já deveria estar habituada a trabalhar todo o dia de pé, mas, mesmo assim, o cansaço pesava-lhe.

Como não era feliz, detestava ver outras pessoas felizes. Era por isso que detestava Aki Obata. Até ela o sabia.

Era-lhe doloroso vê-la a exhibir a sua felicidade assim, sem consideração pelos outros.

Mas porque é que ela não se demite? Não devia ter problemas financeiros. Até se dizia que, antes do casamento, tinham comprado um apartamento de luxo por uns 50 ou 60 milhões de ienes. Mesmo que trabalhasse 20 anos, eu nunca arranjaría uma maquia dessas. Nem posso sair desta casa, porque pagar uma renda seria demasiado difícil para mim.

O micro-ondas apitou, anunciando que as bolas de arroz estavam descongeladas. Riko tirou-as e colocou-as em cima da mesa.

Aki estava a sair-se muito bem com Shibata.

– Não tem mal nenhum ser mais velho. Para mim, os homens de 40 anos são os mais atraentes.

Embora fosse óbvio que estava só a ser cortês, Shibata pareceu

feliz quando ouviu aquelas palavras. Era fácil para uma mulher jovem dar a volta um homem mais velho. Pensando bem, a mulher que casou com Shibata tinha 27 anos, tal como Aki. Que meios teria utilizado para atrair um homem como ele?

No fim de contas, o mundo não é justo. As mulheres com mais truques na manga ganham.

Mesmo assim, continuava a pensar naqueles copos de vinho.

Só de se lembrar deles, sentia o sangue a subir-lhe à cabeça. Fê-la sentir-se ainda mais arrependida do que quando ele fugiu à saída do metro e a empurrou. Tinha um grande, grande remorso.

Porquê aqueles copos?

Havia tantos tipos de *Baccarat* disponíveis...

Riko levantou-se de súbito e caminhou até ao armário dos utensílios de cozinha, de onde tirou um par de copos de vinho. Eram do mesmo modelo dos que tinha partido no dia anterior. Agarrou-os com força, mantendo-se de pé.

Se calhar, também os devia partir. Do que lhe valia ficar com lembranças de um homem de quem se separara?

Pôs-se ao lado do lava-louça, pronta para os esmagar. Mas, quando os ergueu, deteve-se. *Não posso.* Não podia ser ela a parti-los. Não tinha força de vontade para o fazer.

Pôs os copos em cima da mesa. Em seguida, esticou-se e retirou do cimo da prateleira, onde havia diversas caixas, uma caixa de um vívido tom de vermelho. Era aquela em que os copos estavam quando os recebeu originalmente. A caixa era tão bonita, que acabou por a guardar. Ali, arrumou os copos de vinho. Estimara-os bem, pelo que pareciam como novos. Riko suspirou, fechando a caixa.

Era como se estivesse a fechar o seu amor acabado. Pegou na caixa e foi até à saída das traseiras da cozinha. Ao seu lado, havia um caixote para pôr o lixo não-combustível. Pôs a caixa lá dentro o mais rapidamente possível. Fechou a tampa. Sentia as lágrimas a formarem-se-lhe nos olhos.

Regressou à cozinha. O cozido na panela estava a ferver.

Apagou o fogão. Voltou até junto dos pratos, mas parou a meio.

Não, não dava jeito acumular ainda mais louça suja. De qualquer forma, ninguém estava a ver, pensou Riko, frustrada.

Normalmente, fazia o seu melhor para não ser desleixada quando comia sozinha. Até punha na mesa os utensílios para pousar os pauzinhos e as bases para copos. Naquele dia, porém, era diferente. Era estúpido que só ela seguisse as regras de boa educação. Toda a gente faz o que bem lhe apetece.

Pegou na panela do fogão e pô-la numa base em cima da mesa. Sentou-se à sua frente. Pôs os pauzinhos diretamente na panela e começou a devorar as batatas de forma sôfrega.

⁶ *Chikuwa* (竹輪) é um tipo de bolo de peixe tradicional japonês. [N. do T.]

– Porque é que não pode ser? – protestou Aki, abanando os documentos diante de Riko. – Percebo que não seja possível, mas tem de me dizer o motivo!

– Quantas vezes tenho de te dizer? Esse plano não se adequa à nossa livraria. A nossa clientela não sabe nada disso. Somos um negócio com história, muitos dos nossos clientes são idosos e têm altos rendimentos. São, maioritariamente, gente mais conservadora.

– Não é por isso mesmo que devíamos tentar alargar-nos a um público diferente? Creio que é preciso um plano como este para atrair a clientela mais jovem.

Aki tinha escrito um requerimento para organizar uma sessão de autógrafos. A convidada seria a autora de banda desenhada Nene Katsura, que ultimamente estava a dar cartas no campo BL. No entanto, ao mencionar que era uma autora de BL, Riko, a subgerente, manifestou a sua renitência.

– Mesmo que tenhas razão, não precisamos de convidar uma autora com um seguimento de nicho. Ela provavelmente estará mais bem servida numa loja especializada em BD do que na nossa livraria. Se é para trazermos um autor de banda desenhada, que seja alguém mais popular.

– Mas esta autora está em ascensão. Esta seria a sua primeira sessão de autógrafos, tenho a certeza de que teríamos casa cheia.

Embora a Livraria Pégaso fosse a maior da zona, no que dizia respeito às vendas de BD, a livraria de especialidade do bairro apresentava melhores resultados. Por isso, quando havia naquela área uma sessão de autógrafos com autores de banda desenhada, escolhiam sempre a outra livraria. Aki achava uma pena. Se se considerasse a área de ambas as livrarias, era impossível que o fosso entre as duas fosse tão acentuado.

– Como são as vendas desta autora, Hatakeda? – interrogou Nishioka.

Hatakeda pesquisou diligentemente no computador e respondeu:

– Bem, creio que os números se situam entre os 120 mil e os 150 mil exemplares por cada volume. Ultimamente, o número de exemplares da primeira edição tem vindo a crescer, pelo que penso que as vendas estão a ganhar força.

– São números delicados para um autor de BD. Mesmo sendo BL, não são números muito altos. Será que os clientes viriam mesmo?

– Bem observado. Com vendas a este nível, acho que seria complicado reunir muita clientela.

Riko e Hatakeda expressaram o seu parecer negativo. Analisando os dados e casos anteriores, também Aki sabia que os números de vendas não eram nada famosos. Todavia, tinha uma razão para querer organizar aquele evento.

– De facto, estaríamos apenas a especular. Mas é por isso mesmo que valeria a pena tentar. O objetivo é chamarmos a atenção para esta autora antes que as outras livrarias o façam.

Aki tinha mais um motivo para não ceder: depois de trocar os livros expostos na secção de BL, as vendas começaram a aumentar. Algumas fãs de BL até comentaram que a livraria tinha uma boa seleção do género. Por isso, queria dar continuidade a essa tendência. Até tinha começado a aprender mais sobre BL para esse efeito. Além disso, queria complementar ainda mais as estantes de BL. Organizando uma sessão de autógrafos com Nene Katsura, a estrela em ascensão, poderia afirmar ainda mais o seu negócio perante os fãs do estilo como uma livraria «forte em BL».

– Compreendo a tua ambição, mas ainda é demasiado cedo para esta autora ter uma sessão de autógrafos. Se não vier ninguém, não só é mau para a nossa loja, como causará embaraço à autora.

Não havia nada mais trágico do que uma sessão de autógrafos sem fãs. Para além dos custos materiais e humanos que a livraria incorria na sua preparação, a autora sofreria o maior impacto. Obviamente, quando percebessem pelo número de ingressos reservados que haveria poucos clientes presentes, poderiam preparar membros falsos da

plateia entre os funcionários da livraria e da editora. Era muito comum as funcionárias da livraria fazerem-se passar por fãs em sessões de autógrafos.

No entanto, havia casos em que nem isso chegava. Riko já assistira a uma autora abatida diante de uma mesa de autógrafos vazia. Tinha ocorrido há mais de dez anos e era uma escritora de que Riko gostava. Ela mesma divisara o plano do evento, o que a magoou ainda mais. Desde então que decidiu que não iria organizar sessões de autógrafos de ânimo leve.

– Mas tenho a certeza de que os clientes virão. Aliás, eu mesma os vou reunir! – garantiu Aki.

Essa sessão de autógrafos era muito mais do que isso. Para Aki, era uma oportunidade para cimentar a sua posição futura na livraria.

– Mesmo que se faça a tal sessão de autógrafos, os livros apresentados serão volumes de BD baratos. Será que podemos ter lucro tendo em conta o tempo e recursos despendidos?

Para as livrarias, as sessões de autógrafos eram um meio de aumentar as vendas. Por isso, regra geral, as sessões giravam em torno de livros de formato maior e mais caros. O melhor era apresentar algo que conduzisse à venda de outros produtos relacionados. No caso da banda desenhada, o preço por volume era barato, pelo que praticamente não dava lucro nenhum. Mesmo que aparecessem no evento os fãs mais dedicados, à partida, já teriam todos os volumes antigos nas suas coleções. Riko sabia por experiência que, nesses casos, dificilmente as vendas de produtos relacionados aumentariam.

– A editora diz que está disposta a colaborar em todos os aspetos e que até trata da distribuição dos bilhetes de participação. Não vai causar problemas nenhuns à nossa livraria.

Para as editoras, as vantagens de organizar uma sessão de autógrafos eram distintas. Uma sessão não conduzia a ganhos significativos nas vendas de uma livraria. Em termos absolutos, eram números menosprezáveis e a relação custo-benefício era mínima. Por outro lado, o evento permitia às editoras aprofundarem as suas

relações com as livrarias. Era, portanto, um meio de criar relações que perdurassem continuamente para lá desse evento. Para o Departamento Editorial, constituía um serviço prestado ao autor. Quando os autores conheciam os fãs nas sessões de autógrafos, isso permitia-lhes perceber quão populares eram. Ou seja, era um plano para estimular a motivação dos autores.

De qualquer modo, essa era apenas a perspectiva da editora. «Não temos de alinhar só porque sim», concluiu Riko.

– Para organizarmos a sessão de autógrafos, teríamos de a divulgar e aumentar o número de funcionários presentes no dia do evento. Também teríamos de oferecer uma pequena lembrança à autora. Se não tivermos previsão de lucro, nem vale a pena fazer o evento. Vamos partir do pressuposto de que o preço de um volume de banda desenhada é 560 ienes e que o lucro da loja é de 20%, ou seja, 112 ienes. Mesmo que vendêssemos 100 exemplares, estaríamos apenas a lucrar 12 mil ienes. Seria um desempenho péssimo, não achas?

Aki mordeu o lábio. Quando confrontada com os números concretos, tornava-se-lhe mais difícil combater pela sua ideia.

– Dizes que o evento terá importância no futuro. Mas, se nos puser em défice, não vale a pena. Não temos margem para isso e não estamos aqui para brincar. – Riko atacou com ainda mais pujança a já cabisbaixa Aki. – Esta autora tem uma presença forte no seu nicho de fãs dedicados. Acredito que até venham muitos clientes de longe. Mas quantos se tornarão clientes habituais? Quando acabar a sessão de autógrafos desta autora, nunca mais cá põem os pés. A maioria dos presentes deve ser desse tipo. Vamos estar a fazer preparativos e a gastar os nossos meios por gente assim? Eu quero é pensar nos clientes que nos são fiéis há muito tempo.

Quanto mais sensatas eram as palavras de Riko, mais repulsa se formava no coração de Aki. Não importava o que dissesse, parecia que Riko estava simplesmente a arranjar desculpas para não fazer a sessão de autógrafos.

– Por essa lógica, nunca poderíamos fazer nada de novo. Se não

tivermos prejuízo, podemos fazer o evento? As raparigas da livraria até ficariam mais motivadas.

– Mais motivadas?

– Sim. Raramente têm oportunidade de conhecer autores. Ficariam todas alegres. Algumas das nossas colaboradoras são fãs da Nene e dizem que mal podem esperar para lhe pedirem um autógrafo.

Ao ouvir a resposta de Aki, Riko ficou possessa. Trabalhar com mentalidade de fã não era algo digno de louvor. O trabalho de um livreiro profissional era pôr as preferências dos clientes à frente das suas – e ser livreira profissional era o maior orgulho de Riko.

– Peço desculpa, mas estão a misturar o trabalho com a vossa vida privada. Nós não organizamos eventos para alimentar os vossos *hobbies*. Nunca faríamos um evento por um motivo desses.

Desta vez, foi Aki que se enfureceu. Não dissera que iria organizar o evento por ser o seu *hobby*. Ela nem era fã de BL.

– Motivar os trabalhadores em *part-time* também não é responsabilidade nossa, enquanto efetivas?

– É, mas a abordagem está errada. É melhor deixares-te dessa ideia: não quero envolver uma autora na vossa demanda para saciar os vossos passatempos.

– Não é essa a minha intenção.

– Questiono-me se não será.

Riko fitou Aki, que manteve o olhar fixo, sem lhe ceder terreno.

– Já chega, não se aborreçam – interveio o gerente de loja, que já não aguentava mais assistir àquela cena. – De facto, a Nishioka tem razão. Com estes números, seria difícil fazer uma sessão de autógrafos. Um fracasso causaria muitas inconveniências à editora.

– Mas...

– Não digo que seja impossível no futuro. Quando esta autora vender mais um pouco, podes voltar a pensar nisso. Até acho que tens bom olho.

– Mas, se fosse agora, os fãs viriam cá. Seríamos bem-vistos pelos fãs de BL.

– Basta! Se falhasses, assumirias a responsabilidade?

Aki engoliu em seco.

Foi uma escolha de palavras desonesta. Quando a «responsabilidade» vinha à baila, uma funcionária sem estatuto como ela não tinha como responder.

Por outro lado, Riko também estava irritada. Aki era uma funcionária de posição baixa na empresa. Não poderia acarretar a responsabilidade pelas vendas da livraria. E ela só queria saber da secção da livraria à qual pertencia. Não percebia a ordem de prioridade das ações a serem tomadas pela livraria enquanto um todo.

– Não penses que fazes o que queres sem te responsabilizares – cuspiu Riko, abandonando a frente de loja.

– Eu volto a pensar melhor nisso quando a autora for mais popular – declarou o gerente, consolando Aki.

Aki estava sem palavras, tal era a sua frustração. Limitou-se a olhar para a porta por onde Riko desapareceu, fulminando-a com o olhar.

– O quê? Disseram que não outra vez?! – exclamou Mami, do balcão da caixa, desiludida.

Aki deu-lhe uma cotovelada de lado. Conversas privadas na zona da caixa levavam facilmente a reclamações dos clientes. Quando o cliente em frente à caixa olhou para elas, Aki sorriu-lhe em silêncio. Era um rapaz com uma revista de banda desenhada com uma beldade seminua na capa. O rapaz desviou o olhar, envergonhado.

– Muito obrigada.

Depois de o rapaz pagar e sair dali, não ficou mais ninguém em frente à caixa. Neste período depois da abertura de loja, havia momentos mais ociosos como aquele.

– Ela não percebe patavina!

Aki certificou-se de que não estava ninguém à sua volta e suspirou.

Naquela livraria, cada piso tinha a respetiva caixa. Nesse dia, o dever de atender à caixa cabia a Aki, a Mami e à novata Anna

Nakamura. Anna era responsável pela secção de banda desenhada. Trabalhava em *part-time* e tinha sido recomendada por Mami. Eram amigas há muito tempo – isto é, companheiras do mundo BL. Depois da folga para participar no seminário da universidade, Manako Makihara dedicou-se a procurar um emprego a tempo inteiro, pelo que praticamente deixou de ir à livraria. Isso levou à contratação repentina de Anna.

– A Nishioka parece uma histérica. Estará na menopausa? – segredou Anna.

Era cruel de um jeito que só a autoconfiança da juventude permitia. Não devia pensar que um dia também ela chegaria àquela idade.

– Às tantas... – concordou Aki, maldisposta.

Nos últimos tempos, a sua atitude em relação a Riko Nishioka era claramente fria. Era inevitável, pois os incidentes da festa de casamento e dos copos de vinho partidos continuavam por resolver.

– É mesmo malvada. Fez tanto alarido só por causa de um POP!

Mami assentiu. «POP» era a abreviatura de *Point of Purchase Advertising* e descrevia os meios publicitários usados em loja para promover as vendas. Os placares e cartazes de divulgação eram exemplos de POP. No caso das livrarias, os POP consistiam em cartões colocados junto dos livros com mensagens de marketing originais. Esses cartões tinham um efeito fantástico nas vendas dos livros. Os cartões escritos à mão pelos livreiros eram especialmente eficazes. Nos dias que correm, diz-se que os POP escritos à mão pelos livreiros são uma ferramenta indispensável para combater o mau momento do mercado editorial.

– É demais!

Mal começou a trabalhar em *part-time* na livraria, Anna começou a criar POP a promover as obras de banda desenhada de que gostava. Obviamente, como o fazia fora das horas de trabalho, não era remunerada por isso. Aki apreciou a atitude motivada de Anna. Em resposta, expôs logo os seus cartões nas estantes. Todavia, a

subgerente não gostou. «Tem uma letra feia», disse. Nesse mesmo dia, todos os POP expostos foram removidos. Até então, era Makihara quem criava os POP da secção de BD, pois tinha a caligrafia mais bonita e tinha jeito para decorar. Comparando com ela, Anna era, de facto, desajeitada. No entanto, Aki achava que os seus cartões publicitários transpareciam a sua paixão pelas obras e que não eram assim tão maus.

Quiçá Riko fosse superior, mas não compreendia os sentimentos das pessoas.

– Bem-vindo.

Um cliente veio até à caixa com um livro na mão. Aki sorriu-lhe mecanicamente. Depois de o cliente se ir embora, retomou a conversa.

– Para começar, ela nem gosta muito de POP – comentou Mami.

– O quê? Estás a falar a sério?

A expressão de Anna espelhava a sua surpresa. Ultimamente, tinha havido uma explosão de POP em livrarias. Era impensável que algum livreiro não gostasse deles.

– Sim! Vê só a secção de literatura: praticamente não tem POP.

– Pois é... bem visto.

Como Anna entrara na empresa há pouco tempo, ainda não conhecia muito bem os outros pisos.

– Só têm lá uns quantos que a editora obrigou a expor.

– Ela diz que, se possível, não quer pôr POP porque atrapalham e escondem os livros atrás deles. Cá para mim, são só desculpas.

Enquanto falava, Aki tirou da prateleira que estava debaixo do balcão um invólucro de papel que serviria de sobrecapa para um livro. Já estavam dobrados de forma a poderem ser facilmente envolvidos nos livros seguindo os seus vincos. Anna imitou-a, aprendendo enquanto movia as mãos. Mami prosseguiu a conversa enquanto organizava as etiquetas.

– Mas, quando expomos POP, as vendas melhoram. Com tantos lançamentos, os clientes nem sabem o que comprar. Os POP da livraria dão um empurrãozinho a esses clientes que ainda estão

indecisos.

– Segundo a subgerente, os POP a mais mostram falta de elegância – comentou Aki, irónica.

Uma livraria normal não podia perder tempo a pensar no que é que era elegante ou não. Por essa lógica, era melhor não vender obras de BL, que apresentavam inúmeras cenas de homens na cama uns com os outros.

– Ela tem uma mentalidade antiquada. Hoje em dia, os POP são a norma nas livrarias.

– Como é que ela pretende vender os livros recomendados pela livraria? – continuaram Mami e Anna. Aki compreendia perfeitamente o que queriam dizer.

– Além disso, ela ainda diz que nós só queremos fazer uma sessão de autógrafos da Nene Katsura porque somos fãs.

– Quer dizer, não é mentira – admitiram as duas.

Ao contrário de Aki, Mami e Anna eram fãs da autora. Na verdade, queriam organizar a sessão de autógrafos para a conhecerem.

– Mas qual é o problema? – questionou Mami, com seriedade.

– Quem trabalha aqui em *part-time* recebe mal. Devíamos ter direito a, pelo menos, um benefício desses.

Oficialmente, Aki não podia concordar com essa posição. Mas achava que tinham razão. Os funcionários da livraria, fosse em *part-time*, fosse a contrato efetivo, não recebiam salários generosos. Em média, recebiam menos que trabalhadores de vendas de outros setores. Portanto, qual era o problema de tentar motivar os trabalhadores por outras vias que não o dinheiro? Quem sente que o seu trabalho é interessante pode esforçar-se para além do vencimento que aufer, o que também seria vantajoso para a livraria.

– Sendo assim, do que é que ela gosta no trabalho de livreira? – questionou Aki.

– Devia divertir-se mais – concordou Anna. – Ah, que seca, Mami. Quero fazer algo mais motivador!

– Eu percebo, eu percebo...

– Não nos deixam fazer POP nem sessões de autógrafos. O que é que fazemos, então?

– Noutras livrarias, isto seriam coisas normalíssimas...

– Nós queremos fazer algo por iniciativa própria que melhore as vendas da livraria.

– Sim! E a autora também ficaria contente.

– Ainda ganhávamos uns autógrafos.

– E podíamos entrevistá-la.

Mami e Anna conversavam animadamente. Entretanto, a dobragem das capas tinha ficado a meio.

– Ela também odeia isso: que os funcionários da livraria se destaquem mais do que o estritamente necessário. Diz que é a política dela – declarou Aki, num tom amargo. – Só porque ela é assim, não tem de obrigar os outros a serem como ela.

– Nos dias que correm, não basta os livreiros venderem livros.

As ideias das duas estavam corretas. A própria Aki queria afirmar-se agindo proativamente.

– Mas talvez tudo seja impossível enquanto ela cá estiver. É demasiado casmurra – cuspiu Aki, arrumando as sobrecapas dobradas na prateleira.

– Boa tarde.

– Viva, Riko! Bem-vinda. Vieste hoje, na folga? – perguntou o envelhecido proprietário da loja, que se entretinha a ler um livro por detrás da caixa registadora. Desviou o olhar do livro e sorriu gentilmente. Era um negócio pequeno, com os seus meros 65 metros quadrados, e não havia ali outros clientes.

– Sim. Estive em casa desde manhã a limpar. Vim cá para desanuviar um pouco.

No dia anterior, tivera uma discussão espalhafatosa com Aki Obata. A disputa tinha-a deixado psicologicamente extenuada. Sentia-se culpada pelo incidente dos copos de vinho, o que resultava em ainda mais fadiga da sua altercação com Aki. Para se animar, foi dar um passeio. De caminho, passou naquela livraria.

– És mesmo dedicada, Riko. Podias ir a sítios que não tivessem nada que ver com livros nas tuas folgas. Porque é que vieste a esta livraria pequenina?

Riko visitara a Isshindō, uma livraria do bairro. Ficava a uns dez minutos a pé de sua casa e costumava passar ali desde que andava na escola primária. Como era filha única e os pais trabalhavam os dois, desde pequena que passava muito tempo sozinha. Riko começou a gostar de livros de forma natural. Os pais davam-lhe dinheiro para os livros de bom grado. Por isso, costumava entrar muitas vezes naquela livraria.

– Já tinha saudades de o ver, tio. Ah, já tem aqui o novo livro de Yōko Ogawa. Na nossa livraria, esgotou num instante, como esperado. Estou à espera de uma nova leva de *stock*.

O proprietário da livraria chamava-se Shimizu. No entanto, desde pequena que Riko o tratava por «tio», e isso não iria mudar agora.

– Tenho de o deixar aí porque há um cliente que talvez o queira comprar.

– Arranjou-o em Kanda?

– Sim. A nossa livraria só tem obras destes autores mais populares e novos lançamentos por encomenda.

Todos os livros daquela livraria eram encomendados diretamente pelo proprietário às editoras ou a agentes intermediários do meio editorial. Por vezes, ia a uma loja de revenda em Kanda e comprava-os do próprio bolso. Riko sentia que havia uma grande diferença em relação à sua própria loja, onde recebia por dia tantos livros novos dos distribuidores, que só queria que a deixassem sossegada.

– Posso comprá-lo eu? Estava interessada, mas não o pude comprar na minha livraria para dar prioridade aos clientes.

– Claro que sim. Riko, aqui não és subgerente, és uma cliente prioritária. Eu depois compenso o *stock* para os outros clientes.

– Obrigada. Mas primeiro mostre-me que outros livros tem.

– Ora essa. Estás aqui para passear e não estás aqui mais ninguém. Vê à vontade.

Primeiro, viu o expositor de literatura. O espaço era exíguo e continha poucos livros empilhados, mas todos eles novos. Não eram propriamente densos, mas também não eram apenas *bestsellers* convencionais. Eram todos livros com boa reputação entre os leitores mais ávidos. Num dos cantos, havia alguns livros misturados. *Que bela seleção*, considerou Riko.

A prateleira de obras literárias continha livros em formato normal e de bolso. De qualquer forma, não era um espaço propriamente grande. Havia apenas quatro filas de pequenas prateleiras com expositores planos e que davam de costas umas para as outras. Na sua livraria, todos os novos lançamentos das editoras entrariam em *stock*. Aqui, era diferente. Todos os exemplares eram encomendas diretas do proprietário. Riko ia lá desde criança, mas só se apercebeu disso quando começou a trabalhar numa livraria.

– Na sua livraria, também é o tio que encomenda os livros de bolso?

Para além dos livros de formato padrão, Riko julgava que as editoras enviavam sempre livros em formato de bolso, mesmo quando

não os queria. Contudo, nesta livraria, só havia dois ou três tipos de novos títulos de bolso das editoras Shinchō Bunko e Kōdansha.

– Sim. Alguém te ajuda com isso?

– Sim, basta pedir aos representantes de vendas...

– Isso para mim seria impossível! Esses vendedores não vêm a negócios pequeninos como o meu. Para começar, se me enchessem a loja de novos títulos, não teria maneira de despachar tanta mercadoria – declarou o proprietário, rindo de peito cheio.

Tem razão, concluiu Riko. A sua loja era visitada diariamente por representantes de todas as editoras, desde as maiores às mais pequenas. Quando estava atarefada, só lhe apetecia que não viessem. Como é que as circunstâncias das duas livrarias podiam ser tão diferentes quando ambas ficavam em Tóquio?

Quando era pequena, nunca reparara que esta livraria não recebia periodicamente novos títulos. Isso não se devia ao seu desconhecimento do mercado livreiro. Os novos títulos que queria comprar estavam sempre disponíveis para si. Só deu conta disso mais tarde. Os livros nos expositores e nas estantes tinham sido cuidadosamente selecionados. Nesta pequena livraria, não havia os conjuntos de livros de bolso que as editoras tentavam impingir – nem sobrava um único *bestseller* antigo que logo perdeu a popularidade. Obviamente, vendia os livros mais proeminentes de autores em voga, como Keigo Higashino, Miyuki Miyabe, Saeki Yasuhide ou Hiro Arikawa. Tinha ainda livros com boa reputação entre os bibliófilos, mesmo que não fossem conhecidos entre o público em geral. Naturalmente, não havia ali nenhum livro com a capa amarelecida.

Embora fossem poucos, também havia alguns títulos traduzidos. Riko pegou num deles. Era *The End of Youth*, de Rebecca Brown. Há muito tempo que o queria ler, mas, por qualquer motivo, nunca o comprara.

Normalmente, pela sua profissão, privilegiava a leitura de livros que fossem tema de conversa. Esse saber era fundamental. A sua paixão era ler literatura internacional. Mas tirava-lhe muito do seu

tempo, pelo que deixava sempre para depois.

De qualquer modo, agora que ali estava, sentia o tempo a passar mais paulatinamente. Em vez de comprar um *bestseller* de que toda a gente falava, mas que em breve se esfumaria, queria comprar um livro de que gostasse e que pudesse ler a vida toda.

– Levo este, por favor.

Riko levou o livro até à caixa. O proprietário exibiu uma expressão alegre.

– Muito obrigado. Por acaso, pensei que pudesses comprar esse, Riko.

– A sério?

– Claro. Ainda me lembro de teres elogiado muito *The Gifts of the Body*, por isso achei que poderias querer ler este também.

– Tem uma bela memória.

Nem se lembrava de ter falado sobre isso. De facto, esse livro deixara-a muito comovida, mas já o lera há muitos anos.

– Bem, são ossos do ofício. E já fizeste muitas compras na minha livraria, Riko. Não tinha a certeza de que o quisesse comprar, mas, de qualquer modo, decidi encomendá-lo.

– Faz encomendas assim para cada um dos seus clientes?

– Sim, faço. Escolhi todos os livros que aqui estão tendo em conta os meus clientes. Este aqui é para o senhor tal, esse aí ao lado é para aquela senhora, etc.

– O tio é mesmo incrível! Eu nunca seria capaz de pensar tanto nos outros. É claro que, quando os livros chegam, às vezes penso que um certo cliente poderá gostar deles, mas...

– É normal. A vossa livraria é muito maior, Riko. Tem muito mais clientela. Uma livraria como a nossa depende de entregas específicas e praticamente só é visitada por moradores do bairro. Não dá para comparar a dimensão das duas.

De facto, esta livraria ficava longe de tudo, até da estação de comboios. Perto, havia uma antiga rua comercial e um pequeno supermercado. Talvez alguém passasse ali de caminho. Contudo, era

improvável que fosse lá alguém que não fosse um cliente habitual.

– Mas que maravilha, gostava de trabalhar como o tio – expressou Riko, num misto de cortesia e seriedade.

Originalmente, o atendimento ao público deveria ser algo como o que se fazia naquela livraria. Em vez de impor produtos aos clientes, deveria compreender as suas preferências e providenciar-lhes o mais apropriado. Isso era o ideal.

Isso também deixaria os clientes mais felizes, pois sentiriam que estavam a receber um tratamento personalizado.

No entanto, isso era impossível numa livraria como a de Riko, onde nem tinham como sair de detrás da caixa nos momentos de maior azáfama.

– Não digas disparates. És subgerente de uma livraria de uma grande cadeia! Nós aqui praticamente não temos lucro, estamos em défice. Felizmente, abrimos a livraria num sítio que nós mesmos construímos, não pagamos renda e somos um negócio familiar. Mas eu digo o inverso: gostava muito de trabalhar numa livraria com uma grande área como a vossa. Assim, podia ter tanto *bestsellers* como livros dos meus *hobbies* nas estantes.

– A sério? Sobre que *hobbies* poria livros nas estantes, tio?

– Obviamente, sobre comboios.

– Já me lembro, era essa a sua paixão...

A livraria estava descontraidamente decorada com fotografias de comboios e caminhos de ferro. Eram fotografias tiradas pelo proprietário. Ao lado da caixa registadora, havia ainda um modelo de um comboio. Era do *D51* ou algo do género, o seu favorito. Contudo, praticamente não havia livros sobre o tema nas prateleiras. Ainda tinha chegado a ter alguns, mas, como não parecia haver ninguém interessado, o tio deixou de os expor.

– Se a livraria fosse maior, podia satisfazer os meus passatempos maníacos. Mas, com esta área, é impossível.

– Compreendo.

A livraria de Riko tinha mais de 900 metros quadrados. Tendo em

conta a área, Riko orgulhava-se de ter um número considerável de obras de literatura estrangeira – não apenas porque era a sua paixão, mas porque havia clientes que respondiam positivamente a esse género. Afinal, Kichijōji era um meio mais urbano do que os bairros de Koganei. A sua livraria ficava perto da estação e, ali, reuniam-se clientes com interesses variados. Efetivamente, era abençoada.

– Mas já estou habituado a este ritmo mais calmo. Nunca conseguiria trabalhar num lugar caótico como o teu, Riko, onde nem poderia ler durante o trabalho. É verdade que lucro pouco, mas este ritmo chega para um idoso como eu.

O tio falava sempre baixinho e devagar. Para Riko, a sua voz era quase terapêutica. Naquela livraria, o ambiente não era calmo apenas porque havia pouca clientela, mas pela personalidade do dono.

– Quando for mais velha, vou para uma livraria como esta.

– Quem me dera ter uma sucessora como tu, Riko!

– Não tem ninguém para assumir o negócio?

– Não. Os meus filhos não se queriam envolver com uma livraria que não dá dinheiro e foram trabalhar para grandes empresas. Esta livraria vai terminar com a minha geração.

– Que pena. Mas, para já, vai continuar, não vai?

– Sim, enquanto puder. Ainda tenho clientes que dependem de mim.

– Fique aberto o máximo de tempo possível. Ainda quero cá vir comprar mais livros.

Riko sentia-se mais relaxada do que quando entrara. Ficou contente por ter ido. Aquele era o seu oásis secreto.

Ao sair da livraria, virou-se para trás, na direção da caixa. O seu olhar cruzou-se com o do proprietário, que lhe sorriu.

O tio despedia-se dos clientes olhando para eles até que as suas costas lhe desaparecessem da vista. Já era assim desde que Riko andava na escola, e isso não mudara.

Riko devolveu-lhe o sorriso. Então, decidiu que iria regressar ali em breve.

– Que quarto é este? – perguntou o artista Nao Agachi, abrindo uma porta ao lado da sala de estar.

– Por favor, não abras portas sem autorização. Nós usamos esse quarto para arrumações...

Atrapalhado, Nobumitsu tentou fechar a porta. Mas Agachi e os outros autores ignoraram os seus reptos, entrando divisão adentro.

– Não te preocupes, a vossa casa é bem mais jeitosa do que a minha – comentou Agachi.

Seina Miwa secundou, com toda a emoção:

– É mesmo a casa de um editor de BD! É só estantes nas paredes!

Na divisão ao lado, havia prateleiras em todas as paredes, exceto na zona das janelas. Eram dez estantes no total. Metade eram obras de literatura, outra metade, de banda desenhada.

– O que é que andarás a ler? Ah, vi aí um dos meus! – exclamou Miwa, com entusiasmo.

Era o dia da festa na casa dos Obata. Para além de Agachi, tinham vindo sete ou oito artistas de BD e colegas de Nobumitsu que não tinham podido ir à festa de casamento. Como se estava em plena época do *obon*⁷, os artistas de BD não tinham tanta pressão dos editores, o que lhes dava mais liberdade fora do trabalho. Todos os convidados marcaram presença. Inicialmente, os autores estavam algo comedidos, conversando de modo cortês. Meia hora depois, porém, começaram a sentir-se mais à vontade, mexendo nas estantes, pondo os seus álbuns favoritos a tocar e fazendo aquilo que bem entendiam.

– Olha, posso tirar? Esta é para maiores de 20! A tua mulher não te dá na cabeça? – perguntou Agachi, retirando uma obra de banda desenhada para adultos.

Agachi era magro e baixinho. O seu físico era tão quebradiço, que não se esperaria dele o seu perfil portentoso. No entanto, ao contrário do que a sua aparência fraca poderia sugerir, Nobumitsu via-o como um teimoso de ideias fixas.

– Ah, esse aí não é meu. É da minha mulher – disse Nobumitsu. Miwa nem podia acreditar.

– O quê? Da tua mulher? São esses os *hobbies* dela?

Embora Seina Miwa fosse um pseudônimo feminino, era, na verdade, um grande homem, com 1,80 m de altura e mais de 100 quilos. Tinha sobrancelhas espessas e olhos esbugalhados, o que lhe dava um ar duro. Contudo, ao contrário do seu corpo gigante, tinha um perfil delicado, semelhante ao de muitas autoras. Tinha decidido nunca revelar a sua verdadeira identidade, o que motivava muitos rumores de que pudesse ser uma mulher.

Ouvindo a voz de Miwa, Aki foi da sala de estar para a pequena divisão do lado.

– Esse não é o meu *hobby* coisa nenhuma! Só tenho isso por causa do trabalho. Esse livro está no Top 10 da minha livraria, por isso, achei boa ideia lê-lo – explicou, tirando às pressas o livro da mão de Miwa e pondo-o de volta na prateleira.

– É isso mesmo. Para ser franco, a maioria dos livros nesta sala são da Aki, não são meus – declarou Nobumitsu.

Agachi olhou em volta das estantes.

– Pois é. Vendo bem, ao contrário dos romances, no caso da banda desenhada, não parece haver uma tendência definida. Há BD para o público mais jovem, para jovens adultos e livros eróticos. Não parece uma coleção de um entusiasta de um género em particular.

– Exatamente. Sou responsável pela secção de BD, mas não costumava ler banda desenhada quando era mais nova, por isso, estou a tentar aprender mais sobre o género. Achei que seria boa ideia dar uma vista de olhos a todos os títulos mais populares.

Tinha uma certa vergonha por ter de o explicar. Era como se estivessem a desvendar os segredos do seu trabalho.

– Uau, até tens alguns títulos de nicho! As livrarias convencionais nem vendem disto!

Miwa tirou um livro de cima da prateleira.

– Pois não. Mas como estava a fazer furor na Internet, fui comprá-

lo a uma livraria da especialidade. Se for interessante, sou capaz de o encomendar para a nossa.

– Ena, ficas mesmo entusiasmada! – comentou Agachi, curioso.

– Já chega, não fiquem aí nessa salinha. Venham para aqui – instou Nobumitsu. Tal como instruído, voltaram todos para a sala de estar.

Já no sofá, Agachi perguntou a Nobumitsu:

– Se aqueles livros são todos da Aki, onde estão os teus, Obata?

– Eu não tenho livros nenhuns.

– O quê? Nem um? Mas és editor!

– Eu não tenho interesse em colecionar livros e tenho todos os livros de que preciso para o trabalho no escritório. Além disso, posso ir lendo os livros que a Aki compra – argumentou Nobumitsu, num tom defensivo.

– Mas também deves ler livros fora do trabalho, Obata! Não dás uma vista de olhos aos *bestsellers* nem investigas o que está em voga?

À pergunta de Nao Agachi, Nobumitsu contestou:

– Deixa-me que te diga, e digo-o sem rodeios: os livreiros leem mais do que os editores!

– A sério?

– Pensa bem: quando estou a acompanhar um autor, estou tão ocupado, que nem tenho tempo para ler. Obviamente, leio os livros de referência necessários para o meu trabalho, mas já é o quanto baste. Quando os prazos de entrega se aproximam, são dias seguidos sem dormir. Em vez de ler livros, prefiro ver filmes, sinto que até me ajudam mais no meu trabalho. Por isso, gosto sempre de os conferir.

Como bebera álcool, as palavras saíram-lhe com mais franqueza. Mas Aki questionava-se se ele deveria fazer tais confissões aos seus colegas de trabalho.

– Já percebi – respondeu Agachi, com um ar insatisfeito.

– Mas e os editores literários? Não leem? – perguntou Miwa.

Então, Satoru Konno, que estava ao seu lado e era editor de BD, interveio:

– Um dos meus colegas que trabalha no Departamento Editorial diz que deixou de ler depois de começar a trabalhar. Obviamente, lê as provas das obras em que está envolvido. Passa os olhos pelas obras vencedoras de prémios literários para novos autores e lê obras que os seus autores publicam noutras editoras. Mas os livros que tem de ler para o trabalho já o ocupam em demasia.

Konno era dois anos mais novo do que Nobumitsu. Parecia ser um pouco sensível. Tinha sido transferido recentemente do departamento de contabilidade e não estava propriamente familiarizado com banda desenhada. Foi Nobumitsu quem lhe passou a responsabilidade, mas confessava estar algo apreensivo por Konno e Agachi não se darem bem. Nobumitsu planeara a festa desse dia também com o propósito de melhorar as relações entre Agachi e o seu sucessor.

– A sério? Mas devem ler livros de autores em ascensão lançados por outras editoras, não? – insistiu Agachi.

Enquanto ouvia a conversa, Aki concluiu que talvez fosse melhor servir o prato principal.

– Sim, organizamos grupos de leitura internamente. Mas, no Departamento Editorial, só lemos autores que possam escrever *bestsellers*. Ou seja, autores japoneses vivos que escrevem literatura de entretenimento. A nossa editora não publica a chamada «alta literatura», que não vende nada. Um dos meus colegas gosta de alta literatura, ainda por cima de literatura estrangeira, mas é responsável por romances de mistério e ação japoneses. Vendem imensas obras de mistério todos os meses. É por seguir essas tendências que se queixa de não conseguir ler os livros de que gosta.

– Hum, nunca pensei nisso. Sempre imaginei que os editores gostassem de livros e que lessem imenso.

– Leem mais do que a maioria das pessoas, mas aquilo que é para o trabalho tem prioridade. Temos pouco tempo para ler muita coisa. São quantidades absurdas de texto. E nas editoras não trabalham apenas amantes de literatura. A nossa editora não é conhecida por obras literárias. A maioria dos nossos membros quer trabalhar em revistas.

Ultimamente, têm aumentado aqueles que querem trabalhar com BD. Na minha entrevista de emprego, nem me perguntaram o que gostava de ler. À minha volta, não vejo grandes leitores. A maioria das pessoas escolheu esta empresa por ser um grande meio de comunicação e por oferecer um bom salário.

Nobumitsu estava completamente bêbedo. Os autores de BD não tinham bebido nada. Pelos vistos, não podiam beber por motivos de saúde. Isso levou Nobumitsu e os restantes editores a beberem o álcool todo.

– Não é verdade, eu gosto de literatura. Era um leitor assíduo quando andava na escola – refutou Konno. Olhando com mais atenção, Konno tinha uma certa aura e sensibilidade de leitor apaixonado.

– Mentiroso! Nunca te vi a ler um livro!

– Isso é porque não leio quando estou a trabalhar.

Animados, os dois bêbedos trocavam galhardetes.

– Sinceramente, estou desiludida! – exclamou Aki, sem pensar.

A maioria das pessoas achava que os editores liam mais do que o público em geral. Seria mera ilusão? Talvez fosse diferente com os editores de literatura.

– Eu acho que os livreiros são mais impressionantes! Nas festas, ficam todos divertidos a falarem de livros! Eu cá nunca falo de livros com os colegas da minha empresa! Até me dá vontade de perguntar porque é que se entusiasma tanto – continuou Nobumitsu.

De facto, na sua vida de casal, Nobumitsu nunca puxara o tema dos livros.

– Nos últimos tempos, os livreiros andam a tentar promover certos livros. Por exemplo, com o *Hon'ya Taishō*, o Grande Prémio dos Livreiros do Japão. Os livreiros envolvidos na obra vencedora ganham dinheiro com isso? – perguntou Agachi, curioso.

Agachi não parava de comer bolos e doces. Abstinha-se do álcool, mas não das guloseimas.

– Impossível! – negou Aki imediatamente.

O prémio *Hon'ya Taishō* era gerido por voluntários. Embora as livrarias auferissem receitas pelos exemplares vendidos, os livreiros que participavam na organização do certame e nas votações não ganhavam nada por isso.

– É incrível! Até os livros que são considerados candidatos ao prémio são comprados pelos funcionários das livrarias com dinheiro do próprio bolso. Só a tarefa de ler os livros já deve ser uma trabalhadeira. Muito fazem eles! – elogiou Nobumitsu.

– É verdade. Quem vota tem de comprar e ler todas as obras candidatas ao prémio, o que só por si já é custoso. Mas, se eu fosse responsável pela secção de literatura, provavelmente teria participado na votação.

– Quer dizer que, se não fores responsável pela secção de literatura, não podes participar?

– Não, podes participar. Mas é complicado ler todas as obras a concurso. Tenho querido participar todos os anos, mas nunca arranjo tempo para ler todos os romances submetidos.

Na livraria de Riko, era Ozaki, a responsável pela secção de literatura, e Mita, o responsável pela secção de livros académicos, que participavam todos os anos nas votações do Grande Prémio dos Livreiros. Embora a subgerente fosse versada em literatura, não participava, contrariamente ao que se esperaria. Talvez não gostasse do ambiente festivo, pois guardava distância desse tipo de atividades.

– Ainda me lembro de há uns tempos, quando os livreiros formaram grupos de fãs de banda desenhada. – comentou Miwa, como se acabasse de se lembrar.

No passado, certos livreiros formaram grupos de apoio para promoverem a coleção de BD *Honey & Clover*, dirigida ao público feminino. Tinha sido uma iniciativa das livrarias, mas também das editoras, uma campanha promocional que ultrapassou as barreiras entre cada negócio. Pode-se dizer que o facto de essa coleção ter sido um grande êxito, passando inclusive por uma adaptação

cinematográfica, se deveu também ao esforço dos livreiros.

– Quem me dera. A editora nem teve de fazer nada, foi só esperar pelo apoio! Até gastavam do próprio dinheiro para fazerem *T-shirts* e outras coisas e ocupavam uma grande área da livraria com a iniciativa. Enquanto editor de BD, gostava imenso que os livreiros fizessem isso pelas obras que eu coordeno – afirmou Konno, que era editor de BD no ativo.

– Quem quer mais isso nem são os editores. Somos nós, os autores de BD! Não achas? – perguntou Miwa, olhando para Agachi.

Agachi anuiu em silêncio. Tinha a boca cheia de pipocas.

– Se houvesse uma obra assim... – reiterou Aki.

Era raro ver um livro de banda desenhada assim, que levasse as livrarias a irem para além dos próprios interesses para lançarem uma campanha em conjunto com as editoras. Para que os livreiros sejam motivados a agir, há que encontrar uma grande obra de um autor desconhecido e com uma edição pouco marcante. Contudo, quando comparada com romances, a banda desenhada é mais acessível de ler por qualquer pessoa e tem um maior número de leitores. Sendo também tema de conversa na Internet, era fácil passar a palavra sobre títulos de BD, o que levava à divulgação natural das melhores obras.

– Mas olha, quando nós, editores, ajudamos a publicar um livro que vende bem, a nossa avaliação interna melhora. Podemos assumir uma posição mais favorável na empresa e receber bónus. Isso tem impacto no nosso sucesso profissional. Mas qual é a vantagem para os livreiros quando se esforçam tanto?

Nobumitsu tentava envolver Aki na conversa.

– Deixa-me pensar... no meu caso, ficaria feliz por alegrar os meus autores favoritos. Ou, pelo menos, por deixar os representantes das editoras felizes, o que facilita muito o nosso trabalho. De vez em quando, podemos ser entrevistados, formar novos laços com outros livreiros, expandir a nossa rede de contactos...

– E isso para ti basta? A sério? Mas qual é a recompensa por gastares uma parte do teu tempo privado a ler provas de romances ou

a fazeres POP para a loja?

Nobumitsu parecia descontente com Aki. Estava a acusá-la de ser demasiado boazinha.

– Mas se levar uma obra a tornar-se num êxito, as vendas da minha livraria também aumentam. Acho que isso me trará um retorno – contestou Aki, num tom mais enfático.

Agachi e Miwa escutavam a conversa do casal com curiosidade.

– Talvez assim seja...

– Trabalhas para uma grande editora. Provavelmente podes gastar o que quiseses em campanhas publicitárias. Mas muitas das obras promovidas não fazem dinheiro nenhum. Aliás, até deve ser a maioria. Acredito que haja boas obras entre elas. Se os representantes das editoras estão a dar o seu melhor, porque não haveríamos de os apoiar?

– És mesmo livreira, Aki. És tão séria – notou Nobumitsu, num tom que a parecia ridicularizar.

Irritada, Aki repisou:

– Não faz mal. É esse o nosso trabalho: encontrar livros bons e apresentá-los. Por isso, quero aproveitar para apoiar os livros de que gosto. Qual é o problema?

– Nenhum. Mas acho melhor não deixares que te usem só porque estás motivada. Há gente por aí que quer usar os livreiros como uma forma barata de promover as obras. Não recibes dinheiro por leres provas de um livro e por enviases os teus comentários sobre ele, pois não? Não ganhas direitos por cada cópia desses teus comentários, certo?

– Não, mas costumam dar-nos cupões ou presentes de agradecimento. Além disso, não gostaria de receber dinheiro por isso. Se me pagassem para escrever artigos, nunca seria capaz de dizer o que realmente penso. Sentir-me-ia forçada a elogiar esse livro.

– Mas, se contratares um *copywriter*, pedem-te 100 mil ienes por uma linha de texto! Os livreiros estão a ser usados! E, quando um livreiro sugere uma obra que vende bem, isso contribuiu para as

vendas da livraria, mas também é vantajoso para os editores. Usar os livreiros desta forma é como matar dois coelhos de uma cajadada só! – exclamou Nobumitsu. Era de uma enorme irresponsabilidade para um editor como ele dizer algo assim.

– Será mesmo? Eu não acho que estejamos a ser usados: estamos a divertir-nos. Há tantos livros no mundo, é difícil que um se destaque. É aí que entramos em jogo, queremos ser nós a decidir quais são os livros que viram tema de conversa. Elevá-los. Criar um movimento pelas nossas próprias mãos. É claro que agimos em paralelo com as editoras, mas não o fazemos por elas: fazemo-lo para vender bons livros.

As vendas têm vindo a cair de ano para ano devido à pressão das livrarias *online*. As livrarias físicas não se podiam dar ao luxo de ficar paradas. A emoção de criar algo excitante no ponto de vendas seria certamente sentido pelos clientes que visitavam a livraria, maravilhados com o que viam. Provavelmente, isso motivá-los-ia a frequentarem livrarias físicas. Ou, pelo menos, era nisso que Aki acreditava.

– Ainda para mais, as livrarias são como exposições de livros. Juntar-lhes POP e torná-los o mais cativantes possível faz parte do nosso trabalho.

– Essa tua garra é incrível! – elogiou Agachi, esticando-lhe o braço para um aperto de mão. Embora achasse que os autores de BD eram gente estranha, Aki apertou-lhe a mão. Miwa aplaudiu.

– Nós queremos que os livros de que gostamos façam furor. Se venderem bem, ficamos felizes por isso. Não procuramos recompensas financeiras quando recomendamos uma obra. É por isso mesmo que os clientes respeitam as nossas opiniões enquanto livreiros.

– Eu sei, mas é irónico. No fim de contas, toda essa dedicação traz lucro às editoras e aos autores, mas não aos livreiros individualmente. Talvez seja por isso que os clientes confiam mais nos comentários dos livreiros – discursou Nobumitsu, queixoso.

– Nem tudo se resume ao dinheiro. Eu quero ter um trabalho que

me dê gozo.

Percebi perfeitamente o que estava a fazer. Consegui ouvir os seus ecos. Estava a formar relações com diferentes tipos de pessoas, como os clientes, outros livreiros, editores e autores, entre muitos outros. Era uma felicidade insubstituível.

– És magnífica, Aki! Uma livreira exemplar! Fiquei teu fã! Se houver alguma coisa, é só falares comigo, vou estar sempre disponível para colaborar. Pois é, tens Twitter, não é?

– Sim, uso de vez em quando.

Muitos livreiros tinham perfis no Twitter e no Facebook, onde publicavam informações sobre obras em destaque e novos lançamentos. As livreiras que tinham Twitter adotavam uma estratégia de divulgação comum que, por vezes, levava a boas vendas. Um desses exemplos foi a obra *Schole no. 4*, de Natsu Miyashita.

– Diz-me aí o teu nome de conta e eu digo-te o meu.

– O quê? Não usas o pseudónimo?

– Uso, mas na conta pública. Tenho uma outra conta privada.

– Também quero saber essa – intrometeu-se Nobumitsu.

– Eu também – secundou Konno.

– Eu não partilho essa conta com os editores. De vez em quando, escrevo coisas que não quero que leiam. Por isso, mesmo que me mandes um pedido de amizade, não vou aceitar, Obata!

– Então mas porquê? Já nem sou o teu editor – protestou Nobumitsu, visivelmente desagradoado.

– Mas ainda és editor de BD e trabalhas no mesmo piso que o Konno. Não to digo!

– Pff, que chato – cuspiu Nobumitsu, como uma criança.

Todavia, Agachi não lhe fez caso.

– A Aki não é editora, posso adicioná-la. Mas não mostres o meu Twitter ao teu marido, está bem?

– Claro que não.

Aki estava algo orgulhosa. Embora Agachi fosse conhecido do seu marido, demonstrara genuíno interesse nela.

– Escreve aqui o teu nome de conta. Sigo-te mal chegar a casa.

Agachi tirou um caderno da mala. Nobumitsu fitou-o, como se pensasse: *que inveja*. Mais do que editor, falava como um bêbedo.

7 O *obon* (お盆) é um feriado religioso do Japão que presta homenagem aos espíritos dos antepassados. Constitui também um período de férias e regresso a casa para muitos trabalhadores japoneses. [N. do T.]

– Viste a *Vintage* deste mês? É impressionante! Até puseram uma foto da Nishioka.

– Qual, qual? Uau, é mesmo impressionante! Ocupa a página toda!

Mami e Anna conversavam animadamente diante da revista aberta. Aki espreitou a revista por detrás das raparigas.

Falavam de um artigo com o título «Livreiros que fazem êxitos: os *bestsellers* da atualidade». Era um especial com seis páginas. Na página inicial, incluía uma grande fotografia de Riko.

Quando teria tirado aquela foto? Mostrava Riko Nishioka sorrindo de livro na mão diante da caixa registadora do terceiro andar. Na legenda, dizia: «Com o seu toque único, a carismática livreira Riko Nishioka gera novos êxitos. Na Livraria Pégaso de Kichijōji». O artigo descrevia a relação entre os *bestsellers* mais recentes e os livreiros. Depois de uma breve introdução à influência dos POP na livraria e dos novos desenvolvimentos no Grande Prémio dos Livreiros do Japão, lia-se o seguinte:

A obra *Até que a tua voz alcance*, publicada pela nossa editora, vai acicatar ainda mais este fenómeno. Este livro foi originalmente publicado pela Editora N, que se especializa em literatura infantil. Foi um sucesso comercial no género, registando vendas de 20 mil exemplares. No entanto, sendo uma obra conhecida apenas entre os entendidos, não foi publicada em formato de bolso. Foi aí que a nossa editora decidiu incluí-la na coleção de livros de bolso, e tudo graças à recomendação de uma livreira.

Em baixo, havia uma apresentação de Riko Nishioka e das Livrarias Pégaso, bem como uma explicação de como o livro veio a ser publicado. Era um anúncio que se fazia passar por artigo, um artigo vazio, por sinal.

– Que raio... É o livro que nós recomendámos! – exclamou Mami.

De facto, meio ano antes, Mami e Makihara, as raparigas que gostavam de BL, tinham elogiado muito aquela obra. Mami até criara uma *fanzine* baseada nela. Ao ouvi-las falar sobre o livro, Nishioka decidiu expô-lo não só no piso 5, de livros infantis, mas também no piso 3, de literatura, o que resultou num aumento surpreendente do número de vendas. Contudo, quem identificou inicialmente aquela obra e falou da sua qualidade foi Mami. No artigo, parecia que tinha sido um feito de Riko Nishioka apenas. Pior ainda: era elogiada como sendo uma livreira talentosa e que conquistara a confiança dos clientes. Era basicamente um artigo a dar graxa a Riko.

– Ela diz que os livreiros não se devem intrometer muito, mas está a fazer exatamente o oposto.

– Só quer que seja ela a dar nas vistas!

– E consta que amanhã vai ser entrevistada por um jornal.

– Que treta!

– Com ela a tratar-nos assim, até me sinto parva por trabalhar tanto.

– Pois é. Odeio-a! – queixaram-se Mami e Anna, furiosas.

Aki não tinha como as censurar.

O artigo da *Vintage* teve enormes repercussões. Afinal, era uma revista com uma tiragem de 500 mil exemplares. Era impossível isso não influenciar Riko, tendo em conta que o artigo incluía uma enorme fotografia sua. Vários clientes a abordaram a esse respeito e recebeu inúmeras chamadas telefónicas de amigos. Os responsáveis de vendas das editoras também falaram disso. Uma velhota que vivia no bairro comentou:

– És fantástica, Riko!

Só o pai reagiu com o mesmo «hum» de sempre quando lhe mostrou o artigo. Nem manifestou interesse em lê-lo. Embora se sentisse desencorajada pela sua falta de interesse, de certo modo, também a deixava mais descontraída. Se o pai lhe perguntasse a que

propósito vinha aquele artigo, sentir-se-ia ainda mais desolada. O que mais a preocupava era não saber se os jornais e estações de televisão que a requisitavam para entrevistas tinham lido o artigo ou se tinham sido convidados pela Editorial Hitotsuboshi.

– Não é nada que justifique tanta cobertura mediática. Não quero aparecer na televisão – manifestou Riko. Contudo, a sua opinião foi ignorada. A administração da cadeia de livrarias ordenou-lhe que participasse.

Quando foi entrevistada pela *Vintage*, Riko confessou, com honestidade, que aquele plano não era seu. «Quando o editor me pediu a minha opinião, recomendei-lhe um livro sobre o qual as raparigas na loja não paravam de falar; só isso.» No entanto, os seus comentários no artigo eram completamente diferentes. Mesmo tendo falado perto de uma hora com o jornalista, só duas linhas continham afirmações suas.

«Lidando com livros novos diariamente na livraria, é possível vendê-los por intuição. Há livros que têm uma espécie de aura própria, e eu senti que esta obra era um desses livros.»

De facto, declarara que os livros que vendem melhor têm uma aura particular. Contudo, a frase final era da autoria do jornalista. A entrevista servia não para pedir a opinião de Riko, mas para extrair as palavras que o seu autor procurava. Riko não estava contente com a situação.

Além disso, o que é que o gerente de loja e Hatakeda pensariam de só ela ganhar protagonismo e ser referida pelos meios de comunicação? Ultimamente, sentia uma certa acutilância nas palavras de ambos. O gerente do quarto piso, Tsujii, agora tinha o hábito de dizer sarcasticamente que «a Nishioka é capaz». Era possível que isso se devesse a uma certa inveja dela. Além disso, adotou uma posição mais formal do que o costume. No dia anterior, tinha ido para os copos só com Hatakeda e não a chamaram, algo que nunca tinha acontecido.

– Senhora Nishioka, vi a revista.

Estava distraída quando uma voz a abordou por trás. Era Kurihara, uma cliente habitual da livraria. Estava na casa dos 60 anos e vinha várias vezes por mês, comprando diversos livros. Era a típica cliente daquele bairro residencial opulento: tinha dinheiro, tempo livre e cultura. Costumava ler literatura estrangeira. Mais do que os *bestsellers*, tinha preferência pelos clássicos e por livros com valor literário.

Nos dias de semana, vinham muitos clientes assim, que compravam mais livros das estantes do que dos expositores horizontais. Por outro lado, aos fins de semana, as ruas de Kichijōji ficavam animadas com jovens que vinham para se divertir. Nesses dias, os *bestsellers* e obras do momento apresentados nos expositores baixos produziam melhores resultados. Portanto, a clientela de segunda a sexta-feira e a dos fins de semana era completamente diferente, e também o eram os livros que vendiam bem. Isso tornava a organização das prateleiras mais complexa. Emocionalmente, Riko queria valorizar os clientes que iam todos os dias e há muito tempo. Muitos dos clientes de fim de semana iam uma única vez. Mas os clientes do bairro iam constantemente e até gastavam mais dinheiro. Por isso, não queria expor demasiados POP, para demonstrar consideração pelos clientes avessos a publicidade em excesso.

Ainda para mais, muitos desses leitores eram amantes da literatura e tinham preferências marcadas. POP com a opinião dos livreiros estariam a limitar a sua liberdade de escolha. Ao invés de fazer os livros sobressaírem escrevendo palavras apelativas num POP, preferia dispor casualmente os livros recomendados no expositor plano e deixar que fossem os clientes a escolher os seus favoritos. Riko acreditava que era a melhor forma de vender. Outra desvantagem dos POP era reduzirem a visibilidade dos livros de trás. Para algo se destacar, tem de desaparecer. Riko questionava-se se seria certo que os funcionários da livraria fizessem essa triagem.

Ela não era crítica literária. Não lia sistematicamente, como um crítico, nem lia propriamente muito – cerca de dez livros por mês.

Quando lia uma obra de que gostava, acabava-a a uma velocidade estonteante. Mas, a esse ritmo, nunca superaria um leitor profissional. Esta livraria era visitada por leitores assim, de críticos literários a académicos, passando por tradutores. O que é que esses clientes pensariam quando viam um POP com motivações subjacentes?

– O meu marido adora ler a *Vintage*. Contou-me que esta livraria estava a ser apresentada. Fiquei muito admirada por ver a senhora Nishioka. Não sabia que era tão famosa...

Outra vez, pensou Riko. Já não queria ouvir falar mais daquilo. Todavia, sendo uma cliente especial, Riko viu-se forçada a sorrir-lhe.

– Ora essa, o jornalista exagerou imenso!

– Mesmo assim, não escreveu nenhuma mentira, pois não? Eu fiquei muito feliz. Já conheço a Nishioka há muito tempo e acho que é uma ótima pessoa. Até me gabei ao meu marido. «Conheço-a muito bem!»

Soava genuinamente feliz, falando com a delicadeza de uma esposa de boas famílias. O seu sorriso bondoso fez Riko sentir ainda mais vontade de se ir embora.

– Até fico envergonhada. Faço simplesmente o que é esperado de uma livreira. O artigo está muito exagerado.

Não estava apenas a ser modesta: era a sua opinião verdadeira. Encontrar bons livros e recomendá-los era normal para qualquer livreiro. Não justificava tanta algazarra. Isso era algo que um livreiro sério faria no dia a dia.

No entanto, o trabalho dos livreiros só era visto de fora quando as editoras lhes davam atenção para fins publicitários. Os representantes de vendas usam-no nos seus discursos, dizendo: «Se déssemos destaque a esta obra naquela livraria, venderia bem». É assim que, por vezes, um livro se torna conhecido. Era esse o trabalho dos técnicos de vendas. Não importava, pois, na livraria, não atuavam apenas por causa da publicidade. De qualquer forma, era lamentável que as pessoas pensassem que só as obras célebres são boas.

– Qual é o problema? Não escreveram nada de mal. E diga-me lá,

senhora Nishioka: já têm aqui o livro que recomendou?

– Ainda não, o lançamento está previsto para a próxima semana.

– Mal posso esperar. Quando estiver em *stock*, reserve um exemplar para mim.

– Tudo bem. Mas acho que não é bem o seu estilo – acrescentou Nishioka, atarantada.

Riko conhecia bem as preferências dos seus clientes habituais. Esta senhora gostava de autoras consagradas, como Jane Austen ou Dinesen. Tinha, portanto, um gosto mais conservador.

– Originalmente, era uma obra infantil; talvez seja mais adequada para quem não costuma ler tanto. E eu tenho um outro livro para lhe recomendar, minha senhora...

Riko convidou a cliente a acompanhá-la até à estante de literatura estrangeira.

Na verdade, *Até que a tua voz alcance* nem era da preferência de Riko. A história era interessante e tinha personagens encantadoras. Certamente ganharia seguidores fervorosos entre certos tipos de pessoas. Ao nível do *marketing*, era provável que fizesse sucesso. Daí que desse tanto nas vistas. Todavia, para ser franca, Riko achava os temas do livro absolutamente banais, nem a prosa nem o conteúdo tinham particular profundidade. Não era, de todo, o seu estilo.

Não obstante, um livreiro deveria ser capaz de pôr de lado os seus interesses pessoais e apresentar qualquer obra com potencial de vendas. Nesse sentido, eram diferentes dos críticos literários, cuja perspectiva de leitura era julgada com base nos livros que apresentavam. Eram responsáveis pelas suas palavras, pois escreviam artigos que assinavam. Os livreiros não eram assim. Não havia assinaturas nos POP das livrarias. Isso permitia-lhes escrever aquilo que quisessem. Ultimamente, até havia livreiros que criavam POP para livros que nem tinham lido.

O seu trabalho era vender. Se a divulgação que fizesse de um certo livro fracassasse, bastava seguir para o próximo. Para Riko, essa agilidade era uma das melhores características de um livreiro.

Porém, ao ser abordada desta forma, pensariam que aquele livro era a sua escolha pessoal – e Riko não queria que os clientes habituais pensassem isso dela.

Pensando melhor, deveria ter recusado participar em publicidade.

Embora já fosse tarde para isso, sentiu-se profundamente arrependida.

– Já sabem das novidades? A Nishioka vai ser a nova gerente.

– O quê? Estás a falar a sério? Mas o que será feito do gerente atual?

– Foi promovido a membro da sede.

– Já se esperava. Ainda por cima, o gerente é familiar do diretor da empresa. Qualquer dia, haveria de ser promovido.

Enquanto as funcionárias que trabalhavam em *part-time* cochichavam junto dos seus cacifos, Aki foi-se sentindo cada vez mais deprimida. No dia anterior, os funcionários efetivos tinham sido chamados ao escritório. O gerente, Nojima, comunicou-lhes internamente que haveria uma mudança de gerente no fim do mês. Dali para a frente, esperava que fosse Nishioka a dinamizar a livraria. As Livrarias Pégaso tinham 20 lojas, focando-se maioritariamente na área metropolitana de Tóquio. Riko seria a primeira gerente mulher. A promoção resultava também da obra que divulgara, *Até que a tua voz alcance*, cujo relançamento em formato de bolso fizera um enorme sucesso. Se fosse verdade, era injusto. Originalmente, essa obra tinha sido identificada por Mami e pelas colegas. No entanto, continuavam a ser meras funcionárias em *part-time* e com salários à hora mais baixos.

Pior ainda: se Nishioka se tornasse gerente de loja, talvez arranjasse forma de se vingar de Aki, que se insurgira contra ela. Aki apenas se manteve na livraria depois de ter discutido publicamente com Riko graças à proteção do gerente Nojima. Todavia, quando a gerência passasse de Nojima para Nishioka, já não haveria ninguém que ficasse do seu lado.

– Até amanhã.

Aki trocou de roupa e saiu da zona dos cacifos. Apanhou o elevador das traseiras e saiu. Foi em meados de setembro, mas o calor ainda era intenso. Mal deu um passo para fora do prédio, sentiu o ar abrasador a envolver-lhe o corpo. Como fizera o turno da manhã,

ainda nem passava das cinco da tarde. *O que farei agora?*, pensou. Não tinha quaisquer planos. Mesmo que fosse logo para casa, não estava lá ninguém. Nobumitsu também deveria voltar para casa tarde. No último mês, regressava a casa pelas duas, três da manhã. Sozinha em casa não teria nada que fazer e não tinha paciência para cozinhar só para si. Se calhar, ia comprar comida feita no edifício da estação.

O seu apartamento ficava a uma estação da zona de Kichijōji, onde se localizava a Livraria Pégaso. Mais precisamente, perto da estação JR de Nishi-Ogikubo. Ao contrário de Kichijōji, que era a parte mais dinâmica na zona oeste, esta era uma zona residencial com uma estação de comboios mais modesta. Uma das saídas dava para uma pequena praça rodeada de bancos, cafés e agências imobiliárias. A antiga rua comercial espalhava-se tendo a estação como ponto central. Como muitos estudantes viviam ali, havia também muitos cafés estilosos e deslumbrantes lojas de antiguidades. As habitações seguiam-se umas às outras ao longo da rua comercial. Havia casas de madeira recatadas, que faziam pensar na idade das árvores que lhes deram origem, mas também casas desenhadas por encomenda, com traços moderníssimos da mão de arquitetos. Era, por isso, uma zona interessante até mesmo só para quem a observava. Quando Nobumitsu tinha algum tempo livre, iam passear por lá para verem aquelas casas maravilhosas. Era uma zona boa para fazer compras e agradável para passear. Apaixonaram-se os dois pelo bairro.

De qualquer modo, Aki nunca imaginou que Nobumitsu quisesse verdadeiramente comprar um apartamento ali só porque comentou que gostava da zona. Certo dia, ele perguntou:

– Vou ver um apartamento. Queres vir comigo?

Nem lhe disse onde era, mas levou-a lá de carro. Era o apartamento onde viviam agora. Vendo que Aki gostava da casa, propôs:

– Não queres viver comigo aqui? – sussurrou.

Estava a pedi-la em casamento. Ainda nem tinham passado três meses desde que a relação começara.

Quando começou a namorar com Nobumitsu, espalharam-se diversos boatos a esse respeito. Toda a gente pensava que fora Aki a persuadir Nobumitsu, mas, na verdade, fora o inverso. Inicialmente, foi Nobumitsu quem deu o primeiro passo declaradamente. Na festa depois da sessão de autógrafos, perguntou:

– Gostava de trocar mais informações com o pessoal da livraria. Não queres ir beber um copo comigo um dia destes?

Para Aki, não era nada mau dar-se com alguém de uma editora. Aliás, raramente tinha essa oportunidade. Por isso, aceitou. No início, saíram com outros colegas do Departamento Editorial de Nobumitsu e outros funcionários da livraria, como Mami e Mita. Levar Mita para as festas era também uma forma de refrear Nobumitsu. Contudo, Mita participou apenas uma vez e nunca mais voltou a pôr os pés nesses eventos. Aki começou a perguntar-se porque é que Nobumitsu tomava a iniciativa de a abordar. Nobumitsu e os outros editores tinham uma idade próxima da sua e também trabalhavam com banda desenhada, o que deu logo vida às suas conversas. Talvez Mita não tivesse acompanhado a conversa porque nunca se interessara por BD.

No início, conviveram uma ou duas vezes com outros colegas. Por fim, Nobumitsu começou a arranjar pretextos para sair só com Aki, convidando-a para ir ao cinema e a concertos, entre outras coisas. A sua atração por ela era evidente. Nobumitsu tinha uma personalidade alegre e era um bom companheiro. A sua expressão sempre sorridente não criava um ambiente propriamente romântico, mas permitia que Aki relaxasse sem ter de se preocupar demasiado, como se ele fosse um colega de escola. Porém, nessa altura, ainda gostava de Mita. Por essa razão, sorria perante os convites de Nobumitsu, mas não o via como um companheiro. Chegou a aludir ao facto de namorar com Mita, mantendo distância do seu «bom amigo». Contudo, certa vez, Aki recebeu uma reclamação de um cliente chato. Sentia-se completamente desanimada quando Nobumitsu lhe ligou. Aki contou-lhe logo o que se passou e confessou:

– Estou cansada. Preciso de desanuviar.

Então, Nobumitsu convidou, num tom tranquilo:

– Não queres ir dar um passeio de carro à beira-mar?

Como estava a fazer o último turno, já eram nove da noite. Aki recusou, pois só sairia depois das dez. Mas Nobumitsu apareceu na mesma, de carro. Dali, foram juntos até à Baía de Tóquio. Viram Umi-Hotaru, comeram num restaurante e, depois disso, Nobumitsu levou-a a casa. Chegou perto das três da manhã. Chegou a pensar que a queria levar para um hotel, mas limitou-se a sorrir e a despedir-se com um «até à próxima». Isso deixou-a genuinamente feliz. Sem que ninguém lho pedisse, Nobumitsu consolou-a no seu momento de maior fadiga. Sentia-se extremamente grata pela sua gentileza.

Mais tarde, soube por um colega de Nobumitsu que, nessa noite, ele fez uma direta, indo para o trabalho no dia seguinte sem dormir. Nessa época, a casa de Nobumitsu ficava em Nishi-Kasai, perto de Chiba. Aki vivia em Kunitachi, na direção oposta. Quando tomou conhecimento do que se passou, Aki esconjurou-se a si mesma. Era possível que se apaixonasse por Nobumitsu. Por isso, decidiu falar com Mita.

– Olha, o que achas que devo fazer? O Obata tem-me tentado abordar. Ele é boa pessoa e, a continuar assim, vou ficar com ele.

Queria que Mita a instasse a não fazer isso. Se Mita o tivesse dito claramente, nunca mais se encontraria com Nobumitsu. No entanto, Mita não disse nada. Desde então que começou a evitar Aki, que não compreendia porquê. A única explicação era Mita odiá-la. Por outro lado, as investidas de Nobumitsu tornaram-se cada vez mais insistentes. E Aki não rejeitou os seus avanços. No entretanto, desejava secretamente que Mita lhe dissesse algo sobre Obata. Pela livraria, espalharam-se rumores de que Aki tinha um caminho bifurcado pela frente. Mita continuava sem dizer nada. Ao mesmo tempo, Aki saía com Obata. A dada altura, Nobumitsu propôs-lhe que fossem «viajar juntos». Aki percebeu que, naquele convite, estava implícito que se tornassem mais do que meros amigos.

Então, Aki decidiu encontrar-se com Mita num café. Ainda agora

Aki se lembrava vividamente dos acontecimentos desse dia. Mita chegou ao Coffee Hall Kugutsusō 20 minutos depois da hora combinada. Era um dos seus cafés preferidos. Costumava ir para lá ler depois do trabalho. Era um espaço calmo e onde era permitido fumar, o que explicava por que motivo gostava daquele lugar.

– Desculpa o atraso – disse, sentando-se no sofá diante de Aki.

Estava com má cara. Parecia mais nervoso do que o costume e difícil de abordar. Quando a funcionária surgiu ao seu lado, manteve o olhar fixo nela e pediu um café forte num tom brusco. Aki continuava a pensar no que é que lhe deveria dizer. Fitando Mita, Aki decidiu-se e perguntou:

– O Obata convidou-me para ir viajar com ele. O que achas disso?

Disse-o sem floreios, da forma mais direta possível. Como se tivesse antevisto o que Aki lhe iria dizer, Mita deu lume ao cigarro, calmo. Aki estava fascinada com a forma como Mita segurava o cigarro entre os dedos longos e bem torneados, as sobancelhas vincando-se, a sua boca exalando o fumo do tabaco com um suspiro.

Todas as raparigas da livraria ficavam extasiadas ao verem Mita a fumar. Era notável. Quando parecia melancólico, como nesse dia, a sua delicadeza sobressaía ainda mais. O café foi trazido para a mesa e colocado à frente de Mita, mas ele continuou a fumar sem tocar na chávena, sequer. No ambiente escuro do café, a presença de Mita desaparecia; era como se se fundisse nele.

– Diz lá: o que é que eu devo fazer? – suplicou Aki a Mita, que continuava calado.

– O que deves fazer? O que te apetecer – retrucou Mita, curto.

– Tu percebes o que significa ir viajar com outro homem, não percebes? Ficas mesmo em paz com essa decisão? – questionou Aki. Os sentimentos começavam a tomar conta de si, a voz traía-a. – Pensava que éramos namorados. Aceitas que eu vá com outro homem?

– Mas o que é que tu queres fazer? Queres ir com ele ou não?

– Eu?

Aki balbuciou. *Se me disseses que não posso ir, eu não vou.* Mas não foi capaz de o verbalizar. Prevendo o que iria dizer, Mita teimou:

– Ou queres que eu te impeça?

Aki queria responder «quero», mas a voz de Mita soou tão fria, que não foi capaz de o dizer.

– Tu, na verdade, queres ir, certo? Mas como te sentes culpada em relação a mim, não és capaz de mo dizer.

– Não é verdade! – gritou Aki, por reflexo.

Quiçá fosse mesmo essa a realidade. Até ela considerava essa hipótese. Será que Mita tinha razão? Num café tão silencioso como aquele, a sua voz ressoou mais do que imaginava. Um casal no fundo da sala, com ar de estudante universitário, olhou na sua direção.

– Ou será que queres que eu vá discutir com o Obata? Queres que lhe diga que não se aproxime de ti e que lhe bata?

– Não.

Desta vez, afirmou-o com confiança. Não queria que ele fizesse nada disso. De qualquer modo, queria esmiuçar os sentimentos de Mita. Tinham namorado durante três anos, mas ele nunca lhe dissera que gostava dela. Quando brincavam na cama, tentou obrigá-lo a dizer por brincadeira que gostava dela, mas nem aí Mita cedeu. Isso causou uma certa ansiedade a Aki. Mesmo depois de vários anos, não se sentia confiante na relação. Será que ele gostava mesmo dela? Ou será que apenas estava com ela por força do hábito, já que aceitara o seu pedido de namoro?

– Não é justo, Aki. Queres que seja eu a decidir? O problema é todo teu.

– O problema é meu?

– Tu é que tens de decidir se queres continuar comigo ou separar-te de mim e ficar com o Obata, Aki.

– Mas como é que tu te sentes? Eu não sou importante para ti? Porque é que não me tentas impedir?

– Como eu me sinto não importa para nada! Se gostasses mesmo de mim, nunca terias caído nas falinhas mansas do Obata nem porias a

tua relação comigo numa balança. Tens dúvidas em relação aos teus próprios sentimentos porque te sentes atraída pelo Obata. E sentes-te culpada em relação a mim. Tu é que me pediste em namoro, tinhas logo de ser tu a mudar de ideias.

As palavras de Mita perfuraram-lhe o peito. Era verdade que estava a usar Obata para avaliar os sentimentos de Mita. Contudo, só o fazia porque gostava de Mita. Gostava verdadeiramente dele.

– Eu gosto de ti. Mas não percebo a tua forma de pensar. Isso sempre me preocupou. O que é que tu achas de mim? Porque é que namoraste comigo?

Aki deitou da boca para fora a pergunta que sempre quisera fazer a Mita. Tinha medo de ouvir uma resposta definitiva. As mãos com que segurava a chávena tremiam-lhe.

– O que é que isso interessa agora? – revidou Mita, colérico.

– Interessa imenso, isso sempre me causou muita ansiedade.

Pois é: Mita sempre fora assim. Tal como um gato medroso, quanto mais alguém se tentava acercar dele, mais ele se afastava. Por muito que tentasse perscrutar os seus verdadeiros sentimentos, ele nunca os revelaria.

– É por isso que te sentes atraída pelo Obata? – picou Mita.

Por momentos, Aki susteve a respiração. Não sabia o que deveria argumentar. Quiçá Mita tivesse razão. Não obstante, não era isso que queria ouvir da sua boca.

– Olha, não quero que fales de mim. Quero que me digas como te sentes – repetiu Aki, com mais pujança.

– Não interessa como me sinto, os teus sentimentos já mudaram, Aki. Já não há nada a fazer – declarou Mita, num tom calmo.

Aki estava devastada.

Mita estava longe. Estava ali mesmo à sua frente, mas os seus sentimentos estavam a uma enorme distância.

No âmago de Mita, ela já era parte do passado.

As lágrimas caíram em catadupa dos olhos de Aki. Surpreendida com aquilo a que assistia, Mita instigou:

– Porque é que estás a chorar agora? Quem diz que quer namorar com outro homem és tu, Aki. E quem está a levar com os pés sou eu. Não tens nada de estar triste. Vai lá ter com o teu homem.

– Estás zangado comigo?

Se estava zangado, que gritasse com ela e lhe batesse, se fosse preciso. Tudo era melhor do que aquele desinteresse gelado.

– Não. Mas não gosto nada que venhas com estas conversas num momento destes – redarguiu Mita, tranquilamente. Em seguida, concluiu: – Já não vale a pena falarmos mais disto.

Pegou no talão e foi até à caixa. Aki permaneceu sentada; não foi capaz de se levantar.

O seu apartamento destacava-se pelas paredes exteriores em terracota quente. O lote estava cercado por uma vedação de ferro preto com um *design* à moda antiga. As paredes do *hall* de entrada eram cor de laranja e incluíam um vitral. A porta do elevador tinha um estilo igualmente *retro* com uma porta de vidro. O seu apartamento ficava no quarto piso, à direita do elevador e no fundo do corredor. Aki destrancou a porta e entrou na casa. Sentiu um ar fresco. Em seguida, continuou até à sala de estar. Em cima da mesa, havia uma chávena de café meio bebido e um jornal espalhado no chão. De manhã, Nobumitsu devia ter saído às pressas. Aki pegou no jornal, dobrou-o e pô-lo de volta na prateleira.

Nobumitsu teve pressa em casar-se porque já sabia para onde seria transferido e que estaria extremamente ocupado.

– Está tudo a correr tão bem contigo, Aki. Julguei que, se deixasse de te ver, acabarias por me abandonar.

Segundo alguns dos seus colegas mais experientes, havia quem estivesse tão atarefado a preparar o lançamento das revistas que, quando chegava a casa, a encontrava vazia, sem nada e sem a esposa.

– Acontece muito neste setor – disse Nobumitsu, a brincar.

Contudo, estava genuinamente preocupado com a possibilidade de

que a sua agenda ocupada levasse Aki de volta para os braços de Mita. Provavelmente, quis casar-se com ela para ficar mais tranquilo. Aki aceitou, pois gostava da frontalidade dele. Estava magoada pela separação de Mita, e a simplicidade de Nobumitsu deixava-a mais calma. A forma como ele tentava saber mais sobre os seus interesses era adorável. Fazia lembrar um cachorrinho a seguir o dono com a cauda a abanar. Com Nobumitsu, Aki sentia que poderia ter uma boa vida. Mita era ambicioso, mas, muitas vezes, Aki não compreendia aquilo em que estava a pensar.

Uma vez por outra, isso provocava-lhe um certo nervosismo.

Aki ria-se e zangava-se das mesmas coisas que Nobumitsu. Era descontraído, como um colega de escola. Provavelmente, era a melhor escolha para um parceiro de vida.

Porém, Nobumitsu ficou mais atarefado do que Aki imaginara. Nobumitsu insistia que ela era diferente dos seus colegas com casamentos falhados e prometeu que voltaria sempre para casa, mesmo que tarde. Isso, pelo menos, era verdade. Muitos colegas dele pernoitavam no escritório, mas Nobumitsu estava a esforçar-se por regressar a casa, mesmo que de madrugada. No entanto, os seus horários não eram compatíveis.

No início, Aki levantava-se à espera de que Nobumitsu regressasse a casa. Doutras vezes, ia deitar-se primeiro, mas despertava quando ele voltava e fazia-lhe companhia. Aki acreditava que, sendo recém-casados, deveriam reservar algum tempo para conversarem em casal. Contudo, Nobumitsu confessou que saber que ela estava acordada à sua espera durante tanto tempo o fazia sentir alguma pressão. Não gostava de trabalhar demasiado ciente do tempo e temia que Aki pudesse ficar mal de saúde só para estar ao seu lado. Então, ela começou a ir deitar-se primeiro, independentemente de Nobumitsu. Em boa verdade, Aki também começava a sentir-se esgotada por tentar adaptar os seus horários aos de Nobumitsu.

A partir dali, passou a deitar-se primeiro. De manhã, olhava para o semblante adormecido de Nobumitsu e seguia para o trabalho. Em

certos dias, quando tinha o turno da noite, ainda conseguia conversar um pouco com ele. Mas as suas vidas andavam quase sempre desencontradas. Era raro Nobumitsu ter um fim de semana de descanso completo. Quando essa rara ocasião surgia, passava o dia em casa a dormir. As suas conversas de casal tornaram-se extremamente raras – e isso desagradava Aki.

Não eram bem um casal: eram colegas de quarto.

Como tinham namorado pouco tempo, Aki achava que, a pouco e pouco, poderiam ir aprofundando os laços da sua relação. Mas o tempo que passavam juntos era praticamente o mesmo do que antes de se casarem. E a tendência era ir diminuindo cada vez mais. Nobumitsu dizia que as coisas ficariam mais calmas quando a nova revista fosse lançada. Mas seria mesmo verdade?

Aki sentou-se no sofá.

Poderiam mesmo continuar assim? Sem se verem, seriam mesmo um «casal»?

Pelo menos, se o seu emprego fosse agradável, ainda teria algo com que se distrair. Mas a situação no trabalho era tudo menos risonha. Fizesse o que fizesse, havia sempre alguém a intrometer-se e o assédio persistia. E quando a «Madame» Nishioka assumisse a gerência, a situação agravar-se-ia ainda mais.

Se calhar, era melhor mudar-se para outra livraria.

Contudo, isso não lhe seria permitido sem um bom motivo, pois conseguira o cargo naquela livraria graças aos seus contactos.

Ai, que nervos! Sinto-me atada.

Quanto mais pensava, mais deprimida se sentia. Aki enterrou a cabeça no sofá e fechou os olhos.

Na última semana de setembro, Riko foi oficialmente informada de que assumiria a liderança da livraria. Nessa manhã, foi chamada ao gabinete de Nojima, onde lhe foi lido o comunicado. Seria promovida a gerente de loja no dia 1 de outubro.

– Serás a primeira gerente mulher das nossas Livrarias Pégaso. Que tenhas muito sucesso – declarou Nojima, no seu habitual tom sereno.

– Muito obrigada – respondeu Riko, algo nervosa.

Começou por trabalhar cinco anos em *part-time*, depois 15 anos como efetiva. Nunca tivera particulares ambições de sucesso, mas esta promoção era um reconhecimento dos frutos do seu trabalho. O mais importante era o aumento de salário. Tendo feito tudo o que havia para fazer enquanto livreira, sempre tivera curiosidade em supervisionar a livraria na sua inteireza. Queria saber até onde conseguiria chegar.

Finalmente chegara a este ponto. Daí para a frente, cada passo conduzia a novos caminhos.

A incerteza de Riko deu lugar a um brilhante otimismo. Nesta nova posição, poderia ver o trabalho com novos olhos.

– Na primeira reunião de amanhã, irei informar o pessoal.

– Com certeza.

Riko fez uma vénia a Nojima. Enquanto Riko foi promovida, foi também decidido que Nojima seria transferido para o Departamento de Sistemas de Informação da sede. Riko trabalhava naquela livraria desde que entrara na empresa. Desde então que os gerentes tinham mudado várias vezes. Uns bons, outros displicentes. Para Riko, Nojima era um dos melhores.

Será que ela conseguiria ser uma boa gerente? Conseguiria ser estimada por todos? A verdadeira batalha estava para vir.

– Muitos parabéns! – exclamou Shiho Ozaki, dando início às celebrações.

Tchim!, ressoaram os copos a cada brinde. Alguns dias depois de a promoção de Riko ser anunciada, foi feita uma festa num *izakaya* da zona para comemorar. Para além de Riko, estavam reunidas cinco das suas subordinadas de maior confiança.

Em Kichijōji, havia muitos bares chiques. Este *izakaya*, pelo inverso, era barato e servia uns petiscos deliciosos. Estando aberto até à meia-noite, era perfeito para passarem por lá depois do trabalho. Era um estabelecimento à medida de Riko e das amigas, que davam mais importância à praticidade do que ao estilo.

– Obrigada.

– Desculpe, queremos pedir.

Pediram várias coisas: coxas de frango grelhadas com alho, cartilagem frita, carne picada frita, salada de vegetais crus e gengibre com pepino grelhados. Ser livreira requeria força física, por isso, todas as participantes na festa comiam e bebiam bem.

– Nishioka, vai ser a primeira mulher gerente na nossa empresa. É a estrela dos nossos sonhos! – elogiou Ozaki, virando-se para Riko.

– Agora é que a nossa livraria vai ficar boa. Sem si, a Livraria Pégaso não era nada!

Desta feita, foi Shōko Yamane quem discursou. Embora soubesse que eram meras cortesias, não via nenhuma maldade nisso.

– Já agora: se vai ser a nova gerente de loja, quem irá supervisionar o terceiro piso? – indagou Ozaki, com um ar preocupado.

Percebendo onde ela queria chegar, Yamane expandiu:

– Não deves poder ser tu, Ozaki. Não és funcionária efetiva. Nesse caso... será a Obata?

Para além de Riko, só havia outros três funcionários sem termo. Eram eles: Tsujii, o gerente do quarto piso, Hatakeda, o gerente do quinto piso, e Aki Obata. Até agora, Riko exercera a função de gerente de piso. Mas, sendo a gerente da loja inteira, seria complicado manter as duas funções ao mesmo tempo. Em circunstâncias normais, Aki, que era efetiva, deveria assumir esse papel.

– A Obata ainda está muito verdinha para liderar o terceiro piso. Provavelmente, vou pedir a transferência de outro efetivo ou pedir ao Hatakeda que trate disso – retorquiu Riko, fitando o rosto apreensivo de Ozaki.

Ao ouvir a sua resposta, Ozaki pareceu mais relaxada. Pertencia ao terceiro piso, para onde Aki fora designada. Detestaria tê-la como chefe. E Riko, que tanto dedicara ao terceiro piso, não o queria confiar a Aki.

Por fim, distribuíram-se os pratos e os pauzinhos e a comida foi para a mesa. O assunto foi posto de lado durante algum tempo. Depois de os pratos já estarem devidamente servidos, Yamane puxou outra vez o assunto.

– Outra coisa: quem será o subgerente? Não ouvi nenhum comunicado nesse sentido.

– Bem observado. De facto, também não sei...

Riko estava algo preocupada. Normalmente, a nomeação de um novo gerente era feita a par da do subgerente. Desta vez, contudo, o comunicado era apenas sobre si e Nojima.

– Para além da questão do subgerente, também queria propor a promoção de alguns trabalhadores a contrato.

Ao ouvir a sua declaração, Ozaki ficou vermelha – quiçá por obra do álcool. Os próximos na fila para serem promovidos seriam Ozaki ou Takahiko Mita. Porém, nos últimos anos, as promoções dos funcionários a contrato estavam congeladas. Com a saída de Nojima, o número de funcionários efetivos baixaria. Por esse motivo, Riko acreditava que Ozaki ou Mita, ou quem sabe os dois, pudessem ser promovidos.

– A sede não disse nada a esse respeito? – perguntou Yamane, cheia de curiosidade.

– Não, parece que os detalhes vão ser partilhados mais tarde.

O gerente Nojima já estava a tratar do processo de transição. Riko inquireira Nojima sobre o novo sistema, mas ele respondeu somente que tratasse desses pormenores diretamente com a sede depois de ser

promovida a gerente da livraria. Nojima, que ultimamente ia à sede quase diariamente, talvez soubesse quais as intenções do departamento de Recursos Humanos. No entanto, não partilhou nada com Riko. E, por qualquer motivo, Riko não o entrevistou.

– Parece que amanhã vem cá o Yamada, da sede. Nessa altura, devo poder falar com ele sobre vários temas.

Desde que tinha sido confirmada a sua transferência de posto que Nojima parecia estranhamente distante. O mesmo se passou com Tsujii e Hatakeda. Até tinham começado a reunir-se os três para falarem sabe-se lá do quê. Ultimamente, já não a convidavam para ir beber um copo. Outrora, costumavam sair uma, duas vezes por mês; o nome do grupo, constituído por quatro efetivos, era o «Comité dos Gerentes». Nessa ocasião, discutiam aspetos da gerência da livraria e questões relacionadas com os funcionários. Era um ambiente amistoso em que podiam trocar informações.

Mas porque é que Riko deixara de ser chamada para esses convívios? Dali em diante, seria a nova gerente, pelo que precisaria ainda mais da colaboração de Tsujii e Hatakeda. Ozaki, que organizara a festa, chegou a convidá-los, mas recusaram, alegando estarem demasiado atarefados. Isso deixou Riko bastante inquieta.

– Nishioka, quer mais uma cerveja?

Mal o copo de Riko ficou vazio, Ozaki, com o seu olhar de lince, perguntou-lhe se queria outra.

– Sim, por favor – respondeu Riko. Ozaki chamou o empregado, fazendo um novo pedido.

– Espero que consigas ser promovida, Ozaki – declarou Yamane, olhando para ela.

Riko não recomendara ninguém para ser promovido a efetivo, mas estava subentendido que a sua escolha seria Ozaki.

– Para com isso – pediu Ozaki, dando uma palmadinha em Yamane.

– Mas é verdade! – secundou Riko, sorrindo.

Não importava se fosse Ozaki ou Mita. Tinha de promover aqueles

que fossem seus aliados e que pudessem agir como seus braços-direitos. Era essa a vontade de Riko.

Pôs o café instantâneo na chávena e esperou que a água fervesse. Depois disso, Riko decidiu que iria comprar apenas uma barra energética num quiosque. Tinha adormecido. Tinha acabado por beber demasiado nas celebrações pela sua promoção a gerente na noite anterior. Os efeitos do álcool ainda se faziam sentir ligeiramente.

No entanto, a partir daquele dia, era a gerente da livraria. Não se poderia atrasar. Além disso, o representante da sede visitaria a loja pelas onze da manhã. Tinha de falar com ele sobre as questões da subgerência e das promoções dos funcionários a contrato.

Normalmente, quando se atrasava, o pai ia chamá-la. Nesse dia, o pai adormeceu também. Estranhamente, no dia anterior tinha ido sair com os antigos colegas da empresa. Foram fazer uma caminhada para os lados do Monte Takao ou de Ōme. Era bom que ele saísse e que fizesse exercício, mas, na noite anterior, estava com um ar extenuado. Ultimamente, sofria de hipertensão. Possivelmente, fizera esforço em demasia.

Riko queria deixar o jantar preparado, mas não tinha tempo. Enrolou o cachecol à volta do pescoço e acabou de se arranjar. Bebeu o café até ao fim sem açúcar ou natas. Terminada a bebida, virou-se para o quarto do andar de cima, onde o pai dormia, e despediu-se:

– Até logo! Hoje tenho o turno da manhã, volto ao final da tarde.

Do segundo piso, ouviu-se uma voz indecifrável e fraca, pronunciando sílabas sem sentido. Riko sobressaltou-se. Que voz era aquela? Era a voz do pai?

– O que é que se passa, pai?

Riko correu escadas acima.

– Pai.

Quando abriu a porta, perdeu o fôlego.

O pai estava caído sobre o *futon* e de cabeça para baixo. A sua cara

estava ligeiramente virada para a porta da entrada. Parecia estar a tentar trocar de roupa, pois tinha a parte de cima do pijama apenas meio vestida.

– Ri-ri-ri... Riko...

Parecia incapaz de articular as palavras e estar em profundo sofrimento.

– Pai!

Sem pensar, Riko correu até ao pai e susteve-o.

– O que tens? Estás bem?

– N-n-n... – expeliu, tentando, com todas as forças, dizer-lhe algo. Mas o seu corpo estava paralisado, não se conseguia mexer normalmente.

– O que foi? O que queres dizer? – perguntou Riko, pegando na mão do pai. Apertou-a com força, mas o pai não devolveu o aperto. Era flácida, débil.

– N-não me consigo mexer – pronunciou, com todas as suas forças.

– O que vamos fazer? Diz-me! O que vamos fazer?

Riko estava completamente perdida. Sentia um clarão na mente e não sabia o que fazer.

– Taka... Taka... – disse o pai, com esforço.

– Taka?

– Takami.

– Ah, a Clínica Takami. Estás a falar do Dr. Takami.

O Dr. Takami era o médico habitual do pai. Quando tinha algum problema, era com ele que se aconselhava. Via-o sempre quando tinha problemas do foro geral, como gripes e dores de estômago. Pensando bem, tinha sido o doutor quem lhe receitara os medicamentos para a hipertensão no ano anterior.

– Eu vou ligar-lhe.

Riko apressou-se até ao piso de baixo e correu para o telefone. Procurou na agenda telefónica «Clínica Takami». Como o pai era metódico, tinha apontados os contactos de todas as pessoas com quem se dava. Debaixo do nome «Clínica Takami», estava a indicação

«Hospital» e «Casa». Como já conhecia o Dr. Takami há muito tempo, sempre que tinha algum problema de saúde, aconselhava-se com ele.

Felizmente, o médico atendeu logo. Riko descreveu-lhe rapidamente os sintomas do pai.

– Nesse caso, tens de chamar imediatamente uma ambulância. Provavelmente, está com alguma irregularidade nas veias cerebrais.

– O quê?

Problemas com as veias do cérebro evocavam nomes de patologias temíveis, como apoplexia, enfarte, hemorragia cerebral ou subaracnoídea.

Eram todas doenças que punham a vida em risco. Mesmo que o pai pudesse ser ajudado, poderia ficar paralisado, perder a memória ou ficar com outro tipo de mazelas. Eram essas as imagens aterradoras que lhe vinham à cabeça. Se isso acontecesse ao pai...

– Quando o teu pai veio cá há dois dias para ser visto, estava com a tensão arterial a mais de 160. Eu avisei-o para ter mais cuidado com a saúde...

Ao ouvir a voz do Dr. Takami, que continuava a falar, Riko despertou finalmente.

– Compreendo. Vou já chamar a ambulância.

A voz tremia-lhe.

– Riko, sabes qual é o número da ambulância? Diz-me lá.

– Hã... hã...

Por momentos, pensou: *não faças de mim estúpida*. Mas não se conseguia lembrar do número. Seria o 110? Ou esse era da polícia?

– É o 119.

Era visível que o Dr. Takami conhecia Riko desde criança. Só pela sua voz, percebeu que estava nervosa. Riko agradeceu-lhe e pousou o auscultador.

Mal o pai foi posto na ambulância, deram-lhe uma injeção. No interior da viatura, suava profusamente e vomitou. Como de manhã permanecera caído sem se levantar, não tinha nada no estômago.

Expeliu apenas um líquido gástrico amarelo. Chegado ao hospital, foi posto numa maca e a fazer diálise. O médico do hospital deu uma simples explicação a Riko e pediu-lhe que esperasse um bocadinho enquanto preparavam a TAC.

– Pai, estás bem?

O pai não lhe respondeu, mas inclinou o corpo e esticou ligeiramente o joelho.

Riko estava um pouco mais descansada. Pelos vistos, o pai já conseguia mexer o corpo, mesmo que de forma muito limitada.

– Desculpe, vou só ligar para a minha empresa – disse Riko à enfermeira que a acompanhava, saindo do quarto.

Como saíra de casa às pressas, esquecer-se do telemóvel. Mesmo que o tivesse levado, não lhe serviria de nada, pois era proibido fazer chamadas telefónicas no interior do hospital. Encontrou uma cabine telefónica na enfermaria e, dali, ligou para a empresa. Já passava das nove e meia. Os funcionários do turno matinal já estavam na livraria. O telefone tocou durante um bocado, até que alguém atendeu.

– Livraria Pégaso, como posso ajudar?

Era a voz de Aki Obata – a pessoa com quem menos queria falar.

– É a Nishioka. O Tsujii ou o Hatakeda estão?

– O Hatakeda está no ponto de vendas. Quer que o vá chamar?

– Sim, por favor.

Pouco depois, Hatakeda atendeu o telefone.

– Hatakeda, desculpa por te ligar tão tarde. Hoje de manhã, o meu pai teve um incidente de saúde grave e foi transportado de ambulância. Estou no hospital desde então.

– A sério? Que grande chatice. Então que doença é que ele tem? – perguntou Hatakeda, com a sua entoação desinteressada de sempre.

– Ainda não sei. Havia suspeitas de enfarte, mas, como já se consegui mexer, talvez não seja. De qualquer forma, teremos mais detalhes do diagnóstico nas próximas 24 horas.

– Terrível. Quer dizer que hoje vai faltar ao trabalho?

– Sim. Lamento perder o meu primeiro dia como gerente.

– É uma emergência, não há nada a fazer quanto a isso.

– Quando o meu pai acabar de fazer os exames, volto a ligar. Mas talvez demore...

– Ai, sim? Mas vem o representante da sede às onze. O que vai fazer?

– Peço desculpa, mas podias ligar ao chefe de departamento Yamada, da sede? Pede-lhe que adie a reunião. Não tenho o contacto dele comigo e esqueci-me do telemóvel.

– Tudo bem. E se ele já tiver saído?

– Nesse caso, já não dá para mudar nada. Pede-lhe desculpa e aponta tu o que ele tiver para dizer.

– Entendido. Assim farei.

– Então, vá, ligo mais tarde.

Com isso, desligou a chamada. Para já, não iria pensar mais no trabalho. Na verdade, queria ter feito a primeira reunião matinal e saudar todos como nova gerente, mas era impossível. O mais importante era a saúde do pai. Só rezava para que não tivesse nada de grave.

Melancólica, Riko retornou ao quarto.

– Olha, Aki, ouvi uma coisa inacreditável! – exclamou Mami, contente.

Aki estava ocupada a organizar umas revistas que seriam postas à venda nesse dia.

– Uma coisa inacreditável? O que foi?

Enquanto conversava, Aki continuava a trabalhar. Era difícil ordenar as revistas, que chegavam diariamente, num espaço tão limitado.

– Conheces o Shibata, da Editorial Hitotsuboshi, que se casou há pouco tempo com uma rapariga que é subordinada dele?

– Sim, conheço. Ele até já me ajudou várias vezes...

Era vice-diretor do Departamento de Vendas da empresa do marido. Foi muito simpático para Aki antes de se casar e, como

prenda de casamento, ofereceu-lhe uns copos de vinho caros.

– O que é que aconteceu ao Shibata? – perguntou Aki, enquanto pensava em que revista deixaria exposta: uma sobre relatos de conflitos reais entre noras e sogras ou uma revista de BD para meninas inspirada em contos infantis. Tinham ambas a mesma espessura.

– Antes de se casar, o Shibata andava com a Nishioka.

– Qual Nishioka? A nossa gerente?

– Sim. Nem acredito!

– Nem eu!

Aki parou finalmente, tal era o espanto. Shibata e Nishioka. Era uma combinação que nunca considerara. Nem se comportavam de um modo que sugerisse um relacionamento...

– Consta que era segredo, mas, no fim, a Nishioka levou com os pés – acrescentou Anna, de lado, também ela com um ar deleitado.

– Quem é que vos contou isso? – indagou Aki, em plena tarefa, sem particular emoção.

Mami e Anna também começaram a arrumar as revistas.

– Há discussões *online* sobre o mundo editorial. Foi aí que soube. Já há boatos sobre isso, porque a nossa gerente agora é famosa.

– Mas isso não são águas passadas?

– Nem por isso. O Shibata tem ar de cavalheiro, mas andava com as duas ao mesmo tempo. Quando soube que ele ia casar com a outra depois de a engravidar, a Nishioka ficou completamente destroçada e começou a segui-lo tipo *stalker*.

– *Stalker*?

Alguém orgulhoso como Riko? Nunca na vida.

– E parece que foi por altura do teu casamento, Aki. Foi por isso que ela tentou tanto estragar-te o casamento.

– Faz sentido. Naquela altura, a Nishioka andava maluca. Pelos vistos, foi por ter sido rejeitada pelo homem dela.

Mami riu-se, secundada por Anna.

Aki achou aquilo um tanto trágico. Para alguém vaidoso como Nishioka, ser traída e trocada por uma mulher mais nova deveria ser a

humilhação suprema. Era claro que não queria que ninguém soubesse disso.

Por outro lado, quem espalhara esses rumores fizera-o por prazer. Para eles, a infelicidade alheia era doce como mel.

– Acho melhor não falarem sobre isso. Nem sabemos se essas fontes na Internet são fidedignas. E se ela souber que andam a espalhar boatos desses, vai ficar furibunda – advertiu Aki, com uma expressão séria.

– Ah, talvez tenhas razão.

Mami ficou acabrunhada, como uma criança apanhada em plena travessura. Esperava que Aki correspondesse ao seu entusiasmo quando lhe falasse do assunto, mas Aki não teve vontade se rir com elas. Detestou o tema de conversa. Embora não gostasse de Nishioka como chefe, usar as suas relações amorosas para a difamar era contra as regras. Também ela sofrera imenso com os comentários que fizeram ao seu envolvimento com Mita, portanto, não queria fazer o mesmo a outras pessoas – mesmo que essa outra pessoa fosse Riko Nishioka.

Então, ouviu-se um anúncio no intercomunicador da loja. Era o sinal de que a livraria iria abrir.

– Ui, já é tão tarde.

– Foi mesmo à risca – disse Aki, pousando a última revista na prateleira.

– Ah, eu trato do carrinho – voluntariou-se Mami, levando o carrinho que estava no corredor para as traseiras.

– Seja bem-vindo.

Nesse dia, em vez de Mami, foi Anna quem saudou o primeiro cliente da manhã. Era um rapaz com ar de estudante. Tinha óculos e uma *T-shirt* simples, provavelmente comprada na UNIQLO. Outra vez, pensou Aki. Ele costumava ir lá uma ou duas vezes por semana. Ficava de pé a ler – não banda desenhada, mas *light novels*. Ia para ali à primeira hora da manhã e ficava a ler o dia inteiro, até ao entardecer.

– Sendo assim, vou indo para a caixa – anunciou Anna,

caminhando na direção oposta.

Aki fez o mesmo, matutando ainda em quão desagradáveis tinham sido as conversas daquela manhã.

– O que é que aconteceu à Nishioka? – perguntou Takayuki Watanabe, o diretor-geral sênior, que tinha vindo diretamente da sede. Tinha o queixo espetado para cima, arrogante.

– O que é que se passou? – Ao seu lado, Nobuo Yamada, dos recursos humanos, levantou também o queixo, igualmente insatisfeito. Tinham chegado à hora marcada, onze da manhã. Ao constatarem que Riko ali não estava, revoltaram-se.

– Hoje não vem – respondeu Hatakeda, com um ar contrito. Para a visita de Watanabe, que vinha da sede, tinham sido convocados os três efetivos: Hatakeda, Tsujii e Aki.

– Mas a que propósito? Hoje é o primeiro dia dela como gerente de loja. Porque é que ela não está cá? Devia saber que nós vínhamos cá hoje. Não deixou nenhuma mensagem? – interrogou Watanabe, cada vez mais furioso.

Um subordinado mais assustadiço encolher-se-ia só de ouvir a sua voz. Watanabe era o típico chefe terrível, modesto para com os que estavam acima dele e prepotente para os que estavam abaixo de si.

– O que vem a ser isto? – repisou Yamada, numa voz mais esganiçada e sem o poderio da de Watanabe.

– Eu não sei de nada. Ouviste alguma coisa, Tsujii?

– Eu também não. E tu, Obata? – demandou Tsujii.

Aki sacudiu a cabeça, concluindo que Nishioka a evitava e que nunca lhe confiaria uma mensagem.

– Sinceramente. O que é que deu à Nishioka? Este tipo de coisa acontece com frequência?

– Não propriamente, mas... – afirmou Hatakeda, deixando a frase por acabar. Ficou implícito que ocorria de vez em quando.

– Ontem, ela foi a uma festa para celebrar a nomeação como gerente. Talvez esteja um pouco atrasada – declarou Tsujii. Não era claro se estava a defender ou a caluniar Nishioka.

– Ou seja, bebeu demasiado? Na festa de ontem? Que conveniente

– cuspiu Watanabe. – É por isso que não podemos ter mulheres gerentes. São metedidas e impertinentes, mas não têm responsabilidade nenhuma.

– Nem mais – aquiesceu Yamada, concordando com as palavras do diretor-geral Watanabe. Yamada bajulava Watanabe. Costumavam andar sempre juntos.

Tsujii e Hatakeda não disseram nada, mas pareciam sorrir discretamente. A Aki, pareceu-lhe que estavam contentes por verem Nishioka ser injuriada.

– Pois é. Hoje de manhã recebi uma chamada da Nishioka. Fui eu que atendi, mas depois passei-a para si, Hatakeda. Ela não disse o que é que se passou? – interrogou Aki, pressionando Hatakeda.

Aki estava furiosíssima pela forma como Watanabe insultara as mulheres e também pelo sorrisinho de Hatakeda, que exibia uma expressão confusa. Permaneceu calado por momentos, sem saber o que dizer, mas logo respondeu:

– Pois foi. Hoje de manhã ela disse que não poderia vir trabalhar, mas parecia estar com pressa. Desligou sem dizer o motivo.

Hatakeda disse aquilo como se tivesse acabado de se lembrar do sucedido. Se assim fosse, não seria um erro de comunicação de Hatakeda? Aki pensou nisso, mas não o questionou a ninguém.

– Deve estar de ressaca – comentou Watanabe, mordaz.

– É a única explicação plausível – apoiou Yamada.

Pelos vistos, queriam que Nishioka fracassasse.

– Mas, se estivesse de ressaca, acho que diria a razão. Hoje é o primeiro dia dela como gerente. Deve ter um motivo fortíssimo para não vir ao trabalho. A Nishioka é diligente. Para não dizer a razão e estar tão atrapalhada, deve estar com um problema muito grave em mãos. Porque é que não lhe ligamos para o telemóvel? – sugeriu Aki.

Até ela se questionava por que motivo estava a defender Nishioka. A frase altiva de Watanabe acusando as mulheres de serem imprestáveis ateou fogo à ira de Aki. Ao ouvir a proposta de Aki, Hatakeda assentiu, com uma expressão serena:

– Boa ideia.

Sem dar tempo a Watanabe de dizer fosse o que fosse, Aki pegou no telemóvel e ligou para o número de Nishioka. Todavia, depois de várias tentativas, foi conduzida para o correio de voz. Preparava-se para ligar de novo, mas foi impedida por Watanabe.

– Já chega. Haja o que houver, se não é capaz de explicar o motivo da ausência, já fracassou como gerente. Diz isso à Nishioka – declarou Watanabe, levantando-se do seu lugar, cheio de raiva.

– Di-lo-ei sem falta – replicou Yamada, na sua voz esganiçada, seguindo os passos de Watanabe.

– Não achas horroroso? – perguntou Aki a Nobumitsu, que voltara cedo para casa pela primeira vez em algum tempo. – O pai da Nishioka foi hospitalizado. Ela estava desesperada por saber se o pai iria sobreviver ou não e acaba perseguida desta maneira. Só me pergunto no que é que o Hatakeda estava a pensar. Como é que ele se sentiria se algo assim acontecesse a um dos pais deles. Não concordas?

Aki estava cheia de raiva. Ao final da tarde, Nishioka ligou novamente a explicar o motivo da sua ausência. Toda a gente sabia que era filha única e qual o seu ambiente familiar. Quando lhe fizeram aquela maldade no primeiro dia em que se tornou gerente, todas as mulheres no local de trabalho simpatizaram com ela. A enfermidade e os cuidados dos pais idosos não eram problemas alheios.

Porém, ao ouvirem o que se passou, Hatakeda e Tsujii fizeram de conta que não sabiam de nada. Aki presenciou a sua conversa com Watanabe. Tinha a certeza de que eles estavam a par dos factos.

– É garantido: o Hatakeda fez-se de esquecido de propósito! Quando lhe disse isso, ficou logo desorientado.

– Não me digas – retorquiu Nobumitsu, sem grande interesse.

– E o Watanabe, da sede, é um homem nojento. Até fico sem palavras. É um incompetente, mas gosta de se gabar à frente dos subordinados. E depois ainda diz que as mulheres não podem ser

gerentes! De que época é que este fulano veio?!

Aki continuou a falar sozinha, enquanto Nobumitsu bebia uma cerveja e a ouvia com um ar aborrecido. Como Aki estava na cozinha a preparar a comida, não se apercebeu do ar de Nobumitsu.

– Mas há muitos tipos assim. Quando atingem o sucesso, acham-se melhores que os outros. São uns idiotas. Pior só os que lhes dão graxa, e olha que não são poucos.

Nobumitsu pegou num pepino com os pauzinhos e molhou-o em vinagre, expandindo a conversa de Aki.

– Sim, tens razão.

– Mais importante: esses tipos não aceitam que a tal Nishioka seja gerente.

– Achas mesmo?

– Acho. Para eles, ter uma mulher gerente não tem graça nenhuma – afirmou Nobumitsu, com a maior das naturalidades.

– Pois. No caso do Watanabe, até percebo, porque é mais velho. Mas o Hatakeda está na casa dos 30. Porque é que é tão conservador?

– indagou Aki. Pôs um peixe-rei acabado de fritar num prato e serviu-o a Nobumitsu.

– A idade não tem nada que ver. A maioria dos homens não gosta de ter mulheres como chefes. Se a mulher for muito mais velha, talvez até aceitem. Se tiver uma idade parecida, não se conformam.

– O quê? A sério? – perguntou Aki, surpreendida. – Achas o mesmo, Nobumitsu?

– Não digo que me importaria de ter uma chefe. Mas acho que seria mais complicado de trabalhar se isso acontecesse. Nunca tive essa experiência – respondeu, espetando os pauzinhos no peixe-rei. Era um dos seus peixes favoritos.

– Mesmo que fosse extremamente qualificada e tivesse uma boa personalidade?

– Não é essa a questão. Como é que hei de explicar... As mulheres pensam de outra forma. Obrigam-nos a reparar em coisas estranhas. É muito maçador. Não tenho muitas mulheres no meu meio, por isso

não sei o que faria nessa situação – continuou Nobumitsu, comendo o peixe-rei pela cabeça.

– Será? – Aki estava desagrada. – O trabalho não devia ser baseado em competências?

– Em público, defende-se a meritocracia e direitos iguais para homens e mulheres. Mas é só fachada. Na minha empresa, havia uma editora de uma revista para o público feminino que estava prestes a ser promovida a chefe de redação. Mas há pouco tempo foi despromovida sem motivo aparente. Diz-se que lhe tiraram o tapete por ser mulher. Quando as mulheres são bem-sucedidas, começa a haver muitos problemas do género. E muita gente espalha boatos para as injuriar. Acho que não é correto ir tão longe, mas...

Ao ouvir essa história, Aki lembrou-se dos rumores sobre Riko e Shibata que circulavam na Internet. Talvez fosse um caso de difamação contra Riko.

– É revoltante.

– Sim. A minha empresa anda com maus resultados e até se especula sobre uma possível reestruturação. As traições entre colegas são ainda mais frequentes do que noutras editoras.

– Mas eu nunca fui propriamente assediada por colegas homens. Costumam ser as raparigas a fazerem-me a vida negra – revelou Aki, servindo o tofu frio numa tigela e picando o cebolinho e o gengibre.

– É natural. Os homens não te veem como rivais no trabalho. E tu ainda és nova, Aki – declarou Nobumitsu, de forma descontraída. Aki deteve-se.

Será que não era odiada pelos homens no local de trabalho apenas porque tinha funções limitadas e não estava numa posição de responsabilidade?

– Quer dizer que, quanto mais eu trabalhar, mais os homens me vão ver como uma ameaça? E depois vão começar a sabotar-me?

Por exemplo, como tinham feito a Riko Nishioka.

– É possível. Quando surge uma mulher rival, os homens que até então lutavam entre si unem-se contra o inimigo comum. A inveja dos

homens é hedionda – discorreu Nobumitsu, bocejando.

Aki continuava chocada.

No fim de contas, era mulher, tal como Nishioka. Tudo o que acontecera a Nishioka podia passar-se consigo. Foi a primeira vez que sentiu uma ligação a Riko.

– Mas toda a gente valoriza assim tanto o sucesso?

– Sim. Os homens são criaturas lutadoras. Não querem perder por nada. Alguns até usam meios sujos para saírem vitoriosos.

Enquanto dizia isso, Nobumitsu agarrou Aki pelo braço quando ela se aproximava para pousar a tigela de tofu frio e, com toda a sua força, puxou-a para junto de si. Aki mal conseguiu pousar a tigela. Perdeu o equilíbrio, caindo nos braços de Nobumitsu, que a abraçou pelas costas.

– Não importa. De qualquer modo, isto não tem nada que ver contigo, Aki. E olha, já chega de comida. Vamos ali para o quarto descansar – sussurrou, beijando-a na nuca.

Aki franziu o sobrolho. O hálito de Nobumitsu tresandava a peixe.

– Olha, não me estou a sentir muito bem. Não tenho vontade.

Aki sacudiu o braço de Nobumitsu, levantou-se e voltou para a cozinha. Nobumitsu suspirou ao de leve.

Riko passou a noite no hospital. Quando lá chegou, o médico disse-lhe que as primeiras 24 horas seriam cruciais.

– Se não houve sinais de alerta até agora, penso que não se tratará de um enfarte, mas sim de um acidente isquémico transitório. De qualquer modo, não temos a certeza, pelo que teremos de o manter em observação durante as próximas 24 horas. Não creio que corra perigo de vida, mas, se sofrer convulsões ou paralisia nas próximas 24 horas, os efeitos da doença poderão perdurar por muito tempo.

O pai não precisava de cuidados de enfermagem contínuos, mas Riko era incapaz de voltar para casa. Pediu que lhe pusessem uma cama improvisada no quarto do pai e ali se deitou. Contudo, não conseguiu dormir.

O que aconteceria dali para a frente?

Conhecia o conceito de cuidados na terceira idade, mas nunca pensou que essa responsabilidade recaísse sobre os seus ombros tão cedo. O pai ainda só tinha 68 anos e tinha uma saúde forte. Pensava que ainda estivesse seguro.

Ou, melhor, assim queria pensar. Não queria considerar sequer a possibilidade de o pai adoecer. Queria acreditar que estaria bem para sempre.

O que faria se ele ficasse paralisado? Seria capaz de manter o seu emprego enquanto cuidava do pai? Não tinha irmãos: só lhe restava cuidar do pai. No fim, talvez tivesse de o pôr num lar. Mas até isso seria complicadíssimo.

Mentalmente, Riko reviu as conversas que teve com as amigas e os artigos de jornal que leu sobre quão árduo e trágico era cuidar de idosos.

Devia ter prestado mais atenção. Nunca pensou que o pai fosse colapsar no dia em que assumiria a gerência da livraria.

Quicá estivesse a ser punida por se focar apenas no trabalho sem ligar nenhuma ao pai.

Se calhar, era mesmo melhor se se tivesse casado. Se o tivesse feito, teria um companheiro com quem se aconselhar e que a poderia apoiar.

O seu pensamento foi fustigado por várias ideias; a cabeça não acalmava. Quando amanheceu, sentiu-se sonolenta. Despertou apenas quando já estava na hora do primeiro exame da manhã.

Ouviu o som de algo a tilintar no corredor.

– Bom dia – saudou uma jovem enfermeira, abrindo a porta do quarto.

– Bom dia.

Riko levantou-se às pressas da cama. Dormira não de pijama, mas com um fato de treino, pelo que não se importava que a vissem assim vestida. O mais embaraçoso era pensarem que iria ficar a dormir o tempo todo.

– Como se sente? – perguntou a enfermeira, espreitando a cama do pai.

– Bom dia – respondeu o pai, com toda a clareza.

– Ena! Está tão bem-disposto! E está com boa cara. Vai ver que vai ficar bom.

Riko também se aproximou da cama do pai para o observar.

– Estás bem?

– Sim – redarguiu o pai, breve.

Parecia estar com a cabeça fresca. Embora não desse ares de conforto, pelo menos conseguia mexer o corpo.

– Deve ter sido algo temporário. Por agora, não corre perigo de vida. Caso não sofra algum tipo de paralisia, deve poder ter alta daqui a uma semana – anunciou o médico que fez a ronda após o pequeno-almoço.

– Quando é que saberemos com certeza se ficará paralisado ou não?

– Ainda vamos fazer alguns exames. Mas, observando o seu pai, constato que se consegue mexer. Tudo me leva a crer que, provavelmente, ficará bem.

Ao ouvir aquelas palavras do doutor, Riko sentiu-se finalmente mais relaxada.

Que alívio.

Para já, as coisas poderiam continuar como estavam.

Com o peito cheio de gratidão e paz de espírito, Riko lançou um grande suspiro.

Naquele dia, de tarde, Riko foi trabalhar. Como faltara no dia em que fora promovida a gerente, nesse dia, pelo menos, tinha de dar a cara. Pouco depois das três horas, saiu do hospital. Quando chegou à livraria, foi recebida com um comunicado de Tsujii, que a informou de que, no dia anterior, Watanabe se tinha ido embora furioso. Riko ficou insatisfeita por Hatakeda não ter transmitido o recado, mas agora ele estava de folga. Mais do que confrontá-lo, Riko achava que o mais importante era ligar para a sede a pedir desculpas.

– Senhor Watanabe, peço desculpa pelo que se passou ontem – pediu Riko, ao telefone.

– Achas que isto pode ser resolvido por telefone? Se queres pedir desculpa, vem cá diretamente – respondeu Watanabe, desligando ruidosamente a chamada.

Não esperava outra coisa do Watanabe, suspirou. De todos os diretores da sede, Watanabe era o mais tirano e capcioso. Riko tinha despertado a ira de uma pessoa desprezível, pensou.

De qualquer forma, poderia ter mostrado mais consideração, tendo em conta a doença do seu pai. Com essa ideia em mente, Riko perguntou a Tsujii, que estava à sua frente:

– Não percebo bem o que se passa, mas o senhor Watanabe parece chateadíssimo. Posso sair?

– A livraria está sob controlo, acho que sim.

– Nesse caso, vou dar um salto à sede. Ele pareceu-me ameaçador, tenho de ir já pedir desculpas.

– Se calhar, estava só maldisposto. O senhor Watanabe tem uma personalidade muito volátil.

– Pois tem. Espero que seja só isso. Seja como for, vou indo.

Então, Riko começou a preparar-se.

Abriu a porta do Departamento de Assuntos Gerais. Lá dentro, estavam umas dez pessoas a trabalhar silenciosamente. Sempre que ia

àquela sala, Riko achava-a muda e impenetrável. No fundo da sala, numa posição que permitia ver a divisão inteira, ficava a secretária do diretor-geral Watanabe, que se encontrava reclinado ao telefone. Dirigindo-se ao seu interlocutor do outro lado da linha, disse:

– Sou o Watanabe. E tu?

O seu tom era mal-educado. Na sala silenciosa do departamento, ressoava apenas a voz de Watanabe.

– Sim? E de onde? Não sabes? Sou eu! O diretor-geral das Livrarias Pégaso! – Pelos vistos, estava a falar ao telefone com alguém de outra empresa. – Isso mesmo, ainda bem que percebes. Já agora, o Kamiya está aí? O quê, saiu? Viagem de negócios? Pronto. Ele que me ligue quando voltar. Sim, sim. Vá, chau.

Então, pousou violentamente o auscultador. Ao assistir àquela cena, o semblante de Riko paralisou. No dia a dia, era enfatizado insistentemente que as chamadas fossem desligadas com respeito e que se fizesse de tudo para não ofender os interlocutores por telefone. A diferença entre a livraria e a sede era abismal.

– Quem é vivo sempre aparece! – disse Watanabe, ridicularizando-a.

– Peço as mais sinceras desculpas pelo que se passou ontem. Na verdade, o meu pai foi hospitalizado – começou Riko, mas foi prontamente interrompida.

– Chega de desculpas. Vem cá.

Watanabe levantou-se do seu lugar e dirigiu-se à saída. Em seguida, como se se tivesse lembrado de súbito, virou-se para trás e, com um gesto de queixo, chamou:

– Yamada.

Ao lado de Watanabe, sentou-se Yamada, que ocupava a posição mais próxima de diretor-geral sénior.

– Estávamos à sua espera – disse, levantando-se sem demoras.

Yamada seguiu Watanabe. Riko não teve escolha a não ser imitá-lo.

– Faltar ao primeiro dia como gerente por estar de ressaca é demasiada incompetência – afirmou Watanabe, sem sobreaviso, mal entraram na sala.

– Devo dizer-lhe que não estava de ressaca. Ontem de manhã, o meu pai adoeceu repentinamente e foi levado de ambulância. Na nossa família somos só eu e o meu pai. Então, fui com ele para o hospital...

Quando terminou, Watanabe sacudiu a mão à sua frente, detendo-a.

– Não quero ouvir mais nada sobre a tua vida privada. O problema aqui é teres faltado ao trabalho sem contactares.

– O quê? Mas eu liguei do hospital e resumi o que se passou! Até pedi que contactassem a sede a informar do sucedido!

– Não foi isso que me constou.

– Será que nos contactaram? – repisou Yamada, de lado.

– Sim, eu deixei recado ao Hatakeda. Por volta das nove e meia da manhã.

– Ao Hatakeda?

Watanabe e Yamada entreolharam-se.

– Se a mensagem não vos chegou, creio que foi um erro de comunicação do Hatakeda.

Não queria culpar o seu subordinado, mas tinha de dizer a verdade.

– Ou seja, o Hatakeda esqueceu-se de nos informar?

– Sim.

– O Hatakeda disse que ouviu que a gerente Nishioka ia faltar ao trabalho, mas que não sabia o motivo – revelou Yamada.

– Isso não é possível. Eu liguei do hospital, tudo certinho. – Riko começou a exasperar. – E se eu tinha uma razão para faltar, porque é que haveria de a esconder?

– Nesse caso, mais do que um erro de comunicação, é um problema na gestão do pessoal – disparatou Watanabe, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

– Como?

– Não te estás a dar bem com os teus subordinados, pois não? É por isso que a mensagem não passa.

– Nem mais. Acho que não tens grande popularidade – acrescentou Yamada, seguindo a cadência de Watanabe.

Os desenvolvimentos inesperados da conversa desorientaram Riko. Finalmente, percebeu que não fora ali chamada para pedir desculpa pelo que acontecera no dia anterior.

– Mesmo antes de seres nomeada gerente já arranjavas problemas.

Watanabe diminuiu a intensidade do tom. Queria vincar a sua autoridade.

– Como assim?

– Dás demasiado nas vistas. Pediste permissão para seres entrevistada? O objetivo não era publicitar a tua cara na comunicação social, era divulgar as Livrarias Pégaso. Mas tu tinhas de aparecer como a carismática livreira!

Yamada atirou a revista para cima de Riko. Ali, estava uma grande fotografia sua, sorridente, e da autora de *Até que a tua voz alcance*.

– Não fui eu que planeei isso. Foi o editor da Editorial Hitotsuboshi que decidiu...

Yamada ignorou as palavras de Riko, continuando:

– A tua personalidade põe em causa o teu perfil para seres gerente. Muita gente nos informou disso.

– O quê?

– Dizem que és demasiado rígida, uma déspota, que te exaltas e que maltratas os funcionários de que não gostas – enumerou Yamada, descomprometido.

– Quem é que disse isso? – interrogou Riko. Não conseguiu evitar que a voz lhe tremesse. – Será que foi a Obata?

O primeiro nome que veio à cabeça de Riko foi o de Aki.

– Não, não foi a Obata. Mas tu és muito exaltada com ela. Até andaste aos encontros e a discutir com ela em plena livraria – comentou Yamada, estranhamente contente.

– Nunca fiz isso...

– Mas a Obata não disse nada. Ela é neta do diretor Kitamura. Quem nos falou de ti foi outro funcionário. Diz que não aguentava ver-te a assediaries a Obata.

– Também nos disseram mais: que acham que és talentosa, mas que não és flexível e gostas de te destacar.

Ao ouvir os seus defeitos listados um a um, Riko começou a sentir-se ansiosa.

– Não és generosa com os teus subordinados e aproprias-te dos seus feitos – prosseguiu Yamada, alheio a Riko.

– Mas, se eu sou assim tão má, porque é que me promoveram a gerente? Se sou tão problemática, podiam não me ter nomeado – refutou Riko, incapaz de se conter.

A surpresa e o vexame estavam prestes a levá-la às lágrimas.

– Se fôssemos nós a decidir, provavelmente era mesmo isso que teríamos feito... – confessou Watanabe, contrito.

– O presidente só tem ideias caprichosas. Quando te viu na revista, concluiu que seria bom ter uma mulher gerente.

– Então, pá?

Ao ouvir a revelação inusitada de Yamada, Watanabe fulminou-o com o olhar. Yamada encolheu-se e baixou a cabeça.

Riko percebeu que só tinha sido promovida a gerente por decisão unilateral do presidente da empresa.

– Muita gente se opôs à tua nomeação, mas, já que o presidente assim quis, achámos que seria bom a título transitório.

– A título transitório? O que quer dizer com isso?

Watanabe olhou para Yamada, ressaltando o queixo como que para o instar a ser ele e a pronunciar-se. Yamada anuiu e, tossicando, revelou:

– Na verdade, a nossa empresa está a ter maus resultados e, nesse sentido, conduzimos um estudo interno para identificar pontos a melhorar. Uma das opções em cima da mesa é o fecho e fusão de lojas. E a principal candidata ao fecho é a tua.

Riko estava incrédula. Tudo o que ouvira na sede estava às voltas na sua cabeça.

Dali a meio ano, a sua livraria iria fechar portas, e ela seria gerente temporária.

Esse facto chocou-a. Mas o que mais a surpreendeu foi a forma como foi rotulada de «gerente falhada» e acusada de ser problemática antes ainda de ter assumido a gerência. E a sede apenas chegou a essa conclusão por causa de informadores secretos que trabalhavam na livraria de Riko.

Quem seriam? Odiá-la-iam a esse ponto? Pelos vistos, não eram só dois ou três. Yamada, dos Recursos Humanos, não lhe revelou os nomes. A ansiedade de Riko continuava a atormentá-la. Quem seriam os seus inimigos? Hatakeda, que não informara Watanabe de propósito, era obviamente um deles. Mas quem mais? Tsujii, talvez, pois era próximo de Hatakeda. Yamada negou que Aki Obata estivesse envolvida, mas ela era suspeita. Não obstante, nesse caso, todos os funcionários estariam contra ela.

Quando deu por si, estava de volta à livraria. Queria ter ido para o hospital, mas, inconscientemente, pôs os pés a caminho do trabalho.

– Está bem, Nishioka? Está com má cara – disse Ozaki, preocupada, quando se cruzou com Riko. – Deve estar cansada de tratar do seu pai.

– Obrigada. Talvez tenhas razão – respondeu Riko, sorrindo. Agradecia a sua consideração, mas não queria falar sobre isso. Quem eram os seus inimigos? Será que Ozaki seria mesmo sua aliada?

Riko subiu até ao quinto andar e foi para o escritório das traseiras. Takahiko Mita estava sozinho no escritório a pesquisar qualquer coisa no computador. Nishioka sentou-se no lugar ao fundo da sala. Mita continuava a trabalhar ensimesmado. De repente, Riko sentiu um ímpeto de perguntar algo a Mita. Ele era sério e adorava o seu trabalho. Parecia só gostar de trabalhar com livros. Nunca se envolvia em mexericos nem falava mal dos outros. Muito provavelmente, nunca iria conspirar com Hatakeda e Tsujii para a minar. E não

andaria com rodeios: dir-lhe-ia exatamente tudo o que sabia.

Mita parecia ter terminado a pesquisa. Levantou-se da frente do computador e preparava-se para sair do escritório quando, numa voz rouca, Riko o chamou:

– Mita.

– Sim? – respondeu Mita, aproximando-se de Riko.

– Olha, queria perguntar-te uma coisa... – Perante a expressão atónita de Mita, Riko hesitou. – Mita, queria saber o que achas de mim. Disseste a alguém que a minha atitude é problemática?

– Desculpe?

Observando a postura composta de Mita, Riko optou por atacar a verdade com tudo o que tinha.

– Fica só entre nós. Mas alguém disse aos Recursos Humanos que eu ajo de maneira problemática e que não sou digna de ser gerente. Pelos vistos, foram várias pessoas. Não me disseram quem, mas fiquei curiosa...

– E, por causa disso, os Recursos Humanos vão castigá-la, Nishioka?

Mita aproximou-se mais de Riko e sentou-se numa cadeira ao seu lado. Dali, olhou de frente para Riko.

– Não, não propriamente...

Riko tentou desviar a conversa. Mas, tendo sido nomeada gerente transitória, o seu próprio cargo era uma forma de punição.

– Fui só advertida, mas quero saber quem foi. Nunca pensei que dissessem isso de mim – confessou, com franqueza.

Confiava em Mita a esse ponto. Conhecia-o desde que ele entrara na empresa e ensinara-lhe muitas coisas. Olhou por ele ao longo desse percurso que fez dele um grande livreiro. Portanto, sabia que nunca espalharia rumores nem falaria mal de Riko se ela fosse falar com ele.

– Se souberes alguma coisa, contas-me?

– Agora que fala nisso... – começou Mita, lembrando. – Há cerca de um mês, o gerente... quero dizer, o Nojima perguntou-me se a Nishioka seria uma gerente à altura. Não foi só a mim: fez a mesma

pergunta a várias pessoas.

– E o que é que respondeste?

A contragosto, Mita questionou:

– Tenho mesmo de dizer?

– Por favor.

– Eu... disse que a Nishioka tem muito jeito para o trabalho, mas que a acho algo emotiva. E também que não é bom deixar que os gostos pessoais influenciem o trabalho.

Mita pronunciou as palavras sílaba a sílaba, como que para confirmar a reação da sua interlocutora. Riko não conseguiu esconder o choque. Nunca imaginou que fosse aquela a opinião de Mita sobre si.

– Mas... porquê?

– Desculpe, mas fiquei muito inconformado com a atitude das pessoas em relação à Aki... quero dizer, à Obata. E pareceu-me que liderava esse movimento.

Talvez Mita sempre lhe quisesse ter dito aquilo, mas manteve-se calmo.

– Mas ela também não é sincera... já para não falar do que te fez.

Era impensável que Mita lhe dissesse aquelas palavras. Sem dúvida que ele seria o mais zangado com a mudança de amores de Aki. Riko nunca considerou sequer que ele pudesse ter uma opinião em defesa de Aki.

– Isso não é para aqui chamado. – O olhar de Mita intensificou-se. – O que se passou entre mim e a Aki é problema nosso. As outras pessoas não têm nada de opinar sobre isso. Eu e a Aki sempre fizemos o nosso trabalho com rigor. É bizarro que sejamos difamados no local de trabalho por coisas que aconteceram nas nossas vidas privadas.

– Mas a atitude dela perturbou a ordem no trabalho...

Mita cortou-lhe o pio.

– A ordem? – O canto da boca de Mita contorceu-se. Parecia estar a troçar das palavras de Riko. – A meu ver, quem tem perturbado a ordem no trabalho é a Nishioka. Claramente, tem sentimentos muito

fortes contra a Aki. Anda aí a fazer perguntas sobre mim, mas, no fundo, odeia-a, não é verdade? E não é só a Nishioka: toda a gente tem inveja da Aki. Porque ela é jovem e bonita e tem certos privilégios – cuspiu Mita.

Riko estava boquiaberta. Era a primeira vez em muitos anos de relacionamento profissional que via o normalmente calmo Mita a extravasar assim os seus sentimentos.

– Detestei mesmo que dissessem essas coisas. Só queria que parassem. Diziam todas que a Aki não me merecia, mas eu é que não estava bem para ela. Eu tenho esta minha personalidade e nem sequer estou aqui efetivo...

Riko recolheu-se: não pelas palavras de Mita, mas pela escuridão nos seus olhos. Fê-la recordar o que se tinha passado há sete anos. Ao ver o anúncio de recrutamento em *part-time* da livraria, Mita visitou o espaço pela primeira vez. Estava com o mesmo olhar sombrio. Num murmúrio, narrou as suas motivações para se candidatar. A universidade em que entrou não lhe agradava, o que o levou a deixar de a frequentar. Por esse motivo, fechou-se em casa, passando os dias a ler livros. Entretanto, foi expulso da universidade. Os pais não aguentavam vê-lo assim e instaram-no arranjar um emprego em *part-time* que o levou ali. Como adorava livros, pensou que pudesse ter um emprego relacionado...

Para ser franca, Riko não o queria contratar. Todavia, na altura, a conjuntura económica era melhor e não havia muitos candidatos àquela posição de livreiro em *part-time*, que era bastante mal paga.

Não obstante, o ofício de livreiro assentou-lhe como uma luva. Num piscar de olhos, habituou-se à secção de livros técnicos, uma das mais difíceis. Enquanto o gerente de piso da época, Tsujii, não fazia nada, Mita demonstrava todo o seu potencial. Começou a ser reconhecido pelas pessoas à sua volta, desenvolvendo confiança em si mesmo. Em pouco tempo, tornou-se numa pessoa mais alegre. Parecia ter limado por completo o seu passado de eremita.

– Detesto que as pessoas que não sabem dos factos se intrometam

na vida alheia. Por mim, podiam ir todos embora daqui!

Mita não mudara nada desde outrora.

No seu âmago, havia uma escuridão e brutalidade secretas. E era com essa mente brutal que pensava em Aki.

Riko ficou emudecida. Sentia que, por sua culpa, vira e tocara em algo proibido.

– Peço desculpa, excedi-me – pediu Mita, baixando a cabeça.

Contudo, o orgulhoso Mita não estava envergonhado por ter gritado com Riko, mas por ter perdido a compostura.

Mita levantou-se e saiu da sala em silêncio. Não olhou uma única vez na direção de Riko, que o seguiu com o olhar enquanto saía, incapaz, porém, de se mexer um milímetro que fosse.

– Não deve ter sido nada fácil para a Nishioka. Mal assumiu a gerência, o pai foi hospitalizado.

– Mas ela hoje apareceu por cá. Não deve ser nada de grave. Ah, eu queria mais uma cerveja – disse Mami, esticando o copo na direção de outro funcionário.

Aki permaneceu calada, pondo os pauzinhos num aperitivo cozido. A festa desse dia era para comemorar um evento organizado pelo Kicchi-Yomu, um grupo de vários profissionais do setor livreiro. O evento era uma tertúlia com o tema «Histórias de quem vende livros». Os participantes eram Shunsuke Shibata, o diretor-adjunto da Editorial Hitotsuboshi, e livreiros célebres de livrarias de Kichijōji. A festa serviria para relaxar depois do evento, mas também para comemorar o nascimento do filho de Shibata. Ou seja, era uma festa em nome de Shibata.

Às vezes, Aki também participava no Kicchi-Yomu. Como se dava bem com Shibata, foi à festa. Uma vez que iam poucas mulheres, decidiu levar Mami. A festa decorria num restaurante de churrasco chamado Iseya, perto do parque de Inokashira. Era um estabelecimento com história e conhecido na zona. Atraía muita clientela graças aos preços baixos e ao edifício de estilo residencial antigo, com os seus pilares grossos e o soalho toldados pelo fumo.

– Mas a Nishioka é filha única. Não deve ser fácil cuidar dele – declarou Shibata, afrouxando o nó da gravata. Estava com a cara enrubescida e ligeiramente embriagado.

No piso superior do restaurante, havia mais de 30 pessoas premidas umas contra as outras. Cinco ou seis eram livreiros de Kichijōji. Os demais eram livreiros de outros bairros ou responsáveis de editoras. A maioria, da Editorial Hitotsuboshi.

– Sabe muito sobre o tema, Shibata – afirmou um dos seus subordinados, calmamente.

Se Aki bem se lembrava, chamava-se Sekiguchi ou algo parecido.

Dissera o seu nome no início da festa, mas a cabeça de Aki estava numa roda-viva.

– Pois é, ouvi dizer que o Shibata namorou com a Nishioka. É verdade? – perguntou Mami, sem filtro.

Bolas, pensou Aki.

Todavia, Mami já estava meio bêbeda e ninguém fez caso dela.

– Por falar nisso, ouvi uns boatos desses. É mesmo verdade, Shibata? – questionou um representante de vendas.

Ultimamente, Riko era famosa no mundo editorial. Toda a gente a conhecia.

– Hum... isso são coisas do passado. Agora, tenho mulher e filho – respondeu Shibata, tirando os óculos e secando o suor da cara. Devia estar a tentar ocultar o embaraço, pensou Aki.

– Uau, então era mesmo verdade.

– Que estranho. O Shibata e a Nishioka! Mas, como são mais velhos, talvez até fizessem um belo casal.

Estas insinuações eram dirigidas a Shibata por se ter casado com uma mulher mais nova. Como era alto, não se notava muito, mas tinha uma barriga saliente. E o seu cabelo começava a ficar cada vez mais fino. Era um típico homem de meia-idade. Por isso, causara inveja a muita gente, que não sabia como é que uma mulher jovem o queria.

– Quando é que isso foi?

– Bem, foi antes de andar com a minha mulher. Olhe, é mais uma garrafinha – pediu Shibata, desviando o olhar.

No entanto, o interrogatório intensivo continuou.

– Não foi bem assim... não andou com as duas ao mesmo tempo? – perguntou o subordinado, Sekiguchi, a rir. Parecia feliz por comprometer o chefe.

– Seu coscuvilheiro! – exclamou Shibata, atrapalhado.

– Então, era mesmo verdade. Seu velho malvado!

– A meteres-te com uma subordinada jovem enquanto andavas com a Nishioka... não tens mesmo remédio.

Toda a gente se atirou a Shibata.

– Eu não me meti com ninguém, foi ela que teve a iniciativa e me pediu para ficar com ela.

– O quê? Estás a falar a sério?

– Sim. Por regra, não me aproximo assim das subordinadas.

Shibata parecia algo abespinhado. À medida que ia bebendo, a boca começou a pesar-lhe menos, falando com menos esforço. À sua frente, havia três garrafas de saquê.

– Maravilha, Shibata. És o sonho de toda a gente. Com essa idade, arranjares uma mulher de 27 anos!

Sekiguchi, que fez essa observação, tinha acabado de fazer 30 anos, mas ainda era solteiro.

– Ainda por cima, foi ela que se confessou.

– Mas ainda bem que não descobriu que andava com as duas ao mesmo tempo.

– Porra, se soubesse, tinha anunciado antes do casamento.

Os homens presentes diziam o que bem lhes apetecia, num misto de brincadeira e cobiça. Aki e Mami limitaram-se a pousar os pausinhos sobre os pratos, pois não tinham o que dizer nem particular apetite.

– Alto, que não foi bem assim! A minha mulher abordou-me sabendo que, na altura, tinha namorada.

Shibata parecia algo orgulhoso. O seu rosto ébrio tornava-se cada vez mais avermelhado.

– Isto dá-me cada vez mais raiva!

– Ou seja, a tua mulher é daquelas que fica mais motivada quando sabe que tem uma rival, Shibata? Irra, as mulheres metem medo!

– E depois disso engravidaste-a e casaram. Foste apanhado na curva, Shibata?

– Que espetáculo, também gostava de ser apanhado nas curvas de uma miúda com 27 anos!

– Falem para aí – declarou Shibata, sorrindo.

Que horror, pensou Aki. Porque é que os homens se orgulhavam

destas coisas?

– A Nishioka deve ter sofrido imenso. A separação deve ter sido terrível para ela.

– Nada disso. Somos adultos e acabou tudo limpinho. O problema foi depois – revelou Shibata, com um sorriso.

– Ai, sim? Mas o que é que aconteceu?

– Uns três meses depois, estava a sair do metro quando ela apareceu.

– Quem? A Nishioka?

– Quando estava a subir as escadas, olhei para cima e vi-a a olhar fixamente para mim. Parecia atormentada. Ainda por cima, foi a meio da noite, perto da hora do último comboio. Não acham assustador?

– É de cortar a respiração.

– E o que é que tu fizeste?

– Bem, é um bocado patético ter de admitir isto, mas fiquei tão perturbado, que a empurrei e fugi.

Os homens mal continham a emoção.

– Não tens o teu orgulho, Shibata?

– Ainda por cima andavas enrolado com duas mulheres ao mesmo tempo!

– Mas pensem como se sentiriam no meu lugar. A serem perseguidos por uma ex-namorada. É medonho.

– A culpa até foi tua, Shibata. Podes estar grato por ela não te ter esfaqueado.

Aki começou a sentir-se estranhamente furiosa. Porque é que falavam do tema em tom de piada? E porque o discutiam em público? Nestas ocasiões, os homens querem a atenção toda para si. Para serem a alma da festa, não se importam de se gabar ou de ter conversas grosseiras. Similarmente, Shibata usou um dos piores momentos da vida da sua ex-namorada para fins humorísticos.

– Deve estar a exagerar, Shibata – interveio Aki.

Não queria ouvir mais histórias embaraçosas. As atenções viraram-se para Aki.

– Eu perguntei à Nishioka sobre essa história de se encontrar consigo no metro. Diz que o Shibata ficou tão pálido, que desatou a correr. Mas ela não tinha intenção de o apanhar em flagrante. Até se riu quando mo contou. Cá para mim, o Shibata sente-se culpado em relação à Nishioka, por isso teve de arranjar uma explicação negativa do que se passou.

Aki explanou-o com tal clareza, que todas as outras pessoas concordaram.

– Eram só devaneios teus, Shibata?

– Ou se calhar até é o que tu querias. Gostas de ser perseguido, é?

– Não, não é isso...

– Aposto que nem a Nishioka queria um homem de meia-idade como tu.

Numa festa com álcool como aquela, os temas de conversa mudavam rapidamente. Pairava no ar uma certa invidía, uma vontade de parar a jactância de Shibata.

– Portanto, o Shibata é mesmo boa pessoa. Até se sentiu culpado por uma ex-namorada.

Aki decidiu acompanhar Shibata no rumo que queria dar à conversa. Afinal, era um importante parceiro de negócios.

– Pode-se dizer que sim.

Shibata costumava dar respostas ambíguas. Desta feita, contudo, sorriu. O seu semblante pareceu endurecer.

– Olhe, pode dar-me um desses fritos?

Com um ar composto, Aki pegou num pedaço de frango frito.

– Mas tu não te davas mal com a Nishioka, Aki? – perguntou Sekiguchi, surpreendido.

– Pois é, ouvi dizer que até andaram aos gritos na livraria.

– O quê? Não se passou nada disso – refutou Aki, a rir. Agora, era a sua vez de assumir um ar mais severo. – Quem é que disse tal coisa?

– Ninguém em particular, diz-se no nosso meio que a Nishioka te faz *bullying*.

Toda a gente parecia muito interessada. Devia ser por isso que os

rumores se espalhavam. Aki tentou manter distância do assunto, como se não se importasse minimamente.

– Francamente. Não passam de boatos. Acham que eu sofro algum *bullying*? É verdade que às vezes chocamos no trabalho. Mas isso é porque somos dedicadas e competitivas. Nada mais.

– A sério? Mas ouvi por aí histórias muito específicas. Por exemplo, que a Nishioka não te deu uma prenda de casamento.

– Hã? Que não deu o quê?

Mentalmente, Aki sobressaltou-se. No entanto, optou por exibir uma expressão estranha. Estava ciente de que todos os olhares recaíam sobre si.

– Bem, pois... Cada um diz o que lhe apetece. A única coisa que aconteceu foi uma troca de opiniões mais intensa entre mim e a Nishioka sobre uma mudança de padrões no quinto piso. Eu entusiasmei-me e disse muitas coisas. Mas foi apenas sobre trabalho. Eu e a Nishioka andamos muito ocupadas e não guardámos rancor disso. Mas quem é que espalhou esses rumores irresponsáveis?

Em seguida, iria mostrar o seu tom de voz mais doce.

– Pensando bem, era estranho que a calma Madame Nishioka ficasse tão descontrolada.

– Parece que era só um boato.

– Ena, parecem desiludidos. Preferiam que eu tivesse discutido a sério com a Nishioka? – insistiu Aki, num tom mais abrasivo. Aki sabia que a forma como moderava as palavras, alternando entre a doçura e acutilância, era a melhor maneira de deixar marca nos homens. Sem essa habilidade, uma mulher nunca se poderia promover a si mesma.

– Claro que não. Mas seria interessante – disse alguém.

– Lamento, mas não pretendo alimentar esses rumores. Já agora, ouvi dizer que o Andō, da Editora K, foi internado.

Assim, Aki forçou uma mudança de tema.

Terminada a festa, Aki recusou-se a ir para a *after-party*. Quando

começou a caminhar a passos largos pela grande avenida, foi seguida por Mami.

– Aki? Aonde vais? Vais para casa?

– Vou à livraria. Esqueci-me lá de uma coisa. Desculpa, mas podes ir indo primeiro.

Aki estava com uma cara estranha. Mami ficou preocupada.

– Mas...

Aki virou costas à hesitante Mami e começou a caminhar com a maior das fugacidades.

– Já verificámos os pisos 3 e 4. Ah, e o quinto andar também. Já só cá está a senhora gerente.

– Obrigada. Eu trato do resto – declarou Riko, acenando para um funcionário que tinha o último turno.

– Nesse caso, vou andando. Com licença.

– Muito obrigada.

A escuridão da livraria era perceptível pelo vidro baço do escritório. Já todos os outros funcionários se tinham ido embora. Não se ouvia qualquer ruído para além do sussurro do ar condicionado.

Riko estava no seu lugar no escritório. Ali ficara desde que voltara da sede.

O internamento do pai já tinha sido um enorme choque por si só. Nunca pensou que, para além disso, pudesse enfrentar tamanhos problemas no trabalho. As palavras de Mita haviam-lhe trespassado o peito.

«Quem tem perturbado a ordem no trabalho é a Nishioka.»

Não tinha como lhe responder.

Como é que Mita poderia pensar assim?

De facto, Riko detestava Aki. E, tal como lhe fora imputado, estava apenas a usar a história de Mita para o justificar.

Mesmo assim, porque é que tinha de ser tão insultada? Tinha simplesmente de aceitar os seus ataques sem se explicar?

O que é que eu andei a fazer até agora?

Andei a trabalhar para quê?

Um fio de lágrimas desfez-se no semblante de Riko.

Subitamente, a porta do escritório abriu-se.

– Bem me parecia que aqui estava!

Riko limpou as lágrimas à pressa. Quem poderia ser àquela hora? Olhando na direção da porta, viu Aki Obata de pé. As suas faces estavam ligeiramente coradas.

– O que é que te deu? Estás bêbeda?

Tinha logo de ser a pessoa que menos queria ver.

A sua inocência e insensibilidade enervavam-na.

– Sim, estou. Foi por isso que vim cá, para lhe perguntar uma coisa.

Os olhos de Aki reluziram.

As suas bochechas estavam rosadas e Aki parecia mais animada do que era habitual. Mesmo naquela situação, Riko ficou comovida com a beleza de Aki. Talvez fosse essa sua força vívida que atraía os homens.

– Não quero conversar com gente bêbeda – cortou Riko, com frieza.

Mita tinha razão. Tinha inveja da juventude e beleza de Aki – e do ambiente privilegiado em que nascera. Todos tinham inveja de Aki, independentemente da situação de Mita.

– Mas eu quero perguntar-lhe porque acha que correm boatos sobre nós no setor livreiro.

– Quais boatos? Sobre eu ser apenas uma gerente transitória? – perguntou Riko, num tom desconsolado.

Perplexa, Aki perguntou:

– Transitória em que sentido?

– No único sentido possível. A nossa livraria vai fechar. Eu vou ser a gerente até fechar – disse Riko, bruscamente. Já não queria saber.

– Mentira! Como é possível?

Aki ficou sem palavras, o que foi ainda mais surpreendente para Riko.

– Mas isso devia ser bom para ti. Já não vais ter de trabalhar para

uma gerente de que não gostas. De certeza que consegues arranjar emprego numa outra loja de uma grande empresa. Dizem que houve gente a fazer queixa de mim por não ser uma gerente à altura. Aposto que foste tu a começar!

– Eu não sou nenhuma criança, nunca faria isso!

Aki estava possessa. Até Riko percebia que, para o bem ou para o mal, Aki era uma pessoa simples. Quando não gostava de algo, dizia-o sem pudor. Nunca faria uma reclamação à sede em segredo.

– Tens razão, fazer queixinhas é coisa de crianças – sussurrou Riko. No entanto, isso colocava-a num dilema.

– Mas que história é essa de que a livraria vai fechar?

Para Aki, esse era o maior problema. Aki também era funcionária daquela livraria. Se fechasse, teria de mudar de local de trabalho.

– Este edifício vai ser demolido em março do ano que vem. Por essa altura, a livraria vai fechar.

– Mas porquê? Esta é a loja número 1 das Livrarias Pégaso. Não é uma localização importante para a nossa empresa?

– Não importa se é a loja número 1 se der prejuízo – refutou Riko, com um sorriso irónico.

– Prejuízo? Impossível, eu vi todos os relatórios de contas...

– Sim, mas isso só foi possível porque, até agora, a renda era barata.

– A renda?

– Este prédio é propriedade de um familiar do dono da empresa. Portanto, a renda até agora tinha sido baratíssima. Sabias disso?

– Não.

– Mesmo que tenhamos um balanço positivo, é apenas porque a renda é barata. Quando reconstruírem o edifício, de certeza que nos vão pedir uma renda avultada.

Riko contou tudo o que sabia sobre o que lhe tinha sido dito naquela tarde. Não tinha razões para o esconder e, mesmo que lhe tivessem pedido que guardasse segredo, já perdera a motivação.

– Então as coisas chegaram a este ponto...

– Antigamente é que era bom. Só nós tínhamos uma loja com quase 1000 metros quadrados. Mas, agora, esta zona é um campo de batalha entre livrarias. Há aquela nova no edifício da estação e a galeria comercial no edifício da moda em frente. Também há uma grande loja nova na cave da estação. Desde então que as nossas vendas têm estado em declínio, e não há motivos que levem a crer que vão melhorar.

– Quem é que disse isso? Foram os Magistrados do Mal?

A pergunta de Aki deixou Riko perplexa. De vez em quando, aquela rapariga dizia coisas estranhíssimas.

– Os Magistrados do Mal? De quem estás a falar?

– Dos dois da sede, o diretor-geral, Watanabe, e o Yamada, dos Recursos Humanos. Parecem aquelas personagens que aparecem nos dramas históricos. O Magistrado malvado e o seu lacaios. «Não penses que és melhor que eu!». «Ninguém melhor que o Senhor Magistrado para o dizer.» Esse tipo de personagens... Não parecem?

– De facto...

Riko riu baixinho. Aqueles dois pareciam mesmo uns vilões. Se fossem personagens de uma série de televisão, teriam o papel dos malvados.

– Mas porque é que a nomearam como gerente, se sabiam que a livraria ia fechar?

– Não perguntei, mas acho que não queriam manchar o currículo do senhor Nojima. Ele é familiar do dono da empresa. É complicado lidar com uma loja que irá fechar e decerto não queria macular a sua reputação.

Eu só estava habilitada a ser gerente como bode expiatório, devido à minha má fama. Aposto que o Nojima falou mal de mim para se proteger.

Será que Riko também era uma vilã? Ou teria sido retirada de palco depois de os vilões se aproveitarem dela?

– Era por isso que queriam que fosse a Nishioka?

– Sim. A sede vê-me com maus olhos, os meus subordinados não confiam em mim e toda a gente no setor livreiro tem má opinião de

mim. Só sirvo para limpar a porcaria que os outros fizeram quando decidiram fechar a livraria.

Então, quem seria o protagonista desta série?, questionou-se Riko. Só havia vilões e personagens secundárias? Nenhum aliado da justiça?

– Isto não me agrada. Não me agrada nada! – exclamou Aki, com raiva. – Impingem à Nishioka o que não querem que o Nojima faça e ainda espalham boatos por toda a parte? É bizarro! E porque é que decidiram logo fechar a livraria? Se todos juntássemos forças, talvez conseguíssemos encontrar uma solução.

– Sabes quanto vai aumentar a renda? Um milhão de ienes por mês – afirmou Riko, numa voz condoída. Para obter ganhos de um milhão de ienes por mês, as vendas da livraria teriam de aumentar cerca de 500 mil ienes. O que não era, de todo, realista.

– Mas qual é a alternativa?

– O quê?

– Se dizem que a livraria vai fechar se não vender, a única opção é melhorar as vendas. Quando é que o prédio vai ser reconstruído?

– Em março do próximo ano.

– Portanto, temos seis meses. Temos de dar o nosso melhor até lá, dê por onde der.

– Falas disso como se não fosse nada. Mas nós sempre demos o nosso melhor e, mesmo assim, os lucros não aumentaram...

Aki interrompeu Riko imediatamente:

– Vamos deixá-los subestimarem-nos só por causa disso?

– Como?

– Pare de choramingar. Se não tem vontade de trabalhar, não espere meio ano: demita-se já. Não quero trabalhar sob a liderança de uma gerente desmotivada!

Parecia que estavam numa peça de teatro. Aumentar as vendas era mais fácil dito do que feito. Talvez esta rapariga quisesse ser a heroína que salvava a livraria, considerou Riko, sarcasticamente, enquanto olhava para Aki.

– Para ti deve ser simples: não te diz respeito.

– Diz, sim! Se a livraria falir, todos nós, funcionários, seremos afetados. Não é só a gerente que sofre com o fecho.

– Isso...

Tinha razão. Era um problema transversal a todos os que trabalhavam com ela e confiavam nela, como Ozaki e Yamane. Todavia, não gostava que fosse Aki a dizer-lho.

– Há alguma outra maneira? Isto é, de manter a livraria aberta... – insistiu Aki.

– Há, mas custa 500 mil ienes. É impraticável.

– Só vamos saber se tentarmos. Se todos colaborarmos, as coisas hão de se resolver.

– Colaborar? Estás a falar a sério?

Riko esbugalhou os olhos. Ela nunca diria algo semelhante. Pelo menos, não a Aki.

– Claro que sim.

– Mas porquê? Não deverias ficar feliz pela minha infelicidade?

– Nunca diria algo assim nestas circunstâncias. É tempo de declarar tréguas.

– Tréguas?

Aquela era a Aki que ela conhecia, considerou Riko. Quem nasce donzela, morre donzela.

Era ingênua e preto no branco, uma idealista.

– Não creio que devamos discutir numa altura destas. E a Nishioka é a minha primeira gerente mulher. Acho que tem o dever de se esforçar, de apresentar resultados e abrir o caminho para futuras gerentes. Se a livraria falir, vão começar a dizer que as mulheres não são capazes.

Aki falava com toda a seriedade. Deitou para fora as suas falas sem hesitar, qual personagem numa peça teatral. Era essa a sua natureza.

Se calhar, é isso que mais odeio na Aki Obata.

– A sério?

Neste campo, nunca teria como a vencer. Nunca.

– Desistir e fugir com o rabo entre as pernas não me parece nada

seu, Nishioka. Para onde foi a sua enorme autoconfiança? O seu orgulho? Não vai sentir remorsos se se deixar endrominar desta maneira?

Provavelmente, só ela poderia ser a aliada da justiça. A sua transparência e simplicidade eram condições indispensáveis para assumir esse papel.

– Se achar que é impossível, vá-se já embora daqui. Não precisamos de uma gerente fraca. O que faz falta agora é uma gerente que nos lidere e que combata ao nosso lado. Uma gerente que fique a ver a loja a falir sem fazer nada não faz falta a ninguém! – exclamou Aki, sem rodeios. Os seus olhos não exibiam a mínima indecisão.

A inveja e as maquinações não lhe diziam nada. Quando achava que algo era bom, procedia sem vacilar. A pessoa que Riko vira como inimiga até o dia anterior estava agora a estender-lhe a mão.

Mas será que poderei aceitar essa mão? O que é que eu quero fazer? Como devo agir?

– Dá-me tempo para pensar. Para já, ainda não consigo dar uma resposta.

Riko apanhou o autocarro Nishi-no-Kubo em frente à estação de Musashi-Koganei. Era um autocarro diferente do que costumava apanhar normalmente. Não queria voltar logo para casa, sabendo que ninguém lá estava. Depois de cerca de dez minutos no autocarro, saiu em frente a um supermercado. Como já eram quase dez da noite, o supermercado estava fechado. Não havia ninguém por perto. Seguiu para sul por uma rua estreita, guiando-se pelas luzes da iluminação pública. Uns minutos depois, chegou a uma loja.

Era a Livraria Isshindō, a livraria do bairro a que costumava ir. Quando passava por maus momentos ou se sentia em baixo, era ali que ia.

Há muito tempo, quando soube que a mãe tinha adoecido e que teria pouco tempo de vida, tinha ido àquela livraria. Nessa manhã, o pai falou-lhe sobre o estado de saúde da mãe pela primeira vez. A mãe estava muito doente e a lutar pela vida. No entanto, era uma luta apenas para prolongar uma vida cuja morte já estava sentenciada. Uma batalha para reduzir o sofrimento no pouco tempo que restava.

Isso, por si só, já tinha sido um enorme choque. Mas o pai deu-lhe ainda mais uma notícia terrível.

– Vamos precisar de dinheiro para pagar os tratamentos da tua mãe. Queremos que ela faça tudo o que estiver ao alcance para se tratar. Por isso, lamento, mas não te vou poder pagar as propinas durante quatro anos na universidade privada. Vais ter de ir para uma pública. Se for privada, só se for de curta duração.

Foi no Natal antes dos exames nacionais. Riko queria muito ir para uma determinada universidade. Era uma universidade privada de difícil acesso e com uma reputação respeitável na área do ensino de inglês. Depois de tanto esforço para lá entrar, era-lhe impossível trocá-la subitamente por uma universidade pública. Para começar, nem concorrera ao exame nacional requerido para se candidatar a uma universidade pública. Nesse caso, só tinha um caminho por onde

seguir.

Teria mesmo de se contentar com um curso universitário de curta duração? Então, porque é que se dedicara tanto?

Estava triste pela doença da mãe. Queria que ela recebesse algum tipo de tratamento, por mais ínfimo que fosse. Isso era inegável.

Contudo, para que pudesse acontecer, teria de mudar o trajeto que percorrera até então. E Riko não o conseguia aceitar.

Nem se conseguia perdoar por pensar assim, pela sua falta de lealdade à mãe.

Estava desoladíssima quando chegou à livraria. Não o fizera por nenhum motivo em particular. Quando não sabia o que fazer com o tempo, ia para ali.

Naquele dia, o dono recebeu-a com a mesma amabilidade pacífica de sempre. Porém, algo foi diferente: daquela vez, sugeriu-lhe um livro.

– Se tiveres interesse, porque não experimentas lê-lo?

Era um livro que estava a receber boas críticas na altura. O romance *Kitchen*, de Banana Yoshimoto. Se fosse escolher, provavelmente não compraria aquele estilo de livro. Achava a encadernação demasiado feminina e detestava que estivesse a vender tão bem. Como era jovem, sentia uma certa revolta contra os livros que se tornavam *bestsellers* na época. Quem gostava de livros que se tornavam *bestsellers* era gente que não costumava ler. Eram livros que não se adequavam a si, uma bibliófila.

Depois de comprar esse livro, voltou para casa. Tinha um cupão de 5000 ienes para livros que a tia lhe dera no aniversário e, nas circunstâncias atuais, já não fazia caso de nada. Se o tio da livraria lhe recomendava um livro, era para comprar.

Contudo, quando o leu, chorou.

A tristeza de perder a família para a morte. A solidão. Um vazio difícil de curar. O desespero e a determinação de renascer.

Tudo o que estava escrito naquele livro iria abater-se em breve sobre si mesma, pensou. Mesmo sendo ficção, e quase ao estilo da

banda desenhada, fê-la chorar sem pudor. Quando soube da doença da mãe não chorou. A profundidade do problema e o choque nem lhe permitiriam que o fizesse. Mas, ao ler um romance, podia chorar. Chorar a noite inteira para limpar a alma. Ao verter todas as suas emoções através das lágrimas, sentiu finalmente que poderia prosseguir.

Na vida, é impossível não perder alguém que se ama. A tristeza e a solidão que nos atormentam são inevitáveis. No entanto, decerto podemos fruir de algo por termos sentido essas emoções. É inegável que essa experiência cria laços.

Um simples romance fortaleceu o seu coração. O *katsudon* que a personagem principal recebe nessa história era, para Riko, o próprio livro. Agora, sentia-se preparada para enfrentar a enfermidade da mãe. Queria estar o mais perto possível da mãe no pouco tempo que lhe restava e desfrutar à sua maneira da vida universitária, mesmo que fosse num curso de curta duração.

Mais tarde, agradeceu ao dono da livraria, dizendo:

– Foi muito interessante, ainda bem que o li.

– Fico feliz, Riko. Estavas com um ar triste. Sabia que o livro talvez não fosse o teu estilo, mas achei que poderia ser bom para ti.

E tinha toda a razão. Ficou feliz por o dono da livraria se preocupar assim com ela.

A partir dali, quando tinha um dia difícil no trabalho ou se sentia em baixo, ia àquela livraria. Mesmo que não encontrasse lá nada, sentia-se mais calma. Aquele ambiente plácido relaxava-a.

Acima de tudo, aquela livraria era o ponto de partida da sua carreira. Foi ela que lhe deu a motivação para ser livreira. Quando se cruzou com o livro *Kitchen*, sentiu-se salva. Queria fazer profissionalmente o mesmo que o tio: dar livros a quem precisa.

Àquelas horas, a livraria já estava fechada. Queria, pelo menos, observá-la do lado de fora. Quiçá lhe concedesse alguma força. Foi por esse motivo que foi ali de propósito, seguindo um trajeto mais longo do que era habitual. Todavia, ao contrário do que esperava, a

livraria tinha as luzes ligadas a meio-gás. O dono estava a falar com alguém. Riko deteve-se, observando à distância. Então, o dono saiu da livraria acompanhado por um cliente.

– Volto amanhã com os novos documentos.

– Desculpe lá a maçada, só o meto em trabalhos. Mas muito obrigado.

O dono da livraria fez uma vénia ao cliente e despediu-se dele. Quando ergueu a cabeça, reparou em Riko.

– Ora viva, Riko! Estás a caminho de casa? Estiveste a trabalhar até tarde...

– Sim, mas o tio também. Porque é que a livraria está aberta a estas horas?

– Na verdade, não está. Estava só a falar com um agente imobiliário. Ele veio depois da hora de fecho, mas não imaginava que fosse demorar tanto tempo.

– Um agente imobiliário?

– Ah, não te contei, Riko? Eu vou fechar a livraria no fim do mês.

– O quê? Está a falar a sério?

– Obrigado por tudo, Riko. Muito, muito obrigado.

– O tio só está a pensar em si! Não tinha dito que ia tentar manter a livraria aberta o máximo de tempo possível?

A livraria ia fechar? Nem queria acreditar nisso.

– Esta zona fica longe da estação e não há mais nenhuma livraria aqui. Se desaparecer, o que será das crianças e dos idosos do bairro? Onde é que vão poder comprar livros?

Quando era pequena, a área limitada pelos seus passos era o seu mundo. E esta livraria, a única nesse perímetro, constituía a extremidade desse mundo. Era um lugar especial onde experienciava outros mundos através dos livros. Devia ser igual para as crianças dos dias que corriam.

– Fico muito triste por ouvir isso. Tenho muitos clientes habituais que foram visitando ao longo dos anos. Se não tivesse os meus problemas de costas, manteria a livraria aberta.

– Tem problemas de costas?

– Sim, tenho hérnias. Estiveram adormecidas durante algum tempo, mas pioraram recentemente. Já não aguento mais.

– É... assim tão grave?

O tio já lhe tinha dito que, de vez em quando, lhe doíam as costas. Todavia, dizia-o sempre com um sorriso. E, no fim de contas, dores de costas são um efeito colateral do trabalho, pelo que Riko julgou que não fosse nada particularmente sério.

– O médico até me disse que, se a condição se agravar, corro o risco de não poder andar mais. Já tenho a idade que tenho. Esta é a altura ideal para fechar o negócio.

Quando proferiu aquelas palavras, sorrindo, os seus ombros pareceram pequeníssimos. Os seus cabelos brancos... Riko julgava que ele não mudara nem um pouco desde antigamente, mas, sem que desse por isso, envelhecera. Por esta altura, não seria estranho se o «tio» passasse a ser tratado por «avozinho».

– Mas... é uma pena.

Sentiu no peito uma dor triste, imensa, perfurante. Tinha muitas memórias daquela livraria desde os tempos de infância. Quando andava na escola primária, ia ali todos os sábados para ler a sua revista favorita de BD para meninas. Como não tinha dinheiro para comprar livros, às vezes lia mistérios infantis de uma ponta à outra. Nessas alturas, o «tio» fingia sempre que não via. Ali, descobriu vários autores para além de Banana Yoshimoto. Cruzou-se com diversos livros.

As suas memórias de infância estavam intimamente ligadas a este lugar. Era também a livraria que a fizera decidir-se em relação ao seu futuro.

– Não és só tu que me pedes para não parar, muita gente disse o mesmo. Alguns clientes habituais até me disseram que não compravam livros em mais lado nenhum. Só agora, com esta situação, é que percebi realmente quantos clientes apoiei com a minha livraria. A mim também me dá pena.

É claro que era assim. Era uma livraria tão boa... Não era só Riko que lamentava o seu fecho.

– Felizmente, o pessoal das entregas arranjou emprego na Livraria Bambu. Quando soube, fiquei mais descansado...

– Mas... fico genuinamente triste. Eu tive vontade de trabalhar numa livraria para ser como o tio. Ainda tinha tanto para me ensinar...

– O que estás para aí a dizer, Riko? És muito melhor livreira do que eu. Já agora, ouvi dizer que já és gerente. Parabéns!

– A sério? Quem é que lhe contou?

– O teu pai. Ele tem estado de olho em ti desde que começaste a trabalhar na livraria e contou-me várias coisas a esse respeito. Por falar nisso, apareceste numa revista, não foi? O teu pai estava cheio de orgulho.

– Não acredito. O meu pai não tem o mínimo interesse no meu trabalho.

Quando mostrou a revista ao pai, ele respondeu simplesmente com um «hum» desinteressado. Mostrou uma falta de reação que quase matou a euforia do momento.

– Olha que não. Ele é um pai babado. Até trouxe um recorte do artigo em que apareces para me mostrar!

Um recorte? Nunca tinha visto tal coisa.

– O teu pai disse que não eras nada como ele e que tinhas jeito para as vendas. Ele nunca teve grande sucesso na empresa dele, mas tu estavas sempre em crescendo.

– Não é verdade. A minha livraria também pode falir a qualquer altura. Ninguém quer ser gerente de um negócio assim. Foi por isso que me nomearam.

– Ou seja, é a tua oportunidade para mostrares o que vales, Riko.

– O quê?

– Defender a livraria está nas tuas mãos.

O tio sorriu.

– Sim... de facto...

Se a livraria falisse sob a sua gerência, seria responsabilidade sua? Não seria culpa dos gerentes e administradores passados, que não queriam pensar na situação financeira do negócio?

– Não estou em posição para o dizer. Mas, se a livraria fechasse, ficaria muito triste. Quem sofreria mais seriam os clientes. A vossa livraria é a mais antiga de Kichijōji, Riko, e é frequentada por bons clientes. Se a livraria desaparecesse, eram eles que seriam mais afetados.

Riko lembrou-se de vários clientes que dependiam da sua livraria. Pessoas que só queriam fazer as suas compras ali e que até a chamavam especificamente quando a visitavam. Recordou aquela cliente que ficou feliz pelo artigo de revista em que apareceu como se fosse a própria a visada.

«Fiquei muito feliz. Já conheço a Nishioka há muito tempo e acho que é uma ótima pessoa!», disse a cliente, a sorrir. Relembra-lo foi quase doloroso para Riko.

Para onde iriam todos aqueles clientes quando a livraria fechasse? Alguns queixavam-se de que as outras livrarias de Kichijōji não tinham os livros de que gostavam.

Não era só ela que ficaria em apuros por causa do fecho da loja. As principais vítimas seriam os clientes. A falência da livraria roubar-lhes-ia o direito de irem ali passar um bom bocado e de conhecerem novos livros.

Riko não queria que os seus clientes se sentissem como ela quando soube que a Isshindō iria fechar.

– Pois é, tenho de me aplicar.

Houvesse o que houvesse, ela era a gerente. Só ela poderia proteger os seus funcionários e clientes.

– Tens razão. Tenho grandes expectativas em relação a ti. Mas tenho a certeza de que estarás à altura do desafio, Riko – disse o dono da livraria. Não estava apenas a ser bem-educado: afirmou-o como se fosse um facto. A sua voz, calma.

As suas palavras entranharam-se no ponto mais profundo do

coração de Riko.

Chegou finalmente a casa. Mal chegou, tirou os sapatos e subiu ao andar de cima. Entrou no quarto do pai e olhou em volta. Costumava ser o pai a fazer a limpeza do quarto, pelo que raramente ali entrava. Não sabia onde estavam as coisas, mas encontrou logo o seu alvo. Na estante do quarto, havia um livro de recortes. Tirou-o. Folheou-o e, inconscientemente, exclamou:

– Ah!

Ali, estavam coladas várias coisas sobre Riko. A mais antiga era uma *newsletter* da empresa com mais de dez anos. Era uma lista de funcionários que tinham sido promovidos, da altura em que Riko passou a efetiva. Havia ainda um prémio de excelência, um artigo pela altura em que completou dez anos na empresa e um panfleto de um concurso interno para a melhor exposição. Em todos os artigos de revistas e jornais em que participara, tinha-lhes sido adicionada a data. Obviamente, o grande artigo da *Vintage* também lá estava.

Mas quando é que ele fez isto?

A própria Riko não se interessava por aquele tipo de coisas. Depois de ler uma vez as revistas que lhe enviavam, deitava-as fora. O pai devia tê-las resgatado em segredo, extraindo aqueles recortes.

«O teu pai estava cheio de orgulho», dissera o dono da Isshindō. «O teu pai contou que não eras nada como ele e que tinhas jeito para as vendas. Ele nunca teve grande sucesso na empresa dele, mas tu estavas sempre em crescendo.»

O meu pai nunca me revelou essa sua faceta. Mas é, sem dúvida, um pai babado. Porque é que ele recolheu aquelas coisas e as guardou? Estaria assim tão feliz por me ver a trabalhar? Teria assim tantas expectativas em relação a mim?, pensou Riko.

Uma enorme lágrima caiu sobre os recortes. Consternada, Riko limpou-a com a mão.

Riko não era uma pessoa particularmente impressionante. Era odiada pelos seus subordinados, uma chefe alvo de denúncias.

Quando o pai adoeceu, preocupou-se mais com o que seria de si quando tivesse de cuidar dele do que com a saúde do pai propriamente dita.

– Oh, pai!

As lágrimas começaram a cair-lhe em catadupa. A pouco e pouco, a ansiedade do dia foi jorrando gota a gota. Riko sentou-se ali mesmo, soluçando abraçada ao livro de recortes.

No dia seguinte, foi realizada a reunião mensal de gerentes de loja na sede da empresa. A reunião juntava todos os gerentes das Livrarias Pégaso e os administradores para divulgar diretrizes e políticas, bem como para facilitar a partilha de informação entre as lojas. Era a primeira vez que Riko participava. Entrando na sala de reuniões, foi imediatamente abordada pelos gerentes das lojas de Ōkubo e Iidabashi. Tinham trabalhado ambos na livraria de Riko. Quando se juntaram à empresa, Riko foi incumbida da sua formação. No entanto, eles singraram mais cedo do que ela, tornando-se gerentes de loja anos antes. Ambos felicitaram Riko pela promoção, dizendo:

– Finalmente vemos a Nishioka aqui.

– Sinceramente, demorou demasiado tempo.

Riko não sabia se as palavras eram sentidas, mas, de qualquer modo, não lhe causaram qualquer desconforto. Estava a conversar com eles quando o antigo gerente, Nojima, entrou na sala. Como Nojima fora promovido ao Departamento de Sistemas de Informação, participaria na reunião como seu representante. Quando os olhos de Nojima se cruzaram com os de Riko, desviou instintivamente a cara. Riko pediu licença aos seus dois interlocutores e aproximou-se de Nojima.

– Olá, Nojima.

– Ah, como estás?

– A partir de hoje, passo a participar nestas reuniões. Como não sei bem do que se trata, se eu não souber de alguma coisa, ensine-me, por favor. Só posso contar consigo, Nojima.

Olhou para Nojima com um ar desamparado. Nojima era incapaz de agir cruelmente se lhe fizesse um pedido como aquele.

– Sim, claro. És bem-vinda sempre que precisares de ajuda.

– Muito obrigada – agradeceu Riko, com uma vénia cortês.

Nojima pestanejou, nervoso.

Saberá o que eu penso realmente? O Nojima deve ter ouvido várias

coisas do Departamento de Assuntos Gerais, supôs Riko. Ela sabia que Nojima não era seu aliado. Por isso, se o antagonizasse diretamente, era Riko quem ficaria em desvantagem.

– Viva, Etō. Boa tarde – saudou Riko. Era um conhecido seu, gerente da livraria de Ogikubo.

– Olá, Nishioka. Parabéns pela promoção a gerente.

Etō era o gerente da maior livraria de toda a cadeia. Todavia, a opinião generalizada ditava que apenas lograra a sua promoção com cunhas. Andava sempre com a cara enrubescida e com os olhos inchados. Tinha um corpo anafado e descaído. Via-o muitas vezes em festas, mas nunca em conferências ou formações de editoras.

– Muito obrigada. Sou uma mera substituta do Nojima, que foi transferido de repente. Não fiz nada de especial para o merecer.

– O que é que estás para aí a dizer? Não eras a carismática livreira das Livrarias Pégaso?

– Não diga isso, que me dá vergonha. Só participei porque me disseram que era para promover a livraria do Nojima. Não quero ser uma livreira carismática. Quando oiço alguém tão competente como o Etō a dizer isso, só me dá vontade de me enfiar num buraco.

– Bah, ah, ah! – gargalhou Etō, com todo o corpo. Era um homem simples e vulnerável à bajulação.

– Não me sinto à altura de ser gerente e há imensas coisas que não sei. Conto com a sua orientação.

Em seguida, Nishioka fez uma vénia a Etō.

– Obviamente! Estás à vontade – prometeu Etō, bem-disposto. Então, seguiu até ao fundo da sala.

Nojima observou Riko com um ar surpreendido. Conhecia bem Riko, mas nunca pensou que fosse capaz de instigar os homens pela palavra daquela forma.

– Nojima, a reunião está prestes a começar. É melhor sentar-se – sugeriu Riko.

– Ah, tens razão – assentiu Nojima, atrapalhado, seguindo para o seu lugar no fundo da sala.

A seguir, foi a vez de os Magistrados do Mal – Watanabe e Yamada – entrarem na sala. Riko sentou-se no lugar mais perto da porta. Por fim, o presidente entrou pela porta do fundo da sala. Ao sentar-se, o mediador da reunião anunciou:

– Tem início o conselho da gerência.

O presidente ainda estava na casa dos 50 anos. Era o segundo filho do fundador. O fundador tinha falecido há mais de dez anos. O filho mais velho assumiu a presidência da empresa do setor alimentar que pertencia ao mesmo conglomerado, tendo recaído sobre o segundo filho a responsabilidade de liderar a cadeia de livrarias. Riko não desgostava deste presidente. Foi completamente escudado do mundo exterior durante a infância. O seu semblante fazia lembrar o deus Ebisu, pois estava sempre a sorrir. Não tinha grande interesse em saber detalhes do negócio e dizia-se que delegava todas as tarefas nos seus administradores.

Riko achava que estava bem como presidente. Revelar-lhe demasiados pormenores sobre o que se passa no terreno só causaria problemas.

– Começemos pelos relatórios de vendas deste mês.

Cada livraria anunciou lentamente as vendas registadas.

– A loja de Akabane reporta no mês de setembro vendas totais no valor de 19 827 655 ienes; custo das vendas: 15 465 570 ienes; lucro bruto: 43 600 000 ienes. Lucro operacional...

Os gerentes enumeraram as vendas de cada loja. Tratando-se apenas de números, era extremamente aborrecido para quem estava a ouvir. *Para quê, se já distribuíram a documentação?*, interrogou-se Riko. Segundo o fundador, o conselho da gerência, no qual eram partilhados os relatórios de vendas de cada livraria, era uma forma de fortalecer o grupo. Riko manteve-se de cabeça baixa, examinando a sala à sua volta enquanto fingia estar a ouvir. Disfarçadamente, enviou mensagens no telemóvel. Era como se estivesse numa aula da faculdade.

– Receitas não-operacionais: 175,08 ienes, despesas não-

operacionais 10 000 ienes...

As vozes dos responsáveis continuavam. Eram duas da tarde, a hora em que o sono se manifesta com mais intensidade. Até havia quem bocejasse. As vozes dos gerentes a lerem os relatórios de vendas convidavam a moleza. Etō e alguns outros já estavam em modo de sono profundo. Só Watanabe e Yamada se mantinham absolutamente despertos, examinando Etō e os demais adormecidos. Já o presidente limitava-se a pestanejar e a aquiescer. Foi então que a sua cabeça descaiu subitamente para a frente. Deve ter acordado de imediato, pois corrigiu logo a postura, embaraçado. Nesse instante, o seu olhar cruzou-se com o de Riko. O presidente sorriu acanhadamente.

Eu bem suspeitei. Com este presidente, vai valer a pena tentar, concluiu Riko.

Em seguida, cada secção e livraria apresentou os seus pontos relevantes para a reunião e foi apresentado um novo sistema de gerência. Foi ligeiramente melhor do que a leitura dos números, mas não justificava por si só aquele ajuntamento.

Depois de todos os anúncios terem sido feitos, declarou o mediador:

– Por último, gostaríamos de chamar a mais recente adição à gerência para dizer algumas palavras. Gerente Nishioka, da livraria de Kichijōji: faça favor.

Finalmente chegara a sua vez, pensou. Os responsáveis do Departamento de Assuntos Gerais informaram-na de que seria convidada a dizer algumas palavras no fim da reunião. Com um sorriso nos lábios, Riko levantou-se.

– O meu nome é Riko Nishioka e sou a nova gerente da livraria de Kichijōji. É uma honra para mim ser a primeira mulher gerente. Aguardo com expectativa esta nova era, em que as mulheres serão cada vez mais preponderantes ao nível da gerência. Agradeço, por isso, ao senhor presidente e a toda a administração. Prometo dar o meu melhor.

Watanabe e Yamada torceram o nariz. O presidente ouvia com um

ar curioso.

– Já agora, sei que a livraria a que pertenço, a de Kichijōji, tem estado em tendência de queda. Isso está obviamente ligado às dificuldades que o setor livreiro tem experienciado enquanto um todo, mas também com o desenvolvimento da zona nestes últimos dez anos, nomeadamente pela abertura da Livraria B na estação de comboios e pela abertura de três outras livrarias num perímetro de 100 metros de distância. Abriram ainda duas outras livrarias que vendem livros novos e em segunda mão. Creio que estas aberturas tiveram um impacto inegável. Estou certa de que o antigo gerente de loja, Nojima, está a par desta situação.

Todos os olhares se viraram para Nojima. Ele olhou para Riko, sem saber o que dizer.

– Tal como foi reportado há pouco, os lucros operacionais constituem apenas 3% das vendas totais. Não são bons números. Para piorar ainda mais as coisas, em março do ano que vem, a empresa que administra o edifício em que estamos vai terminar o contrato de arrendamento. Como saberão, o proprietário da loja de Kichijōji tem uma relação estreita com a gerência e sempre nos cobrou menos de metade do valor de mercado pela renda. Todavia, a deterioração do prédio levou a que se decidisse demoli-lo e reconstruí-lo em março. Se isso acontecer, a renda não será tão barata como agora. Foi-nos comunicado que seria aumentada. Ainda são apenas estimativas, mas prevê-se que atinja um milhão de ienes por mês.

Riko repetiu as falas que memorizara de antemão num tom enfático enquanto olhava para a frente. Costumavam dizer que a sua voz era grave e fácil de entender. Estava prestes a mostrá-lo, quando Watanabe a interrompeu:

– Chega!

Contudo, o presidente levantou a mão direita na direção de Watanabe, detendo-o. Ao ver a intervenção do presidente, Riko recompôs-se e continuou:

– Estes números não são coisa pouca. Para aumentar os lucros em

um milhão de ienes, era preciso vender mais 500 mil ienes do que até agora. Evidentemente, também seria possível reequilibrar as contas até certo ponto cortando nas despesas da livraria.

Riko expirou e olhou para Nojima, que desviou prontamente o olhar.

– Mantendo o atual padrão de vendas, acabaremos no vermelho, o que levará a administração a ordenar o fecho da livraria. Até assumir a gerência, eu não sabia deste facto.

A sala de reuniões virou um rebuliço. Acabara de revelar informações particulares em público. Se anteriormente ela, que trabalhava na livraria de Kichijōji, não estava ciente da situação, não era provável que os outros gerentes estivessem. O rosto de Watanabe estava coradíssimo. Estava prestes a dizer algo, mas o presidente continuava com a mão direita erguida na sua direção. O presidente olhava fixamente para Riko com um ar interessado.

– Quando tomei conhecimento desta situação complicada, julguei que seria demasiado difícil ser gerente e quase pensei em demitir-me. Cheguei a pensar que seria melhor se o senhor Nojima continuasse na gerência.

Nojima permaneceu cabisbaixo. Os outros gerentes de loja olharam para ele. Se só faltava meio ano para a livraria fechar, porque é que ele não a levou a termo enquanto gerente? Todos os olhares pareciam fazer essa pergunta.

– De qualquer modo, não importa qual a situação atual. Eu darei o meu melhor, pois creio que esta nomeação revela a confiança e o otimismo que a administração tem em mim.

Os lábios de Watanabe e Yamada contorceram-se. Até a forma como o faziam era semelhante. Riko olhou em volta para todos os presentes, como que antecipando as suas perguntas.

Por fim, proferiu a fala mais importante:

– Criei um plano para aumentar as receitas até março do ano que vem, quando a renda aumentar. Irei fazer tudo ao meu alcance para manter a livraria aberta.

Com um último suspiro, retornou ao seu lugar. A sala estava silenciosa. Todas as atenções recaíam sobre Riko.

Não iria ser uma personagem secundária antes de tudo acabar. Mesmo que a tirassem de palco a meio, seria na condição de protagonista.

– Tu... numa situação destas... – A boca de Watanabe movia-se sem que dela saíssem quaisquer palavras.

– Não é coisa que se diga! – exclamou Yamada, aproveitando a deixa de Watanabe.

Foi então que começaram os aplausos. Eram do presidente.

– Ena! Já vi que és tão motivada quanto se diz, Nishioka!

– Senhor presidente...

Watanabe e Yamada fitaram o presidente.

– Portanto, dizes que vais tentar fazer algo pela livraria, mesmo nas circunstâncias atuais.

– Sim. Enquanto nova gerente, é esperado que me esforce para manter a livraria a funcionar. Espero que todos consigam compreender.

Riko olhou diretamente para o presidente. Era possível que o fecho da sua livraria fosse um dos tópicos na agenda. Se assim fosse, qualquer tentativa de aumentar as vendas seria em vão. Riko queria confirmar ali mesmo que valeria a pena para ela e os seus subordinados redobram os esforços.

– Já percebi. Portanto, queres que eu te prometa que, se as vendas melhorarem, a livraria fica aberta. É isso? – perguntou o presidente. Como esperado, ele compreendera as suas intenções. Sorria como sempre, qual deus Ebisu. Contudo, os seus olhos não sorriam. – Por mim, tudo bem. Se dizes que vais fazer por isso...

– Senhor presidente... – chamou um dos Magistrados do Mal.

– Muito obrigada. – Riko virou-se para o presidente e fez-lhe uma vénia pronunciada.

Na sala de reuniões, imperava o tumulto. A maioria dos presentes não percebia o que se estava a passar.

– Pois bem, o conselho de hoje termina aqui. A data da próxima reunião...

O mediador continuou a enumerar os últimos tópicos de discussão.

Pai, consegui!, sussurrou Riko mentalmente.

Depois daquilo, já não havia volta a dar. Tinha de tentar.

Vou dar o meu melhor. Por mim e pelos clientes da livraria. A livraria não é só nossa.

Riko refletiu nessa ideia em silêncio. Nojima olhou para Riko de longe, como quem observa algo terrível.

– Nishioka, tens um minuto?

Um dia depois da reunião, o gerente Etō, da livraria de Ogikubo, ligou para o escritório. Já era hora de fecho. Etō ficou curioso pela forma confiante como Riko discursou diante do presidente. Depois da reunião, convidou-a para um dia irem beber um copo. Riko partiu do pressuposto de que fosse esse o assunto da chamada telefónica. Alegre, acedeu:

– Claro, tenho sempre tempo para si, Etō.

– Fico feliz, mas questiono-me se está tudo bem com a tua livraria.

– Hã? Como assim?

– Falei hoje de manhã com o Tsujii e o Hatakeda e eles dizem que mal podem esperar pelo mês que vem.

– Com o Tsujii e o Hatakeda? Mas o que é que lhes aconteceu?

– O quê? Tu não sabes? – questionou Etō, surpreendido.

– Explique-se lá melhor, Etō. O que é que se vai passar no mês que vem?

– Bem, hum...

Etō não mostrava grande vontade de falar. Entretanto, lá revelou que Tsujii e Hatakeda seriam transferidos para a loja de Ogikubo no mês seguinte.

– Mas... ninguém me disse nada.

– Como sabes, a nossa livraria abriu há pouco tempo e as coisas não estão a correr como deviam. Então, fiquei feliz por receber funcionários tão experientes. Mas não sabia que não estavas a par disto... – declarou Etō, com um tom acanhado.

Era impensável que a gerente não fosse informada da transferência dos seus próprios subordinados.

– Eu aqui estou por um fio. Não veio ninguém para colmatar a saída do Nojima, sequer.

– Compreendo. Acho que todas as lojas estão a passar pelo mesmo.

– Não sei bem o que se passou, mas vou contactar os Recursos

Humanos para averiguar. Muito obrigada por me informar.

Riko desligou a chamada. Com a mão ainda a tremelicar, premiu as teclas de um outro número. Ligando para o Departamento de Assuntos Gerais, foi automaticamente atendida por Nobuo Yamada. Já passava das oito da noite. Yamada costumava ir para casa mal o dia de trabalho acabava. Era raro estar no escritório àquelas horas.

– Sim, isso mesmo – respondeu Yamada, na sua habitual voz esganiçada, quando interrogado por Riko.

– Mas quando é que isso foi decidido? Eu não fui informada de nada.

– A sério? Que esquisito. Deve ter sido uma falha de comunicação. Falei sobre isso com o Nojima. Ele não disse nada durante o período de transição?

– O quê? Não... – *Foi decidido desde os tempos do Nojima? Como é possível?* – Mas vem alguém para os substituir? Sem o Nojima, e agora, se perdermos mais dois, são menos três efetivos na livraria. Deixam-nos de mãos atadas.

– Compreendo, mas foi uma situação urgente.

– Pois, mas essas urgências só me causam problemas! Querem mesmo que a livraria feche, é?

Mal acabou de pronunciar aquelas palavras, Riko entendeu: aquilo acontecera por pressão da sede. A sede queria provocar a falência da livraria e agora estava a vingar-se dela por ter apelado diretamente ao presidente.

– Temos pena. Não disseste que ias salvar a livraria em meio ano? Mal podemos esperar! – exclamou Yamada, na sua voz aguda e arrepiante, qual miado. – Seja como for, tinha de levar a sério a explicação do Hatakeda e do Tsujii. Os Recursos Humanos têm de ser imparciais.

– Qual explicação?

– Não vou entrar em detalhes. Mas eles disseram que as coisas não estavam a correr bem contigo.

Riko não tinha o que responder. Permaneceu emudecida, com o

auscultador na mão.

– Hoje em dia, o assédio no trabalho já não é tolerado. Eu não os podia obrigar. Quando surgiu o problema de falta de pessoal na livraria de Ogikubo, transferi-os para lá.

– Ou seja, Ogikubo importa, mas a minha a livraria não, é isso?

– Diz o que quiseses. Foi uma coisa súbita e também não foi fácil para nós. É um caso de *bullying* na empresa. Não os podia impedir de se mudarem após denunciarem abusos de poder! – vociferou Yamada, com toda a ira.

Bullying na empresa? Abuso de poder? Riko sentiu uma dor de cabeça. O que é que Hatakeda e Tsujii teriam dito aos Recursos Humanos?

– Resolve tu os teus problemas. Não eras uma livreira carismática?

Yamada desligou furiosamente a chamada. Riko prostrou-se sobre a secretária.

Como era possível? Queria manter-se positiva e dar tudo por tudo, mas Hatakeda e Tsujii odiavam-na assim tanto? A sede queria mesmo que a livraria falisse?

– Senhora gerente.

Ao erguer o rosto, viu Shiho Ozaki a chamar por ela. Não era apenas Ozaki: quase todos os funcionários do turno da noite estavam ali reunidos. Quando Riko deu por isso, já era hora de fecho.

– Desculpe, mas, na reunião do fim do dia, o Hatakeda disse que a livraria vai fechar. É verdade? – perguntou Ozaki, timidamente.

– O Hatakeda disse isso?

– Bem, eu ouvi o mesmo do Tsujii. E disse que eles iam ser transferidos para a livraria de Ogikubo. É mesmo verdade? – perguntou um dos funcionários de *part-time*, um estudante responsável pelos livros académicos.

– A transferência dos dois não importa. A livraria não vai fechar – respondeu Riko, fingindo estar tranquila. Estavam todos com um ar perturbado. Riko sabia que não podia hesitar naquela situação.

– Mas o Tsujii disse explicitamente que a livraria ia fechar em

março do ano que vem.

– Se assim for, temos de procurar novos empregos...

– As nossas vidas estão em jogo. Se a livraria fechar de repente, a nossa vida vai ficar mais complicada.

Cada um verbalizava abertamente as suas preocupações.

– Ouçam todos... Temos de ter calma – instou Riko.

A sala tornou-se silenciosa. Todos os olhares se concentraram em Riko. Repentinamente, tornou-se-lhe mais difícil falar.

– O que vai acontecer em março não é o fecho da livraria, mas, sim, obras de renovação do prédio – revelou, num tom calmo.

– Renovação do prédio?

– Sim. O prédio está deteriorado, não acham? Nem sequer temos escadas rolantes. Há muito tempo que a possibilidade de fazer renovações estava em cima da mesa, mas só agora foi tomada uma decisão definitiva.

– Portanto, a livraria não vai fechar? O Tsujii e o Hatakeda foram muito claros quando disseram que ia.

– Devem estar a fazer confusão. Mas, de facto, ainda não sabemos se poderemos voltar para o prédio depois de estar renovado, porque a renda irá aumentar.

Todos os presentes engoliram em seco, ouvindo as declarações de Riko. Não os podia agitar ainda mais. Se fosse incapaz de os convencer, nem era preciso esperar por março: a livraria colapsaria no dia seguinte.

– Por isso, vamos ter de ampliar as vendas para compensar o aumento da renda. Sei que será difícil, mas a livraria não irá fechar. Se as vendas aumentarem, podemos continuar. Foi o próprio presidente que mo prometeu.

Ao ouvirem a palavra «presidente», todos relaxaram um pouco.

– Como devem saber, esta livraria é a primeira das Livrarias Pégaso. Nunca poderia falir tão facilmente.

As palavras de Riko ecoaram, vazias. Quase ninguém parecia convencido.

– Mas em quanto, ao certo, é que teríamos de aumentar as vendas? – perguntou um funcionário com contrato, responsável pela secção de revistas. O seu semblante revelava a sua inquietação, a vontade de saber mais.

– Ainda não temos um número exato, pois a renda do novo edifício ainda não foi determinada – afirmou Riko, com um sorriso. Na verdade, não lhes queria revelar o valor. Se o ouvissem, ficariam todos retraídos.

Todavia, ouviu-se uma voz vinda do fundo da sala:

– A senhora gerente falou em mais 500 mil ienes por mês. Em frente ao presidente.

Era Tsujii. Olhava para todos ao pé da porta. Ao seu lado, Hatakeda exibia um sorriso discreto.

Fogo, lamentou-se Riko. Nunca imaginou que Tsujii e Hatakeda fossem aparecer ali.

– De facto, eu disse isso. Mas a minha ideia era ter o objetivo de aumentar 500 mil ienes, pois seria um número que nos daria alguma segurança. É aquilo a que se chama de valor-alvo. Pensei que seria bom que as vendas crescessem assim tanto, mas são apenas projeções minhas. Não está nada decidido – continuou Riko, sem nunca abandonar a expressão sorridente.

Contudo, mentalmente, começava a perder a compostura. Riko sabia que Tsujii e Hatakeda queriam comprometê-la diante de todos.

– Esses números são inalcançáveis, independentemente do que nos esforçarmos. O Watanabe da sede disse claramente que a nossa livraria já não tem salvação.

– Caso contrário, não nos teriam transferido para outra loja.

Quando se ouviram aquelas palavras, começou uma onda de cochichos. O valor concreto de 500 mil ienes por mês de vendas extra deixou todos vergados pelo choque.

– Como sabemos que são números inalcançáveis se não tentarmos?

– Diga lá então qual é a sua visão para atingir esse alvo. Qual é o seu plano de negócios enquanto gerente? – pressionou Tsujii, sádico.

– Diga lá, senhora gerente – repisou Hatakeda.

Riko sentiu o suor a correr-lhe em catadupa das axilas. Estavam todos tensos à espera das suas declarações. Tinha de partilhar o seu ponto de vista enquanto gerente. Quase lhe doía ver os olhares de Ozaki e Yamane, carregados de expectativa e de vontade de ajudar.

O que poderia fazer para acalmar a sala? Como poderia bater Hatakeda e Tsujii e persuadir os demais?

Não lhe ocorria nada. Tinha apenas uma ideia.

Alguém me acuda, pensou Riko, em apuros. Foi então que se ouviu uma voz do canto da sala:

– Já chega!

Toda a gente se virou na direção da voz.

Atrás de Hatakeda e Tsujii, estava Aki, de pé. Estava pálida, como nunca a vira, a tremer de raiva. Nem durante a festa de casamento, quando lhe devolveu a prenda, Aki exibiu tal expressão, pensou Riko.

– Sinceramente! O que é que têm na cabeça?

– Obata, tu... – disse Hatakeda, aproximando-se. Aki deu-lhe uma violenta estalada, e o baque ressoou pelo espaço.

Em seguida, Aki virou-se para Tsujii. Era um pouco mais alta do que Tsujii. Instintivamente, deu-lhe uma bofetada. O golpe foi tão forte, que Tsujii cambaleou para trás dela.

– Não acredito nisto! – exclamou Aki, ao mesmo tempo que dava a estalada.

Hatakeda e Tsujii estavam petrificados. Todos fitavam Aki, embasbacados.

Riko pensou em quem é que deveria estar incrédulo naquela situação.

– Hatakeda, Tsujii: odeiam assim tanto a gerente?

– O-o-odiar? Não odiamos ninguém...

Hatakeda tremia, o que era invulgar.

– Só pode ser isso. Vocês os dois estão a fazer de propósito para minarem a gerente. Há uns tempos, até mentiste ao Watanabe da sede e disseste-lhe que a gerente faltou ao trabalho sem permissão. Não?

– O quê? Bem, isso...

– E também disseram à sede que a Nishioka não estava habilitada para ser gerente. É mentira? Pior ainda: falaram da minha situação. Porque é que fizeram isso? Queriam ser vocês gerentes, em vez da Nishioka? Ou não vos agrada que seja ela a gerente por ser mulher?

– A v-v-violência não é boa, Obata.

– Sempre a falarem da sede! Mas o que é que vos assusta assim tanto na sede? A opinião deles é absoluta? Eles querem derrubar esta livraria. Mas o presidente prometeu à gerência que poderia mantê-la aberta se encontrássemos forma de a resgatar. Então, porque é que lhe querem tirar o tapete? Preferem que a livraria feche, é?

Aki continuava a discursar eloquentemente. Os dois homens pareciam desorientados e pressionados pela sua postura.

– Não, não é isso...

– Eu e a gerente estimamos muito esta livraria. Gostaríamos que continuasse aberta. Porque é que vocês, que são efetivos, não colaboram? A livraria é da máxima importância. Mas, logo agora que precisamos da cooperação de todos, vocês só pensam no próprio sucesso? Seus idiotas!

O ataque inesperado de Aki deixou Hatakeda e Tsujii sem palavras. As suas bocas abriam-se e fechavam-se sucessivamente, mas ninguém foi capaz de a deter. Os funcionários que compreenderam por fim a situação começaram a olhar com desconfiança para Hatakeda e Tsujii.

– Mas, Obata, tu não odiavas a gerente? – perguntou Tsujii.

– Outra vez com essas histórias parvas?

Ainda com mais raiva, Aki puxou Tsujii pelo colarinho da camisa.

– Basta! – interveio Mita. – Estás a ir demasiado longe.

– Mas...

Aki parecia insatisfeita.

– Criticá-los aos dois não vai melhorar a situação da livraria – declarou Mita, tentando acalmá-la.

Aki libertou finalmente o colarinho da camisa de Tsujii. A respiração de Aki continuava perturbada pela sua exaltação.

– Para dizer a verdade, fiquei surpreso por nos contar o que se passa, senhora gerente. Não sabíamos de nada – declarou um dos funcionários com contrato, dirigindo-se do fundo da sala a Riko.

Os outros funcionários, espantados, recobram a consciência, olhando novamente para Riko, que sentiu os olhares recaírem sobre ela. Talvez por causa das palavras de Aki, pareciam menos severos. Isso deu a Riko a força de que necessitava para começar a falar.

– Falei com o senhor presidente ontem e ainda estou algo agitada. É uma situação complicadíssima. Por isso, não soube como vos informar. Não vos queria chocar demasiado.

Nesse momento, as palavras atulharam-se-lhe na boca.

– Lamento que o tenham sabido desta forma – concluiu.

Em silêncio, fitou Hatakeda e Tsujii no canto da sala. Os demais imitaram-na. Incapazes de resistir à pressão, ambos fugiram da sala discretamente.

– Já percebemos a posição da senhora gerente. Mas quer mesmo dizer que temos de aumentar as vendas em 500 mil ienes por mês até março para que a livraria fique aberta? – indagou Ozaki.

– Sim, temos. Se essa é a única hipótese, é isso que teremos de fazer – disse Riko, sem rodeios.

– Compreendo, mas...

– Se tivermos de fazer mais horas extraordinárias, vai ser complicado...

– Vão pagar-nos os salários?

As inquietações dos funcionários vinham ao de cima umas atrás das outras.

– Claro que sim. Não estamos em déficit e temos meios para assegurar o pagamento de salários. Até ao início dos trabalhos de reconstrução, em março do ano que vem, conseguimos preservar a situação atual da livraria.

O ar até pareceu mais leve. Os funcionários pareciam mais tranquilizados pela ideia de que a mudança não seria imediata.

– E nós somos das Livrarias Pégaso, uma grande empresa. Mesmo

que a livraria falisse, a empresa pagar-vos-ia todos os vossos vencimentos – expandiu Riko.

– Mas, senhora gerente, como pretende aumentar os lucros? Acha que conseguiremos atingir os objetivos? – perguntou alguém.

Riko virou-se para quem fez a pergunta. Com um ar sério, respondeu:

– Nós somos uma livraria. Não existe nenhum método mágico que vá resolver subitamente todos os nossos problemas. Temos de acabar com o desperdício, ter uma boa seleção de produtos e dispô-los da melhor maneira possível. Melhorar a qualidade do serviço. São as nossas únicas opções.

– Ou seja, não muda muito em relação ao que temos feito até agora. Não será demasiado difícil aumentar as vendas? – questionou alguém num tom desiludido.

– Mas também há livrarias que estão a ter bons resultados com essa abordagem. Quando ouvi pela primeira vez o que se estava a passar, achei que fosse impossível. Mas, já mais calma, percebi que é assim que a maioria das livrarias equilibra as contas. Na nossa cadeia de livrarias, nem todas estão localizadas em edifícios da empresa. Pensando bem, tivemos sorte até agora.

– Talvez seja verdade...

– Ainda agora começámos a nossa nova forma de fazer as coisas. Por exemplo, a nossa taxa de devolução é mais elevada do que nas outras livrarias da cadeia. E temos baixa rotatividade do *stock*. Além disso, há muitos mais aspetos a melhorar. Gostaria também de fazer coisas que não temos feito, como feiras do livro e sessões de autógrafos. Vender produtos para além dos livros. As possibilidades são imensas. Faremos tudo o que pudermos. O que eu não posso é desistir desta livraria sem tentar.

– Hum... – suspirou alguém.

– Por isso, sei que será complicado, mas gostaria, se possível, de contar com a vossa colaboração. Juntos, será possível. De certeza. Se falharmos e se a livraria falir mesmo...

Por momentos, Riko hesitou. Resoluta, revelou, por fim:

– Aí, demito-me.

Ao contrário do que Riko temera, foram poucos os que se demitiram. Tsujii e Hatakeda foram transferidos para a livraria de Ogikubo no dia seguinte. Dois ou três outros funcionários que lhes eram próximos pediram a demissão, mas a restante maioria quis preservar o *statu quo*. Todavia, o ambiente na livraria estagnou. Riko sentia os olhares de todos recaindo sobre si, à procura de respostas. Continuava a ser testada. No fim de contas, teria de demonstrar o que valia através das suas ações.

Antes de mais, tinha de colmatar as saídas de alguns empregados. Riko publicitou a abertura de novas vagas para *part-time* em revistas e na loja. Além disso, deixou panfletos na secretaria da universidade e da escola profissional do bairro. Para arranjar pessoal com as mesmas capacidades dos funcionários que deixaram a livraria, contactou antigos colaboradores, negociando com eles o seu regresso.

Ao mesmo tempo, tinha de corrigir a gestão das despesas e do *stock* e criar um sistema de gestão que compensasse a saída de Tsujii e Hatakeda. O quinto piso estava a salvo com a nomeação de Aki como gerente. No entanto, não poderia nomear funcionários a termo para comandarem o terceiro e quarto pisos. Conseguiu convencer Shiho Ozaki a liderar o terceiro piso, prometendo-lhe que pressionaria a sede para a promoverem a efetiva caso a livraria se endireitasse. Todavia, o quarto piso continuava por decidir. Em termos de competências e reputação, o candidato perfeito era Takahiko Mita. Contudo, recusou o convite.

– Sou funcionário a termo. Não quero tanta responsabilidade.

Disse-o num tom bem-educado, mas resoluto; não deixava margem para dúvidas. Como Mita tinha razão, Riko não pôde insistir mais no assunto.

Será que Mita não queria mesmo colaborar com ela? Naquele dia, depois de revelar as suas verdadeiras intenções, Mita parecia evitar Riko. Além disso, Riko apercebeu-se de que ele se referia a ela

não como gerente, mas apenas como «Nishioka». Mita ainda não a reconhecia como gerente. Não havendo mais ninguém em quem delegar o quarto piso, Riko viu-se obrigada a autoneomear-se até que as circunstâncias se alterassem.

Havia muitas outras coisas que fazer. Ao mesmo tempo que levava a cabo variadas ações, Riko agendou reuniões individuais com o pessoal da livraria. O facto de Mita lhe ter dito que era demasiado «emotiva» continuava a atormentá-la. As reuniões duravam entre meia e uma hora. Nelas, pedia aos subordinados que partilhassem os seus motivos de insatisfação, o que achavam que podia ser melhorado, o que gostariam de fazer dali em diante e o que queriam da gerente. Estando tão ocupada, era difícil arranjar tempo para esse efeito. Mas, terminadas as reuniões, Riko concluiu que tinha sido uma boa decisão convocá-las. Doeu-lhe ter de ouvir certas coisas. A sua disputa com Aki gerou opiniões muito mais críticas do que imaginara. Por outro lado, também foram muitos os funcionários que revelaram as suas apreensões em relação ao futuro da livraria. De qualquer forma, também havia opiniões mais otimistas. Acima de tudo, a predisposição de Riko para escutar atentamente os seus pontos de vista foi tida em alta estima. Riko adotou proativamente as sugestões de melhoria da livraria que resultaram dessas reuniões.

Em primeiro lugar, decidiu acabar com a distribuição de uniformes aos empregados em *part-time*, de modo a cortar nas despesas. Em vez da farda, apenas precisariam de envergar um avental. Além do mais, acabou com a obrigatoriedade do uso de sapatos de couro, permitindo o uso de ténis de cores mais simples, como preto ou castanho. Essa medida foi particularmente bem recebida pelos funcionários mais jovens. Para além dos turnos da manhã e da noite, introduziu um novo sistema de trabalho de quatro horas à tarde. Isso permitiu-lhe voltar a contratar funcionárias experientes que se haviam demitido depois de terem tido filhos. Uma outra estratégia foi preservar os horários de trabalho dos funcionários, mas adiar a abertura de loja meia hora, para permitir que realizassem concentradamente tarefas

que não envolvessem atendimento ao público, como a verificação da mercadoria e disposição dos livros. Essa alteração veio em resposta às queixas de diversos funcionários, que reclamavam estarem demasiado ocupados para se focarem no atendimento ou na gestão dos livros. O novo sistema permitiu-lhes dedicarem-se mais ao atendimento ao cliente, o que, em última análise, também aumentou a produtividade, tal como Riko previra.

Passado pouco menos de um mês, alguns funcionários começaram a observar que Nishioka tinha mudado. Riko achava isso algo irónico. Essa transformação não se deveu apenas às suas várias reformas, mas também às mudanças no seu relacionamento com Aki. Dialogando, perceberam que não poderiam continuar a relacionar-se da mesma forma. Embora não simpatizassem propriamente uma com a outra e não se elogiassem mutuamente, deixaram de negar as opiniões uma da outra como antes. Também não espalhavam boatos sobre a outra. A transformação não passou despercebida.

– A Nishioka está mais calma – comentou alguém.

Desinibida, Ozaki afirmou:

– Acho que a Nishioka e a Obata até são parecidas.

Naquele dia, ocorreu um incidente terrível.

– Senhora gerente, passou-se uma coisa com aquele cliente...

Mami Hagiwara, da secção de banda desenhada, foi até ao escritório para chamar Riko; estava pálida. Naquele dia, chovia torrencialmente e havia poucos clientes. Passava pouco das sete da tarde. A secção de vendas deveria ser frequentada por clientes que passavam por ali depois do trabalho. Para Hagiwara sair do piso e ir ali chamá-la de propósito, algo de muito grave teria de se ter passado.

– O que é que aconteceu? – questionou Riko, pedindo explicações.

Mami descreveu o sucedido o mais rapidamente possível. Há duas semanas, o cliente tinha encomendado um livro da secção de BD. Quando perguntou quando é que o livro chegaria, Anna Nakamura, que o tinha atendido, disse que «dali a cerca de duas semanas». Nesse

dia, o cliente tinha ido de novo à livraria. Contudo, o livro ainda não tinha chegado. Quando Anna o informou disso, o cliente ficou furioso e começou a gritar. «Não disse que chegava duas semanas depois? Vim cá de propósito!», disse. Anna pediu-lhe desculpas e Aki, a gerente de piso, fez-lhe uma vénia, mas o cliente não estava convencido.

– Chamem o gerente! – bradou.

– Com certeza. É para já.

De vez em quando, apareciam clientes como este, que gostavam de fazer reclamações. Em certos casos, tentavam arranjar pretextos para pedirem compensações financeiras. Noutros, queriam apenas libertar as suas frustrações e causar problemas aos funcionários. Dessa vez, era provavelmente um desses casos. Anna foi imprudente quando disse que o livro chegaria duas semanas depois. Conquanto a previsão fosse de mais ou menos duas semanas, deveria ter dito ao cliente que lhe ligaria a informar quando o livro estivesse em *stock*. Pelo menos, era assim que era suposto atenderem os clientes segundo o manual. Fosse como fosse, será que aquela situação justificava mesmo desatar aos gritos?

Quando chegou ao terceiro piso, Riko observou uma multidão formada diante da caixa registadora. No seu meio, estavam Anna e Aki de cabeças baixas. Riko olhou para o seu interlocutor. Era um homem com óculos na casa dos 30 anos. Era magríssimo e envergava um fato azul-escuro. Parecia ser um típico assalariado acabado de sair da empresa. O seu rosto estava avermelhado enquanto continuava a gritar.

– O livro está na loja de Ogikubo. Se esperar um pouco, posso ir lá buscá-lo – propôs Aki, tentando ao máximo convencer o cliente.

Ao seu lado, Anna parecia tão assustada, que nem foi capaz de se pronunciar.

– O quê? Queres que eu espere mais? Eu estou cansadíssimo do trabalho! Vim cá de propósito, apesar de estar a chover! E agora dizes que tenho de esperar mais?

Então, o cliente agitou a mão que segurava no guarda-chuva. Como não tinha uma capa protetora, as gotas de água espalharam-se em seu redor, caindo inclusive sobre alguns livros. Riko acompanhava o desenrolar dos acontecimentos de modo que outros clientes não acabassem envolvidos na situação. Alguns clientes continuavam de pé, a observar a cena enquanto fingiam folhear uns livros. Outros, quedavam-se ali a ver.

– Desculpe, senhor, podemos conversar com mais calma no nosso escritório, ali ao fundo? – sugeriu Aki, incomodada com as reações dos outros clientes.

– O quê? Queres tirar-me daqui, é? – O tom de voz do homem intensificou-se. Parecia ainda mais chateado. – Eu não me deixo enganar! Não tenho nada que falar com uma chavala como tu! Chama o mais alto responsável!

Alto, pensou Riko. Chegou a minha hora.

– Peço imensa desculpa, senhor. As mais sinceras desculpas pela incúria do meu *staff* – declarou Riko.

– Quem és tu?

O cliente olhou de forma grosseira para Riko, que surgiu sem sobreaviso.

– Sou a gerente desta livraria. Chamo-me Nishioka.

– O quê? Uma mulher? Não gozem comigo. Chamem alguém como deve ser!

– Peço imensa desculpa, mas eu sou a mais alta responsável desta livraria. Se tiver alguma reclamação, serei eu a atendê-lo.

– Que palhaçada! Uma mulher gerente? – cuspiu o homem, com a boca torcida. – Então, diz-me lá: o que é que vais fazer para resolver a situação? Hã?!

O tom do homem fazia lembrar o de um mafioso. Embora tivesse feições de um homem normal, naquele momento parecia um troglodita.

– Sua sacana! – O queixo do homem sobressaiu, apontando para Anna. – Disseste para vir duas semanas depois, e eu vim, com esta

chuva. Agora dizes que o meu livro não está cá? O que é que se está a passar aqui?

Anna encolheu-se, apavorada. Estava há pouco tempo na empresa. Nunca tinha lidado com um cliente assim.

– Peço as mais sinceras desculpas. Nós iremos enviar o livro para sua casa, senhor – disse Riko, com uma vénia.

– Isso não chega! O livro há de chegar. Mas como é que me compensam por ter cá vindo em vão? Eu queria lê-lo hoje!

Riko olhou rapidamente para a lista de encomendas em cima do balcão. Era um volume de banda desenhada que tinha sido popular há algum tempo. Nem era um livro que justificasse tanta discussão, pensou. Mas não deixou que esse pensamento lhe aflorasse ao semblante, que continuava vergado numa vénia.

– Peço desculpa.

– Um pedido de desculpas não chega! Não chega... – continuou o homem, a sorrir. – Faz uma vénia de joelhos⁸.

Anna e Aki sobressaltaram-se, olhando uma para a outra. O chão para onde o homem apontou estava molhado pela chuva e com pegadas de lama.

– Nós também pedimos desculpas. Por favor, não é preciso tanto... – disse Aki, intervindo.

– Vão pôr-se vocês de joelhos em vez da gerente, é? – perguntou o homem, a rir. Parecia contente pelo sofrimento delas, pensou Riko.

– Pois, quer dizer...

Vendo Aki a hesitar, Riko interrompeu-a.

– Muito bem, senhor.

– Senhora gerente...

Riko seguiu para a frente, protegendo Aki, e foi até ao chão sujo apontado pelo cliente. Sentiu todos os olhares a virarem-se para si. Anna e Aki pareciam prestes a chorar. De longe, os outros funcionários sustinham a respiração.

Não podia fazer algo deselegante nesta situação.

Lentamente, Riko dobrou os joelhos, dobrou as costas e estendeu o

corpo. Inspirou fundo, pôs as mãos à frente e baixou a cabeça até ao chão.

– As mais sinceras desculpas – declarou, projetando a voz.

Manteve a cabeça baixa durante alguns segundos e, por fim, levantou-a. Então, fitou o homem à sua frente.

– Já está mais satisfeito? – perguntou calmamente.

O rosto erguido de Riko estava manchado de lama. Todavia, sorria placidamente.

O silêncio imperava no andar inteiro. O homem olhou para Riko, engolindo em seco. Parecia ter perdido as palavras, talvez pelo choque. Os envolvidos dividiam as suas atenções entre Riko e o homem. Os seus olhares pareciam criticar severamente o homem, dizendo «não era preciso ter ido tão longe». Os funcionários masculinos pareciam prontos para o agarrarem. Pressentindo as suas intenções, o homem exibiu uma expressão desesperada.

– Já chega, não? – perguntou subitamente um cliente que observava a cena. Um homem enorme na casa dos 50 anos. Começou a caminhar lentamente na sua direção. Era corpulento como um jogador de rãguebi. – Estás mais contente, agora que obrigaste as mulheres a fazerem isto?

O homem grande pôs-se de frente para o queixoso, olhando para ele de cima para baixo. Os seus olhos pareciam fulminá-lo, num aviso tácito para parar. Esmagado pela pressão, o queixoso começou a andar na direção oposta, atirando:

– Sim, por hoje, está bom.

Por fim, desatou a correr, a fugir. Os restantes clientes seguiram a sua figura com o olhar até que abandonasse o local.

– Senhora gerente, desculpe... – pediu Anna, chorosa.

Riko levantou-se e sacudiu energicamente a poeira dos sapatos.

– Não faz mal. Fico feliz que tudo tenha acabado bem – sussurrou, sorrindo para Anna. Riko virou-se para os clientes e declarou: – Pedimos desculpa pelo incómodo. Por favor, retomem as vossas compras. Estejam à vontade.

A sua voz ressoou pelo espaço, plena. Com as mãos em frente ao colo, fez uma vénia sorridente. Observando a sua postura, os demais funcionários repetiram:

– Pedimos desculpa pelo incómodo.

Com isso, os restantes clientes ficaram mais descansados. Então, cada funcionário seguiu para o seu posto.

– Senhora gerente, muito obrigada – disse Aki, aproximando-se de Riko.

Os outros funcionários seguiram-se-lhe, fazendo uma vénia à «senhora gerente». Meio chorosa, Anna limpava afincadamente a sujidade na saia de Riko. Queria mostrar quão arrependida se sentia pelo sucedido. Mas Riko deteve-a, dizendo-lhe que estava tudo bem.

– Não te preocupes. Lidar com reclamações faz parte de ser gerente – declarou, de forma descontraída e com um sorriso.

Em seguida, aproximou-se do homem encorpado que admoestou o queixoso.

– Muito obrigada, foi uma ajuda inestimável.

Riko fez-lhe uma vénia, prontamente seguida por Aki e Anna, ainda que algo atrapalhadas.

– Ora essa, não fiz nada de especial – desconsiderou o homem, modesto.

– Fez sim. Aquele cliente não arredava pé, não sabíamos o que fazer. Quando foi falar com ele, foi a nossa salvação. O seu *timing* foi perfeito.

– Digamos que sim. Homens como aquele gostam muito de se impor quando estão na mó de cima. Mas, mal os criticam, fogem logo com o rabo entre as pernas. Apanhei-o mesmo no momento certo para o afugentar.

– Pois foi.

– Mas a senhora fez-lhe uma vénia sem hesitar. Não acha que isso a fez perder para aquele homem?

– Não me importo de fazer vénias de joelhos quantas vezes for preciso. É esse o meu trabalho enquanto gerente.

O homem olhou, curioso, para Riko, que continuava a sorrir. O seu olhar direto deixou-a algo acanhada, fazendo com que desviasse o seu, fitando o chão.

Nesse dia, depois da reunião final, Riko regressou ao escritório. Estava a contender com os números de vendas quando foi chamada:

– Senhora gerente.

Erguendo o rosto, viu Mita, com uma expressão séria. Há mais de um mês que não ia falar com ela por iniciativa própria.

– Sim? – indagou Riko, tentando esconder a surpresa. Era a primeira vez que Mita a tratava por «gerente»; antes, referia-se a ela simplesmente como «Nishioka».

– Queria falar sobre a conversa que tivemos há algum tempo – revelou Mita, tropeçando nas palavras.

– Qual conversa? – revidou Riko, sem saber do que falava.

– Sobre ser gerente do quarto piso.

Riko não esperava aquele assunto, pois Mita recusara essa responsabilidade. Riko julgava que o tinha feito pela forma como ela lidara com Aki.

– Se a senhora gerente não tiver mudado de ideias, eu gostava de ser o gerente de piso.

– O quê?! – exclamou Riko, espantada. – Claro! Conto contigo. Fico felicíssima que tenhas aceitado, vais ser uma enorme ajuda!

Para já, Riko dividia as responsabilidades de gerente da loja e do piso. Mas era um fardo excessivamente pesado para uma só pessoa. Além disso, Mita era talentoso e Riko queria delegar-lhe cada vez mais funções.

– Muito bem. Assumirei funções amanhã. Muito obrigado – agradeceu Mita, com uma vénia.

– Obrigada. Conto contigo – devolveu Riko, pegando instintivamente nas mãos de Mita.

Mita parecia embasbacado, mas apertou-lhe a mão de volta – com excessiva força, até. Riko estava muito feliz. Sentiu que finalmente

saíra do pantanal, dando um novo passo em frente.

8 No Japão existe uma cultura muito própria no que concerne a pedidos de desculpa formais. Esse pedido pode ser acompanhado de uma vénia e pode chegar ao ponto de esta ser executada de joelhos no chão, em sinal de submissão. É bastante raro e implica que tenha havido um erro extremamente grave. *[N. do T.]*

Aki queria organizar algum tipo de evento que fosse mais interessante. O trabalho que decorria no terceiro e quarto pisos motivou-a. Ozaki, que ficou gerente do terceiro andar, organizou uma feira chamada «O espírito do Japão». O evento registou elevados números de vendas graças às suas decorações inventivas e à disposição apelativa dos livros. Embora a seleção de títulos se concentrasse em ensaios de escritores conhecidos, era interessante constatar que também incluía obras ímpares, como *Sanpō Shōjo* e o antigo *bestseller* *O crisântemo e a espada*. No entanto, ocorreu uma grande mudança quando Ozaki ficou gerente de piso: a disposição dos produtos passou a variar entre os dias de semana e os fins de semana. Durante a semana, reduziam ao mínimo os POP e os *bestsellers* em exposição, criando um espaço mais acolhedor para os clientes habituais. Por outro lado, aos sábados e domingos, expunham POP vistosos por toda a parte e colocavam os *bestsellers* nos lugares mais proeminentes da livraria. Os expositores estavam concebidos para atraírem novos clientes. Esta adaptação faseada à clientela implicava tempo investido semanalmente para os preparativos. Aki achava impressionante que Ozaki não poupasse esforços.

Entretanto, também houve desenvolvimentos na secção de livros académicos. Mita soube que um popular professor de História tinha sido designado reitor da universidade localizada perto da livraria. Aí, decidiu criar um canto da loja para juntar todos os livros da autoria do novíssimo reitor. Quando o próprio reitor passou pela livraria, recomendou bons livros de história para leigos que não os da sua autoria. Mita encomendou os livros recomendados pelo reitor, acompanhando-os, e aos livros do reitor, com um POP escrito à mão por ele mesmo. Muitos estudantes daquela universidade frequentavam a livraria, o que chamou mais a atenção para aquela secção. O plano foi um sucesso, aumentando as vendas de um modo nunca visto desde a criação da secção académica.

No quinto piso, de Aki, também foram feitas variadas experiências. Primeiro, mudaram a disposição dos livros de banda desenhada. Até então, os livros de banda desenhada estavam simplesmente enfileirados nas prateleiras. Agora, porém, havia um livro por fila de prateleiras com a capa virada para fora. Isto tornava a capa num ponto focal, passando uma imagem mais atraente das estantes. Além disso, todos os produtos expostos tinham um POP com recomendações escritas num cartão do tamanho de um cartão de visita mais pequeno do que um POP normal. Aki escolheu um modelo de POP inspirado nas lojas de discos, optando por um belo tom verde-claro e por caligrafia delicada, para gerar um estilo elegante. De modo a manter a coesão, todos os textos foram escritos pelo funcionário com melhor caligrafia do piso.

Outra questão debatida com o *staff* foi a prevenção do furto. Talvez por causa da abertura da nova livraria em segunda mão no bairro, tinha havido um aumento dos casos de furto. Mais furtos significavam mais pressão no balanço de vendas, pelo que a sua resolução era da mais alta importância. Aumentaram o número de espelhos na loja e puseram os artigos mais valiosos numa zona mais perto da caixa registadora, para que houvesse menos ângulos mortos. A abordagem a casos de furto também foi implementada transversalmente em toda a livraria, e não só na secção de BD, graças à partilha de opiniões dos funcionários.

Estas melhorias deixaram todos satisfeitos. Contudo, não resultavam diretamente num aumento de vendas. E Aki queria vender mais. Tinha de apresentar resultados até março. Queria fazer algo de grandes dimensões. Algo que desse nas vistas e chamasse a clientela. Teve várias ideias, mas não conseguia pensar em nada que se enquadrasse. Tomar uma iniciativa para vender ainda mais volumes de BD, que tinham um preço unitário baixo, não era propriamente fácil. O que deveria fazer?

– O quê? Tem mesmo de ser hoje? – perguntou Aki a Nobumitsu,

sem esconder a desilusão.

– Sim. O autor diz que se quer encontrar comigo.

– Mas hoje é o meu aniversário. Já tínhamos combinado as coisas.

Nobumitsu disse que não tinha tido tempo para lhe arranjar um presente de aniversário. De qualquer forma, tinham combinado ir a Shibuya. Iriam juntos a uns grandes armazéns, onde Aki poderia escolher algo de que gostasse. Depois disso, iriam ao seu restaurante francês favorito em Azabu. Há muito tempo que não passavam um dia de folga juntos. Aki mal podia esperar. Nessa manhã, dormiram até tarde. Estavam a tomar um pequeno-almoço tardio quando o telemóvel de Nobumitsu tocou. Pela sua postura, Aki percebeu logo que era uma chamada de trabalho. Aki manteve-se em silêncio enquanto ia comendo. Nobumitsu esteve uma meia hora ao telefone. Quando desligou, anunciou imediatamente:

– Tenho de ir trabalhar a seguir.

– Mas quem é esse escritor?

Nobumitsu enunciou o nome de uma escritora.

– Bem me parecia. Essa tipa não tem o mínimo bom senso. A ligar ao editor num dia de descanso?

Era uma autora de BD com um nicho de fãs muito dedicado. Nobumitsu insistia que, um dia, se iria tornar popular em mais larga escala. A nova revista abriria com uma obra da sua autoria. Nobumitsu era o seu editor. A autora era muito nervosa e costumava ligar-lhe várias vezes para conversar durante muito tempo sobre aquilo que a atormentava – por exemplo, quando bloqueava na fase de esboço ou quando se sentia psicologicamente esgotada. Às vezes, até aparecia lá em casa, sem sobreaviso, fosse dia, fosse noite.

– Há muitas artistas de BD assim. Tentam testar o amor dos editores pelo seu esforço – disse Nobumitsu. Aki revoltou-se.

– Mas isto é só trabalho! Não achas bizarro?

Testar o amor? Mas nem tinham uma relação amorosa!

– Nada a fazer, ela é assim – retorquiu Nobumitsu, indiferente.

– Portanto, tens de ir consolá-la, é? – insistiu Aki, desgostosa.

Nobumitsu respondeu seriamente:

– Sim. Ela é uma autora em ascensão e está sob a alçada do meu Departamento Editorial de BD. Ela não se estreou comigo, mas passou a estar ao meu encargo. Tenho de a tratar bem. Se começar a ficar insatisfeita, ainda acaba com outro editor.

– Deve ser espetacular ser autor.

– São privilégios dos autores que vendem bem. Temos de aturar as conversas mimadas deles. É assim que eles avaliam os editores.

– Ai é?

Vendo Aki a fazer beicinho, Nobumitsu começou a rir-se e pôs um dedo na sua testa.

– Se for agora, ainda estou cá a tempo do jantar. Ainda só são onze da manhã. Podemos encontrar-nos em Shibuya às seis da tarde. Fazemos umas compras e vamos para o restaurante por volta das oito.

Dito aquilo, Nobumitsu foi-se embora. Aki não achou piada nenhuma. Queria passear calmamente com ele. Não apenas fazer o que tinham planeado às pressas, mas passar também por Omotesandō para espreitar o novo centro comercial. Nobumitsu não era capaz de guardar o dia do seu aniversário só para ela? Percebia que fosse trabalho, mas seria mesmo só isso? Se se tratasse de um autor masculino, ainda passava. Mas a autora era uma jovem. E se ela tivesse sentimentos por Nobumitsu que iam para além da relação profissional?

Aki lembrou-se de ver essa autora numa revista que Nobumitsu tinha levado para casa. Tinha apenas 20 e poucos anos e parecia pouco maquilhada, embora estivesse arranjada. No artigo, era apresentada como uma artista de BD e uma beldade. Passava uma imagem fortíssima. Não parecia frágil a ponto de depender dos editores para continuar a trabalhar.

Não estou a gostar nada disto, refletiu Aki. Como é que Nobumitsu saíra em trabalho de bom grado no dia do seu aniversário? Aki não conseguia simplesmente sorrir e despedir-se dele naquelas circunstâncias.

Sozinha, começou a sentir-se aborrecida. Esgotada de alternativas, pegou no computador portátil, que estava no outro canto da sala. Achou que seria melhor fazer alguma coisa relacionada com o seu trabalho. Isso ajudá-la-ia a evitar pensamentos mais incómodos e, quem sabe, a pensar em novas ideias para ajudar a livraria. Nunca tinha tempo para isso quando estava no local de trabalho e sempre era mais construtivo do que ficar ali deprimida a remoer.

Começou por consultar os *sites* de grandes livrarias. Ultimamente, organizavam eventos que iam para além de sessões de autógrafos. Numa das maiores livrarias de Aoyama, havia uma sala de reuniões com capacidade para uma centena de pessoas onde costumavam fazer palestras com autores famosos. No entanto, a Livraria Pégaso não possuía um espaço tão amplo para eventos. Talvez fosse melhor fazer algo em pequena escala na secção de BD. Qual seria a melhor opção? Estava a percorrer eventos de diversas livrarias, quando descobriu a página principal de uma grande cadeia. Ali, publicitavam uma atividade com um crítico literário proeminente. Esse crítico selecionara uma lista de 100 obras influentes e cujos títulos seriam dispostos na loja.

Aki teve uma ideia.

E se fizéssemos a mesma coisa não com um crítico, mas com autores de BD?

A ideia era incluir não apenas obras anteriores desses autores, mas diferentes tipos de BD. Até poderiam explorar diversas formas de apresentar as obras e organizar sessões de autógrafos. Se privilegiassem artistas mais populares, conseguiriam atrair a clientela e divulgar o evento.

Contudo, sem a ajuda dos próprios autores, seria difícil de concretizar este plano. Alguns autores tinham contratos de exclusividade com certas editoras, com livrarias próprias. E, para começar, nem sequer tinha os seus contactos.

Nesse caso, só conseguia pensar numa pessoa.

Tinha de ser alguém popular, cooperativo e que Aki tivesse como

contactar. Para começar, só conhecia um artista de banda desenhada.

Aki abriu o Twitter e procurou o «@Prisma_do_Arco_Iris» dentre os seus seguidores. Era o nome de Nao Agachi no Twitter. Nobumitsu tinha sido seu editor. Durante o jantar em casa dos Obata, ele desenvolveu uma relação simpática com Aki. Desde então que se seguiam no Twitter.

Um evento com Nao Agachi seria irrepreensível. Era um nome sonante e no início do ano saíra a segunda adaptação animada das suas obras de banda desenhada. A primeira adaptação tinha estado no ar até junho desse ano, logrando boas críticas. A segunda parte começaria meio ano depois. Isso levou a editora a organizar uma feira dedicada à coleção. Se a livraria juntasse forças a essa iniciativa, decerto seria uma feira excelente, com um impacto positivo nas vendas. Era novembro. Dois meses chegariam garantidamente para preparar o evento.

Porém, não seria melhor falar primeiro com Nobumitsu? Para organizarem a feira, teriam de consultar o Departamento de Vendas da editora. A abordagem ao Departamento Editorial seria feita através das vendas. Mas, mais cedo ou mais tarde, os rumores chegariam aos ouvidos de Nobumitsu. Portanto, seria melhor falar logo com ele. Nobumitsu era o antigo editor de Agachi, tinha sido por seu intermédio que Aki o tinha conhecido.

Aki abriu o perfil de Agachi no Twitter. Tinha novos *tweets*. Nesta conta privada, Agachi, partilhava as suas opiniões reais e revelava segredos de bastidores do mundo editorial. Era fascinante. Partilhava pensamentos íntimos como «o prazo de entrega estava a aproximar-se, mas fui secretamente a um concerto» ou «o meu editor rejeitou-me o manuscrito, estou que nem posso». Aki percebia perfeitamente porque é que Agachi não queria que os seus editores o seguissem naquela conta. As suas publicações desse dia eram novos queixumes sobre o trabalho.

«Não me dou bem com o editor da Editorial Hitotsuboshi. Voltámos a discutir por causa de um manuscrito. Será que ele vê as

qualidades das minhas obras? Sinceramente, preferia voltar para o editor antigo.»

O editor da Editorial Hitotsuboshi de que falava era Konno, o superior hierárquico de Nobumitsu. Tinha ido com Agachi ao jantar lá em casa. Parecia ser uma pessoa nervosa. E o antigo editor era Nobumitsu. Aki sentiu-se algo orgulhosa por Agachi ter mais confiança em Nobumitsu. Contudo, ao ler o *tweet* seguinte, ficou desagradaada.

«Mas não dá: o meu antigo editor mudou de revista e agora anda sempre com uma autora linda de morrer.»

Essa autora linda de morrer era a escritora com quem Nobumitsu se tinha ido encontrar naquele dia. O acompanhamento que Nobumitsu lhe prestava até começava a virar tema de conversa no setor livreiro.

Aki estava de cenho franzido a ruminar quando o telemóvel tocou. Era uma mensagem. Ao pegar no telemóvel, constatou que era de Nobumitsu.

«Desculpa, não me vou despachar a tempo do jantar. Vamos ter de cancelar hoje. Eu depois compenso-te. Prometo.»

Desapontada, Aki atirou o telemóvel para o sofá.

Como previra, tinha ficado refém da escritora. Porque é que ele só mostrava consideração pelos autores? *Porque é que eu reajo tão passivamente quando o Nobumitsu anda sempre ocupado?*

Para Agachi ter partilhado aquela publicação, era porque Nobumitsu tratava essa autora de forma especial. Seria mesmo só trabalho? Se calhar, fingia apenas que o era para se poder encontrar com ela. Como é que poderia haver uma reunião de trabalho mais importante do que o aniversário da esposa?

O Nobumitsu só faz o que lhe dá na gana. Nunca pensa em mim. Só valoriza o trabalho dele, mas não compreende o meu. Tudo bem, também vou começar a fazer o que me apetece.

De mau humor, Aki virou-se novamente para o computador e clicou no símbolo em forma de envelope por debaixo do nome do

utilizador «@Prisma_do_Arco_Iris». Planeava enviar a Nao Agachi uma mensagem sobre a feira.

No primeiro sábado de novembro, houve uma discussão de grupo.

– As editoras querem saber as opiniões dos livreiros. Nós também deveríamos tentar saber as opiniões dos clientes em relação à livraria – propôs um dos funcionários.

A medida foi imediatamente implementada. Criaram-se caixas físicas para deixar inquéritos, bem como uma caixa de comentários no site oficial. No entanto, era difícil obter *feedback* que fosse além das reclamações. Riko estava algo apreensiva. Temia que daquela reunião pudesse resultar algum tipo de tratamento preferencial para alguns clientes. Um livreiro profissional tinha de corresponder aos desejos de todos os clientes. De qualquer forma, os funcionários mais jovens, incluindo Aki, conseguiram impor as suas opiniões. Não sabia quão úteis seriam, mas quantas mais melhor. O importante era experimentar alguma coisa.

– Não podemos aborrecer os nossos caros clientes. E tenho receio de que alguém ponha algo estranho no nosso site...

– Se isso acontecer, logo se resolve. Se só fizermos coisas fáceis por medo de corrermos riscos, nunca iremos obter grandes retornos – expressou Aki, com as faces rosadas e os olhos a brilhar.

A Riko, pareceu-lhe que Aki se estava a divertir. As suas palavras faziam todo o sentido. No entanto, suspeitava que ela queria simplesmente fazer algo novo.

Não obstante, Riko acabou por aprovar a ideia. Ela também queria saber o que os clientes pensavam sobre a livraria, pelo que foi incapaz de dizer que não. A livraria não era só dos funcionários, também era dos clientes. Estava curiosa por saber o que a livraria significava para eles.

– Olhem, até fiz um cartaz – afirmou Aki, mostrando um póster no ecrã do computador. Dizia «Primeira reunião de apoiantes: a sua opinião pode mudar a nossa livraria!».

– Que «reunião de apoiantes» é essa? – perguntou Riko.

Aki ouviu com atenção, respondendo prontamente:

– Se lhe chamássemos um «grupo de estudo», seria demasiado formal. Tem de ser algo com um toque leve e que motive as pessoas a virem.

És capaz de ter razão, pensou Riko. Como era uma iniciativa sem precedente, não tinha como corroborar. De qualquer modo, aprovou a medida. Assim, decidiu-se o nome e começaram a divulgação com cartazes na livraria e uma comunicação no *site* oficial. Sem cerimónias, Riko pediu aos seus clientes mais fiéis que participassem. O que interessava era juntar pessoas. Caso contrário, seria inútil.

– Se estiverem poucos clientes no dia do evento, podemos fazer um anúncio pelo sistema de som – propôs Ozaki, a medo.

Até então, tinham chegado cinco inscrições para o evento. Riko acreditava que esse número fosse suficiente para manter a iniciativa de pé. Decorreria num sábado às três da tarde, uma hora de grande afluência na livraria, mas também mais conveniente para os clientes. Daí a escolha por aquela data.

Naquele dia, vieram cinco clientes. Um dos inscritos cancelou no próprio dia, mas conseguiram arranjar um novo participante através do anúncio no sistema de som. Tal como previsto, conduziram o evento com cinco participantes. O local escolhido foi a sala de descanso que costumava ser utilizada pelos funcionários em *part-time*. Só havia lugares para cinco ou seis pessoas. Os clientes e Riko, a gerente, sentaram-se. Os três gerentes de piso ficaram de pé a ouvir.

Os participantes consistiam em quatro homens e uma mulher. Embora houvesse alguma expectativa no ar sobre quem viria, eram todos clientes habituais. Um deles era um homem perto da meia-idade que vinha todos os dias à secção de literatura. Outro vinha duas ou três vezes por semana para ler *light novels* durante horas a fio. O mais surpreendente dentre eles foi o homem que deteve o queixoso que obrigou Riko a pedir desculpas de joelhos. Apresentou-se como Saburō Hoshino. Serviram chá preto e bolos aos participantes em copos e pratos descartáveis. Inicialmente, os participantes pareciam algo

envergonhados. Mas, a pouco e pouco, tornaram-se mais conversadores.

– Gostava que ouvissem os clientes com mais atenção. Estão sempre tão ocupados, que é difícil abordar-vos.

– E quando é sobre temas mais técnicos, os funcionários mais jovens, por exemplo, os que trabalham em *part-time*, nunca sabem do que estamos a falar. No outro dia perguntei se tinham livros de Yutaka Haniya e perguntaram-me de que género era. Fiquei boquiaberto. Acho que os funcionários precisam de mais formação.

– E porque é que vocês privilegiam as fãs de BL? Mal entramos na secção de BD somos logo recebidos por conteúdos de BL. Para mim, que sou homem, é desconfortável ir para essa secção. É evidente que não se interessam por *light novels* para o público masculino. Porque é que continuam a destacar a coleção *Anomalias Galácticas*? Saiu há cinco anos. Fez sucesso na altura, mas os jovens já não leem isso. Podem pôr aí os volumes todos, que não vai dar em nada. Por causa de obras como esta, não têm títulos que estão na berra agora, como os novos volumes da coleção *Yayoi-chan*. Deveriam tê-los em *stock*.

– As casas de banho são pequenas, pouco iluminadas e cheiram um bocado mal.

– Concordo! E só têm sanitas japonesas tradicionais. Hoje em dia, deviam ter sanitas ocidentais. Não conseguem renovar?

– E ponham escadas rolantes. Subir estes degraus todos cansa!

– Eu gosto de uma revista, a *BeBe*, e compro-a de vez em quando. Mas aqui só costumam ter um exemplar. Às vezes quero comprá-la, mas está esgotada. E têm revistas a mais, é difícil procurar entre tanta oferta. Não conseguem resolver este problema?

Os clientes revelaram as suas insatisfações diárias uma após a outra. Alguns dos seus comentários seriam de enorme utilidade. Já outros não levavam a lado nenhum. As questões das casas de banho e das escadas rolantes eram problemas da empresa que administrava o prédio. Enquanto livreiros, não podiam fazer nada para os resolver. Os clientes continuaram a falar sem freio. Riko começou a sentir a

situação a descontrolar-se. O seu olhar cruzou-se com o de Hoshino, que, como se estivesse a ler-lhe os pensamentos, avançou:

– Aquele cantinho sobre o Japão na secção de literatura estava ótimo. Muito bonito.

– Bem visto – secundou o fã de *light novels*. – O top 10 de BD também está incrível. Mas a livraria está muito fragmentada.

– O que quer dizer com «fragmentada»? – perguntou Riko.

– Como é que hei de explicar... parece que os pisos 3, 4 e 5 estão separados. Não seria possível dar-lhes mais coesão?

– Mais coesão?

– Sim. Por exemplo, nas grandes superfícies comerciais, costumam fazer eventos transversais a todos os pisos – declarou a única mulher participante.

– Algo assim. A livraria tem um ar muito sério. Quando vou à Book On, está a tocar música animada e os funcionários cumprimentam-nos bem-dispostos. Dá para sentir esse ambiente em toda a loja. Este edifício é muito velho e cheira mal. Não conseguem tornar isto mais alegre?

Book On era a nova livraria em segunda mão. Registava números de vendas impressionantes e em rápida ascensão e ficava no primeiro piso do edifício ao lado.

– Eu cá não gosto nada daquele tipo de loja barulhenta. Num sítio desses, nem consigo escolher um livro calmamente – opôs-se o cliente de meia-idade.

Contudo, Riko teve uma ideia.

– Pondo a música de parte... um plano para tornar a livraria mais unida faz todo o sentido. No próximo mês, é Natal. Poderíamos expor livros natalícios em todos os pisos.

– O Natal é uma excelente oportunidade. Podiam pôr uma árvore e tudo – aprovou a cliente.

– Havia uma livraria em que os funcionários se mascaravam quando saíam os novos livros do *Harry Potter*. Podia ser uma boa ideia.

– Sim, talvez esse tipo de atuação também seja viável.

Riko achava que aquela ideia poderia ser implementada. Decerto criaria um ambiente de festa em toda a livraria. Queria muito testá-la.

– Já agora, queria saber as vossas opiniões sobre a Book On, de que estiveram a falar. O que acham do tipo de atendimento? Há bocado, alguém referiu que não abordamos os clientes. A nossa ideia é não os incomodar enquanto escolhem os seus livros. Mas, daqui para a frente, mudaremos de abordagem. Poderiam partilhar connosco o que pensam desse estilo?

A atividade finalmente ganhou os contornos de uma discussão de grupo. Aki observava do fundo da sala. Parecia mais relaxada. Nesse mesmo instante, o seu telemóvel tocou no bolso. Como estava em modo silencioso, não emitiu qualquer som, mas vibrou. Confirmou quem lhe ligava: era Nobumitsu. *Agora? O que é que ele quer?* Aki saiu prontamente da sala.

– O que foi? Estou a trabalhar – sussurrou, mal saiu da porta.

– Queres saber o que foi? Está aqui um bico de obra por causa do Agachi.

– O quê? – interrogou Aki, sem saber imediatamente do que falava.

– Propuseste diretamente ao Agachi que participasse numa feira, não foi? Isso está a causar imensos problemas ao meu Departamento Editorial.

– Mas o que é que se passou? Depois de sondares o Agachi, fizeste um pedido formal ao Departamento de Vendas da Editorial Hitotsuboshi, não foi? Se fizeste tudo segundo os trâmites, qual é o problema? – questionou Riko a Aki.

No dia seguinte, Aki foi aconselhar-se com Riko sobre a feira do livro com Agachi. A continuar assim, a situação não ia acabar bem.

– Claro, fiz tudo pelos canais apropriados...

O plano da feira do livro com Agachi era da autoria de Aki. A ideia era que Agachi, um autor de BD muito popular, apresentasse as suas próprias obras, as obras que o influenciaram e que adorava e autores

que via como uma espécie de rivais. À sua curadoria, juntaria comentários personalizados. O evento incluiria uma exposição da carreira de Nao Agachi, com fotografias suas a trabalhar e de alguns dos seus objetos favoritos. Era um evento extremamente completo, mas que dependia da colaboração absoluta do próprio autor. Foi por isso que Aki sondou a sua disponibilidade de antemão. Agachi gostou do plano, partilhando, inclusive, as suas próprias ideias. Chegou a propor que se organizasse uma sessão de autógrafos e uma palestra durante a feira.

Para cimentar a vontade do autor, Aki delineou um plano para o evento e obteve aprovação interna do mesmo. Depois, enviou-o ao responsável de vendas da Editorial Hitotsuboshi, Iwata, que publicava as obras mais emblemáticas de Agachi. Iwata garantiu que iria avaliar o projeto com toda a atenção, o que deixou Aki algo otimista em relação ao futuro. Contudo, as coisas não correram como previsto.

Atualmente, o editor de Agachi era Konno, o superior de Nobumitsu. Segundo Nobumitsu, desde o início que Agachi e Konno não se davam bem. Nas reuniões, acabavam sempre por discordar, o que talvez explicasse a redução no número de páginas em cada capítulo que Agachi publicava periodicamente. Em primeira instância, a Editorial Hitotsuboshi planeava uma feira dedicada a Agachi em antecipação da nova série animada que estrearia em janeiro. A estrela do evento seria uma edição completa da sua obra serializada. No entanto, os repetidos cortes no número de páginas fizeram com que o total fosse demasiado limitado para compilar um livro. No fim, a publicação do novo livro foi adiada.

Assim, o evento deixou de ser sustentável, e isso era da responsabilidade do editor. Pressionado, Konno decidiu unilateralmente que iria lançar pela Editorial Hitotsuboshi uma antiga antologia de Agachi publicada por outra editora. Tinha sido lançada quando Agachi ainda era jovem, tendo sido publicada por uma pequena editora. Foi a sua primeira obra. Era em formato A5 e bastante cara, tendo registado 50 mil exemplares vendidos. Eram

números impressionantes para uma pequena editora. No entanto, Konno acreditava que, reeditando-a em formato B6 pela Editorial Hitotsuboshi, poderia vender muito mais.

– Se não conseguimos lançar uma nova obra para a feira foi por culpa do Agachi.

Agachi tinha uma dívida de gratidão para com a sua editora original. Além disso, estava revoltadíssimo pela atitude sobranceira de Konno, enquanto responsável de uma grande editora. Isso levou a uma enorme discussão entre eles. Durante a briga, Konno disse uma coisa que deixou Agachi furioso:

– Antes, eras um desconhecido. Foi a nossa editora que fez de ti uma estrela!

O orgulho de Agachi enquanto autor tinha sido ferido.

A diatribe não se ficou pela relação autor-editor, chegando aos ouvidos do Departamento Editorial. No fim, o diretor-executivo do departamento de editorial viu-se forçado a negociar diretamente com Agachi. Foi decidido que, em janeiro, a Editorial Hitotsuboshi reeditaria a sua obra de BD no âmbito da feira. Ademais, Konno, que enfurecera Agachi, foi afastado da posição de editor-chefe. Porém, essas medidas não foram suficientes para acalmar Agachi, que anunciou que não iria cooperar com as sessões de autógrafos que a Editorial Hitotsuboshi tinha planeado em Tóquio e Osaka.

– Pelos vistos, a Editorial Hitotsuboshi não achou muita graça a que nós tenhamos pedido para organizar um evento nestas circunstâncias, especialmente porque foi o Agachi quem propôs fazer a sessão de autógrafos e a palestra.

– Foi só uma questão de mau *timing*. De qualquer forma, os problemas do Agachi com a Editorial Hitotsuboshi não nos dizem respeito. Se não pudéssemos fazer a nossa feira por causa disso, íamos ficar em maus lençóis. Mas o Departamento de Vendas da Editorial Hitotsuboshi ainda não nos deu uma resposta, pois não?

– Não. Bem observado...

– Então, só nos resta aguardar pela decisão. O Departamento

Editorial não tem nada que ver connosco. Nós negociamos com o Departamento de Vendas – concluiu Riko, dando uma palmada encorajadora no ombro de Aki.

– Tem razão – acedeu Aki. Todavia, não se sentia mais animada. Não contou a Riko, mas tivera uma grande discussão com Nobumitsu no dia anterior por causa desse assunto.

– Arranjaste um lindo imbróglio! O nosso Departamento de Vendas está furibundo!

Nobumitsu tinha voltado para casa invulgarmente cedo. Rabujava contra Aki enquanto trocava de roupa. A Editorial Hitotsuboshi raramente fazia sessões de autógrafos com autores de BD. O seu evento estava projetado para uma grande livraria de Shinjuku, o que revelava todo o esforço que a Editorial Hitotsuboshi lhe dedicara. Todavia, o evento tinha sido cancelado única e exclusivamente por vontade do autor. Para agravar ainda mais a situação, uma livraria de médias dimensões do Oeste de Tóquio tinha submetido um projeto para um evento e uma sessão de autógrafos e o próprio autor já havia aceitado participar. O Departamento de Vendas tinha perdido a face por completo. A sua fúria foi dirigida ao Departamento Editorial, que era incapaz de controlar os seus autores. Nobumitsu foi severamente repreendido por Iwata, o responsável de vendas da feira e seu colega desde que se juntaram à empresa ao mesmo tempo.

– Pensa um bocadinho em mim. Eu sou o antigo responsável pelo Agachi. E, agora, o autor está a agir unilateralmente com o apoio da minha esposa? A minha posição está completamente comprometida.

– Isto não tem nada que ver com a tua posição. É verdade que falei primeiro com o Agachi, mas eu submeti um projeto ao Departamento de Vendas, como ditam as regras.

– Mesmo assim, fui eu que te apresentei o Agachi, e toda a gente sabe disso. De outra forma, nunca terias como o contactar diretamente.

A voz de Nobumitsu estava mais esganiçada. Soava assim quando

estava irritado.

– Percebo o que queres dizer. Mas, se não aprovam a ideia, podem simplesmente rejeitar a proposta.

– Não é assim tão simples. O Agachi já sabe da feira. Se recusarmos unilateralmente, ele vai ficar ainda mais zangado.

Exasperado, Nobumitsu abanava nervosamente as pernas, de braços cruzados.

– Não acredito...

– Foi isso que o Agachi insinuou ao Departamento Editorial. Ele disse que já aprovou o plano. Está a usar o evento para descarregar as frustrações por causa da edição fracassada do livro. Ele pesa meticulosamente todas as suas ações – afirmou Nobumitsu, desdenhoso.

Aki ficou algo surpreendida. Durante o jantar em sua casa, Nobumitsu e Agachi pareciam muito amigáveis e confortáveis na presença um do outro. Na realidade, a relação entre um editor e um autor era muito mais complexa.

– Por isso, queria que retirasses tu a proposta. No Departamento Editorial, não podemos danificar ainda mais a nossa relação com o Agachi. Ele é uma enorme fonte de rendimento para a empresa. E, do ponto de vista do Departamento de Vendas, seria inconveniente se vocês fizessem um evento sem a nossa aprovação.

Nobumitsu fitou Aki, como que suplicando.

– Isso é problema vosso. Nós estamos a dar o nosso melhor para aumentarmos as vendas, foi por isso que pensei neste plano... Se o vosso Departamento de Vendas rejeitar a proposta, nada a fazer. Mas não posso retirá-la eu – disse Aki, de sobrancelha erguida.

Queria ajudar Nobumitsu, mas não da forma como ele queria. Todos na livraria aguardavam ansiosamente pela feira.

– Mas há tantos autores neste mundo... Não precisam de fazer um evento com o Agachi.

– Precisamos, sim; eu não conheço outro autor tão famoso e que dê sustentação ao projeto. Desculpa lá se não te agrada.

– Não podes, pelo menos, adiar o evento? É mesmo a pior altura para isto – insistiu Nobumitsu.

– Não. Nós temos de apresentar resultados até março, não dá mesmo para adiar. Estás ciente da nossa conjuntura, não estás?

– Se a vossa livraria vai falir porque não puderam fazer uma feira, já não tem salvação possível. Por muito que se esforcem, irão fracassar – atabalhoou Nobumitsu.

Aki perdeu as estribeiras.

– Que coisa horrível de se dizer! Tal como o teu emprego é importante para ti, o meu também é importante para mim! Falas sempre do meu trabalho como se fosse algo insignificante! – Nobumitsu abriu a boca, mas não disse nada. Aki tinha acertado em cheio. – E estás sempre a falar nos autores, autores e mais autores! Ainda por cima, nos meus anos, foste sair com uma escritora bonita! – acusou Aki, rancorosa.

– Fui ter com ela em trabalho! Quero lá saber se é bonita ou não. Acompanhar os autores é o meu trabalho – redarguiu Nobumitsu, desconfortável.

– Organizar a feira e melhorar as vendas da livraria é o meu trabalho. Não és só tu que trabalhas. Vê se entendes: a minha livraria está à beira da falência. Se a tua revista estivesse para ser cancelada, não darias tudo por tudo? Farias tudo ao teu alcance, não?

– Bem...

– Por favor. Nós estamos a dar o litro.

– Sinceramente... Não quero saber, faz o que quiseres!

Nobumitsu saiu disparado da sala.

Riko abriu a porta da entrada. Já passava da meia-noite, mas ainda se ouvia o som da televisão no fundo da casa.

– Cheguei – saudou, descalçando as botas.

– Bem-vinda – respondeu o pai, surgindo do fundo da casa. – Feliz Ano Novo.

– Ah, sim. Feliz Ano Novo – devolveu Riko. Mudou a data, mudou o ano. Na televisão no fundo da sala, os apresentadores desejavam um próspero Ano Novo aos telespectadores.

– Voltaste muito tarde.

– Sim. Entro de férias amanhã, então hoje foi uma grande azáfama.

Retirou as botas com força, como se tentasse arrancar os próprios pés, e levantou-se. Tinha os pés tão inchados, que mal se conseguia descalçar.

– No ano passado foi uma roda-viva. Espero que este ano consigas andar mais descansada.

– Pois, mas nem fiz preparativos para o novo ano nem envieie postais.

– Porque é que não os escreves agora? Olha, fiz *soba* para celebrarmos. Comes?

– Sim. Obrigada. Vou só mudar de roupa.

Riko mudou para a roupa de andar em casa, lavou as mãos e foi para a mesa. Havia arroz e *soba* feitos. Era *soba* com caldo, mas o molho era demasiado leve. Quando o pai virou costas, Riko adicionou sal ao caldo. Riko estava muito feliz por o pai ter começado a preparar refeições sozinho. No entanto, como ele não podia comer muito sal, o sabor era demasiado insípido. De qualquer forma, não queria desmotivar o pai, pelo que só ajustava o tempero sem ele saber.

– Tens aqui condimentos – anunciou o pai, trazendo um pires com temperos.

A *soba* estava mais grossa do que a que Riko fazia e nem tinha sido

pré-lavada.

- Obrigada.
- Também temos *shichimi*, queres?
- Quero.

Sem saber bem porquê, Riko começou a rir. Apercebendo-se disso, o pai perguntou:

- O que é que te deu?
- Parece que trocámos de papéis. Agora és tu que cuidas de mim.
- Agora, tens tu o papel principal. Não te posso atrapalhar. Tenho de ser saudável até morrer.

Depois do episódio de saúde, a vida do pai tornou-se mais regimentada. Embora adorasse o tabaco, deixou de fumar. Começou também a dar caminhadas matinais e até se inscreveu num grupo de ginástica, onde fazia exercício físico com amigos da sua idade. Passou também a preparar as próprias refeições, limitando a quantidade de sal.

Mesmo tendo sido um episódio isolado, se mantivesse o seu estilo de vida anterior, era garantido que teria um AVC. A advertência severa do médico parecia ter surtido efeito.

– Obrigada, isso é o mais importante – disse Riko, sorrindo para o pai.

Acabrunhado, o pai tentou mudar o tema da conversa.

– Então e como anda a correr o trabalho?

O pai levou-lhe uma chávena e sentou-se à sua frente. Em seguida, serviu chá para dois. O pai parecia ter-se apercebido de que Riko descobrira o livro de recortes. Desde então, tinha começado a abordar o tema do trabalho com ela.

– Anda a correr bem. Acabámos há pouco uma feira de Natal. Foi muito trabalho, mas deu-nos um aumento de vendas de 15% em comparação com o ano anterior.

– Uau, isso é fantástico! – elogiou o pai, como se falasse das suas próprias vitórias.

O evento de Natal foi um sucesso. Seguindo os conselhos dados

pelos participantes na discussão de grupo, a livraria organizou pela primeira vez um evento que envolvia todos os pisos. Era um edifício velho, com paredes e teto sujos e estantes degradadas. Por esse motivo, tiveram de usar toda a sua criatividade para decorar a livraria. Montaram uma grande árvore de Natal em cada piso. Ao seu lado, criaram um cantinho relacionado com o Natal. Quanto aos romances e livros infantis, deram destaque a novas edições, mas também a clássicos de Natal, álbuns fotográficos lindíssimos que dariam bons presentes e obras ilustradas que acompanhavam as últimas tendências. Havia também um canto dedicado a artigos de papelaria, como postais e decorações natalícias. Colocaram bonecos do Pai Natal e renas na mesa ao pé das caixas registadoras, e, no teto, penduraram azevinho coberto de algodão para fazer lembrar a neve. Atrás das caixas registadoras, expuseram uma enorme tapeçaria de Natal. Tinha sido uma das funcionárias a levá-la de casa. «Quero que se sinta o Natal mal se entra na livraria», comentou a jovem, cheia de entusiasmo.

Forraram as paredes das escadas com papel com padrões verdes e vermelhos. No topo, colocaram inúmeras estrelas de *origami* douradas e prateadas e grinaldas verdadeiras. No meio, havia uma seleção de livros ilustrados de Natal para fins decorativos. Eram versões reduzidas dos livros coladas com fita-cola dupla. Tinha sido o trabalho de dois irmãos, Kaito e Takato Kurata, que frequentavam uma escola profissional de artes e trabalhavam na livraria em *part-time*. Tinham ido à loja depois de verem a vaga de emprego para *part-time* afixada na sua escola, mas tinham aceitado o cargo por se interessarem pela exposição. Eram um caso invulgar.

– Que belas decorações – comentaram vários clientes habituais.

Entre eles, estava Hoshino, que participara na discussão de grupo. As vendas haviam melhorado e os eventos que envolviam todos os funcionários pareciam ter elevado o moral. Embora os preparativos para a feira fossem algo caóticos, fê-los esquecerem-se do iminente perigo de fecho da livraria.

– Os funcionários mais jovens gostam deste tipo de empregos. Até trazem coisas de casa, tal é o seu empenho. Alguns até dizem que querem vestir fatos vermelhos de Pai Natal!

– Não percebo bem porquê, mas isto é um negócio. Se os clientes ficarem satisfeitos com o que veem, é uma excelente ideia.

– Exatamente. Como quem o sugeriu foram as funcionárias da secção de banda desenhada, aprovei. Se fosse para a loja toda, talvez não tivesse aceitado, porque não se adequa à secção de literatura.

– Bem visto...

O pai de Riko ouvia-a com aparente interesse.

– De qualquer forma, são questões insignificantes.

– Não me digas que há mais problemas...

– Sim, há.

Ultimamente, a maior dor de cabeça era causada pela diminuição no número de novos exemplares que chegavam à livraria. Quando Riko questionou o seu distribuidor, ele teimou que não tinha havido qualquer redução. No entanto, ao constatar que o número de exemplares de cada obra passara das habituais dezenas para menos de metade, Riko começou a suspeitar de alguma maquinação. Era provável que os rumores do fecho da livraria já se tivessem alastrado pelo setor livreiro. A transferência de loja de Tsujii e Hatakeda era um dos fatores. Já para não falar que era impossível manter fechadas as bocas de todos os envolvidos nas Livrarias Pégaso.

Temos de aumentar as nossas vendas. Só espero que estes boatos não nos influenciem negativamente, pensou Riko, suspirando.

– És a gerente, deves ter muitos problemas com que lidar. Olha, temos vinho. Queres? – ofereceu o pai, olhando para a emudecida Riko.

– O quê? Porque é que temos vinho?

– Foi um presente do vizinho, para celebrar a minha alta hospitalar.

– A sério? Bem, já que o temos, aceito um bocadinho.

Então, o pai tirou o vinho e os copos do armário. Ao olhar para os

copos, Riko sobressaltou-se.

Eram os copos da caixa de cristais *Baccarat*.

Prendas do seu antigo namorado, de quem se separara. Na altura, ficou tão zangada com Aki Obata, que deitou fora a caixa. Contudo, o pai devia tê-la trazido de volta para casa sem ela saber.

– O que é que tens?

– Nada, não faças caso.

Copos são só copos. Não interessa quem os ofereceu.

O pai inclinou a garrafa. O líquido vermelho encheu o copo, as suas bordas cintilavam.

– E que tal fazermos um brinde de Ano Novo? O mais importante é termos vivido mais um ano com saúde.

Sentia uma enorme gratidão. O pai estava bem de saúde e o trabalho corria-lhe de feição, apesar das circunstâncias. Não sabia o que iria acontecer na primavera, mas, para já, estava tudo bem.

Riko desejou do fundo do coração que esta paz de espírito perdurasse para sempre.

– Este ano vai ser bom para ti. Vais ver.

– Para ti também, pai – retribuiu Riko.

Os dois copos entrechocaram, retinindo num brinde.

Aki estava a dormir quando foi despertada pelo som da porta do quarto a abrir-se. Na escuridão, conseguiu sentir alguém a mudar de roupa.

– Nobumitsu? Voltaste para casa agora?

Que horas seriam? Aki tinha ficado a pé até às duas da manhã à espera de Nobumitsu, mas acabou por adormecer entretanto.

– Sim. Acordei-te? Desculpa. Podes continuar a dormir.

Depois de mudar de roupa, Nobumitsu deslizou para dentro da cama. Exsudava um ligeiro odor a álcool.

– Olha, amanhã estás de folga? Quando é que voltas ao trabalho?

– Hum, amanhã estou de folga, mas depois de amanhã vou trabalhar – respondeu Nobumitsu, enfadado.

– A sério? Eu queria ir fazer umas visitas de Ano Novo...

As famílias dos dois tinham-nos convidado por telefone para os visitarem no Ano Novo.

– Vou estar muito ocupado este ano e estou cansado... só quero dormir – declarou Nobumitsu, escondendo a cara com o edredão. Estava claramente a evitar a conversa. Ultimamente, andava assim. Nem sequer tinha desejado bom ano a Aki. Era assim que planeava passar o feriado de Ano Novo?

Aki sabia a razão. Nobumitsu ainda estava chateado por causa da questão de Nao Agachi. No fim de contas, o Departamento de Vendas não se opôs à participação de Agachi na feira, cujo projeto foi aprovado. Agachi estava furioso ao ponto de dizer a Aki por mensagem que iria reclamar caso o projeto fosse rejeitado. Decerto a editora não queria alimentar ainda mais a sua ira.

Tal como Nobumitsu advertira, talvez tivesse sido melhor se Aki tivesse recuado.

Contudo, os seus colegas estavam entusiasmados com a feira. Agachi era um dos maiores autores da atualidade e até tinha alguns fãs entre os funcionários da livraria. Mal a feira foi oficialmente aprovada, Agachi começou a aparecer na livraria, o que deixou os funcionários ainda mais entusiasmados. O mais importante agora era garantir que não perdiam a motivação. A pressão de um perigo iminente tão colossal quanto o fecho da livraria com certeza minaria a força de vontade de todos. A feira já não era apenas um problema exclusivamente seu.

Porém, a cólera de Nobumitsu persistia. Nem sequer falava com Aki como deve ser. Era uma questão de ver quem cederia primeiro. Tratando-se dos empregos de ambos, cada um insistia na respetiva posição.

De qualquer forma, Aki começava a sentir que não aguentava mais se este tipo de assunto lhes estragasse a vida conjugal. O trabalho deveria ser trabalho e a família, família. Foi o próprio Nobumitsu que o disse.

Aki levantou a ponta do edredão para que Nobumitsu não a ouvisse e lançou um suspiro. Nobumitsu continuava de costas viradas. Já estaria a dormir ou fazia de conta?

As férias de Ano Novo deveriam ser animadas, mas, para Aki, foram um longo período de depressão.

Depois das férias de Ano Novo, Aki e os restantes responsáveis pela secção de BD do quinto piso trabalharam arduamente na organização da feira. Em primeiro lugar, tinham de arranjar as obras de banda desenhada recomendadas por Agachi. Era uma seleção de 50 obras. No entanto, muitas eram de pequenas editoras e algumas até já estavam esgotadas. Não obstante, queriam reunir o máximo de exemplares. Mesmo que uma obra já estivesse riscada do inventário de uma editora, havia casos em que ainda sobravam exemplares nos armazéns. Por isso, decidiram falar diretamente com os responsáveis das editoras. Além disso, despenderam muito tempo e esforço a preparar as decorações com os desenhos originais de Agachi e a retrospectiva da sua carreira. Até pediram aos seus amigos que escrevessem umas cartolinas com mensagens de apoio. Uma outra ideia sugerida era filmar uma entrevista com Agachi na livraria. Era interessante, mas de difícil implementação. Não sabiam como conduzir a entrevista. O mais chato era terem de desempenhar esse tipo de tarefas entre o trabalho regular.

De qualquer modo, também era divertido. Quem diria que dar forma às próprias ideias poderia ser tão gratificante? Aki sentia-se como nos dias que antecedem um festival. Ainda para mais, enquanto se concentrava no trabalho, conseguia esquecer-se das quezílias com o marido. Portanto, focou-se plenamente no trabalho que tinha em mãos.

Por fim, chegou o dia antes da feira. Depois do fecho da loja, todos os funcionários se apressaram a colocar as decorações. Arrumaram os expositores centrais com livros para ajudar nos trabalhos de casa das férias de inverno e substituíram-nos por obras relacionadas com Agachi. Removeram as decorações nas paredes das escadas e puserem, em seu lugar, desenhos originais de Agachi. No centro da feira, colocaram um televisor, onde experimentaram transmitir o vídeo da

entrevista com Agachi. Tinham muito em que pensar. Teriam os bilhetes prontos para a palestra? Onde colocariam os *posters* a divulgar a sessão de autógrafos? O que poderiam fazer para destacar os desenhos de personagens criadas por Agachi?

No exterior do edifício, já havia alguns clientes à espera dos bilhetes para a palestra. Deviam estar dispostos a passar ali a noite. As sessões de autógrafos de Agachi, por si só, já eram raras. Mas era a primeiríssima vez que fazia uma palestra. As expectativas dos fãs deviam ser extremamente altas. Precisariam de alguém para distribuir os bilhetes. Essa iniciativa implicava não só a participação dos funcionários do quinto piso, mas de toda a loja. Aki estava convencida de que passaria a noite em claro a trabalhar.

– Aki, estamos em apuros!

Aki estava a pendurar os desenhos originais de Agachi com os irmãos Kaito e Takato Kurata quando Mami Hagiwara correu até ela, atrapalhada. Já eram quase dez da noite.

– O que se passa?

Mami devia estar a tratar das decorações do expositor da feira. O que poderia ter acontecido?, questionou-se Aki, interrompendo as suas tarefas e virando-se para Mami.

– Hum... estive a confirmar o número de exemplares da obra do senhor Agachi, *As asas do Cáucaso*. Só temos 100.

– O quê? Impossível!

No segundo dia da feira, seria a sessão de autógrafos. No último, a palestra. *As asas do Cáucaso* seria o tema principal da sessão e da palestra. Os clientes que adquirissem a obra na livraria poderiam obter um bilhete para um dos dois eventos. Como previam a participação de cerca de 100 pessoas, precisariam pelo menos de 200 exemplares. Pensando que poderia haver clientes que quisessem simplesmente adquirir o livro sem participar nos eventos, preferiam ter em *stock* 250 ou até 300 exemplares. O objetivo da feira era vender todas as obras relacionadas com Agachi. Contudo, o novo

lançamento era o que mais venderia. Até se poderia dizer que aumentar as vendas fosse a principal razão de ser do evento. Obviamente, esta nova obra estava no centro do expositor dedicado à feira.

– Devia ter confirmado o número quando os livros chegaram, mas estava tão atarefada que nem me apercebi. Peço desculpa – disse Mami, chorosa.

– Mas já tínhamos discutido o assunto com o nosso intermediário, o senhor Yamamoto.

Tinha prometido entregar 250 exemplares. Caso a situação permitisse, poderia fazer uma remessa adicional. Aki nem podia acreditar. Se não tivessem o que vender, a própria feira deixaria de fazer sentido.

– O que fazemos? Amanhã, vamos ter uma grande afluência de clientes que querem bilhetes para as atividades. Sem os livros, vai ser o caos!

Mami era quebradiça. Só de imaginar aquele cenário, começou a tremer.

– Para já, vamos falar com a gerente. Ainda está lá ao fundo, não está?

Aki deixou a ilustração que segurava com os irmãos Kurata, que continuavam as suas tarefas, e acompanhou Mami até ao gabinete da gerência.

– Mas porquê? Foi um erro nas entregas?

– Não sei...

– O que temos de fazer é o seguinte: pedir que nos tragam os exemplares restantes amanhã pela primeira hora da manhã.

Tal como esperado, a gerente Riko estava calma.

– Tudo bem.

– Acham que isto se resolve?

– Mas os distribuidores já devem estar fechados.

– Isso não ajuda nada. Tens o número de telemóvel do Yamamoto?

– Ah, sim, tenho.

Aki tirou o telemóvel do bolso. Dentre os contactos, pronunciou «Yamamoto». Ligou seis ou sete vezes, até que Yamamoto finalmente atendeu.

– Estou, sim...

– Estou? Daqui fala Obata, das Livrarias Pégaso. Chegaram-nos hoje exemplares do livro *As asas do Cáucaso*, mas são só 100. Não terá havido algum engano?

– Não. Na verdade...

Yamamoto falava baixo. Aki pressentiu que ele se debatia com o que dizer.

– Não foi um erro e o senhor Yamamoto sabe do que se passa.

– Lamento, Obata... foi o máximo que conseguimos desta vez.

– Mas porquê? Tinha-nos prometido que iria entregar 250 exemplares. A feira é amanhã e já está decidido que vamos distribuir os bilhetes.

Aki não desarmava. Tinham tido tanto trabalho com os preparativos para ali chegar... porém, sem a obra principal, o potencial da feira era reduzido a metade.

– Desculpa, mas isto não depende só de mim...

– Anunciámos que iremos distribuir amanhã de manhã os bilhetes para o evento. Cem exemplares de *As asas do Cáucaso* não chegam. Não percebe?

A voz de Aki tornou-se mais alta. Ao seu lado, Riko escutava a conversa, sustendo a respiração.

– Mas... pois... o que é que nós podemos fazer?

Yamamoto parecia desnordeado. Tinha uma boa relação com Aki e ela costumava conversar imenso com ele para se aconselhar sobre questões de trabalho. Esperava que ele apoiasse o evento.

– Diga-me lá: a sua empresa emitiu alguma diretriz?

– Sim... digamos que sim.

– Mas porquê? O senhor Yamamoto até elogiou o projeto da nossa feira.

– Eu não sei os detalhes... mas parece que as ordens vieram de

cima.

– De qualquer forma, sem os livros, ficamos numa posição complicada. Não consegue arranjar-nos uma solução?

– Vou tentar falar sobre o assunto à empresa amanhã. Mas, para já, não consigo.

– Tudo bem. Portanto, temos de falar com a chefia. Obrigada – disse Aki, desligando a chamada.

– O que planeias fazer? – questionou Riko, intercetando Aki, que se preparava para abandonar a sala.

– Vou ter com os distribuidores e perguntar o que se passa.

– Mas que horas pensas que são? São quase onze da noite!

– Mas deve estar lá alguém!

Aki parecia prestes a chorar.

– Tem calma. Nestas alturas, temos de falar com quem de direito. Se fizeres algo imprudente podes piorar ainda mais as coisas para o nosso lado.

– Mas eu quero que a feira seja um sucesso. Não importa por que meios.

Aki estava dedicada de corpo e alma. Se a feira fracassasse, as suas ações que tanto tinham chateado Nobumitsu perderiam a razão de ser. Porque é que se tinha dedicado tanto até agora?

– Se os distribuidores se recusarem, temos outros métodos. Por exemplo, sondar diretamente as editoras.

Enquanto ouvia, Aki pegou tropegamente no telemóvel e experimentou ligar a Iwata, o responsável de vendas da editora. No entanto, talvez tivesse o telemóvel desligado, pois a chamada caiu.

– Não dá, ninguém atende. Seja como for, o Iwata não estava propriamente a cooperar connosco...

– Ainda estará chateado por causa dos problemas com o Agachi.

– Acho que sim. Até disse que não o ia acompanhar durante a sessão de autógrafos.

– Que treta...

– O que fazemos? Se distribuirmos os bilhetes sem termos

exemplares do novo livro em *stock*, vamos receber reclamações dos clientes. Fizemos imensa publicidade e também recebemos vários pedidos de informação. Não pode ser. Amanhã, tenho de ir mesmo falar com os distribuidores de manhã cedo.

Aki estava completamente perturbada.

– Acalma-te. No pior dos casos, podemos alargar os bilhetes para o evento não só à obra mais recente, mas a todas as obras do Agachi.

– Bem visto. Mas os fãs mais dedicados decerto quererão comprar a mais recente, pois já têm todas as outras. Só isso já é suficiente para recebermos algumas queixas.

Aki andou às voltas pelo escritório, meio perdida.

– Lá nisso tens razão.

– Ai, que *stress*. Se os distribuidores não nos enviarem os livros que faltam, amanhã de manhã vou a uma loja de BD e compro eu mesma alguns exemplares!

– Deixa-te disso! Eu trato dos livros – afirmou Riko, com um ar resolutivo.

– O que vai fazer?

– Ainda não sei, mas tento qualquer coisa. Agora, o importante é ir tratar das decorações da livraria. E como estarão as filas lá fora? Sem ti, fico num aperto. Por enquanto, faz aquilo que estiver ao teu alcance.

– Com certeza...

Aki saiu do escritório.

Riko suspirou. O tempo esgotava-se às dez e meia da manhã, a hora de abertura da livraria. Não tendo outra opção, teria de recorrer a um método menos convencional. Não o queria usar, mas fá-lo-ia, se necessário.

Pegou no telemóvel. Inspirou fundo e ligou para o tal número.

Faltavam dez minutos para a livraria abrir portas. Em frente à loja, já havia uma fila de clientes, pouco mais de 100 pessoas. Era um fenómeno comum quando um artista de BD famoso ou uma

celebridade davam autógrafos. Todavia, as Livrarias Pégaso praticamente nunca faziam sessões de autógrafos, pelo que era a primeira vez que se formava uma fila em frente à livraria antes da hora de abertura. Os funcionários estavam todos nervosos, sem exceção. Até os funcionários que trabalhavam em *part-time* que estavam de folga foram chamados ao trabalho de urgência, para ajudarem a manter a ordem. Os clientes estavam divididos em duas filas que começavam nas escadas do quinto piso e estendiam-se até ao primeiro andar. Se a fila se tornasse ainda mais comprida, começaria a contornar o exterior do edifício.

– Conte os clientes na fila. Já são mais de 200.

– O que faremos? Se calhar é melhor afixarmos uns *posters* a anunciar que os bilhetes serão válidos para mais obras.

Mami e Anna tinham ido ter com Aki para reportarem a situação atual. Aki era a responsável pela secção de BD. Como tal, acabara por fazer uma noitada a preparar o evento. De qualquer maneira, preparara na noite anterior os *posters* a anunciarem o alargamento dos bilhetes a outras obras.

– Vamos esperar mais um bocado. Quando a gerente vier, decidimos.

Na noite anterior, por volta das duas da manhã, antes de se ir embora, a gerente pediu:

– Não ponham já os *posters*. Amanhã de manhã vou o mais cedo possível arranjar os livros.

– Mas já só faltam dez minutos! Se os livros não chegarem entretanto...

Estava Anna a queixar-se, quando o telemóvel de Aki tocou. Olhou para o nome no ecrã: era a gerente.

– Estou, sim... Fala a Obata.

– É a Nishioka. Acabei de chegar à estação. Consegui arranjar 100 exemplares. Chego à livraria num instante.

– Que bom! Portanto, a situação dos bilhetes acabou por se resolver!

Anna parecia perplexa.

– Mas como é que a gerente traz tanta mercadoria sozinha? Deve ser pesada. Não é melhor irmos ajudá-la?

– Está tudo sob controlo. São só cinco minutos a pé até à livraria. Sou livreira, para mim, carregar 100 livros é uma brincadeira. Já agora, há aí alguém que consiga ir fazer uns recados de urgência? – perguntou Riko.

– Sim. Provavelmente uma ou duas pessoas.

– A livraria de Ogikubo pode ceder-nos 20 exemplares; a de Iidabashi, 15; a de Ōkubo, 10. Preciso de alguém que os vá lá buscar já. Basta pedirem aos gerentes de loja, eles sabem do que se trata.

– Sim, senhora! – respondeu Aki, numa voz quase infantil.

– Incrível! A gerente lá conseguiu os livros – disse Anna, espantada.

– Até parece magia. Como é que ela conseguiu?

Mami também estava curiosa. Aki sentia-se mais tranquilizada.

– A nossa gerente é mesmo fantástica. Graças a ela, tudo se irá endireitar.

Os bilhetes para o evento começaram a ser distribuídos imediatamente após a abertura da livraria, esgotando em cerca de uma hora. O número de participantes previsto para a sessão de autógrafos e palestra era de 200 pessoas. Contudo, prevendo que alguns não poderiam vir no próprio dia, foram distribuídos 230 bilhetes. Ou seja, venderam-se 230 exemplares do novo livro em pouco mais de uma hora. Era um recorde para a livraria, até porque não era especializada em BD. Muitos dos clientes que receberam os bilhetes não se foram logo embora, quedando-se na livraria a ver a exposição ou o vídeo da entrevista. Cada piso tinha cerca de 300 metros quadrados, pelo que a elevada afluência causou alguma confusão. Muitos clientes tinham pegado em livros mais antigos, levando as filas para as caixas registadoras a dimensões nunca vistas. Os funcionários quase não conseguiam despachar tanta clientela. Os

livros que chegaram das outras lojas foram todos vendidos ainda de manhã. De qualquer forma, por volta do meio-dia, o senhor Yamamoto, da distribuição, apareceu para deixar mais 100 exemplares.

O caos da noite anterior arrastava-se. Depois de verem o quinto piso, alguns clientes seguiam para o terceiro e quarto andares. A livraria nunca tivera um dia tão próspero. Aki acabou por passar o dia inteiro na livraria, até as portadas exteriores serem fechadas.

– Muito obrigada – repetiu Aki todo o dia.

Ficara rouca. Quando deu por isso, apercebeu-se de que nem tinha almoçado. Tinha estado de pé o dia inteiro, o que lhe causou inchaços nos pés e uma dor no dedo mindinho. Fosse como fosse, adorava ver os livros a venderem tanto. Ver a livraria tão animada deixava-a feliz. Aquele seu cansaço era algo positivo, pensou.

Quando a livraria fechou, Aki foi até ao escritório. Ali, cruzou-se com Riko, que estava de saída.

– Bom trabalho.

– Bom trabalho. Obrigada por tudo hoje. Por momentos, duvidei que conseguíssemos... – confessou Aki.

Riko corou.

– O importante é que tudo terminou bem. Estou cansadíssima, vou indo para casa. Mal posso esperar pelo relatório de vendas amanhã – disse Riko, preparando-se para sair.

– Olhe... – interrompeu Aki, puxando Riko por trás, pela manga da camisa.

– O que foi?

Riko virou-se para trás.

– Hoje de manhã, trouxe 100 exemplares extra. Como é que os arranjou? Fiquei com alguma curiosidade, mas não tive tempo de perguntar.

Rindo, Riko revelou:

– É um segredo da empresa, mas é simples: negocie diretamente com a editora.

– Mas como é que conseguiu contactar o responsável àquelas horas?

– Tive de recorrer a meios diferentes dos habituais. Fui diretamente à editora e recebi exemplares para uso interno.

– O quê? Existem exemplares para uso interno? Então, é ainda mais impressionante que lhos tenham cedido. Nunca pensei que a Editorial Hitotsuboshi fosse fazer algo assim...

Entretanto, Aki compreendeu o que se passou. Era óbvio: Riko pedira um favor a Shibata, o seu ex-namorado. Ele era diretor-adjunto, tinha poderes para ajudar dessa forma.

– Os meios não são relevantes. O importante é que os livros vieram a tempo – comentou Riko, com o olhar baixo.

– Nem mais. Muito obrigada – agradeceu Aki, fazendo-lhe uma vénia.

Riko despediu-se ainda de costas viradas, acenando apenas com a mão, e continuou até à saída.

– Bom trabalho.

– Bom trabalho.

Os presentes iam-se despedindo em pequenos grupos. Quando a *after-party* para comemorar o evento chegou ao fim, já passava da meia-noite. O último comboio estava quase a passar. A maioria dos presentes dirigiu-se à estação. Alguns dos funcionários mais jovens, bem como alguns escritores e editores, preparavam-se para uma segunda *after-party*. As lojas na arcada comercial já tinham as portadas fechadas, mas ainda havia muita gente na rua e não escasseavam negócios ainda abertos.

– Quero ir a mais um bar – disse Nao Agachi, bem-disposto.

Os seus editores tentavam ao máximo dissuadi-lo. A festa celebrava o sucesso do evento desse dia e contava com a participação de membros da Editorial Hitotsuboshi e da Livraria Pégaso. Agachi era o convidado de honra e, segundo o próprio, devia participar até ao fim.

– Pense melhor, Agachi. Por causa da feira, o seu trabalho deste mês não tem avançado nada. Vamos fechar o tasco por hoje e voltamos juntos para o trabalho.

– Mas qual é o problema? Hoje é para celebrar. Até o Miwa está cá.

O editor saiu da arcada comercial para tentar arrastar Agachi consigo. Chegando à avenida principal em frente à estação, chamou um táxi que passava e obrigou Agachi a entrar com ele. Agachi continuava a causar sarilhos à editora, embora os editores tentassem a todo o custo recuperar a sua confiança. A sua imagem refletia-se, diminuta, no espelho retrovisor do táxi.

Riko e Aki, bem como muitos outros presentes, despediram-se de Agachi. Quando desapareceu por completo, Shunsuke Shibata, da Editorial Hitotsuboshi, comentou, com um ar mais calmo:

– Parece que o novo editor do Agachi se está a dar bem com ele.

– Sim, estavam a conversar tão animados durante a festa – acrescentou Riko, ao seu lado.

O novo editor responsável por Agachi era experiente e sabia como lidar com o egoísmo do autor.

– Muito obrigada por hoje. E também por pagares a conta da festa...

Riko virou-se para Shibata e dirigiu-lhe uma vénia.

– Ora essa. Isso nem se pergunta. A feira foi um sucesso e consegui reatar a relação com o Agachi. Muito obrigado.

– Isso digo eu. Se não me tivesses arranjado os livros no primeiro dia da feira, não sei como teria acabado...

– Acabou por ser culpa nossa. Devíamos ter colaborado mais convosco desde o início. E os nossos jovens editores são muito nervosos, só arranjam problemas. Temos tido uma boa relação contigo desde que venderam o *Até que a tua voz alcance*. Devíamos ter-vos facilitado mais mercadoria.

Proferindo essas palavras, Shibata fitou Riko, que estava algo envergonhada, tendo desviado o olhar. Quando ligou para Shibata de urgência, ele confessou, num misto de surpresa:

– Sei que não é a altura certa para dizer isto, mas fico feliz que me tenhas pedido este favor.

Mesmo sendo a mulher de quem se separara, a sua vontade de ajudar não era falsa. Isso, por si só, fez o coração endurecido de Riko derreter ligeiramente. Sem o revelar no semblante, afirmou:

– Tanto entusiasmo não significa que a pessoa se importa com o seu trabalho?

Em seguida, virou a sua atenção para Iwata, o técnico de vendas, que estava a conversar mais longe na sala, refeito. A pessoa com quem Iwata falava era Mami, a responsável pela secção de livros técnicos. O comportamento excêntrico de Mami parecia ter cativado Iwata. Ou seria apenas a sua aparência? Quando estava em silêncio, Mami era como as modelos e cantoras da moda. Era gentil e tinha jeito para despertar o interesse dos homens. Um simplório como Iwata seria

facilmente manipulado por ela.

Foi Riko quem decidiu pôr as funcionárias jovens ao pé de Iwata. Precisava de manter uma boa relação com ele. Se ele odiasse a livraria, Riko ficaria em maus lençóis. Por outro lado, se as raparigas fossem simpáticas com Iwata, ele relaxaria. A estratégia parecia estar a correr bem quando alguém disse:

– Ó Obata! Já vens tarde!

– O Agachi já se foi embora!

Riko olhou nessa direção. Era Nobumitsu Obata, o marido de Aki. Os olhos de Nobumitsu estavam carregados de olheiras. Não parecia minimamente enérgico, tinha um ar derreado.

– Hoje o Obata esteve a ler as provas da nova revista – explicou Shibata.

– Não me diga – aquiesceu Riko.

Era por isso que ainda não o tinham visto. Nobumitsu era próximo de Agachi e era marido de Aki, que trabalhava na livraria. Era impensável que não fosse à festa.

– Vim mal acabei o trabalho... – respondeu Nobumitsu, com os colegas ao lado.

Riko olhou para Aki de longe. Aki fitava Nobumitsu; parecia petrificada. Nem sequer se tentava aproximar dele. Nobumitsu também tinha um ar tenso, evitando virar-se para Aki.

Ai, queres ver..., pensou Riko, suspirando. Então, aproximou-se de Nobumitsu.

– Obata! Há quanto tempo!

– Hum, pois...

Nobumitsu parecia paralisado pela súbita abordagem.

– Sou a gerente da livraria, a Nishioka. Não nos víamos desde a sua festa de casamento – declarou, sorrindo.

– Ah, sim. Há quanto tempo...

– Muito obrigada por tudo. Inicialmente, não sabíamos bem o que fazer com o Agachi e acabámos por causar inconveniências ao vosso Departamento Editorial.

– Ah, nada disso... – negou Nobumitsu, ainda mais atrapalhado.

Vendo que Riko conversava com Nobumitsu, Aki aproximou-se dela, pelas costas. Os colegas à sua volta estavam imersos nas suas próprias conversas.

– A Aki contou-me que estava muito preocupado. Lamento imenso.

Por trás, Aki chamou «gerente», puxando a manga da camisa de Riko. Devia ter previsto o que Riko estava prestes a dizer. Contudo, Riko não fez caso e prosseguiu:

– A Aki também estava muito ansiosa. Até me fez doer o coração.

Riko deu uma cotovelada discreta em Aki, como que para lhe dizer que não cederia terreno.

– Ah, ah – retrucou Nobumitsu, desmotivado.

– Não culpe a Aki. Graças a ela, a nossa livraria foi salva de um grande aperto. As nossas vendas deste mês constituem um aumento de 20% em relação ao ano anterior. Com números destes, creio que podemos dissipar os receios de falência.

– A sério? Que bom – disse Nobumitsu, sorrindo timidamente.

– De qualquer forma, para uma livraria, o mais importante é haver boas obras e autores. As obras do Agachi são mesmo formidáveis. Li-as todas para me preparar para a feira. Os livros têm um ritmo próprio e personagens genuinamente originais. Percebo perfeitamente porque é que os jovens gostam tanto. O *Fly High!* foi trabalho seu, não foi, Nobumitsu?

– Sim... mas fui apenas o editor inicial.

– Que maravilha. Foi essa obra que lhe permitiu definir o seu rumo enquanto autor. Foi com ela que a sua personalidade desabrochou. Eu não sou das editoras, por isso, não percebo bem como as coisas funcionam. Mas creio que essa seja a maior força de um editor. Obata, o seu poder engrandeceu o Agachi.

– Ora essa, nada disso. Foi tudo graças às capacidades do escritor... – desconsiderou Nobumitsu, humilde. Porém, o seu rosto não parecia totalmente contrariado.

– Como os editores estão a dar o seu melhor para criarem boas

obras, nós também temos condições para nos esforçarmos. Por favor, continue a criar obras de qualidade!

Em seguida, Riko mostrou um sorriso delicadíssimo. Maravilhado, Nobumitsu sorriu também, consentindo:

– Sim, também faremos o que estiver ao nosso alcance.

– Conto consigo no futuro – saudou Riko, com uma vénia. Por fim, afastou-se de Nobumitsu, que estava com uma expressão mais serena.

Riko despediu-se das pessoas à sua volta e começou a caminhar em direção à estação.

– Nishioka. – Aki seguiu Riko a passos largos. – Porque é que fez aquilo?

Riko parou e olhou Aki nos olhos.

– Não me queria intrometer, mas, sabendo que a vossa relação de casal piorou por causa do nosso evento, não conseguiria dormir descansada.

Aki engoliu em seco. Não tinha falado com ninguém sobre os seus problemas conjugais – nem achava que Riko pudesse suspeitar de algo.

– Acertei em cheio, não foi? Já há algum tempo que andas tristonha. Às vezes, com a cabeça na lua. O que é que interessa que o trabalho corra bem, se a vida privada estiver em ruínas? Hoje em dia já não é aceitável sacrificar a vida familiar em nome do trabalho.

– Mas...

Aki preparava-se para dizer algo, mas foi prontamente interrompida por Riko.

– Para de ser casmurra! A teimosia leva-nos a perder aquilo que é mais importante. Além disso, sei pela tua cara que, no fundo, querias fazer as pazes com o Nobumitsu.

– Bem, sim... – admitiu Aki.

Porém, parecia indecisa. À beira das lágrimas.

– Escuta: marido e mulher inicialmente são desconhecidos. É natural que não corra tudo bem desde o início. Mas o marido e a esposa precisam de se aproximar, pois ser casado não é a mesma coisa

do que viver debaixo do mesmo teto. A separação não é tão simples.

Aki mordiscou o lábio em silêncio.

– Eu sei que não me compete a mim, que nunca fui casada, dizer isto. De qualquer forma, tens de te animar – instou Riko, num tom determinado.

Aki queria dizer algo, mas as palavras não lhe saíam. No fim, limitou-se a fazer uma vénia, agradecendo:

– Muito obrigada.

– Não fiz nada que mereça um agradecimento.

Riko deu uma palmada no ombro de Aki, como se lhe ordenasse «vê lá se te endireitas».

– Senhora gerente, seja bem-vinda.

Ao sair do elevador no terceiro andar, Riko cruzou-se com Ozaki, que estava a substituir as revistas.

– Como correu?

– Correu bem – respondeu Riko, sem particular reflexão.

Riko seguiu até ao fundo da sala. No terceiro piso, as revistas ficavam do lado direito e a secção de literatura do lado esquerdo. Em frente à caixa central, havia um enorme expositor, que, nesse mês, era dedicado a obras passadas em Kichijōji. Muitas livrarias têm uma secção reservada a livros sobre a sua terra, em muitos casos, apresentando a história e cultura do local. Kichijōji era conhecido como o bairro em que os jovens mais gostariam de viver. Na verdade, havia imensos romances e obras de banda desenhada cuja ação decorria ali. Por isso, reuniram obras que tinham o bairro como pano de fundo num esforço conjunto dos pisos 3, 4 e 5. No terceiro andar, foi criado um canto especial para obras literárias e revistas com artigos sobre Kichijōji.

A seleção literária era surpreendentemente variada. Kichijōji surgia em obras com alguns anos, como *A viagem obscura*, de Yumiko Kurahashi, ou *Norwegian Wood*, de Haruki Murakami, ainda que somente de passagem. Alguns exemplos de obras mais recentes com referências ao bairro eram *Route 350* e *Gift*, de Hideo Furukawa; *A história da mansão de Kichijōji*, de Mangetsu Hanamura; de *A cidade do drama*, de Mitsuyo Kakuta; *Elegância na pobreza*, de Amy Yamada; *Daishibu-ya*, de Hitonari Tsuji, *Little by Little*, de Rio Shimamoto; *Adiantum Blue*, de Yoshio Ōsaki; *Someday Under the Parasol*, de Eto Mori; *Breve antologia do café* e *Happiness*, de Nobara Takemoto; *Short Song*, de Kōichi Masuno; e *Asashina, de Kichijōji*, de Eiichi Nakada, entre muitas outras. Todos os funcionários participaram na busca por estas obras. Ficaram admirados pela quantidade de autores que mencionaram Kichijōji. Mesmo que o bairro surgisse apenas em

algumas das suas obras, aquele elenco de autores chegava para realizar uma feira de alto gabarito. De qualquer forma, juntar apenas essas obras não seria particularmente interessante. Ao invés disso, optaram por citar as passagens dos livros em que Kichijōji surgia e fazer POP baseados nelas, para apresentar as obras. Eram visualmente apelativos e causaram uma boa impressão entre os clientes. Os habitantes da zona tinham muito orgulho no seu bairro, pelo que foi uma excelente iniciativa.

No mês anterior, tinham dado destaque ao popular artista de BD Agachi. Graças à sua fama, muitos clientes tinham vindo de longe para visitarem a livraria. Agora, era altura de estimular o interesse dos clientes habituais com um plano de ação dedicado a eles. Na semana anterior, na coluna regional do jornal, o evento foi apresentado. A feira dedicada a Kichijōji estava a receber boas críticas de várias partes. Os clientes habituais estavam satisfeitos e o evento serviu também para atrair nova clientela – ou um incontável número de clientes estava a desfrutar da livraria, o que alegrou Riko por ter implementado aquele plano.

Riko afastou-se da zona da feira e examinou as estantes de obras literárias uma a uma. No expositor à sua frente, estavam os *bestsellers*. À medida que a data de fecho se aproximava, a sede começou a controlar a livraria com mais intensidade. O número de novas obras disponível estava claramente em queda. Mesmo assim, Riko contava com a colaboração de variadas livrarias como a de Ogikubo, Ōkubo e Iidabashi, que lhe facultavam alguns exemplares de novas obras. Os gerentes das livrarias de Ōkubo e Iidabashi tinham sido treinados por Riko quando entraram na empresa e nunca se tinham esquecido da sua dívida de gratidão para com ela.

– Isso não te diz respeito apenas a ti – disse o gerente Etō, da livraria de Ogikubo, empático.

Todos os gerentes de loja ficaram apreensivos e até com algum medo ao observarem o modo como a sede abandonava e pressionava uma loja com má *performance* financeira a fechar portas –

especialmente no caso da livraria de Riko, que era a primeira das Livrarias Pégaso, o que acentuava essa renitência. Quando Riko fez frente a Watanabe e aos outros administradores durante a reunião da gerência, os demais gerentes aplaudiram mentalmente. Embora formalmente não pudessem cooperar, eram muitos os que apoiavam Riko e a sua livraria em segredo. Foi por esse motivo que, apesar das circunstâncias, Riko foi capaz de reunir tantos exemplares de novos lançamentos.

– Olá, senhora gerente – saudou um dos jovens funcionários que trabalhava em *part-time*. Trazia ao peito um *pin* redondo com a mensagem «Peça-me obras de mistério». Era uma estratégia para facilitar as abordagens dos clientes. Os funcionários que se sentiam mais à vontade para guiar os clientes em questões relacionadas com obras de mistério ou romances históricos tinham-se voluntariado para colocar este *pin* ao peito. A ideia tinha vindo dos próprios empregados.

O fundamental era experimentar diferentes abordagens. Caso as experiências corressem mal, logo decidiriam como prosseguir. Riko achava que o mais importante era decidir em conjunto com os clientes como transformar a livraria. Na verdade, o funcionário com o *pin* revelou que, desde que o usava, começara a ser questionado por fãs dedicados ao género de mistério. Isso parecia ter inflamado a sua motivação, levando os funcionários a investigarem a situação ao nível editorial e o *stock* em loja por iniciativa própria. Riko aprovava este entusiasmo.

A secção de revistas também estava cheia de artigos dedicados ao bairro, inclusive, números antigos da revista local dedicada a Kichijōji. Era uma bela seleção, pensou Riko. Incluía revistas como a *Tokyo Walker*, *Reis da caminhada*, *Hanako* e *OZ*, lidas maioritariamente pelo público feminino, mas também outras revistas para homens, conquanto apresentassem o bairro de Kichijōji. O responsável pela secção de revistas tinha investigado e compilado secretamente artigos dedicados ao bairro há meio ano.

«Este bairro anda nas bocas do mundo.» Até expuseram números anteriores da *Vintage*, juntando-lhe um POP com a nota «A nossa livraria é referida», ao artigo de revista no qual Riko fora entrevistada. A fotografia tinha sido tirada naquela livraria, pelo que a informação estava correta. Porém, como lhe causava algum embaraço, passava por ali o mais rapidamente possível.

Riko subiu as escadas. Usar as paredes da escadaria como expositor tornara-se costumeiro. Atualmente, exibia uma lista de obras sobre o bairro, expandindo as vinhetas de banda desenhada nas quais era retratado. Riko não sabia muito sobre banda desenha. Mesmo assim, lera em criança algumas daquelas cenas, como a vinheta da obra *A estrela do país de algodão*, de Yumiko Ōshima, em que Chibi, de avental, chora no parque, ou a cena de *A máscara de vidro*, de Suzue Miuchi, em que a protagonista, Maya, dança na rua comercial disfarçada de fada para atrair a clientela.

Riko começou a lê-las, pensando em quão nostálgicas eram essas cenas. Ao lado dos desenhos, incluíram fotografias e descrições dos locais reais. Não sabia quem os tinha escrito, mas os textos eram muito elegantes.

Subiu até ao quarto piso, que também sofrera uma enorme transformação. O ar austero da secção de livros técnicos tornara-se mais suave, estando adornada com flores secas e tapeçarias no teto. À imagem dos outros andares, também aqui havia um expositor no centro com livros sobre o bairro. A maioria era dedicada à sua história e cultura. Porém, também incluía livros de fotografia de artistas locais e obras académicas de professores da universidade mais próxima. Essa era uma nova prova de que o bairro era amado por académicos e artistas.

Riko pegou num desses livros e folheou-o quando, atrás de si, um cliente chamou uma funcionária.

– Com certeza – respondeu, retirando um bloco de notas do bolso. Iria tirar apontamentos sobre o pedido do cliente. A funcionária estava a seguir a nova diretriz, que ditava que os pedidos dos clientes

deveriam ficar por escrito, e não limitados à comunicação verbal.

Em seguida, dirigiu-se ao quinto piso. O canto dedicado a Kichijōji ocupava uma enorme área. Incluía títulos como *Great Teacher Onizuka*, de Tōru Fujisawa; *Rokudenashi Blues*, de Masanori Morita; *Stop!! Hibari-kun*, de Hisashi Eguchi; *Video Girl AI*, de Masakazu Katsura; *No Café Kichijōji*, de Kyōko Negishi; *Sgt. Keroro*, de Mine Yoshizaki; e *Azumanga Daiō*, de Yohiko Azumaki, entre outros. Nalguns casos, o nome de Kichijōji não era mencionado explicitamente, mas era óbvio, pela cena, que era esse o seu palco. Era raro criarem seleções especiais como esta, fosse de literatura, fosse de BD, o que acicatou o interesse da clientela. No caso da banda desenhada, cada cliente costumava ter preferências marcadas, o que implicava algum risco associado à exposição. Todavia, as vendas revelaram-se mais favoráveis do que inicialmente previsto. Não era claro se as vendas tinham aumentado pelo esforço adicional com a galeria nas escadas ou se, simplesmente, lendo a sua apresentação, os clientes ficavam com vontade de ler obras mais antigas. Mas, no fim de contas, foram as obras com mais anos a venderem melhor. Embora Riko julgasse que fazer uma feira de banda desenhada pudesse ser complicado, as vendas superaram as suas expectativas.

Além disso, a secção dedicada a *light novels* tinha sido renovada por inteiro. A seleção de livros foi trocada tendo como base as sugestões do cliente de óculos que costumava ler em pé todos os dias. Decidiram expor livros de autores populares entre os fãs de *light novels*, como NISIOISIN, tanto na secção de novos lançamentos, no terceiro piso, como ali. Organizaram ainda uma votação de popularidade, a cargo do cliente de óculos, juntando no expositor as *light novels* com mais votos. Mesmo sendo um espaço pequeno, era, na prática, uma minifeira.

Foram colocados livros infantis em pequenas mesas e cadeiras. Debaixo delas, uma carpete e bonecos de peluche a decorarem a área. Havia três funcionários com *pins* com a frase «Pergunte-me o que quiser sobre a literatura infantil», que estavam ocupados a ler

histórias a crianças. O sistema alocava duas horas por dia à leitura de histórias, designando-lhe um funcionário de cada vez que era feito um pedido semelhante. Embora implicasse mais trabalho e mais recursos humanos, este esforço aumentava o número de clientes habituais e poderia transformar essas crianças em futuras leitoras. Os responsáveis de cada secção só desejavam que elas se tornassem fãs da sua livraria.

Que bela livraria, pensou Riko. Nos últimos meses, a livraria melhorara a ponto de se tornar irreconhecível. Agora, era um espaço agradável e dinâmico, pleno de descobertas. Os funcionários eram simpáticos. Se ela própria fosse cliente, decerto iria àquela livraria.

Então, como poderia a livraria fechar no mês seguinte?

Nesse dia, Riko dirigiu-se à sede com toda a sua pujança. As vendas de janeiro superaram os números do ano anterior em 20%. Ou seja, superara grandemente os números que afiançara durante o conselho da gerência. A continuar assim, poderia facilmente contornar os efeitos do aumento da renda.

Iria reunir-se diretamente com o presidente na mesma sala onde se realizou a reunião de gerentes. O presidente tinha-lhe dito que queria que ela lhe reportasse todos os detalhes. Ao lado do presidente, estavam Watanabe e Yamada. Eloquentemente, Riko descreveu a situação da livraria, o quanto se esforçaram e que resultados obtiveram. Riko não estava temerosa. Tinham feito tudo o que estava ao seu alcance, e isso dava-lhe confiança.

Quando terminou a sua explanação, Riko olhou para o presidente. Sorria, como sempre, com a sua habitual expressão de Ebisu.

– O que acha?

– Acho que se aplicaram muito – respondeu o presidente, sem nunca abandonar o sorriso.

– Não achava que fossem tão longe – comentou Yamada. Watanabe fulminava-o com o olhar, com a cabeça inclinada para o recriminar pela afirmação descuidada.

– Portanto, a livraria pode continuar aberta, certo? – perguntou Riko.

O presidente não disse nada, limitando-se a olhar para Watanabe. Com uma expressão rígida, declarou:

– Lamento, mas o fecho da livraria é irreversível.

Riko duvidou da própria audição.

– Como assim? O senhor presidente tinha dito que a livraria continuaria aberta se as vendas aumentassem.

– Será mesmo verdade? O senhor presidente disse apenas que valia a pena tentar melhorar a situação, nunca fez tal promessa.

– Aboliste os uniformes, nomeaste funcionários contratados a prazo como gerentes de piso, criaste sistemas sem sentido, como o clube de apoio aos clientes... Basicamente, andas a fazer o que te apetece. Um ligeiro aumento nas vendas não justifica tantas medidas sem autorização. Só estás a causar problemas ao nosso grupo comercial.

Yamada secundou as palavras de Watanabe, como esperado. Ao ouvi-las, Riko ficou furiosa.

– Se assim é, porque é que não nos arranjaram mais funcionários efetivos? Eu também não queria dar tantas responsabilidades a empregados com contratos a prazo. Mas não tive alternativa, não tinha efetivos disponíveis. E eu não aboli os uniformes, simplesmente implementei liberdade na vestimenta entre os funcionários em *part-time*. Foi um plano de emergência para cortar na despesa onde possível. Nem imagina o quanto poupámos de outras maneiras ou o quanto nos esforçámos para aumentar tanto as vendas em meio ano. O que é que vocês sabem? Nunca vieram à nossa livraria, sequer!

Talvez intimidado pelo tom de Riko, Yamada declarou, baixinho:

– Pedimos-te desculpa, mas a decisão já está tomada. – Enquanto olhava para Watanabe, acrescentou, articulando debilmente as palavras: – Com números tão positivos, acho que poderíamos manter a livraria aberta...

Como que para dizimar a fraqueza na afirmação de Yamada,

Watanabe vociferou:

– Já não dá para mudar o que está decidido!

– Mas porquê? Não aceito. Fizemos tanto. O nosso *staff* deu tudo por tudo. Se não me derem uma boa justificação, eu também não serei capaz de o explicar à minha equipa – insistiu Riko.

– Eu explico – disse o presidente, ainda com o seu sorriso à Ebisu.

– Senhor presidente! – exclamaram Watanabe e Yamada.

O presidente inclinou o corpo para a frente.

– De facto, disse isso na altura. Mas este é um momento difícil para gerir um negócio. É verdade que as vendas da vossa livraria melhoraram. No entanto, não sei se essa tendência perdurará indefinidamente. Os custos associados à mão de obra estão temporariamente mais baixos e vocês estão a implementar diversas estratégias para atraírem clientes. Mas durante quanto tempo conseguirão manter esse ritmo?

– Mas as vendas aumentaram 20% em relação ao ano anterior! Mesmo que haja um interregno durante o período de reconstrução do prédio, podemos compensá-lo rapidamente se focarmos as nossas energias no pessoal que temos connosco atualmente. Nessa altura, teremos uma livraria novinha em folha, o que nos permitirá elaborar planos para expandirmos o nosso negócio.

– Nem sempre é possível manter uma loja nas mesmas condições num novo edifício. Diz-se também que os novos proprietários estão a pensar em arrendar o prédio inteiro a uma só empresa.

Riko mordiscou o lábio. Não sabia nada sobre aquele assunto.

– Além do mais, circulam rumores de que vai abrir uma nova livraria de grandes dimensões na zona. Deverá ter mais ou menos a mesma área que a nossa loja de Ogikubo. Isto é, vai tornar-se uma zona ainda mais competitiva.

– Não importa. Nem que tenhamos de mudar de sítio e ter uma área mais reduzida. Não feche a nossa livraria, por favor – suplicou Riko. Já nem se importava se chorasse. Só queria resolver o problema de alguma forma.

– Mas porque é que estás tão apegada à livraria? É porque vais deixar de ser gerente? Se te esforçares, poderás ser gerente de uma outra loja qualquer. Por exemplo, quando a loja de Ogikubo precisar de apoio.

A livraria de Ogikubo era a maior de todas as Livrarias Pégaso. Se fosse sua gerente, decerto seria promovida.

– Agradeço, mas eu quero manter uma livraria aberta neste bairro.

– O que é que te atrai tanto nesta livraria? É apenas uma, ainda por cima tão velha. Porque é que não haveria de fechar?

Riko não tinha como responder ao súbito interrogatório do presidente. Sentiu-se perdida.

Se invocasse motivos de ordem emocional, como querer proteger o local de trabalho dos seus funcionários ou a importância que a livraria tinha para si, decerto seria desconsiderada ao som de gargalhadas. Da indecisa boca de Riko, foram estas as palavras que saíram:

– Esta é a primeira localização das Livrarias Pégaso. O fundador sempre demonstrou a sua atenção para com esta livraria. Vendo bem, é uma espécie de símbolo da nossa cadeia. Como poderíamos derrubá-la?

– Não precisamos de símbolos desses nos dias que correm! – vociferou o presidente.

Watanabe e Yamada encolheram-se, sentados nas suas cadeiras com as costas retraídas. Pareciam querer sair da frente do presidente.

Riko também engoliu em seco. Nunca tinha ouvido aquele tom de voz do presidente.

– O fundador tinha muito orgulho naquela livraria. Ele vinha do campo, mas tinha vergonha de ter feito sucesso com bares e cabarés. Sendo do campo, não tinha recebido qualquer instrução formal, o que lhe alimentava um forte complexo cultural de inferioridade. Por esse motivo, achava que abrir uma livraria seria uma forma de cultura. Na prática, era um negócio como qualquer outro.

O presidente tirou um cigarro do bolso. Watanabe e Yamada, que haviam permanecido imóveis até então, mexeram-se de imediato.

Watanabe acendeu o isqueiro ao presidente e Yamada trouxe-lhe um cinzeiro do canto da sala. Até numa ocasião como esta achava que eles faziam um par curiosíssimo. O presidente fumou o seu cigarro vagaroso e em seguida declarou:

– Na verdade, o fundador queria ter delegado a livraria à filha mais velha, Mihoko. Era a sua filha favorita. O sonho do meu pai era deixar a empresa do setor alimentar com o filho mais velho e as livrarias com o futuro marido da Mihoko. Ele não queria saber de mim para nada.

O presidente sorriu com a cara distorcida. Já não era o seu habitual sorriso à Ebisu. Era uma expressão do seu âmago perturbado. Riko sentiu que presenciara algo que não tinha o direito de ver. Inconscientemente, baixou o olhar.

– Mas a Mihoko casou-se sem a bênção do meu pai, rebelou-se contra ele. Então, saiu de casa e disse que não precisava de herança nenhuma. Sem outra opção, teve de deixar as livrarias nas mãos do seu imprestável filho mais novo.

Por filho mais novo, o presidente referia-se a si mesmo. Riko conhecia essa história, que era famosa, por sinal. Narrava como o fundador criara as Livrarias Pégaso para a sua adorada filha. A desilusão de a ver abandonar a família foi avassaladora.

– Inicialmente, trabalhei na livraria como ajudante. Foi há mais de 30 anos. O fundador ordenou ao gerente que me desse as tarefas mais árduas. Todos os dias, de manhã à noite, fazia entregas, limpezas e coisas do género. Não me deixavam fazer nada que implicasse a mínima atividade mental, como atendimento ao público ou inventariar a mercadoria. Durante as horas de trabalho, proibiam-me de utilizar o elevador, pelo que tinha de subir e descer aquelas escadas todos os dias – declarou o presidente, com desprezo.

Pensando bem, Riko apercebeu-se de que o presidente nunca tinha visitado a sua livraria. Como o fundador vivia perto, quando era vivo, costumava passar pela loja uma vez por mês. No caso do presidente, era um lugar traumático que não gostaria de relembrar.

– O meu pai forçou-me a tanto, mas, mesmo assim, disse que não me poderia confiar a livraria. O meu pai nunca abriu mão da livraria até morrer. Opunha-se a tudo o que eu fazia. A minha única escolha era fazer o que o meu pai ordenava. Esse pai sem educação...

A dado momento, o presidente passou a dizer «o meu pai». Quando dizia «pai», uma ira ardente inundava o seu olhar. Porque é que a relação entre este pai e este filho era tão tensa?

– Mas o meu pai já cá não anda. Posso fazer o que eu quiser, fazer aquilo de que o meu pai nunca seria capaz.

Costumava dizer-se que o filho mais velho era talentoso e que o mais novo era simplesmente afável, mas incompetente e covarde. Os boatos ditavam que o negócio devia ser delegado ao primogénito, pois o filho mais novo não tinha capacidade. Todavia, naquele momento, a expressão do presidente parecia contradizer esses rumores.

– É por isso que quer fechar a livraria?

Riko percebeu finalmente que quem queria fechar a livraria não era Watanabe nem Yamada. Era o próprio presidente. Watanabe e Yamada eram meros peões nas mãos do presidente.

– Sim, é.

O presidente terminou de fumar o seu cigarro, apagando o lume no cinzeiro.

– Não acredito... mas esforçámo-nos tanto... – sussurrou Riko, sem pensar.

Como é que a livraria poderia fechar por causa de algo tão estúpido como um complexo em relação ao pai? Riko não compreendia que tipos de rancor cada pessoa poderia carregar, nem sabia o que era importante para o presidente. Mesmo assim, achava que era uma razão profundamente reles.

Queria dizer que as mais de 30 pessoas que trabalhavam na livraria e as centenas de clientes que lá iam não valiam nada?

– Tenho de te pedir desculpa. Quando disseste aquilo na reunião, fiquei com curiosidade em saber o quanto estarias disposta a esforçares-te.

Riko estava à beira do colapso. Embora soubesse que Watanabe e Yamada não o fariam, esperara que o presidente compreendesse a sua posição.

Também ela era mais um peão nas suas mãos.

– Tu deste tudo por tudo. És digna do título de livreira carismática.

O tom do presidente era ambíguo. Não era possível determinar perentoriamente se estava a ser irónico ou a elogiá-la de verdade.

– Por isso, mesmo que a livraria feche, vou-te dar outro trabalho. Algo muito mais gratificante do que ser gerente – declarou o presidente, inclinando-se para a frente. – Queres ser responsável pela venda de *e-books*?

– *E-books*?

– Sim. A era das livrarias e dos livros em papel já passou. Os livros são pesados e ocupam espaço. Guardá-los e vendê-los em loja é pouco produtivo. Implica ter uma área suficiente e mão de obra, já para não falar dos problemas associados à gestão do inventário e à possibilidade de furto. Daqui para a frente, a norma vai ser comprar *e-books online*.

Riko queria intervir, dizendo que a conveniência não era tudo, mas manteve-se em silêncio. O presidente soava demasiado entusiasmado. Seria inútil dizer-lhe fosse o que fosse.

– Os preparativos já estão em andamento. Vamos criar uma nova empresa, fundindo-nos com um negócio de tecnologias de informação – explicou o presidente, mencionando o nome de uma grande empresa tecnológica. – Será uma missão de grande gabarito! Tinha pensado em delegar a responsabilidade no meu sobrinho, o Nojima, mas acho que estás mais qualificada.

Nojima era o anterior gerente da livraria de Kichijōji. Então era por isso que tinha sido transferido para a sede... Mas será que os *e-books* superariam os livros em formato físico assim tão rapidamente? Além disso, as editoras já iam na vanguarda desse ramo. Era muito mais benéfico para elas, pois eram as detentoras dos conteúdos. As livrarias, que se especializavam somente em vender, não teriam como

competir nessa arena. Riko ainda estava imersa nesses pensamentos, quando o presidente voltou a inclinar-se para a frente, demandando:

– Como é? Aceitas o desafio?

Riko estava sozinha no *izakaya* Momo-Kichi. Era um estabelecimento perto da livraria e frequentado por muitos dos seus funcionários. Ainda há uns dias tinham lá ido para celebrar o sucesso da sessão de autógrafos de Nao Agachi. Era a primeira vez que ia sozinha. Como era cliente habitual, arranjam-lhe logo um lugar ao balcão.

Num dia como aqueles, só queria beber um copo sozinha.

Apresentou a carta de demissão à empresa. Tendo recusado a oferta do presidente para aceitar novas responsabilidades, já não tinha motivos para continuar na organização.

Pouco antes, tinha falado com os seus funcionários sobre o fecho da livraria. Muitos estavam em choque, alguns até choraram. Foi difícil para Riko assistir a essas cenas. Só de pensar no quanto se tinham esforçado, o pesar era tanto, que também ela estava à beira das lágrimas.

Não obstante, não se arrependia da demissão. Tinha feito tudo o que estava ao seu alcance. Nos últimos cinco meses, deu tudo de si enquanto livreira, criando uma livraria com inegável qualidade. Se mesmo assim lhe fechavam a porta, não poderia continuar nesta empresa.

– Estava aqui? – perguntou uma voz atrás de si. Virando-se, viu Aki. – Vou-me sentar – anunciou, sentando-se ao seu lado.

– O quê? Mas eu queria beber sozinha.

– Peço desculpa – pediu Aki. Todavia, não mostrou sinais de se querer levantar. Quando o empregado passou por ela, mandou vir uma cerveja. – Mandou vir mais alguma comida? – perguntou, olhando para a salada solitária em frente a Riko.

– Numa altura destas, nem me vem o apetite.

– Então, eu peço qualquer coisa. Olhe, se faz favor. Era um ovo com *nattō*, galinha picante, tofu frio e uma salada de camarão e abacate com maionese.

– Muito comes tu.

Riko nem podia acreditar. Como é que Aki conseguia comer? Ela também devia estar chocada pelo fecho da livraria.

– Não dá para ir à guerra de estômago vazio.

– Qual guerra?

– Eu também me demiti. Tenho de ir procurar um novo emprego – revelou Aki, como se nada fosse.

– Mas porquê? – perguntou Riko, alto.

Calmamente, Aki levou o dedo indicador ao canto da boca e confessou:

– Não sei. Talvez por entusiasmo? Estava tão contente pelo sucesso da livraria. Se nem mesmo assim nos dão reconhecimento, acho que não há volta a dar. Esta empresa não tem futuro.

– Não sejas parva. Todas as empresas têm as suas incoerências. Demitires-te só por isso é demasiado ingênuo.

– Mas não foi o mesmo consigo, Nishioka? O presidente ofereceu-lhe um posto no Departamento de *E-books*, não foi?

– O quê? Também já ouviste essa história? Eu quero vender livros reais, em papel. *E-books* não são para mim.

Ainda por cima, tinha prometido a todos os funcionários que se demitiria se a livraria fechasse. Foi por confiarem nas suas palavras que deram o seu melhor. Riko não poderia aceitar que fosse a única a mudar de departamento, mesmo que ninguém a recriminasse por isso.

– Tem razão. As livrarias têm livros físicos, funcionários, clientes... são uma espécie de galeria dos livros. Não há nada melhor do que vender um livro numa livraria.

Aki tinha razão. *E-books* não são livros: são dados, algo com uma essência diferente de um livro. Numa livraria, há clientes, gestores, livreiros... muitas pessoas que ali se cruzam, que por vezes chocam umas com as outras. Os livros são os intermediários desses encontros, e é esse o papel de uma livraria. Da amada livraria de Riko.

– O que vais fazer daqui para a frente?

– Não sei... Tenho as minhas poupanças, não fico logo numa

posição comprometida e tenho tempo para pensar com calma. E já recebi algumas propostas de emprego.

Era verdade. Mal começaram a circular os rumores sobre o fecho da livraria, foi abordada com mensagens do género «se algum dia precisares, podes vir ter connosco». Talvez fosse escolher o próximo emprego dentre uma dessas ofertas.

– É isso que se quer de uma livreira carismática, tenho a certeza de que tudo se resolverá – disse Riko, num tom leve.

– Também acho. O esforço final da nossa livraria foi bem-visto pelo setor livreiro. E, se não tiver preferências salariais demasiado rígidas, creio que haverá várias opções.

– Bem visto.

O empregado trouxe a cerveja e o tofu frio. Aki ergueu o copo, Riko fez o mesmo. O retinir seco dos copos ecoou na sala. De seguida, Aki bebeu metade do copo de cerveja de um só trago.

– Ai, que delícia.

Em silêncio, Riko inclinou o copo.

– Que estranho.

– Como assim?

– Beber consigo, só nós as duas, Nishioka. Houve uma altura em que nem conseguíamos olhar uma para a outra.

– O sentimento foi mútuo. Mas, diz-me: já fizeste as pazes com o teu marido?

– Sim, obrigada. Se um dia tivermos filhos, vai ser outra história. Mas, para já, pretendo ir-lhe fazendo uma lavagem cerebral – brincou Aki, corando.

Que bom, pensou Riko.

– Fazes bem. O importante é não *stressar* e que o vás educando a pouco e pouco – secundou Riko, a rir. – Aconteceu tanta coisa nos últimos meses...

– Pois foi. Mas foi giro também. Sinceramente, se a Nishioka não fosse a gerente, não teria tido todas estas experiências. Obrigada, do fundo do coração.

Riko sentiu um aperto no peito. Não era digna da confiança de Aki.

– Olha...

Mal proferiu essa palavra, Aki fitou-a. Riko não foi capaz de enfrentar aquele olhar sincero. De cabeça baixa, disse aquilo que tinha de lhe dizer:

– Tenho de te pedir desculpas.

– Porquê? E porquê agora?

– Sabes... fui eu que parti os copos de vinho que o Shibata, da Editorial Hitotsuboshi, te ofereceu.

– O quê?

– Perdoa-me. Não foi de propósito. Eu só queria ver o que estava dentro da embalagem... tinha mesmo de saber o que é que o Shibata te tinha oferecido. A ideia era ver e restituir logo o conteúdo. Mas, naquele momento, ouvi um barulho de repente. Fiquei tão atarantada, que deixei cair os copos.

– Mas porquê? Porque fez isso?

– Creio que sabes, mas eu e o Shibata namorámos. Quer dizer, até a companhia dele aparecer...

– Ouvi uns boatos, sim.

– O primeiro presente que o Shibata me deu quando namorávamos foram copos *Baccarat*. Fiquei curiosa por saber se te tinha oferecido exatamente a mesma coisa. De qualquer modo, isto não passa de uma desculpa. Não importa o contexto: eu não tinha o direito de abrir uma encomenda com o teu nome. Mas fi-lo. Aceita as minhas desculpas...

A cabeça de Riko pendeu para a frente. O que é que Aki diria em seguida? Riko estava preparada para uma torrente de reprovação.

– E qual foi a conclusão?

– Hã?

– Os copos eram iguais aos que a gerente recebeu?

– Sim, eram. Fiquei tão nervosa...

– Que falta de inteligência.

– Como?

– Não estou a falar de si, senhora gerente. Estou a falar do Shibata.

Os homens não valem nada. Não percebem os sentimentos das mulheres. Aposto que ofereceu o mesmo presente à mulher atual.

– Não acredito... mas talvez tenhas razão.

Era possível que Shibata o tivesse feito, concluiu Riko.

– Ele pode ter jeito para trabalhar, mas não compreende as mulheres. Ainda bem que se separou dele, gerente.

O que é que estás a fazer? Estás-me a tentar consolar, é?

– Seja como for, nada a fazer agora. Fiquei com pena de não receber os copos *Baccarat*, mas pronto.

– Na verdade, comprei outros para os substituir, e ia fazê-lo antes de tu voltares... mas não fui a tempo.

– Mas porque é que não me disse logo? Eu não faria caso de algo assim – disse Aki, de forma descontraída. Não parecia zangada nem com intenções de culpar Riko.

Por fim, Riko sentiu-se tranquila. Há muito tempo que aquele assunto a atormentava.

– Não era a melhor altura para falar contigo.

– Tem razão. Vendo bem, estávamos constantemente a discutir.

– Pois estávamos. Porque seria?

Agora, sentia-se mais próxima de Aki do que de qualquer outra pessoa. Comparando com a disputa com a sede, a zaragata com Aki era uma tempestade num copo de água. Decerto, Aki pensava o mesmo. Era por isso que a conseguia perdoar com um sorriso.

– Mas, quando tiver um novo, avise-me!

– Um novo quê?

– Um novo emprego! Eu quero trabalhar na sua nova loja!

– Estás a falar a sério?

Riko ficou tão espantada, que quase deixou cair o copo.

– Uma livraria onde a Nishioka aceite trabalhar deve ser um lugar fascinante.

– Nunca mudas. Mas o trabalho não é só feito de coisas fascinantes e banais.

– Eu sei disso. Mesmo assim, tenho a certeza de que será melhor

para si se eu a acompanhar no seu novo emprego do que se for sozinha. Não acha, Nishioka?

Quicá tivesse razão. Começar algo do zero com Aki talvez fosse interessante. Todavia, não foi isso que lhe saiu da boca para fora.

– Impossível. Eu quero uma nova vida que me permita viver mais relaxada. Seria uma enorme vergonha para mim carregar as nódoas do passado, como tu.

– Nódoas do passado?

Aki ficou ofendida. Fitando-a, Riko prosseguiu:

– Mas, se estiveres em apuros, eu penso nisso. Não deve haver muitas livrarias dispostas a contratar alguém explosivo como tu.

Talvez se tenha expressado de um modo demasiado ríspido. Mas era uma mulher de 40 anos, não era ingénua a ponto de prometer que iriam ficar juntas para sempre.

– Já vi que continua a ver-me como uma subordinada. Ah, pois é... – Aki pôs a mão no bolso e tirou uma nota. – Tinha-me esquecido. O senhor Hoshino ligou para si na sua ausência e pede que lhe ligue de volta.

– O senhor Hoshino? O que querará?

Hoshino era um dos clientes habituais da livraria que tinha participado na discussão de grupo. Foi ele que ajudou Riko a confrontar o cliente problemático. No entanto, não tinham qualquer relação pessoal.

– Vou-lhe ligar antes que fique bêbeda.

Riko pegou no telemóvel e saiu do *izakaya*.

Alguns minutos depois, retornou ao seu lugar. Parecia embasbacada. Claudicante, sentou-se.

– O que foi? O senhor Hoshino pediu-a em namoro? – perguntou Aki, troçando do ar de Riko.

– Não, disse-me algo ainda mais incrível.

– Mais incrível? Como o quê?

– Recrutou-me.

– A sério?

– Disse-me que havia planos para uma grande cadeia de livrarias de Kyūshū abrir uma loja aqui no bairro.

Riko revelou o nome da cadeia.

– É uma empresa enorme! E o que é que ele disse mais?

Segundo Hoshino explicou, construiriam uma grande livraria no primeiro piso de um novo edifício em frente à estação dos comboios. Os pisos 2 e 3 também pertenceriam à livraria, o que poderia fazer dela a maior loja em todo o Japão. Hoshino era um dos responsáveis por essa livraria. Costumava visitar outras livrarias da zona para estudar o mercado. A forma como Riko e os seus subordinados trabalhavam impressionou-o imenso.

– Convidou-me para ir para a sua nova livraria e assumir a gerência.

– Que máximo! – exclamou Aki, extasiada.

– E ainda disse que posso levar quantos funcionários quiser.

– Espetáculo! Os Céus não nos abandonaram! Eu estou obviamente de acordo! Podemos ir todos consigo, certo?

Aki estava bastante entusiasmada. Olhando para ela, Riko respondeu, prudente:

– Não sei. Parece-me bom demais para ser verdade. Na próxima semana, tenho de ir lá falar com ele.

– Se for mesmo aquela livraria, é uma boa oferta.

– Mas ainda nem sei os detalhes... – confessou Riko, hesitante.

– Isso agora não importa. O mais interessante é continuarmos a trabalhar neste bairro com a Ozaki, a Mami, a Anna e todos os outros. Os pormenores ficam para mais tarde.

– Mas...

Riko continuava indecisa, quando ouviu uma voz atrás de si.

– Senhora gerente, encontrámo-la!

– Que injustiça! Porque é que estão a beber só as duas?

Virando-se para trás, Aki e Riko depararam-se com o pessoal da livraria. Mami, Ozaki, Mita, Yamane, os irmãos Kurata e todos os

outros funcionários de serviço naquele dia.

– O que é que vos deu? – surpreendeu-se Riko.

– Não nos deu nada, arranje aí espaço para nós – afincou Ozaki, algo chateada.

– Se é para nos lamentarmos, que nos lamentemos todos juntos. Não somos companheiros? – indagou Mami, abraçando Aki por trás.

– Desculpe, senhora gerente. A sala privada está vaga? – perguntou Mita a Riko.

Felizmente, a sala não estava ocupada, pelo que Riko seguiu com todos para o fundo do *izakaya*.

Riko e Aki pegaram nos seus copos e acompanharam o pessoal. Baixinho, Riko sussurrou ao ouvido de Aki.

– Não lhes digas nada sobre o que eu te contei. Não quero que fiquem felizes cedo demais.

Aki aquiesceu em silêncio. Subiram o degrau da sala e entraram. Instada pelos demais, Riko ocupou o lugar central. Cada um partilhou com o empregado o seu pedido. Depois disso, ficaram mais calmos. Ozaki levantou-se. Parecia prestes a dizer algumas palavras. Apercebendo-se disso, todos guardaram silêncio.

– Bem, hoje queríamos vir aqui agradecer-lhe, senhora gerente.

– Para me agradecerem? – inquiriu Riko, espantada.

– Graças a si, nestes seis meses, tivemos imensas experiências incríveis. Isso dotou-nos de mais confiança em nós mesmos. Não importa em que livraria venhamos a trabalhar. Essas experiências ser-nos-ão sempre de grande ajuda.

– Mas eu queria salvar a livraria.

– Não faz mal. A senhora gerente deu tudo o que tinha, nós sabemos disso. É uma pena que tenha tido de se demitir e que a livraria tenha de fechar, mas nós estamos-lhe eternamente gratos. Muito obrigada.

– Não é preciso tanto...

Sem saber o que dizer, Riko olhou para Ozaki. Então, Shōko Yamane aproximou-se, carregando um ramo de flores.

– É de todos nós para si, senhora gerente – anunciou, dando o ramo a Riko. A surpresa emudeceu Riko, que recebeu as flores.

– Bom trabalho – declarou Mita.

Seguiram-se-lhe as vozes dos presentes, num misto de «obrigado» e «bom trabalho».

– Malta...

Sem palavras, Riko olhou para baixo.

– Obrigada – disse, incapaz de conter as lágrimas.

Apercebendo-se disso, alguém começou a bater palmas, prontamente imitado pelos demais. Sob fortes aplausos, Riko levantou-se. De voz embargada, disse:

– Eu só consegui aplicar-me graças ao vosso apoio... obrigada, a sério.

Os presentes bateram palmas com ainda mais efusividade. As lágrimas de Riko não cessavam. Então, vieram para a mesa as cervejas que pediram. Os aplausos chegaram ao fim e Riko sentou-se. Os copos circularam de mão em mão. Estavam todos os copos distribuídos quando alguém disse:

– Aki, faz um brinde!

Tal como instruído, Aki levantou-se.

– Senhora gerente, pessoal. Obrigada por tudo nestes seis meses. Sei que foi difícil, mas esta experiência será sempre um tesouro para nós. Tal como disse a Ozaki, haja o que houver, nós vamos ficar bem. A experiência foi enriquecedora a esse ponto. Agradeço do fundo do coração à senhora gerente e a todos vós.

A sala irrompeu em aplausos. Brincalhona, Mami protestou:

– Estás-te a esquecer do brinde!

Acabrunhada, Aki sorriu e disse:

– Tens razão. Estava só a falar-vos de como me sinto em relação a vocês. Mas já chega de cerimónias. Companheiros, que o vosso futuro seja brilhante! À nossa!

– À nossa! – exclamaram, em efusivo coro, os copos entrec chocando.

Estavam todos sorridentes – Aki, Ozaki, Mita, Yamane. Embora a situação não fosse fácil, sorriam de copos erguidos.

Vendo os sorrisos de todos, Riko concluiu:

Ainda somos capazes. Ainda nada acabou. Temos novas viagens pela frente. Amanhã, é para nos esforçarmos de novo. Para que voltemos a sorrir assim, todos juntos.

– À nossa! – gritou Riko, esvaziando o copo de um só trago.